

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARCELA BRUSCHI

**AS MULHERES NA ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
NO ESPÍRITO SANTO: PROFESSORAS E AUTORAS (1931-1936)**

VITÓRIA
2015

MARCELA BRUSCHI

**AS MULHERES NA ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
NO ESPÍRITO SANTO: PROFESSORAS E AUTORAS (1931-1936)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Linha de pesquisa Estudos Históricos e Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Omar Schneider

VITÓRIA

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

B912m Bruschi, Marcela, 1991-
As mulheres na escolarização da educação física no Espírito Santo : professoras e autoras (1931-1936) / Marcela Bruschi. – 2015.
201 f. : il.

Orientador: Omar Schneider.
Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Educação física - Espírito Santo (Estado) - História. 2. Professores de educação física - Espírito Santo (Estado) - História. 3. Professoras - Espírito Santo (Estado) - História. I. Schneider, Omar. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU: 796

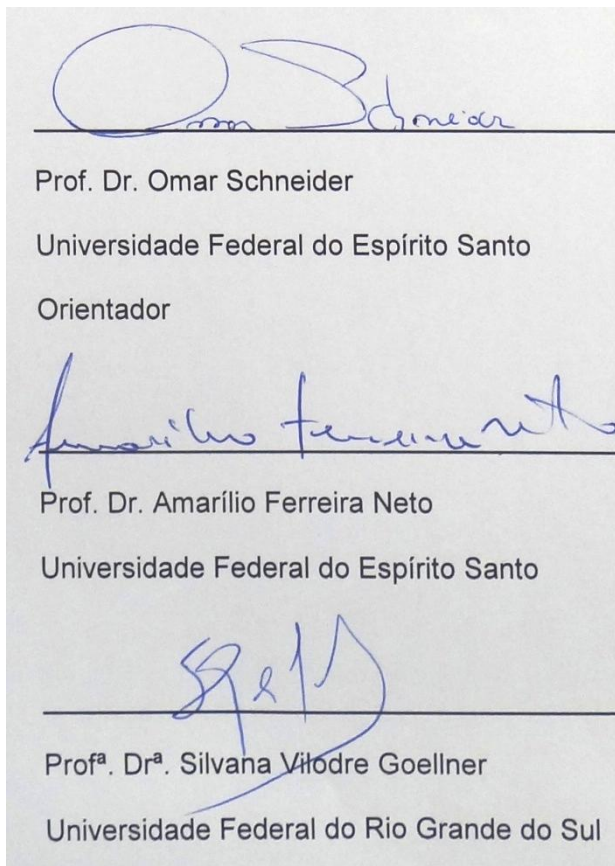
MARCELA BRUSCHI

**AS MULHERES NA ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
NO ESPÍRITO SANTO: PROFESSORAS E AUTORAS (1931-1936)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Linha de pesquisa Estudos Históricos e Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer.

Aprovada em: 27 de fevereiro de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Omar Schneider

Universidade Federal do Espírito Santo

Orientador

Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho:

Aos meus pais, *Luzia e João Bosco*,

Aos meus irmãos, *Léia e Eduardo*,

Meus grandes incentivadores.

Aos membros do Proteoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Omar Schneider, por ter me apresentado o Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria). Desde a Iniciação Científica tem me possibilitado conhecer o mundo da pesquisa científica, indicando-me leituras e opções teóricas. Também sou grata por ter me ensinado o principal ofício de um historiador, o da sensibilidade no recolhimento e investigação das fontes. Suas orientações e contribuições para o desenvolvimento do trabalho foram fundamentais.

Agradeço à professora Dra. Silvana Vilodre Goellner e ao professor Dr. Amarílio Ferreira Neto por terem aceitado o convite para participar do processo de qualificação da dissertação. As contribuições que deram ao texto foram importantes para que o trabalho ganhasse este formato final.

Agradeço ao professor Dr. Wagner dos Santos e ao professor Dr. André da Silva Melo pelas contribuições e carinho durante todo meu processo de aprendizagem.

Agradeço aos colegas do Proteoria, um grupo acolhedor e comprometido. Um espaço de circulação de saberes, ideias e muitas possibilidades de estudos. A permanência nesse ambiente de pesquisa se constituiu como importante prática de formação e amadurecimento e, principalmente, de crescimento pessoal.

Aos que me receberam durante minha passagem para recolhimento das fontes, pela disponibilidade e ajuda para que localizasse os documentos necessários para o desenvolvimento do estudo. Àqueles que me auxiliaram durante minha passagem na Biblioteca Pública do Espírito Santo; a Thiago e Michel do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo; a Jackson do setor de Escolas Extintas da Superintendência da Educação; a Meiri e Priscila do setor de Escolas Extintas da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo; e a Michel do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes. Deixo minha gratidão a todos que me auxiliaram direta e indiretamente nesse processo.

Agradeço a Jackson por ter continuado comigo durante esse processo. Seu companheirismo, carinho e incentivo me encorajam para que eu prossiga na busca de meu crescimento pessoal.

Aos meus tios Sueli e Paulo pelo carinho. Por conhecerem esse meio acadêmico, não me faltaram conselhos para que minhas conquistas se tornassem reais. Em função da distância da minha família, muitas vezes vocês acabaram por ocupar o espaço que seria deles. Obrigada por estarem sempre dispostos a me ajudar.

Agradeço a meus pais, Luzia e João Bosco, a base para que meus sonhos se concretizassem; e aos meus irmãos, Léia e Eduardo, por serem vocês minha primeira inspiração para o ingresso no Ensino Superior e por me ensinar que a busca pelos nossos objetivos nunca é em vão. Vocês foram essenciais para que pudesse vivenciar esta experiência, pois é em vocês que encontro amor, carinho, apoio, incentivo, confiança para seguir buscando meu crescimento profissional e pessoal.

Agradeço ao CNPq, a Capes, e à Facitec que, em momentos distintos, me concederam bolsas de estudos que viabilizaram minha dedicação para o desenvolvimento de pesquisas.

Sei que este trabalho não é apenas meu, pois, sozinha, nada poderia, mas de todos aqueles que cruzaram meu caminho e de alguma forma me ajudaram na realização do meu objetivo.

Agradeço principalmente a Deus, meu refúgio e fortaleza, meu amigo maior e grande incentivador, que me possibilitou vivenciar esta experiência.

A medida que o tempo passa, a tinta velha em uma tela muitas vezes se torna transparente. Quando isso acontece, é possível ver, em alguns quadros, as linhas originais: através de um vestido de mulher surge uma árvore, uma criança dá lugar a um cachorro e um grande barco não está mais em mar aberto. Isso se chama pentimento, porque o pintor se arrependeu, mudou de ideia. Talvez se pudesse dizer que a antiga concepção, substituída por uma imagem ulterior, é uma forma de ver, e ver de novo, mais tarde.

Lillian Hellman, Pentimento

RESUMO

Busca compreender a participação de 23 professoras normalistas formadas no Curso de Educação Física do Espírito Santo, na década de 1930, na escolarização da disciplina. Objetiva analisar como elas significaram sua presença como professoras e autoras da Educação Física capixaba. Como referencial teórico, utiliza os conceitos de *lutas de representações* (CHARTIER, 1990), *estratégia e táticas* (CERTEAU, 1994) e do *paradigma indiciário* (GINZBURG, 1999). Metodologicamente, faz uso da *crítica documental* (BLOCH, 2001). Como fontes, mobiliza documentos da Escola Normal, do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, do Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (Cefd/Ufes) (1931-1961), documentos do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, a *Revista de Educação* (1934-1937), o *Diário da Manhã* (1908-1937) e a revista *Vida Capichaba* (1923-1959). O Curso de Educação Física foi criado em 1931 e mantido por militares formados no Centro Militar de Educação Física. Apesar de a historiografia apontar o curso como espaço de irradiação de uma pretensa militarização e esportivização da Educação Física, os achados indicam outros intuitos. Essas outras intencionalidades são percebidas por meio de monografias produzidas pelos primeiros docentes formados no curso que, em sua maioria, eram mulheres. Foi possível perceber as *apropriações* e os *usos* realizados da cultura em circulação pelas alunas para a construção de seus trabalhos finais, que foram divulgados em impressos locais. Com as publicações, as mulheres alcançaram destaque e passaram a ocupar cadeiras em importantes instituições educacionais da região. Ao dar visibilidade à atuação das 23 professoras de Educação Física, torna-se possível perceber como elas fizeram uso de um capital simbólico acumulado ao longo de suas carreiras como professoras, autoras, enfim, como mulheres que se moviam de forma tática em meio aos discursos que buscavam determinar seus papéis sociais.

Palavras-chave: Espírito Santo. Educação Física. Professoras.

ABSTRACT

This paper seeks to understand the participation of 23 teachers majored in Physical Education Course of Espírito Santo, in the 1930s, in schooling of the discipline. It aims to analyze how they perceive their presence as teachers and authors of Physical Education in Espírito Santo. As a theoretical reference, it uses the concepts of *figurations of representations* (CHARTIER, 1990), *strategy and tactics* (CERTEAU, 1994) and the evidential paradigm (GINZBURG, 1999). Methodologically, it uses of the *documental criticism* (BLOCH, 2001). As sources, it mobilizes documents of the Escola Normal, of Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, of the Permanent Archive of the Center of Physical Education and Sports of the Federal University of Espírito Santo (Cefd/Ufes) (1931-1961), Public Archives of Espírito Santo state, the *Revista de Educação* (1934-1937), the *Diário da Manhã* (1908-1937) and the magazine *Vida Capichaba* (1923-1959). The Physical Education Course was created in 1931 and held by military personnel majored at the Military Centre of Physical Education. Although the historiography points out the course as a space of diffusion of an alleged militarization and sportivization of Physical Education, the findings indicate other purposes. Monographs produced by the first teachers, mostly women, majored in the course, identify these other intentions. It was possible to identify the *appropriation* and the *uses* of culture in circulation by the students to build their term papers, published in local periodicals. After publications, women have gained prominence and have begun to occupy places in important educational institutions in the region. To give visibility to the work of the 23 teachers of Physical Education, it becomes possible to see how they made use of an accumulated symbolic capital throughout their careers as teachers, as authors, and finally as women who moved in a tactic way in the middle of the speeches, that tried to determine their social roles.

Keywords: Espírito Santo. Physical education. Teachers

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quadro de alunos formados no ano de 1933.....	55
Figura 2 – Plano de ensino do Curso de Educação Física.....	62
Figura 3 – Plano de ensino do Curso de Educação Física.....	63
Figura 4 – Aula de Educação Física para meninos no Estádio Governador Bley.....	64
Figura 5 – Aula de Educação Física para meninas no Estádio Governador Bley.....	64
Figura 6 – Vista arquitetônica da Escola Normal.....	85
Figura 7 – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	85
Figura 8 – Alunas da Escola Normal em exercicio de gymnastica sueca..	90
Figura 9 – Sala de gymnastica da Escola Normal e Escola Modelo.....	90
Figura 10 – Alunos da Escola Normal e Annexas que desfilaram em homenagem ao Exmo. Sr. Presidente do Estado no dia do seu primeiro aniversario de governo.....	96
Figura 11 – Aspecto da grande parada escolar.....	96
Figura 12 – Aspectos da exposição de trabalhos da Escola Normal Pedro II e Annexas.....	97
Figura 13 – Gymnastica sueca feita pelos alumnos do Collegio Italo Brasileiro, em S. Theresa neste Estado.....	98
Figura 14 – Alunas da Escola Normal em uma partida de basquete contra o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	98
Figura 15 – Capa e contracapa da monografia da aluna Ormy Saletto.....	109
Figura.16 – Alumnos do Gymnasio do Espirito Santo em varios aspectos de educação phisica, sob a orientação efficiente do prof. Aloyr Queiroz de Araujo.....	150
Figura 17 – Aula de Educação Física feminina no Estádio Governador Bley.....	150
Figura 18 – Equipe da União Atlética do Ginásio do Espírito Santo.....	152
Figura 19 – A professora Helena Serrano, do Grupo Escolar Vasco Coutinho, com seus alumnos após uma aula de educação	

physica.....	165
Figura 20 – Professora Felisbina Pinheiro de Moraes ministrando uma aula de Educação Física para os alunos do Jardim de Infância Ernestina Pessoa.....	165

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
A PRESENÇA DE MULHERES NA EDUCAÇÃO E NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	16
REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	28
PLANO DE EXPOSIÇÃO.....	37
1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO: O CONHECIMENTO SOCIALIZADO.....	38
1.1 INTRODUÇÃO.....	38
1.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO PLANO NACIONAL: CONDIÇÕES QUE POSSIBILITARAM A CRIAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO.....	42
1.2.1 A Educação Física na década de 1930: novos sentidos.....	48
1.3 O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO NA DÉCADA DE 1930: DA CIRCULAÇÃO DE SABERES À FORMAÇÃO DOCENTE.....	51
1.3.1 Os professores do Curso de Educação Física.....	68
1.3.2 As leituras realizadas no Curso de Educação Física.....	72
1.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	75
2 FORMAÇÃO DOCENTE: DE NORMALISTAS À PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	80
2.1 INTRODUÇÃO.....	80
2.2 A CRIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL E DO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA.....	83
2.3 A PRESENÇA DA GINÁSTICA NO CURRÍCULO DAS NORMALISTAS.....	86
2.4 PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES: AS PROFESSORAS NORMALISTAS NA SOCIEDADE CAPIXABA.....	94
2.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	100
3 AS MULHERES COMO AUTORAS: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	103
3.1 INTRODUÇÃO.....	103
3.2 OS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM LUGAR DE PRODUÇÃO.....	108
3.2.1 Os temas em circulação no Curso de Educação Física do Espírito Santo.....	113
3.3 A CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS NOS IMPRESSOS LOCAIS.....	118
3.3.1 Os conhecimentos em circulação nos impressos.....	127

3.4	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	136
-----	-----------------------------	-----

4	DA SUBMISSÃO ÀS PRÁTICAS DE ASTÚCIAS: A PRESENÇA DE MULHERES NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO.....	141
----------	---	------------

4.1	INTRODUÇÃO.....	141
-----	-----------------	-----

4.2	A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS MULHERES: CORPO SAUDÁVEL GERA FILHOS SAUDÁVEIS.....	145
-----	---	-----

4.3	O PAPEL SOCIAL DAS MULHERES NA SOCIEDADE CAPIXABA: DAS MARGENS AO CENTRO DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS.....	154
-----	---	-----

4.5	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	168
-----	-----------------------------	-----

	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
--	----------------------------------	------------

	REFERÊNCIAS.....	177
--	-------------------------	------------

	FONTES.....	187
--	--------------------	------------

ANEXOS

ANEXO A	– Decreto nº 1.366 que estabelece a criação do Curso de Educação Física no Estado do Espírito Santo.....	199
----------------	---	------------

ANEXO B	– Declaração para acesso aos documentos da Escola Normal e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	201
----------------	---	------------

INTRODUÇÃO

Ao iniciar minha formação no ano de 2009 no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), tive a oportunidade de ingressar, no ano de 2010, no Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria)¹ que, desde 1999, busca compreender a *Constituição das Teorias da Educação Física no Brasil*, voltando o olhar para a História e para a contemporaneidade. Nos três anos que permaneci no grupo desenvolvendo pesquisas de Iniciação Científica, pude me aproximar de discussões que demonstraram a necessidade de compreender a História da Educação Física no Espírito Santo.

Em um primeiro momento, dei continuidade à pesquisa em andamento pelo grupo, denominada *A constituição dos padrões pedagógicos no final da Primeira República e início do Estado Novo no Espírito Santo: corpo, higiene, saúde, ginástica, educação e Educação Física*. Nos anos seguintes, entre 2010 e 2012, desenvolvi duas pesquisas de Iniciação Científica,² tendo como objeto de estudo a *Revista de Educação*, periódico que circulou no Estado do Espírito Santo de 1934 a 1937, destinado a divulgar a Pedagogia Moderna no Estado.³ Nesse impresso, percebi que a prática da Educação Física era necessária na formação de um novo perfil de homem e de mulher para a nova sociedade que se pretendia criar a partir da década de 1930 no Estado, observando os discursos que circularam sobre a Educação Física e os autores envolvidos nesse processo, temática que também gerou meu Trabalho de Conclusão de Curso. Os projetos apresentados faziam parte de uma pesquisa maior que estava em desenvolvimento pelo grupo, denominada *Apropriações da Pedagogia Moderna no Espírito Santo: práticas de representação e estratégias de circulação*.

Nos anos em que permaneci analisando a *Revista de Educação*, percebi uma forte presença de artigos escritos por mulheres discutindo sobre a Educação Física.⁴

¹ Para maiores informações, acesse: <http://www.proteoria.org/>.

² As pesquisas desenvolvidas foram *A circulação dos modelos pedagógicos no Espírito Santo: Revista de Educação, práticas e representações na escolarização da Educação Física*, nos anos de 2010 a 2011, e *Revista de Educação e a escolarização da Educação Física no Espírito Santo na década de 1930: autores, atores e editores*, nos anos de 2011 a 2012.

³ São trabalhos produzidos nesse período: Schneider, Bruschi e Ferreira Neto (2012) e Schneider et al. (2013).

⁴ Os números da *Revista de Educação* encontrados foram: 1, 2, 3, 6, 7-8, 9 (1934); 10-11, 12, 13, 14, 15-16, 17-18-19 (1935); 22, 23-24, 25-26-27-28 (1936); 29, 30-31 (1937). Apesar de haver indícios de

Isso me despertou grande interesse. Analisar a participação das mulheres publicando em uma revista produzida e mantida pelo Governo Espírito-Santense, em que circulavam pessoas que exerciam cargos públicos de representatividade social, torna-se importante para apresentar as professoras de Educação Física e mostrar como efetivaram suas participações no processo de escolarização da Educação Física na década de 1930, no Espírito Santo.

Desse modo, no ano de 2012, iniciamos um novo projeto, denominado *Presença feminina na escolarização da Educação Física no Espírito Santo (1920-1960)*. Caracterizou-se como objetivo da pesquisa ampliar os dados sobre as formações das mulheres e seus trabalhos de fim de curso, caracterizados como monografias produzidas pelas professoras ao final dos seus processos formativos no Curso de Educação Física e publicadas na *Revista de Educação (1934-1937)*.

Foi a partir desse momento que tive contato com o Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, um conjunto de documentos gerados desde a criação do Curso de Educação Física, que funcionou no ano de 1931 como Curso de Emergência. No arquivo, localizei programas de ensino das disciplinas, atas das reuniões do Departamento, movimentação de professores no interior do curso, matrículas de alunos, avaliações de disciplinas, livros de ponto de professores e funcionários, além dos dossiês dos alunos, documentos que registravam a passagem de cada aluno matriculado no curso, além de anotações e outros papéis. Foi nos dossiês que localizei as monografias produzidas pelos alunos e, em alguns casos, recortes realizados do jornal *Diário da Manhã*, que circulou entre os anos de 1908 e 1937 no Estado. Algumas monografias foram publicadas nesse impresso, o que demonstrou que os trabalhos produzidos pelas mulheres não ficaram restritos apenas à *Revista de Educação*, mas também circularam em outro impresso da região.

No ano de 2013, ingressei no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação Física, da Ufes, buscando compreender a presença de mulheres na escolarização da Educação Física no Espírito Santo. O projeto a ser desenvolvido e

publicação, não localizamos os números, 4, 5, 20, 21, 32, 33 e 34. Em todas as edições da *Revista de Educação* encontradas, nove artigos eram referentes às professoras normalistas que completaram sua formação no Curso de Educação Física. Diante da falta de números da revista, supomos que, provavelmente, mais monografias puderam ser publicadas. Quando comparados com a publicação de monografias escritas por homens, localizamos apenas dois artigos publicados no impresso. Outros artigos sobre a Educação Física na revista são referentes a correspondências recebidas de revistas e jornais de outros Estados. Também encontramos artigos sobre a Educação Física escritos por pessoas que ocupavam cargos públicos no Estado, como o diretor de Departamento de Saúde Pública e Técnico do Ensino.

que se apresenta neste formato de dissertação faz parte de uma pesquisa maior denominada *História e memória da Educação Física e do esporte no Espírito Santo: autores, atores e instituições (1931-1961)*.

A necessidade de compreender a *feminização do magistério*⁵ e como essa presença se configurou no Curso de Educação Física e em dois periódicos locais justifica a aposta que se faz nas mulheres como uma determinada perspectiva de formação, de atuação e de ensino no Estado. Por se tratar de uma pesquisa que utiliza fontes históricas, será possível recolher indícios que nos possibilitem responder sobre a participação e a contribuição das mulheres no cenário educacional capixaba, em especial, na configuração de um projeto para o desenvolvimento da Educação Física.

⁵ Termo cunhado para expressar a ocupação pelas mulheres do espaço da sala de aula, constituindo-se como maioria do corpo docente, processo iniciado no início do século XX no Brasil (LOURO, 2009).

A PRESENÇA DE MULHERES NA EDUCAÇÃO E NA EDUCAÇÃO FÍSICA

O Curso de Emergência em Educação Física, criado no ano de 1931, no Estado do Espírito Santo, proporcionava aos professores normalistas uma especialização para o ensino da Educação Física. Possivelmente, a criação do curso deu-se em decorrência da necessidade de formar docentes especializados para ministrar o conteúdo da disciplina Educação Física, orientado pelo Método Francês, considerado, a partir da década de 1930, o método oficial que deveria ser adotado nas escolas brasileiras. Com o início da formação de professores no curso, a Educação Física, orientada pelo método moderno, começava a se tornar realidade na formação de indivíduos no Espírito Santo. Os documentos que passaram a ser gerados pela instituição constituíram-se, ao longo do tempo, em um arquivo que nos possibilita reconstruir o cotidiano do curso desde a sua criação, no ano de 1931, até a sua federalização, ocorrida em 1961.

O curso iniciou suas atividades no Estádio Governador Bley, no bairro Jucutuquara. Depois foi transferido para o bairro Bento Ferreira no ano de 1961, ali permanecendo até 1968, quando veio para o *campus* de Goiabeiras. A partir desse momento, o curso ganhou um espaço próprio e uma nova característica de centro, passando a denominar-se Centro de Educação Física e Desportos.

Com o Curso de Educação Física incorporado à Ufes, ganhando um espaço próprio no *campus* de Goiabeiras no ano de 1968, os documentos foram trazidos para a nova sede, porém foram armazenados em caixas e guardados em ambientes sem refrigeração, não havendo nenhum cuidado com o processo de higienização desses documentos. A professora Conceição Aparecida Ferreira Vieira, durante sua gestão como diretora do Centro de Educação Física e Desportos, entre os anos de 1988 e 1992, deparando-se com a situação em que esses importantes documentos históricos se encontravam, abre uma licitação para a organização do arquivo. A empresa ganhadora foi a Transinforma Assessoria e Consultoria, cuja propriedade naquele momento era de Dulcinéia Sarmiento Rosemberg,⁶ atualmente professora no Departamento de Biblioteconomia da Ufes. Durante um ano e oito meses de trabalho, os documentos foram recolhidos, higienizados, organizados e

⁶ No dia 16 de janeiro de 2015, foi realizada uma entrevista com a professora Dulcinéia Sarmiento Rosemberg para o recolhimento de informações sobre o processo da organização do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes pela sua empresa Transinforma Assessoria e Consultoria, que havia ganhado o processo de licitação para o tratamento dos documentos.

armazenados em caixas, participando do projeto alunos estagiários do Curso de Biblioteconomia (ROSEMBERG, 2015).⁷

Com a finalização do processo de restauração e organização dos documentos, a empresa produziu um manual que indicava o manejo correto, de acordo com a organização que os documentos receberam. A empresa ainda capacitou funcionários do próprio centro para auxiliar no manuseio dessas fontes com os interessados que visitavam o arquivo na busca de documentos históricos sobre a passagem de algum aluno pelo curso. Porém, isso não aconteceu. O arquivo era visitado por pessoas sem o auxílio desses funcionários, o que gerou novamente sua desorganização.

Somando a essas questões, os documentos foram armazenados em uma pequena sala que não contava com as condições de conservação adequadas, em função da falta de um espaço no centro que pudesse guardar o arquivo de forma higienizada. Mas os documentos permaneceram indefinidamente nesse espaço, o que acarretou novamente a sua contaminação e deterioração, transformando-se outra vez em um "arquivo morto", sem uso, como documentos históricos que deveriam guardar a memória da instituição. Isso fez com que necessitassem passar por outro processo de higienização e restauração para que fosse possível sua permanência e conservação.

No ano de 2010, foi aprovado um projeto de extensão, denominado *Arquivo Permanente: em busca da memória institucional da Ufes*, sediado no Departamento de Arquivologia, de autoria da professora Rosa da Penha Ferreira da Costa, do qual o projeto *Memórias da Educação Física e do Esporte no Espírito Santo: organização e tratamento dos arquivos do Cefd/Ufes* passou a fazer parte em 2012, com seu desenvolvimento no Cefd/Ufes pelo professor Omar Schneider. A relação entre os cursos de Arquivologia e Educação Física é estabelecida para fomentar a restauração e a organização dos documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, proporcionando uma correta higienização e manutenção do arquivo para que se torne possível a preservação da memória do Curso de Educação Física.

O tratamento correto dos documentos possibilita dar-lhes sentido para que o arquivo deixe a condição de Arquivo Morto,⁸ assim denominado quando ainda não

⁷ Conforme informado pela professora Dulcinéa Sarmento Rosemberg, em função do mau estado em que alguns documentos se encontravam, devido às traças, não seria mais possível sua restauração e permanência, acabando por serem descartados. ,

era visto como uma rica fonte que guarda “as histórias” da instituição, em função da falta de organização e principalmente preservação, e que não recebia interesse de pesquisadores para a construção de pesquisas, tornando-se Arquivo Permanente,⁹ proporcionando as condições necessárias para o acesso e desenvolvimento de pesquisas para à comunidade acadêmica interessada na temática História.

Esse tratamento dado às fontes possibilita novas interpretações para o ensino da História da Educação Física. Tem permitido também atribuir sentido aos primeiros indícios localizados no impresso *Revista de Educação* e nas monografias produzidas pelas alunas em formação no Curso de Educação Física.¹⁰ Nos dossiês dos alunos, é guardada uma cópia das monografias apresentadas ao final do período de formação. Neles, também foram encontrados recortes de monografias publicadas no jornal *Diário da Manhã* (1908-1937), marcadamente artigos escritos por mulheres.¹¹

Essas informações nos chamaram a atenção. Percebemos que nada havia sido produzido sobre a participação de mulheres no processo de escolarização da disciplina Educação Física no Estado do Espírito Santo, na década de 1930, ao recorrermos a uma revisão bibliográfica dos estudos sobre o tema História. Quando realizamos uma aproximação com as pesquisas que tratam da temática História da Educação Física no Espírito Santo e no Brasil nessa década, percebemos que muito se discute sobre a participação dos militares e a relação mantida desse grupo com o Governo, estabelecida após a Revolução de 1930, para o desenvolvimento da Educação Física. Não é dada visibilidade e evidência a outros personagens envolvidos nesse processo, neste caso, as professoras de Educação Física.

Com base nessas ideias, o estudo se propõe a prosseguir na busca de pistas capazes de demonstrar a participação de professoras de Educação Física no Espírito Santo na escolarização dessa disciplina e os caminhos percorridos por elas para se projetarem como personagens importantes nesse campo. Iniciamos a pesquisa analisando os saberes que circulavam no Curso de Educação Física e que

⁸ O termo Arquivo Morto é utilizado para designar arquivos fora de uso corrente (BRASIL, 2004).

⁹ Um Arquivo Permanente possui como principal atribuição a preservação e a custódia dos documentos de guarda definitiva em função de seu valor, após terem passado por um processo de recuperação, higienização e organização. Sua principal característica é de ser acessível a todos, porém os documentos só podem ser consultados no local, não havendo mais qualquer possibilidade de empréstimo (MACHADO; CAMARGO, 2000; BRASIL, 2004).

¹⁰ Ao final de cada artigo, era feita uma explanação referente ao seu local de produção, do material, a classificação recebida pelas monografias, em *Distinção com Louvor, Distinção e Plenamente e Aprovado*.

¹¹ No jornal *Diário da Manhã* (1908-1937), localizamos um total de 13 artigos escritos pelas alunas do curso, em comparação com apenas dois artigos produzidos pelos alunos.

foram apresentados a elas como aqueles autorizados para o ensino escolar. Dessa forma, buscamos analisar como elas se apropriaram dos conhecimentos e os significaram na composição das monografias produzidas e publicadas em impressos da região. Este estudo se torna relevante, pois nos ajuda a compreender a escolarização da Educação Física, os personagens envolvidos nesse processo e, a partir dessas informações, visibilizar como se deu a relação entre intencionalidades de formação presentes no currículo do curso e as práticas de representações que permitiram às alunas se formarem e atuarem como personagens importantes no cenário da Educação Física capixaba.

Pela primeira sinalização encontrada, constatamos que o número de publicação de monografias escritas por mulheres era majoritariamente superior, com um total de 23 monografias, quando comparado com as publicações de monografias escritas por homens, com um total de apenas quatro monografias em impressos na região. Consideramos que a elas foi dada evidência na década de 1930, no Espírito Santo.

O período dos anos de 1930 é caracterizado por mudanças nos planos político, econômico e social que aconteceram na sociedade brasileira, após a Revolução de 1930. A busca pela modernização,¹² pela ênfase no modelo fabril em substituição ao agrário e a urbanização cada vez mais crescente fizeram com que a educação fosse considerada uma importante ferramenta para o alcance desse objetivo. A Educação Física ganha importância nesse período. Sua prática seria capaz de formar homens e mulheres que atuariam na marcha rumo a uma nação mais moderna, intervindo, transformando e constituindo um novo padrão de civilidade, para que, segundo Schneider (2010, p. 23), “[...] o aperfeiçoamento do físico refletisse a superação dos diagnósticos pessimistas que pintavam em tintas fortes o Brasil corroído pela vermina e incapaz de livrar-se do que era identificado como os seus ‘males de origem’”. Estavam lançados os novos objetivos a serem alcançados no Estado do Espírito Santo pela Educação Física.

É nesse período que o estudo torna visíveis as professoras de Educação Física. Identificar e reconhecer a participação dessas mulheres na História da

¹² No decorrer do trabalho, utilizaremos os termos *moderno*, *modernidade* e *modernização* de forma polissêmica, conforme os diferentes conceitos que determinaram suas feições e suas operações em diferentes momentos históricos (CARVALHO, 2012). O uso dessas expressões sinaliza uma forma de se desprender do passado e projetar no Brasil, especificamente no Espírito Santo, um futuro para as primeiras décadas do século XX, idealizando o novo e o moderno.

Educação Física no Espírito Santo possibilita desconstruir uma história da educação da disciplina registrada em sua maioria por homens, com formação militar e em Medicina, ou que exerciam cargos políticos no governo. Uma história respaldada por documentos oficiais sem a utilização de nenhuma crítica documental.

Discutir sobre a inclusão da mulher no processo educacional é, então, remontar a uma história que silencia sua participação na vida pública. Narrativas que destacam a presença e ação dos homens, cabendo às mulheres a vida privada como mães de família. Essa forma de organização social determinou uma divisão apoiada pelo pensamento positivista que estabelece papéis sociais dos gêneros. Também a figura dos homens é inserida nas relações de produção, e a figura da mulher, de reprodução e cuidados com a prole.

Com base em uma visão positivista de história¹³ e no interesse pelas relações políticas e econômicas, utilizam-se dados retirados de fontes oficiais, sem qualquer necessidade de questionamento. A mulher, nessa perspectiva historiográfica, pouco aparece atuando nos espaços públicos. Segundo Scott (1992), o motivo que levou à ausência de produção histórica voltada para a atuação das mulheres se deve ao fato de elas não terem participado dos grandes acontecimentos políticos e sociais, mas mantidas em frente à opressão em uma sociedade patriarcal.

No início do século XX, um grupo de historiadores ligados à Escola dos Annales¹⁴ dá origem a um movimento de combate a uma história narrativa e do acontecimento, passando a observar a história como problema, enfocando a vida cotidiana e todas as atividades humanas (BLOCH, 2001). Com o surgimento da Nova História, permitiu-se evidenciar as atuações de vários grupos sociais que, anteriormente, não eram considerados interessantes para a história: a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, os gestos, o corpo, a leitura, a mulher, dentre outros tantos. Como característica, essa nova forma de produção historiográfica

¹³ Burke (1992) explica que a historiografia inspirada pelo Positivismo nasceu no século XIX e instituiu um modelo específico de fazer História. Suas análises são quantitativas, obedecem à linearidade cronológica dos acontecimentos, enfatizam os grandes feitos políticos e econômicos, exaltam grandes nomes e utilizam documento oficial, acrescentando verdade aos fatos apresentados.

¹⁴ A Escola dos Annales é um movimento historiográfico nascido no ano de 1929. Pretendeu uma mudança do modelo historiográfico que vinha sendo produzido até então. Esse novo modelo de história se reuniu em torno de um periódico, denominado *Annales d'histoire économique et sociale*, fundado por March Bloch e Lucien Febvre. Esse modelo historiográfico propunha ir além da visão positivista da história de acontecimentos. Os pesquisadores substituíram o tempo breve pelo de longa duração, sendo os primeiros a explicar eventos e transformações políticas (BURKE, 1997).

direciona sua análise centrada nos atores sociais e suas ações na vida cotidiana. Segundo Bloch (2001, p. 54):

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem [os artefatos ou as máquinas] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e das instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar.

No que tange às discussões sobre a mulher na educação, sua inclusão no processo educacional brasileiro tem sua expansão no século XIX, período em que é observada maior inserção de mulheres nas escolas que, apesar de lenta, foi bem significativa, relacionada com as novas perspectivas que eram vislumbradas para elas (VASCONCELOS, 2005). Segundo Samara (1996), durante o período colonial, a inferioridade da mulher em relação ao homem se deve ao estabelecimento de uma estrutura agrária, latifundiária e escravocrata, que fortalecia o regime paternalista. A figura do homem exercia autoridade sobre todos que estavam sob sua influência, determinada pelo forte patriarcalismo que marcou esse período. O acesso à educação pelas mulheres era bem restrito, pois consideravam que, para as atividades que esse gênero exercia na sociedade, não necessitava da aquisição de conhecimento.

Foi com o advento da República, conforme Shoiet (2012), que as aspirações das mulheres mudaram significativamente, havendo possibilidades de capacitação profissional e supressão das barreiras impostas ao trabalho feminino remunerado. Com a descentralização administrativa proposta com a promulgação do Ato Adicional em 1834,¹⁵ foi transferida para as províncias a responsabilidade pela organização de seus sistemas de ensino, que incluiu o ensino primário e secundário.

Foi a partir desse momento que, como indica Villela (1990), o Brasil teve as primeiras experiências com escolas normais, marcando uma nova etapa no processo de institucionalização da profissão docente. Após o Ato Adicional, pôde-se

¹⁵ No início do século XIX, o Brasil passava por uma forte efervescência no campo político. A abdicação de D. Pedro I tornava o País independente, mas precisava consolidar a soberania nacional. Esse período marcou uma intensa movimentação de ideias, quando se confrontavam os conservadores, que propunham uma espécie de recolonização do Brasil, mas eles perderam força com a morte de D. Pedro I em 1834. O grupo de liberais exaltados, que sonhava com os ideais de Revolução Francesa, lutando pela igualdade e liberdade, também perdeu força, pois passou a ser considerado uma ameaça, temendo-se uma revolta popular. Já os liberais moderados propunham um liberalismo dentro da ordem para construir uma nação harmônica e equilibrada. O Ato Adicional de 1834 representava a vitória do grupo de liberais moderados. Apesar da autonomia administrativa das províncias representadas pelo Ato Adicional, essa autonomia era limitada, uma vez que a escolha dos presidentes de províncias cabia ao Governo Central (VILLELA, 1990).

constatar uma sequência de criação dessas escolas nas províncias. As escolas normais começam a aparecer no cenário brasileiro a partir da terceira década do século XIX. A Escola Normal de Niterói foi criada no ano de 1835, a primeira escola desse tipo no Brasil; seguida por Bahia, no ano de 1836, Mato Grosso, no ano de 1842 e São Paulo, no ano de 1846. Foram criadas durante o século XIX até início do século XX (ARAÚJO; FREITAS; LOPES, 2008).¹⁶

Segundo Araújo, Freitas e Lopes (2008), essas instituições foram criadas para atender ao gênero masculino, mas, com o decorrer dos anos, nelas as mulheres se fizeram mais presentes e, ao final do século XIX, as matrículas já eram predominantemente realizadas por elas. Entretanto, sua inserção no processo educacional não foi sem resistência. Em relação à educação, os homens seguiam suas carreiras no ensino superior e as mulheres para o exercício do magistério elementar. Apesar desses dois caminhos para a formação,

[...] havia na sociedade brasileira em geral, e entre autoridades e políticos em particular, forte oposição às reivindicações das mulheres. Respalhando tal oposição, a ciência da época considerava as mulheres, por suas supostas fragilidades e menor inteligência, inadequadas para as atividades públicas, afirmando que o lar era o local apropriado à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária (SHOJET, 2012, p. 219).

De acordo com Franco (2011), a partir do século XIX, há uma mudança de concepção no Brasil que limitava às mulheres o acesso à educação. Para o autor, os motivos que levaram à abertura da escolarização a elas se referem à vinda da família real portuguesa para o Brasil, tornando a sociedade mais aberta, e à influência iluminista, que via na universalização da escolarização a retirada do País do atraso e da incivilidade.

Conforme Franco (2001), em fins do século XIX e início do século XX, passa a ganhar fôlego o discurso de que as mulheres estariam mais aptas para o exercício do magistério, pois seriam educadoras por natureza, uma vez que eram responsáveis pela educação dos filhos.

¹⁶ Tanuri (2000) apresenta que algumas características foram observadas entre as primeiras escolas normais criadas no Brasil. A autora afirma que a organização didática do curso era extremamente simples, apresentando um ou dois professores para todas as disciplinas; o currículo era bastante rudimentar, não ultrapassando os conteúdos primários; a formação pedagógica era insuficiente e de caráter essencialmente descritiva. Além disso, a infraestrutura, em se tratando de instalação e equipamentos, era precária, e a frequência de alunos reduzidíssima. Nessas condições, as escolas normais foram frequentemente fechadas, ou por falta de alunos ou por falta de professores, e submetidas a diversas medidas na tentativa de reorganizá-las, só conseguindo subsistir a partir dos anos finais do século XIX.

[...] começava a prevalecer a ideia da necessidade de se instruírem as mulheres, pois, uma vez que eram as responsáveis pela educação dos filhos, poderiam ser, também, pela formação de bons cidadãos. No início da fase republicana, os ideólogos da República defendiam a ideia de que a mulher era a responsável pela constituição das gerações futuras e, em consequência, pelo futuro da nação. A nação dependeria, portanto, da forma como as mulheres educavam seus filhos e seus alunos (FRANCO, 2001, p. 83).

Os discursos em favor da instrução e do magistério, como uma função essencialmente realizada pela mulher, marcaram presença nas escolas normais. No Espírito Santo, duas instituições se destacaram: a Escola Normal¹⁷ e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. A *feminização do magistério*, como podemos chamar esse aumento e predomínio da participação de mulheres na docência, foi um fenômeno que não aconteceu apenas no Espírito Santo, mas também em escolas normais de outros Estados.

Mafra de Sá e Rosa (2005), ao realizarem um levantamento bibliográfico no qual tratam do tema *feminização do magistério*, no período do final do século XIX e início do século XX, apresentam que a presença de mulheres no magistério brasileiro se deu em função das alterações na estrutura do mercado de trabalho, passando os homens a ocupar melhores colocações, motivo esse ligado ao patriarcalismo. Além disso, houve mudanças na organização do trabalho escolar e a preocupação com a educação moral e cívica dos cidadãos exigia necessária dedicação exclusiva à docência, dedicação esta que se acreditava que os homens não poderiam assumir. Por fim, a mudança da representação sobre o ofício do magistério, extensão daquilo que era considerado como ocupação das mulheres: o lar, a casa, as crianças e as novas representações sobre a mulher, a criança e a ação pedagógica. Com a limitação que era imposta às mulheres,¹⁸ elas passaram a enxergar a carreira de professor como uma das poucas que poderiam seguir em fins do século XIX e início do século XX.

Nesse mesmo ambiente de inserção das mulheres na vida pública, percebemos que eram oferecidas duas perspectivas de formação. A primeira referia-

¹⁷ No ano de 1925, passou a se chamar Escola Normal “Pedro II”, em homenagem ao segundo imperador do Brasil que comemorava seu centenário de nascimento.

¹⁸ Característica predominante na historiografia brasileira nos estudos de gênero, a mulher, considerada um ser naturalmente frágil, deveria dedicar-se somente ao lar e ao seu marido, em uma relação de submissão. Nader (2011) aponta que, no começo do século XX, mesmo com o início de modernização do Espírito Santo, muitas mulheres deixaram de seguir uma carreira profissional para se dedicar ao casamento, alegando que profissão e casamento não se conciliavam, predominando o pensamento de que o trabalho feminino era considerado um desprestígio para o homem, que tinha o dever de sustentar sua família, cabendo à mulher dedicar-se inteiramente ao lar.

se a serem boas professoras para atuar nas escolas primárias do Estado. A segunda, uma formação como boas moças, boas donas de casa e futuras mães (FRANCO, 2001). Nessas instituições as professoras normalistas receberam suas primeiras formações como docentes, antes de ingressar no Curso de Educação Física.

Criado no Espírito Santo no ano de 1931, o Curso de Educação Física passou a receber professoras normalistas designadas a participar de uma formação especializada dos conhecimentos sobre a Educação Física. O campo de atuação proporcionado pelo curso não se restringia apenas ao ensino primário, mas se ampliava para o curso secundário. Entretanto, cabe-nos perguntar, em um período no qual se apostava na profissionalização da mulher no magistério, como se configurou sua presença no curso? Como a mulher participou da escolarização da Educação Física no Espírito Santo? Essas questões nos ajudam a observar os espaços que as mulheres alcançavam na vida pública no início do século XX.

Notamos que a mulher também teve participação no Curso de Educação Física. A ela era destinado o papel de ministrar o ensino dessa disciplina nas escolas do Estado. Mas, no decorrer do estudo, mostraremos como essas mulheres, além de se tornarem professoras de Educação Física, ocuparam outros lugares e cargos. Dessa forma, elas foram projetadas como personagens centrais, responsáveis em difundir um projeto de escolarização de Educação Física na formação de novos cidadãos, que participariam na construção de uma nova sociedade que era arquitetada para o Estado do Espírito Santo.

Na década de 1930, as discussões em torno da escolarização da Educação Física são atribuídas aos militares, médicos e aos indivíduos que ocupavam o governo como os únicos responsáveis pela sua expansão. A história que foi escrita sobre esse período apresenta uma crítica sobre como a Educação Física foi proposta para a formação dos cidadãos. Essa forma de leitura histórica se apegava aos discursos sem nenhuma problematização do que era relatado. Bloch (2001, p. 125) diz que, nesse modelo de historiografia, “[...] o historiador propõe apenas descrever as coisas ‘tais como aconteceram’ [...]”, esquecendo que o discurso é uma representação das práticas e que ele em si é uma prática de representação.

É contra essa história, uma história exclusivamente política e militar, que Bloch (2001), já nas primeiras décadas do século XX, nos apresenta a “história como problema”, na qual a fidelidade para uma aproximação o mais real possível da

realidade não exclui a crítica. De acordo com o autor, o modelo de história que era produzido “mutila” o homem e sua participação na história e apresenta a necessidade de o historiador ter “fome”, “O bom historiador [...] é um faminto de homens dentro da história” (BLOCH, 2001, p. 20).

Ao analisarmos a participação das mulheres na História da Educação Física no Espírito Santo, para as quais, até o momento, não é dada nenhuma evidência, problematizamos as fontes e demos sentidos às pistas. A importância que podemos atribuir às professoras de Educação Física é respaldada pelos documentos que utilizamos na pesquisa, registros de suas atividades cotidianas, suas ações, posições e interesses. Ao serem interrogadas, elas nos permitem reconstruir a história e evidenciar suas participações. Nesse sentido é que Bloch (2001, p. 75) considera que “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”.

Essa forma de conceber a história demonstrada por Bloch (2001) evidencia uma necessidade de direcionarmos nosso olhar para a vida cotidiana e ações dos vários indivíduos que compõem uma realidade. Dessa maneira, apresentamos as professoras normalistas formadas no Curso de Educação Física participantes de um projeto de escolarização da Educação Física no Espírito Santo. Ao colocarmos as mulheres em foco, nós as tiramos de um lugar de anonimato mantido pela tradição historiográfica, tornando possível demonstrar as discontinuidades dos discursos oficiais no Espírito Santo.

Utilizando o conceito de cultura, observamos que o cotidiano e os vários indivíduos que compõem a mesma realidade não são passivos, mas encontram-se em concorrência e em competição, graças às suas maneiras de se apresentarem (CERTEAU, 1994). Chartier (1990) também esclarece que as *lutas de representações* não fazem com que o cotidiano seja um lugar estático com aquilo que apresenta, mas identifica como, em diferentes lugares e momentos, uma realidade é construída, pensada e dada a ler, identificando como os indivíduos dão sentido ao seu mundo.

As mulheres possuíam um protagonismo no ensino da Educação Física a partir da década de 1930, no Espírito Santo. Ao serem preparadas para ensinar a Educação Física nas escolas, necessitavam passar por uma especialização sobre o que era discutido da disciplina, apoiadas no Método Francês, utilizando como

material para o estudo o *Regulamento nº 7 de Educação Física*. Mas esse guia tem um lugar de origem que é o Exército. Desse modo, elas não podiam apenas realizar a leitura do material e aplicar as orientações na escola, mas precisavam passar por um processo de aprendizagem. Existe, entretanto, um limite para o protagonismo dessas mulheres no ensino da disciplina, pois, apesar de ser confiada a elas a responsabilidade da transmissão desse conteúdo no contexto escolar, elas não possuíam um espaço garantido dentro do Exército, o que fazia com elas agissem de forma astuciosa e tática, seguindo o que é proposto para a Educação Física pelos militares. Fazendo isso, elas alcançaram uma forma de reconhecimento social, ao serem convidadas a participar do processo de desenvolvimento da Educação Física no Espírito Santo.

Ao percebermos essas *lutas de representações*, consideramos que as experiências singulares das mulheres não estão reduzidas ao sistema social que as engendra. Nosso foco baseia-se nas especificidades das práticas, dando visibilidade à criatividade das pessoas comuns em suas práticas cotidianas.

Essas indagações nos levam a pensar se as professoras de Educação Física teriam lutado contra a hierarquia dos sexos para que, naquele período, discutissem sobre a Educação Física no Espírito Santo. Ao analisar o desenvolvimento da história das mulheres, Scott (1992, p. 64) observa a ênfase na produção de trabalhos, utilizando a perspectiva de gênero desde a década de 1960, momento em que “[...] as ativistas femininas reivindicaram uma história que estabelecesse heroínas, prova de atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e a inspiração para a ação”. Porém, essa forma de conceber a presença da mulher na História tem mudado para uma história que apresenta as práticas das pessoas comuns na sociedade. Assim, evidenciamos as mulheres participantes na vida pública na década de 1930, que agiram e atuaram no campo social, desmistificando concepções veiculadas à mulher, como submissas, aparentemente destituídas de poder.

A partir dessas discussões, destacamos a atuação de 23 professoras de Educação Física como personagens centrais no estudo. Ao pôr em evidência essas personagens, isso não significa que elas são vistas na condição de vítimas de uma sociedade, apesar de que o simples fato de serem mulheres na década de 1930 ainda denotava suas posições fora da vida pública marcadas pela submissão à figura masculina. Ao darmos visibilidade à passagem dessas mulheres no campo

educacional da Educação Física, tratamos de uma questão mais geral, do desenvolvimento de um projeto educacional no Estado do Espírito Santo na década de 1930. Ao enfatizarmos o cotidiano dessas mulheres em um projeto desse tipo, nós as tiramos de um lugar de anonimato e as colocamos em uma posição de protagonistas que, na história oficial produzida sobre essa disciplina, recairia somente nas ações do Estado, na atuação dos militares e médicos.

Evidenciamos a atuação das mulheres por meio da produção e circulação de suas monografias, requisito obrigatório ao término do curso para obtenção de diploma de professor de Educação Física. Tais monografias circulavam em impressos locais, enfocando a inserção delas no mundo da cultura como alunas, professoras, escritoras e produtoras de uma nova cultura no âmbito educacional da Educação Física no Espírito Santo. Os trabalhos dos alunos na década de 1930 representam uma produção de conhecimento sistematizado e institucionalizado, semelhante ao que hoje é produzido ao final dos cursos superiores.¹⁹ Versavam sobre um determinado tema, demonstrando as discussões que naquele período se destacavam.

¹⁹ Observamos, nos documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, a ausência da produção de uma monografia para os alunos do curso de instrutor e monitor.

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

Os primeiros indícios sobre a presença de mulheres publicando sobre a Educação Física foram localizados no periódico *Revista de Educação*. Chamou-nos a atenção por se tratar de uma discussão que ainda não havia recebido a devida atenção pelos historiadores da educação, especificamente os da Educação Física. O primeiro contato com algumas informações nos despertou interesse, pois, ao serem investigadas melhor, poderiam oferecer uma maior compreensão sobre os atores envolvidos no processo de escolarização da Educação Física pretendida para o Espírito Santo a partir da década de 1930.

Ao focar a atuação de mulheres na escolarização da Educação Física no Espírito Santo na década de 1930, o estudo objetiva demonstrar a participação de 23 normalistas formadas no Curso de Educação Física que se envolveram em um projeto de Educação Física planejado para as escolas capixabas. É possível evidenciar suas participações por meio da escrita e publicação de suas monografias, requisito obrigatório para o término do curso, transformadas em artigos e publicados no jornal *Diário da Manhã* (1908-1937) e no impresso *Revista de Educação* (1934-1937). Isso nos permite observar as discussões que significavam a Educação Física na década de 1930 e a representatividade adquirida pelas professoras na sociedade vitoriense.

Para nos auxiliar no desenvolvimento do trabalho, lançamos algumas questões norteadoras:

- a) Quem eram as mulheres que se formaram no Curso de Educação Física do Espírito Santo?
- b) Como se configurou o currículo do Curso de Educação Física do Espírito Santo?
- c) O que produziram como alunas do Curso de Educação Física?
- d) Quais papéis assumiram depois de formadas?

Nosso período de estudo é delimitado do ano de 1931, ano de criação do Curso de Educação Física, quando se inicia a formação das primeiras turmas de professores, ao ano de 1936, quando as publicações nos periódicos se encerram.

Utilizamos como fonte para a pesquisa documentos oficiais de instituições educacionais e periódicos.²⁰ A análise desse *corpus documental* possibilita compreender uma nova cultura que era projetada para a população capixaba, observando os autores envolvidos nesse processo, os saberes produzidos pelos alunos no Curso de Educação Física, principalmente aqueles escritos pelas alunas e que eram veiculados na imprensa capixaba na década de 1930. Com esses documentos, compreendemos as continuidades e discontinuidades do papel do Estado, dos médicos e dos militares e também como a disciplina era projetada para o ambiente escolar.

Sobre a utilização de documentos na pesquisa, Bloch (2001) diz que, para cada momento histórico, não há necessariamente um tipo de documento que pode nos informar sobre esse período, mas nos adverte que a História só é capaz de ser construída o mais próximo possível da realidade, quando recorremos a uma multiplicidade de documentos. Segundo o autor, “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79).

Ainda de acordo com Bloch (2001), há necessidade de utilização de técnicas para a análise dos documentos. Para o autor, a aplicação do questionário é “[...] a primeira necessidade de qualquer pesquisa histórica bem conduzida” (BLOCH, 2001, p. 78). Essa forma de análise dos documentos faz com que “O que os textos nos dizem expressamente deixou hoje em dia de ser objeto predileto de nossa atenção. Apegamo-nos geralmente com muito mais ardor ao que ele nos deixa entender, sem haver pretendido dizê-lo” (BLOCH, 2001, p. 78).

O que o autor deseja com seu método é nos explicar a atenção que devemos ter com a veracidade dos documentos históricos, pois “[...] nem todos os relatos são verídicos e os vestígios materiais, podem ser falsificados, [pois], com tinta, qualquer um pode escrever qualquer coisa” (BLOCH, 2001, p. 89).

²⁰ Conforme Shoiet (1997), há escassez de vestígios acerca da passagem das mulheres na história. Quando se recorre aos arquivos públicos, a autora observa que sua presença é reduzida: “Destinadas á esfera privada, as mulheres por largo tempo estiveram ausentes das atividades consideradas dignas de serem registradas para o conhecimento das gerações subsequentes” (SHOJET, 1997, p. 295). A autora observa que os arquivos privados possuem documentos generosos para o historiador. Contudo, os documentos oficiais também são excelentes, capazes de apresentar informações sobre a mulher e suas ações na sociedade. Porém, só é possível realizar essa análise, quando os historiadores romperem com a ideia de apresentar o que os documentos deixam revelar sem a necessidade de estabelecer a crítica documental.

Dessa forma, para compreender a presença de mulheres e a produção de conhecimentos para a escolarização da Educação Física no Espírito Santo, utilizando fontes, recorreremos a Le Goff (1990), que nos explica a relação de documentos e monumentos²¹ e os cuidados no momento da análise:

Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é 'falso', avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar a sua função de mentira em confissão de verdade (LE GOFF, 1990, p. 91).

Dentre os documentos oficiais de instituições que utilizamos como fontes históricas, destacam-se os da Escola Normal, do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora²² e o Arquivo Permanente do Cefd/Ufes.²³ Na procura por esses registros, observamos sua escassez nas instituições formadoras de professores normalistas. Constatamos que apenas poucos documentos foram encontrados e somente alguns guardados, ou seja, aquilo que deveria ser conservado para a sociedade, pela instituição que os mantém sob sua responsabilidade.²⁴ Em relação à perda de documentos, Bloch (2001, p. 85) manifesta-se sobre as perdas e queimas. De acordo com o autor, o pesquisador só terá acesso aos documentos quando

[...] as sociedades consintam enfim a organizar racionalmente, com sua memória, o conhecimento de si mesmas. Só conseguirão isso lutando corpo-a-corpo com os dois principais responsáveis pelo esquecimento e pela ignorância: a negligência, que extravia os documentos; [...] e a paixão pelo sigilo – sigilo diplomático, sigilo dos negócios, sigilo das famílias que os esconde ou destrói.

É Bacellar (2005) quem ainda enfatiza que, na análise dos documentos oficiais, é possível constatar que apenas algumas práticas são relatadas pelos responsáveis no registro dos documentos, registros que nem sempre correspondem à veracidade dos fatos, mas que podem ter sido produzidos com a finalidade de

²¹ Para Le Goff (1990), monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado e preservar a recordação. O monumento tem o poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas.

²² Localizados na Secretária de Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu).

²³ Localizado no Cefd/Ufes.

²⁴ Os documentos da Escola Normal e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora foram localizados na Secretaria de Educação do Estado no Espírito Santo, no setor de Escolas Extintas. Encontramos apenas as atas finais dos alunos, com pouca documentação anteriormente à da década de 1920. A fim de completar nossa pesquisa, iniciamos nossa visita no Arquivo Público Estadual do Estado, com a tentativa de encontrar documentos que completassem nossas informações.

representar o ideal do que era planejado na formação dos professores nas escolas normais e o ideal de ensino da Educação Física que era projetado na formação dos professores por aqueles que ocupavam cargos de decisão.

Além dos documentos oficiais das instituições, utilizamos também impressos: o jornal *Diário da Manhã*,²⁵ de publicação do Estado do Espírito Santo, que circulou entre os anos de 1908 e 1937; a revista *Vida Capixaba*,²⁶ fundada por Manoel Lopes Pimenta e Elpídio Pimentel, editada entre os anos de 1923 e 1959; um impresso de variedades que apresenta a vida social e política do Espírito Santo; e a *Revista de Educação*,²⁷ impresso pedagógico publicado entre os anos de 1934 e 1937 pelo Serviço de Cooperação e Extensão Cultural do Departamento de Educação do Estado do Espírito Santo.

Nesses periódicos, observamos as discussões veiculadas no campo educacional, percebendo as práticas educacionais ministradas pelas escolas normais em matérias na revista *Vida Capixaba* e os discursos que circulavam sobre a educação e a Educação Física no jornal *Diário da Manhã* e na *Revista de Educação*. De acordo com Carvalho (*apud* SCHNEIDER, 2003), ao priorizarmos os periódicos como fonte de estudo, focalizamos nossa atenção também nos intelectuais envolvidos nesse processo, o que possibilita voltar a atenção para os grupos interessados em promover um projeto de difusão da Educação Física no Espírito Santo e que se colocam como voz autorizada a levar as discussões para os leitores, neste caso, o que consideravam mais adequado para a atuação dos professores nas escolas capixabas. Dessa forma, é possível uma aproximação com a realidade de uma época, enfocando a participação das professoras como protagonistas no processo de escolarização da Educação Física no Estado.

Ao utilizarmos os conceitos desenvolvidos por Chartier (1990) em sua obra *A história cultural: entre práticas e representações*, redirecionamos nosso olhar, dando visibilidade aos vários indivíduos que, no Espírito Santo, tiveram participação no desenvolvimento de um projeto de escolarização da Educação Física nos anos de 1930 no Estado, priorizando as mulheres. Dessa forma, entendemos que o domínio que os historiadores tinham, ou ainda possuem, do passado é parcial.

²⁵ Seu acervo foi encontrada no site <http://hemerotecadigital.bn.br/>.

²⁶ Localizadas na Biblioteca Pública Estadual. Não encontramos as edições produzidas nos anos de 1923, 1924 e 1945.

²⁷ Compõem o acervo digital do Proteroria. Foram localizadas em arquivos e bibliotecas da cidade de Vitória pela pesquisadora Raffaele Flaiman Lauff. Não encontramos os exemplares n. 4, 5, 20, 21, 32, 33 e 34 nos acervos consultados.

Ao focalizar a formação das mulheres e as *apropriações* que fizeram dos conhecimentos expostos no Curso de Educação Física, em formato de monografia e publicados em periódicos, o estudo demonstra como as pessoas não foram passivas, mas fizeram usos dos conhecimentos aos quais são apresentados. Certeau (1994), em sua obra *A invenção do cotidiano*, também se utiliza dessa perspectiva ao adotar o termo *consumo produtivo*, fazendo com que nosso interesse se volte para as especificidades das práticas, compreendendo as apropriações que uma pessoa, um grupo ou uma sociedade fazem do que lhes é oferecido, adaptando às suas necessidades e, por vezes, até fazendo usos inesperados. A utilização desses conceitos nos ajuda a compreender como as mulheres foram capazes de produzir suas monografias, apropriando-se em um primeiro momento dos conhecimentos da Educação Física, apresentados nas disciplinas e leituras realizadas no curso.

É dessa forma que Davis (1997), ao descrever a vida de três mulheres que viveram às margens da sociedade do século XVII, ao colocá-las como personagens centrais, acaba por demonstrar como elas tiraram o máximo de proveito da situação em que viviam. A autora enfatiza as condições percorridas por Glikl bas Judah Leib, judia e negociante de Hamburgo; Marie de l'Incarnation, que se tornou ursulina em Tours e parte para missão no Canadá; e Maria Sibylla Merian, pintora e entomologista protestante de Frankfurt que foi para a América do Sul realizar seus trabalhos. Três mulheres que viveram às margens da sociedade de seu tempo, tanto em termos religiosos como sociais, mas a autora não as apresenta como vítimas de uma sociedade. Ao narrar suas experiências, demonstra como essas mulheres se movimentaram e tiraram proveito das situações que as cercavam.

O que a autora buscou demonstrar, ao apresentar a vida de três mulheres do século XVII, está relacionado com a sua preocupação de entender as relações, por vezes, conflituosas, que essas mulheres estabeleceram com o mundo em que viviam. Durante o processo de construção de seu trabalho, a autora move-se entre o macro e o micro, pois entende que em nenhum momento as experiências vivenciadas pelas três mulheres ganham significado fora da sociedade que as constituem.

Essa forma de analisar a construção do mundo social verificada em Natalie Davis só é possível, conforme Chartier (1991, p. 176), quando os historiadores buscarem explicar a sociedade “[...] fora de uma partição rigidamente hierarquizada

das práticas e das temporalidades (econômicas, sociais, culturais, políticas)”. As atenções, voltadas agora para os indivíduos, consideram não haver construção do mundo social sem se ater às representações, entendendo que os indivíduos ou grupos dão sentido ao mundo que é o deles. O autor, ao explicar essa compreensão nas práticas de leituras, observa:

[...] a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Longe de uma fenomenologia da leitura que apague todas as modalidades concretas de ler e o caracterize por seus efeitos, postulados como universais, uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura [...]. De tais determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação com o escrito (CHARTIER, 1991, p. 178-179).

Essa forma de analisar a realidade nos ajuda a compreender como as professoras foram capazes de se apropriar das leituras realizadas no curso e, também, dos conhecimentos de cada disciplina que compunha o plano de ensino²⁸ do curso ministrado pelos professores. Essa ideia também é utilizada por Ginzburg (2000) em *O queijo e os vermes*, quando analisa os usos inesperados realizados por Menocchio, pseudônimo de Domenico Scandella, moleiro da cidade italiana de Friulli, ao apropriar-se dos textos dos arquivos da Inquisição. Ao compreender que os indivíduos dão sentido ao seu mundo, o estudo permite entender como os saberes sobre a Educação Física atingem os alunos e estes se apropriam de forma singular da produção de novos saberes sobre a disciplina em formato de artigos e, possivelmente, projetando suas práticas de ensino nas escolas capixabas.

Ao entender que as monografias foram consideradas importantes leituras, o grupo que determinava a produção dos impressos, os editores, julgava que esses textos deveriam ser apresentados à sociedade. Dessa forma, “Perceber o periódico nesses termos permite compreendê-lo como estratégia de difusão de práticas, normatização de saberes e conteúdos de ensino” (SCHNEIDER, 2003, p. 147). Le Goff (1990, p. 545) complementa que “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as

²⁸ Conforme nos é apresentado nos documentos que fazem parte do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, no decorrer do estudo, em alguns momentos, utilizaremos o termo *plano de ensino* para nos referirmos ao currículo do Curso de Educação Física.

relações de forças que aí detinham o poder”, determinando o que deveria ser revelado à sociedade sobre a importância do desenvolvimento da Educação Física.

Para compreender como essas produções foram selecionadas por aqueles que organizavam um projeto para a Educação Física no Espírito Santo, identificando os discursos que deveriam se tornar públicos nos periódicos locais entre os anos de 1933 a 1936, período em que as monografias são publicadas nos impressos, propondo leituras idealizadas para leitores idealizados, mobilizamos o conceito de *lutas de representações* desenvolvido por Chartier (1990, p. 17), identificando como “[...] uma realidade social é construída, pensada e dada a ler.” O autor considera que as produções dessas representações do mundo social “[...] são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam” (1990, p. 17), conceito que também nos ajuda a compreender as intenções daqueles que organizavam e determinavam as práticas que deveriam ser ministradas na instituição. Ao fazermos uso desse conceito, não visualizamos os materiais impressos e seus conteúdos, discursos neutros, mas os que “[...] produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Essa forma de analisar a construção da realidade social permite dar atenção às *estratégias* dos indivíduos no cotidiano (CERTEAU, 1994), em que o que está em jogo é a ordenação e a hierarquização da própria estrutura social. Desse modo, o autor apresenta como uma sociedade se utiliza de *táticas* e não se reduz aos dispositivos de dominação, neste caso, a mulher vista como submissa, sem voz e ação, mas que possui *maneiras de fazer*, práticas das quais se reapropria em seu cotidiano e produz cultura. Assim, o que mais interessa para o autor não são as estatísticas, mas “[...] as operações e os usos individuais, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes” (CERTEAU, 1994, p. 15).

Porém, para Ginzburg (1991), a construção da pesquisa histórica só é possível ao utilizarmos o referencial da *micro-história*. Seguindo essa perspectiva, o autor apresenta a pesquisa realizada por Natalie Davis, ao utilizar-se do método da microanálise na reconstrução da vida dos personagens no cotidiano da aldeia de Artigat, ao enfatizar a vida de dois personagens, o verdadeiro e o falso Martin Guierre, Arnaud Du Tilh e sua esposa Bertrande de Rols, além de outros personagens que vivem na aldeia. Natalie soube reconstruir seus cotidianos,

libertando-os dos condicionamentos da macroanálise. A autora, ao relatar a história de Martin Guerre, analisa uma variedade de documentos e afirma: “Quando não encontra o homem ou a mulher que estava a procurar, voltava-me na medida do possível para outras fontes do mesmo tempo e lugar para descobrir o mundo que eles devem ter conhecido e as reações que podem ter tido” (GINZBURG, 1991, p. 183), recorrendo, às vezes, à biografia de outros homens e mulheres do mesmo tempo e lugar, para uma *verossímil* aproximação da realidade.

Assim como Bloch, Ginzburg (1991) observa a necessidade de analisar os homens no tempo e as informações presentes nas fontes, não considerando apenas os discursos veiculados. Ginzburg (1991, p. 192) se expressa sobre sua obra:

A intenção do vosso trabalho era pôr diante dos meus olhos, de forma nova e especial, uma história mais rica, mais variada, mais humana [...]. A história que de vós esperamos não é uma sucessão cronológica de factos políticos e militares que inclua, como excepção, alguns episódios extraordinários de outro género; mas uma representação mais geral do estado da humanidade num determinado tempo, num determinado lugar, naturalmente mais circunscrito do que aquele em que acostumam decorrer os trabalhos de história, no sentido mais vulgarizado do termo.

Contra-pondo-se também ao discurso oficial, Ginzburg (1999), em *Mitos, emblemas, sinais*, observa a necessidade de ficar atento aos pormenores, indícios imperceptíveis para a maioria. O autor considera que pistas e indícios despercebidos por aqueles que estão somente preocupados com o que as fontes são capazes de informar, sem estabelecer uma crítica documental, mostram-se de fundamental importância para desvelar os costumes, as ações e reações e os pensamentos dos personagens. Tarefa semelhante usada pelos historiadores, como um detetive que investiga um crime, utilizando-se de pistas e sinais. O conhecimento de todos os fatos humanos no passado deve ser um conhecimento por meio de vestígios: “O que entendemos efetivamente por documentos senão um ‘vestígio’, quer dizer, a marca, perceptível aos sentidos, deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar?” (BLOCH, 2001, p. 73).

Seguindo a mesma linha, Certeau (1982), em *A escrita da história*, analisa a relação que o historiador estabelece com a pesquisa, a possibilidade de fazer reviver ou de ressuscitar um período histórico: “[...] quer restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram” (CERTEAU, 1982, p. 41). O autor considera que toda produção historiográfica “[...] começa com o gesto

de separar, reunir e de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”. O pesquisador precisa caminhar por espaços específicos, como arquivos, bibliotecas e outros, construindo relações e transformando documentos em acervos apropriados na sua exploração para a prática da pesquisa.

Porém, é o próprio Certeau (1982) que nos orienta sobre os limites da pesquisa histórica. Para ele, o historiador trabalha sobre o *verossímil*, pois os fatos não têm dimensão absoluta, respeitando o limite da interpretação, quando se utiliza de fontes, para que não corra o risco de generalizar um acontecimento histórico. Catroga (2001) também reconhece a impossibilidade de se chegar à verdade total e definitiva. O historiador, com sua forma particular de transformar vestígios em conhecimento, recolhe os dados históricos. Alguns são eliminados e outros interpretados – e, por fim, narrados.

PLANO DE EXPOSIÇÃO

No primeiro capítulo, *A formação de professores no Curso de Educação Física do Espírito Santo: o conhecimento socializado*, expomos as discussões ocorridas no interior da instituição, apresentadas como conteúdos essenciais para a formação dos professores de Educação Física, destacando a presença do Método Francês como saber orientador da prática. Evidenciamos também, no capítulo, os professores responsáveis em ministrar as disciplinas e as leituras indicadas, revelando as *lutas de representações* daqueles que projetavam instalar uma nova cultura por meio da Educação Física a partir da década de 1930.

O segundo capítulo, denominado *Formação docente: de normalista a professoras de Educação Física*, aborda as discussões sobre as mulheres no campo educacional no Espírito Santo, apresentando as professoras normalistas que ingressavam no Curso de Educação Física, as práticas educacionais vivenciadas no Curso Normal e o reconhecimento adquirido pelas professoras durante a passagem por essas instituições na sociedade capixaba.

No terceiro capítulo, intitulado *As mulheres como autoras: produção e circulação do conhecimento sobre Educação Física*, visamos a compreender como as mulheres se apropriaram dos conhecimentos apresentados a elas no decorrer do processo formativo como professoras no curso e foram capazes de produzir monografias acadêmicas. Observamos ainda os possíveis indícios que teriam levado a seleção e publicação das monografias em dois impressos locais, considerando que os indivíduos agem taticamente no campo social.

O quarto capítulo, *Da submissão às práticas de astúcias: a presença de mulheres na Educação Física do Espírito Santo*, evidencia os discursos produzidos pelas próprias alunas em formação no curso sobre a necessidade de se manter a prática de exercícios físicos para a mulher. Analisa também como as professoras de Educação Física agiram dentro de uma determinada realidade que determinava seus papéis sociais e como fizeram usos desses saberes para alcançar representatividade como personagens públicas que auxiliaram na escolarização da Educação Física no Espírito Santo.

1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO: O CONHECIMENTO SOCIALIZADO

Resumo: Objetiva analisar o conhecimento em circulação na formação de professores no Curso de Educação Física do Espírito Santo e os atores sociais envolvidos em um projeto de desenvolvimento da Educação Física no Espírito Santo durante a década de 1930. Utiliza como referencial teórico-metodológico o conceito de lutas de representações (CHARTIER, 1990), estratégias e táticas (CERTEAU, 1994) para compreender como uma realidade social é construída e as possibilidades do paradigma indiciário (GINZBURG, 1999) na análise das fontes. Utiliza como fonte os documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes. A organização dos conhecimentos do Curso de Educação Física do Espírito Santo esteve orientada por determinado grupo com formação militar e pessoas do governo capixaba, que definiam os saberes pautados no Método Francês que os professores deveriam utilizar em sua prática docente. Apesar da presença dos militares, os conteúdos e práticas desenvolvidos na formação de professores do Curso de Educação Física não possuíam a intenção de militarizar nem esportivizar as aulas de Educação Física nas escolas capixabas.

Palavras-chave: Curso de Educação Física. Espírito Santo. Saberes em circulação.

1.1 INTRODUÇÃO

A criação do Curso de Educação Física pelo Decreto Estadual nº 1.366, de 26 de junho de 1931 (ESPIRITO SANTO, 1931),²⁹ conferiu uma nova formação para os professores que ministravam seu ensino nas escolas capixabas. Era necessário que os alunos que ingressavam no curso já possuíssem formação de normalista, o que lhes conferia uma prática pedagógica como docente. O curso ficaria encarregado de aperfeiçoar os conhecimentos da disciplina Educação Física, por ser adotado, a partir da década de 1930, o Método Francês (ESPIRITO SANTO, 1933a) em

²⁹ Ao visitar o Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, não localizamos o Decreto nº 1.366, que cria o Curso de Educação Física. Somente encontramos seu registro no *Diário Oficial*, guardado no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

substituição ao Método Sueco, que os alunos vivenciaram durante suas formações como normalistas (SCHNEIDER; ALVARENGA; BRUSCHI, 2011).

O Método Francês foi considerado o mais adequado para a sociedade brasileira a partir da década de 1930, em função de acreditarem que ele poderia eugenizar, nacionalizar e formar indivíduos mais eficientes para o mercado de trabalho brasileiro, que cada vez mais se industrializava, gerando energia em força produtiva (GOELLNER, 1992; SCHNEIDER, 2003). Com a ênfase dada à educação, a partir da década de 1930, acreditava-se que a mudança da sociedade se concretizaria mediante a reforma da escola e da formação do cidadão. A partir desse momento, a Educação Física ganha grande importância no cenário brasileiro.

No Espírito Santo, o quadro de professores formados nas instituições de ensino normal e que ministravam aulas de Educação Física se apresentava insuficiente. São encontradas notícias de que, mesmo após a criação do Curso de Educação Física que passou a oferecer uma formação especializada para o ensino da disciplina, ainda havia demanda de profissionais e muitas escolas acabavam por ficar sem aulas de Educação Física (ESPIRITO SANTO, 1943).

No início de seu funcionamento, o Curso de Educação Física proporcionava três formações. O mais frequentado era o Curso de Formação de Professores, oferecido com regularidade, mantendo uma média de alunos matriculados durante toda a década de 1930. Para seu ingresso, era obrigatório apresentar o diploma de professor normalista e se submeter a uma inspeção médica pelo Serviço de Inspeção Médico Escolar, realizada, costumeiramente, na Escola Normal, para averiguar a saúde do candidato.³⁰ Outras duas formações oferecidas na instituição era o Curso de Formação de Instrutor, que também requeria a formação de normalista, e o Curso de Formação de Monitor, devendo o candidato ser oficial do Regimento Policial Militar com curso profissional militar, ou guarda-civil (ESPIRITO SANTO, 1932b; ESPIRITO SANTO, 1933b). Porém, não houve sequência na oferta dos dois cursos, nem regularidade em suas matrículas.

O entendimento dos padrões que deveriam compor a formação dos futuros professores de Educação Física das escolas capixabas se torna possível com a análise dos discursos veiculados no Curso de Educação Física na primeira década

³⁰ Era aberta uma exceção para candidatos que pretendiam ingressar no curso, mas que não tinham o diploma de normalista. Esse candidato deveria apresentar títulos de Curso Superior ou certificados de exames das disciplinas Português, Arithmetica, Coreografia, História do Brasil, e também possuir noções de História Natural (ESPIRITO SANTO, 1933b).

de sua criação, os quais compreendemos como uma importante ferramenta na execução dessa tarefa. Esses objetivos são alcançados quando recorrermos aos planos de ensino, programas de disciplinas, sabatinas, exames finais das disciplinas, monografias produzidas pelos alunos, dossiês de alunos, registros de passagem de professores no curso e possíveis referências de livros e periódicos disponíveis na biblioteca do curso, práticas estas presentes na instituição e que fazem parte do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes.

Ao realizar essa aproximação com o Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, trabalhamos com indícios que nos apontam os sentidos pretendidos pelo curso para a formação de professores de Educação Física a partir de 1930 e as novas orientações para seu ensino, que evidenciavam a necessidade de promover a expansão do Método Francês e seus benefícios para as escolas capixabas. Com base na análise dos documentos, delineamos um lugar de poder daqueles que formulavam a organização curricular do curso, oriundos do Centro Militar de Educação Física,³¹ e a ligação estabelecida com o Governo Estadual, responsável por promover a expansão do ensino da Educação Física nas escolas capixabas.

Até o momento, dois estudos se propuseram a analisar a organização curricular do Curso de Educação Física do Espírito Santo, permitindo-nos uma primeira aproximação com o que já se discutiu em relação aos conhecimentos apresentados no curso. A dissertação de Silva (1996), intitulada *Escola de Educação Física do Espírito Santo: suas histórias, seus caminhos (1931-1961)*, também utilizou como fonte os documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes. Analisando o momento da criação da Escola Educação Física em 1931, até sua federalização ocorrido em 1961, a autora conclui que a Escola de Educação Física do Espírito Santo teve como modelo a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), herdando as ideias de ordem, disciplina e hierarquia: “[...] para manter a

³¹ No trabalho, utilizaremos por vezes Centro Militar de Educação Física, ora Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx). A utilização da expressão Centro Militar de Educação Física refere-se ao período anterior da mudança para EsEFEx e mais apropriado para a periodização do nosso estudo. Já a expressão EsEFEx, utilizamos quando fazemos referência a algum estudo, para que tenha mais proximidade do sentido pretendido pelos autores. De acordo com Ferreira Neto (1999), o Centro Militar de Educação Física foi criado em 1922 pelo ministro da Guerra, Pandiá Calógeras, porém teve seu funcionamento paralisado pela “Revolução” de 1922, passando a voltar a funcionar no governo de Washington Luis (1926-1930). Em 19 de outubro de 1933, sob o governo de Getúlio Vargas, o Decreto nº 23.252 transforma o Centro em EsEFEx, consolidando as ações já iniciadas pelo Centro no Ensino da Educação Física no território nacional, que é “[...] ‘proporcionar o ensino do método da Educação Física regulamentar’ e ‘orientar e difundir a aplicação do método’” (FERREIRA NETO, 1999, p. 51).

ordem e a disciplina, era organizada uma política interna, que certamente possuía raízes nos meios militares e que representava, na escola, uma verdadeira instituição de controle” (SILVA, 1996, p. 16). A autora ainda estabelece uma relação com as disciplinas presentes no curso, majoritariamente da área biomédica, e a consolidação do Método Francês com ênfase no higienismo e na eugenia.

O outro estudo configura-se na tese de doutorado produzida por Ferreira Neto (1999), intitulada *A pedagogia no Exército e na Escola: a educação física brasileira (1880-1950)*. Ao relacionar a organização curricular da EsEFEx e a organização curricular do Curso de Educação Física do Espírito Santo, o autor explicita que os cursos que foram criados seguiam o padrão de organização estabelecido pela EsEFEx. Ao questionar seus documentos,³² sinalizou que era dada ênfase aos conhecimentos de Pedagogia e disciplinas profissionalizantes (as disciplinas práticas) e desmitificou que os cursos de formação enfatizaram somente os conhecimentos das Ciências Biológicas.

Em nosso estudo, para analisar os discursos presentes na organização do Curso de Educação Física, apoiamos-nos em Chartier (1990). Mobilizamos o conceito de *lutas de representações* para identificar como esteve organizado o curso, compreendendo que “[...] uma realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17) por atores que disputam o campo utilizando dispositivos que fazem circular ideias, prescrições e ordens. Ao fazermos uso desse conceito, não visualizamos os materiais impressos e seus conteúdos como discursos neutros, pois “[...] produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Na análise das fontes, mobilizamos as possibilidades metodológicas do *paradigma indiciário* proposto por Ginzburg (1999), permitindo localizar indícios que sinalizassem os sentidos pretendidos pelo curso para a formação de professores de Educação Física, a partir de 1931, e as novas orientações para o ensino, que evidenciavam a necessidade de promover a ampliação do Método Francês e seus benefícios para as escolas capixabas. Dessa forma, o estudo busca se contrapor à

³² Utilizou a revista *A Defesa Nacional*, a *Revista de Educação Física* e os documentos, os currículos e programas de disciplinas de cursos de formação de professores entre militares e civis na década de 1930, além de relatórios da situação da Educação Física nos Estados.

tendência de estudar os documentos valorizando apenas o seu conteúdo, acreditando que a materialidade das práticas reside nos discursos. Como nos indica Bloch (2001), os registros não são desencarnados do seu lugar de produção, porque expressam aquilo que determinados indivíduos responsáveis pelo funcionamento do Curso de Educação Física do Espírito Santo pretendiam guardar da memória da instituição.

Alguns questionamentos nos direcionam para a análise do projeto proposto para a Educação Física na década de 1930, difundido pelo curso: como estava organizado o currículo do curso? Quem eram os professores responsáveis por ministrar as disciplinas? De onde vieram? Quais leituras foram realizadas no processo de formação dos alunos?

Evidenciamos os saberes socializados no curso, necessários para a formação de professores de Educação Física e os indivíduos responsáveis pela organização e ensino dos conhecimentos no curso. Para respondermos a esses questionamentos, consideramos os planos de ensino, programas de disciplina, relatórios dos períodos letivos, boletins diários, registros de professores e de aquisição/doação de livros e impressos na biblioteca do curso, documentos estes que estão disponíveis no Arquivo Permanente do Cefd/Ufes.

1.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO PLANO NACIONAL: CONDIÇÕES QUE POSSIBILITARAM A CRIAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO

A Revolução de 1930 instalou uma nova política no Brasil e pôs fim à forma como estava organizada a política nacional, o revezamento das oligarquias cafeeiras de São Paulo e pecuárias de Minas Gerais que controlavam hegemonicamente a vida política, o que acabava por provocar reações das oligarquias rivais que não participavam da direção do Aparelho Central de Estado (SILVA, 1995). De acordo com Silva (1995), os outros Estados, principalmente Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul, possuíam interesses industriais e não encontravam apoio do governo para promover a industrialização brasileira, impondo ao País um estilo rural de governar e, conforme Achiamé (2010), configurando um poder centralizador, pouco democrático, com ênfase apenas na manutenção da

agricultura. Observavam-se fraudes eleitorais, pouca participação política da população e controle dos Estados mais desenvolvidos do Brasil.

Silva (1995) considera que a crise econômica ocorrida em 1929, aliada a diversas lutas sociais desde 1922, como o Motim da Escola Militar, o Levante do Forte de Copacabana em 1922, levantes em diversos quartéis em 1924, Coluna Prestes em 1925, todos movimentos articulados pelo tenentismo, ganhou apoio pela emergente burguesia industrial e pecuarista, potencializando a ação das forças que pressionavam por uma maior abertura política que permitisse a defesa de seus interesses.

O presidente Washington Luís, a fim de garantir a continuidade do seu governo, indica, no ano de 1930, Júlio Prestes de Albuquerque à presidência brasileira. Com o revezamento do governo paulista e mineiro, Silva (1995) informa que o governador de Minas Gerais, Antônio Carlos de Andrada, ficou insatisfeito com a indicação do candidato paulista Júlio Prestes à presidência, pois esperava que fosse mantida a tradição de revezamento entre mineiros e paulistas na Presidência da República. O governador mineiro Antônio Carlos de Andrada acabou se articulando com políticos do Rio Grande do Sul, dentre eles, o governador do Estado Getúlio Vargas, criando a Aliança Liberal que sustentou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência.

No Espírito Santo, as oligarquias de origem familiar controlavam a vida política do Estado. De acordo com Achiamé (2010), com os acontecimentos daquele momento no Brasil, as forças políticas espírito-santenses se dividiram para apoiar as candidaturas das eleições presidenciais de 1930. A corrente minoritária contrária às forças políticas dominantes no Estado e que não apoiava a candidatura de Júlio Prestes à presidência vinculou-se ao partido revolucionário Aliança Liberal. O autor menciona que alguns políticos do passado que mantinham relação de independência e mesmo de oposição aos partidos políticos do Estado reuniram-se e se opuseram ao situacionismo nos âmbitos estadual e federal, muito em função do novo panorama político-nacional que estava se formando. Apesar de contar no início com poucos adeptos, a propaganda eleitoral aliancista no Estado mostrou-se agitada, como em outros lugares do País.

Conforme Oliveira (1951), no Estado do Espírito Santo, o governador Aristeu Borges de Aguiar apoiou a candidatura de Júlio Prestes em função do incentivo de

prosperidade econômica alcançado pela cafeicultura durante a presidência de Washington Luís.

O candidato Júlio Prestes vence as eleições realizadas em 1º de março de 1930, tendo como adversário Getúlio Vargas. Mas a situação se encontrava difícil no Brasil, com as denúncias de fraudes eleitorais veiculadas pela Aliança Liberal e, principalmente, com o assassinato do candidato à vice-presidência de Getúlio Vargas, João Pessoa, na Paraíba. Em 24 de outubro de 1930, ocorre o Golpe de Estado, e o presidente da República, Washington Luís, é deposto antes da transmissão do cargo a Júlio Prestes. Esse acontecimento pôs fim à República Velha, com Getúlio Vargas assumindo o comando do Aparelho Central de Estado (SILVA, 1995).

Antes de o presidente Washington Luís ser deposto, Achiamé (2010) aponta que ele havia enviado para Vitória um grupo de oficiais comandado por José Armando Ribeiro de Paulo, para organizar uma resistência militar contra os revolucionários. Nesse grupo estava o capitão João Punaro Bley que, como aponta o autor, intencionava desertar para o lado revolucionário assim que chegasse ao Espírito Santo.

Ao mesmo tempo, Achiamé (2010) indica que pessoas adeptas ao movimento se infiltravam no Estado para minar as resistências à revolução, ao lado de indivíduos simpáticos à causa. Esse poderia ser um dos objetivos de João Punaro Bley. Com a vitória dos revolucionários praticamente garantida em Minas Gerais, indivíduos adeptos à causa, infiltrados no Estado, agem, como os tenentes Carlos Marciano de Medeiros e Euclides Lins, e tropas revolucionárias vindas de Minas Gerais concentram-se nas fronteiras do Espírito Santo. O Governo Estadual se viu, então, impossibilitado de organizar a defesa da Capital, ameaçada pelo comando do coronel Otávio Campos do Amaral, chefe da Força Revolucionária.

Achiamé (2010) relata que os diretores da Associação Comercial de Vitória tiveram um papel decisivo na definição dos acontecimentos políticos. Resguardando seus interesses, propuseram ao presidente do Estado Aristeu Borges Aguiar que deixasse o poder. Com medo das tropas revolucionárias que avançavam no território do Espírito Santo em direção à Capital, no dia 16 de outubro, ele deixou o palácio do governo e, com sua família, refugiou-se em um navio italiano. Com a adesão da Força Pública do Estado e o apoio popular, as tropas revolucionárias chegam à capital pacificamente.

Com a Revolução instalada em todo o País, Getúlio Vargas assume a liderança do Governo Provisório. Em sua política, conforme Souza (1990) e Achiamé (2010), Vargas nomeou interventores para que governassem os Estados brasileiros. Teve a preocupação de designar para governantes estaduais indivíduos nativos dos Estados e que não tivessem feito carreira política, pois não pretendia um governo descentralizado, mas que os Estados brasileiros seguissem as ordens do seu Governo Central. Silva (1995) e Achiamé (2010) informam que as lideranças que haviam conduzido a Revolução no Estado não conseguiram chegar a um consenso sobre qual interventor deveria ser designado para o cargo. A Associação Comercial acaba por indicar a Getúlio Vargas o capitão João Punaro Bley para a interventoria. Como o consenso nunca finalizava, Vargas interveio e se decidiu pelo capitão Bley que, mesmo não tendo nascido no Espírito Santo e ter vindo para o Estado para auxiliar as forças políticas dominantes, contra o movimento revolucionário, passou a caminhar de acordo com os interesses da Revolução, tendo importante participação na luta revolucionária no Espírito Santo e se encaixando no modelo definido por Vargas para interventores.³³

Dentre as mudanças políticas, econômicas e sociais ocorridas no Brasil após a Revolução de 1930, o governo de Getúlio Vargas volta suas atenções para o sistema educacional brasileiro. De acordo com Cunha (1981), Vargas via na educação o grande problema que impedia a modernização do País. Vargas governou de 1930 a 1934 no Governo Provisório, de 1934 a 1937 como governador constitucional e de 1937 a 1945 com o Estado Novo. Cunha (1981) observa que Vargas priorizava em seu governo a formação de um sentimento patriótico da população, pois o Brasil, nesse período, ainda era fortemente marcado pelas levas de imigrantes que haviam chegado ao País nas décadas anteriores e por filhos de ex-escravos, o que dificultava o sentimento de pertencimento a uma nação.

A mudança ocorrida no Brasil após a Revolução de 1930, com a intensificação do desenvolvimento industrial, em oposição a uma economia agrária, fez com que a educação fosse encarada de outra forma, pois agora era preciso investir na educação dos indivíduos para que pudessem cumprir a missão lançada,

³³ Governou o Estado do Espírito Santo como interventor federal entre os anos de 1930 e 1935, governador eleito pela Assembleia Legislativa estadual de 1935 a 1937, e novamente como interventor nos anos de 1937 a 1943.

indivíduos modernos e bem formados que ajudariam a construir uma nova nação (CUNHA, 1981).

Uma das primeiras preocupações apresentadas por Vargas, conforme demonstra Cunha (1981), foi com a falta de um sistema organizado da educação brasileira que, desde o Ato Adicional de 1834, consistia em sistemas educacionais estaduais sem uma articulação com o Governo Central, muito em função da forma como o Brasil era governado na Primeira República. Assim, como uma das primeiras iniciativas de Vargas na área educacional, foi criado, em 1931, o Ministério da Educação e Saúde, sendo designado como ministro Francisco Campos. Cunha (1981) também argumenta que foi a partir da Revolução de 1930 que o debate em torno da educação e escolanovismo³⁴ se acirrou.

Entender as discussões que reconfiguravam a política, a economia e o sistema social que ocorria no Brasil torna-se importante pois nos possibilita compreender a forma como o Espírito Santo se interessou, a partir da década de 1930, pela Educação e pela Educação Física.

Silva (1995) e Achiamé (2010), ao analisarem o governo do Espírito Santo, afirmam que João Punaro Bley pôs em prática ações que tinham ideais reformistas e que eram respaldadas nas diretrizes gerais e institucionais do Governo Provisório de Getúlio Vargas. De acordo com os autores, se, por um lado, Bley tinha que reduzir gastos públicos para sanar as dificuldades de ordem econômico-financeira, por outro, suas medidas estiveram voltadas para a demanda no setor social. A saúde, a assistência social e a educação foram suas prioridades.

Algumas reformas realizadas pelo governo são apresentadas com entusiasmo na matéria *Breve relato do problema pedagógico no Espírito Santo*, publicada na *Revista de Educação*, exaltando as ações do governador João Punaro Bley sobre as questões educacionais: “Ultimamente, graças ao alto descortino do Capitão João Punaro Bley, que tem sido um timoneiro arguto e habilíssimo, conduzindo a náó do Estado a porto de Salvação e prosperidade” (RIBEIRO, 1934d). Nesse mesmo artigo, é citada a criação do Curso de Educação Física, pelo Decreto nº 1.366, como uma das questões educacionais que elevaria o progresso do Estado.

O Curso de Educação Física no Espírito Santo era encarregado da preparação de professores e instrutores orientados, segundo acreditavam, pelo

³⁴ Para maiores informação sobre a Escola Nova, consultar Lourenço Filho (1978).

método mais moderno de Educação Física daquele período, o Método Francês. Conforme observado por Silva (1996) e Schneider et al. (2013),³⁵ teriam sido responsáveis pela criação do curso o interventor capitão João Punaro Bley e o comandante Carlos Marciano de Medeiros,³⁶ uma vez que as fontes consideram ser o governo do Estado a instituição que mantém o curso (ESPIRITO SANTO, 1931a), como podemos observar em matéria transcrita da *Revista de Educação*:

Dois são os iniciadores, no Espírito Santo, dessa obra verdadeiramente patriótica [Departamento de Educação Física] ‘Pelo Brasil e para o Brasil unido e forte’. Refirimo-nos ao capitão Bley e ao comandante Carlos Marciano de Medeiros, cuja ação, neste sentido, tem sido energica e efficacissima (OS TRABALHOS..., 1934, p. 40).³⁷

A criação do Curso de Educação Física no Espírito Santo, de acordo com Ferreira Neto (1999) e Silva (1996), esteve apoiada nos planos dos militares da EsEFEx em difundir a Educação Física entre os civis, muito em função da estreita relação entre o governo e militares, estabelecida com a Revolução de 1930, e a participação desses últimos na educação. Além do Espírito Santo, foram implantados departamentos em São Paulo (1931), Paraíba (1935), Minas Gerais (1934), Pará (1933), Bahia (1937), Santa Catarina (1938), Piauí (1939), Rio de Janeiro (1939), Paraná (1939), Pernambuco (1940) e no Rio Grande do Sul (1940) durante o decorrer da década de 1930 (MARINHO, 1943), além da formação de civis na própria escola.

A década de 1930 tem sido um período de grande interesse na historiografia da Educação Física. Muitos estudos produzidos nessa época têm apontado os militares como os responsáveis pelo processo de expansão da escolarização da Educação Física brasileira. Essa presença se fez visível, mas muito se tem questionado que, “[...] através das aulas de Educação Física, valorizou-se, até mesmo como o ‘coroamento’ a ser atingido pelos alunos e praticantes” (GOELLNER, 1992, p. 176). Para alguns pesquisadores interessados na temática História da

³⁵ Os autores utilizaram em sua pesquisa o periódico educacional *Revista de Educação* (1934-1937), publicado pela equipe do governador João Punaro Bley, observando as discussões sobre a escolarização da Educação Física no Espírito Santo.

³⁶ O tenente Carlos Marciano de Medeiros também teria participado da Revolução de 1930 no Espírito Santo ao lado do capitão João Punaro Bley.

³⁷ Também foram considerados fundadores do curso os tenentes Horácio Cândido Gonçalves (diretor-técnico do Curso de Educação Física em 1932), Waldemar Coelho (instrutor do Curso de Emergência de 1931), Wolmar Carneiro da Cunha (secretário do Interior), João Manoel de Carvalho (secretário da Instrução), Heitor Rossi Bélache (secretário do Departamento de Educação Física) e Fernando Duarte Rabello (secretário do Interior).

Educação Física, seu ensino, apoiado no Método Francês, teria recebido a mesma orientação tanto na caserna, quanto na escola. É a partir desse entendimento que propomos nossa investigação, observando como o Método Francês foi apropriado pelos professores para evidenciar outro cenário em que essa formação não está fundamentada em uma pretensa militarização dos professores e dos alunos do Curso de Educação Física do Espírito Santo.

1.2.1 A Educação Física na década de 1930: novos sentidos

De acordo com Schneider (2003), o ensino da Educação Física, nas quatro primeiras décadas do século XX, “[...] trabalha com duas metáforas da disciplina – disciplina como ortopedia e disciplina como eficiência” (CARVALHO, apud SCHNEIDER, 2003, p. 116).

Segundo Schneider (2010), as teses brasileiras do início do século XX apontavam os males de origem que teria herdado o povo brasileiro: “[...] da união luxuriosa do português com os indígenas e com os negros teria nascido o brasileiro” (SCHNEIDER, 2010, p. 15). Jeca Tatu,³⁸ personagem criado por Monteiro Lobato, representava o típico cidadão do interior “[...] assolado pela doença, decorrente da falta de saneamento, de nutrição e de instrução [...]” (SCHNEIDER, 2010, p. 16). Composta por uma população mestiça e sem vigor para o trabalho, assim era justificado o atraso brasileiro.

O investimento em educação e em normas higiênicas não foi prioridade pensada durante a Primeira República para resolver os males que afligiam o País. De acordo com Schneider (2010), consideravam que o povo já estava condenado pela raça e hereditariedade. O meio encontrado para a moralização do povo foi o investimento na imigração. Acreditava-se que apenas o branqueamento da população brasileira seria capaz de salvar o País, pois consideravam a raça branca e europeia superior.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, cessou-se o processo de imigração. Schneider (2010) destaca que, a partir desse momento, ocorre no Brasil uma mudança de mentalidade. Diante da impossibilidade de contar com as levas de

³⁸ Simbolizando a situação do caboclo brasileiro, abandonado pelos Poderes Públicos às doenças, ao seu atraso e à indigência, o personagem é retratado na obra *Urapês*, originalmente lançada no ano de 1918 por Monteiro Lobato.

imigrantes em função da guerra, modo mais fácil de garantir a eugeniização, era necessário investir na educação como uma das formas de garantir a melhoria da raça brasileira. A escola passa a ser prioridade política, pois somente ela poderia levar a população à garantia da formação de um povo mais ordeiro e moderno. As teorias raciais dão lugar à discussão da higiene e educação, capazes de garantir a saúde, a moral e a valorização do trabalho.

A Educação Física nesse contexto surge nas escolas como uma disciplina capaz de prevenir ou corrigir os corpos das crianças. É possível inferir que, no Espírito Santo, sua prática esteve orientada entre as décadas de 1910 e 1930 pelo Método Sueco de Ginástica (SCHNEIDER; ALVARENGA; BRUSCHI, 2011). Sua prática passou a se impor como necessária à formação pela possibilidade de corrigir e endireitar os corpos das crianças: “Curar os defeitos, as moléstias e anormalidades punha-se como objetivo para a disciplina — Educação Física —, sejam estas consequentes das taras dos ancestrais, sejam aquelas adquiridas pelo meio” (SCHNEIDER; ALVARENGA; BRUSCHI, 2011, p. 4). Buscava-se ainda a garantia de um sentimento de pertencimento a uma nação, garantido pelos exercícios guerreiros indicados para o sexo masculino, como tiro e esgrima, por exemplo.

A Revolução de 1930 proporcionou o aparecimento de novas exigências educacionais. Nesse momento, o Método Sueco não atendia mais às expectativas de formação dos sujeitos. Necessitava-se nesse novo período, além da eugeniização da raça, formar o indivíduo para que atendesse às novas demandas da sociedade de trabalho, em um momento no qual o Brasil passa a se modernizar e entrar no modelo capitalista de produção, precisando de homens para a força de trabalho. Punha-se como objetivo da Educação Física não mais curar defeitos ou moléstias, mas desenvolver as potencialidades e as capacidades físicas dos alunos, passando de uma concepção ortopédica para uma concepção em termos de eficiência (SCHNEIDER, 2003).

Adotado oficialmente nas escolas brasileiras a partir de 1931, o Método Francês foi um sistema ginástico desenvolvido na França na Escola Militar de Joinville-le-Pont. Possuía como base o *Règlement Général d'Education Physique*.

Sua tradução foi oficializada no Brasil sob o título de *Regulamento nº 7 de Educação Física*.³⁹

Adotando o método preconizado pela E. S. E. F. de Joinville-le-Pont e praticando-o a vários anos procura a Escola de Educação Física do Exército fazer a sua adaptação ao elemento nacional, por isso é que esse método, que em suas características científicas, apresenta as maiores probabilidades de perfeita adaptação ao nosso caso particular (ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO, 1934, p. 5).

O objetivo principal não se caracterizava mais em curar defeitos e eliminar taras. Segundo Schneider (2003), as aulas com base no Método Francês eram projetadas para realizar a economia de forças e desenvolver as potencialidades e capacidades dos alunos. Com a expansão da industrialização, desejava-se que o indivíduo fosse mais competitivo.

Em uma sociedade que se projeta a ser competitiva, em que o paradigma educacional se orienta segundo o molde da fábrica, em que o ritmo da cidade insiste que o homem seja cada vez mais competitivo e especializado, não há dúvidas de que o esporte passou a ser conteúdo privilegiado do método oficial, tornando-se o principal elemento constituidor do repertório de saberes a serem ensinados no ambiente escolar pela Educação Física [...] (SCHNEIDER, 2003, p. 131).

A adoção do Método Francês buscava responder a outras necessidades que o Método Sueco não conseguia mais atender. Tornando-se um país cada vez mais industrializado, o Brasil necessitava investir em medidas em que a população transformasse energia em força para o trabalho. Para a expansão da industrialização, desejava-se que a população brasileira fosse mais competitiva. Diante desse contexto, o esporte representou um dos conteúdos do Método Francês que auxiliariam no alcance desses objetivos na formação do cidadão brasileiro.

Isso não nos permite afirmar que a preocupação com os preceitos higiênicos não fizesse mais sentido. Os laços entre a Educação Física e a saúde permaneceram fortes, principalmente com os cuidados pretendidos pela Educação Física para as crianças e adolescentes, pois nada adiantava se o corpo não correspondesse a uma perfeita saúde.

³⁹ De acordo com Horta (1994), o Método Francês já se fazia presente desde 1919 por influência da Missão Militar Francesa, que permanece no País até 1937, marcando profundamente a evolução do Exército brasileiro durante as décadas de 1920 e 1930. Os franceses influenciaram a organização no ensino militar e a concepção de educação dos militares.

O Espírito Santo, na busca de uma passagem de um Estado essencialmente agrário para o início de uma industrialização, investiu em um projeto de modernização, tendo adotado o Método Francês nas aulas de Educação Física. Homens e mulheres bem formados em termos de aparência e eficiência representariam uma nova nação, mais moderna, alcançando os anseios desejados pelo Estado. O aumento da população urbana capixaba exigia que o indivíduo estivesse preparado para novas demandas sociais, novas relações e sensibilidades.

Acreditava-se que a prática da Educação Física, orientada por esse método, além do melhoramento físico, representado por um corpo forte, robusto e eficiente, favorecia também o desenvolvimento intelectual e moral para esse novo cidadão, mais moderno, apto a contribuir para a modernização do Estado do Espírito Santo. Na tríade do desenvolvimento moral-físico-intelectual, consideravam que estava a fórmula da potencialização das capacidades humanas.

O Método Francês foi implantado no Espírito Santo após a criação do Curso de Educação Física. Essa instituição formava professores aptos a orientar sua prática nas escolas. É nesse ambiente que se torna possível observar o projeto de Educação Física pretendido para o Espírito Santo, as intencionalidades e as particularidades que sua prática obteve no Estado.

1.3 O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO NA DÉCADA DE 1930: DA CIRCULAÇÃO DE SABERES À FORMAÇÃO DOCENTE

Pensado a partir de uma nova perspectiva de reorganização do ensino da instrução no Estado, o Curso de Educação Física integrava um projeto que reconfigurava o processo educativo. Enfatizando o conhecimento apresentado no curso na década de 1930, foi possível compreender as práticas ministradas em seu interior, tendo como objetivo demonstrar as novas expectativas que eram vislumbradas para a formação de professores de Educação Física do Brasil e, mais especificamente, no Estado do Espírito Santo.

O Método Francês já se fazia presente no Exército brasileiro desde a década de 1920 (HORTA, 1994; FERREIRA NETO, 1999), mas foi somente com o movimento revolucionário ocorrido em 1930, com a presidência de Getúlio Vargas e a participação dos militares no governo, que o Método Francês passou a ser pensado e adotado para a população brasileira

Dela nos veio o Método Francês, que adotamos, que é fruto de 100 anos de experiência e que 'como um sopro de vida nova, está fazendo vibrar também a nossa Patria, atraindo efébos ao campo, em que respirem a folego largo, impelindo-nos uma estatística morfologicamente harmoniosa e uma dinâmica poderosa e equilibrada, qualidades que as gerações têm o dever de transmitir aos filhos, que chamam à vida, mas que lhes não podem dar, se elas próprias não as possuírem' (CONFERENCIA INAUGURAL..., 1934, p. 3).

No Espírito Santo, com a nomeação do interventor João Punaro Bley e de outros militares compondo a gestão estadual, é criado, em 26 de junho de 1931, pelo Decreto nº 1.366, o Curso de Educação Física. O motivo de sua criação seria o desejo do governo revolucionário de expandir a prática da Educação Física orientada pelo Método Francês, já conhecido entre os militares e que poderia ser colocado à disposição da população brasileira, o que proporcionaria o desenvolvimento da raça brasileira e o progresso do Espírito Santo e do País.

Assim é expressa a criação do curso: “Neste Estado, com a criação do Curso Especial de Educação Física, o Governo Revolucionário do Espírito Santo materializou essa imensiosa necessidade. Funcionando este Instituto, regularmente, desde 1931” (CONFERENCIA INAUGURAL..., 1934, p. 3). Por meio das matérias sobre o curso no jornal *Diário da Manhã*, visualizamos a importância que essa instituição reservou à Educação Física para o Espírito Santo,

A presença de V. Excia. [João Punaro Bley] [...], honranos sobremodo e a recebemos com a maior prova de que animam a V. Excia. Os mesmos propositos com que, em 1931, considerando a necessidade da existencia de um aparelho administrativo encarregado de promover e dirigir a educação physica em nossas escolas, afim de corresponder á aspiração collectiva relativamente ao preparo de homens fortes e sadios, criou o Serviço de Educação Physica no Estado (ESCOLA DE EDUCAÇÃO PHYSICA, 1935, p. 3).

Mas o curso só foi efetivamente inaugurado em 24 de agosto de 1931, quando se iniciam os trabalhos com a primeira turma. Considerado um Curso de Emergência, o período letivo⁴⁰ teve uma média de três meses de duração, ocorrendo seu encerramento em 1º de dezembro do mesmo ano (ESPIRITO SANTO, 1931b, ESPÍRITO SANTO, 1969). Conforme consta nos documentos do Arquivo

⁴⁰ Preferimos manter a terminologia utilizada no recorte temporal, ao se referir por *período letivo* à formação acadêmica de uma turma, que durava em torno de quatro a oito meses na primeira década de funcionamento do curso. Atualmente atribuímos a período letivo a divisão de uma formação acadêmica em seis meses.

Permanente do Cefd/Ufes, em seu início, contava com um número muito restrito de alunos.

O Curso de Emergência formou seis professoras e apenas um monitor. No mesmo dia do término do Curso de Emergência, foi instalado o primeiro curso regular, chamado de Curso de Férias, por ter sido ofertado entre dezembro de 1931 e março de 1932 (ESPIRITO SANTO, 1931b), contando com 26 professores formados. Apesar de o Curso de Férias ter oferecido o Curso de Formação de Instrutor e Monitor, houve suspensão dos dois em função da insuficiência de alunos matriculados e da necessidade de um melhor aproveitamento na formação dos alunos (ESPIRITO SANTO, 1931-1932).⁴¹

No decorrer dos períodos letivos, no ano de 1934, o curso já contava com sete meses de duração, momento em que passa a se denominar Escola de Educação Física,⁴² aumentando para oito meses no período letivo de 1935. A média de professores formados também se manteve a partir do período letivo de 1932, contando com aproximadamente 25 alunos nas turmas seguintes (ESPIRITO SANTO, 1931b; ESPIRITO SANTO, 1931-1932; ESPIRITO SANTO, 1932-1934; ESPIRITO SANTO, 1935; ESPIRITO SANTO, 1939).

Os indícios nos levam a inferir que a curta duração dos períodos letivos na primeira década de existência pode estar relacionada com a necessidade de especialização rápida de professores para que ministrassem o novo método de Educação Física adotado nas escolas. Os planos de aula assim previam:

I - Sendo a duração do Curso muito pequena devem ser os programas reduzidos ao indispensável; quando esta redução não se puder fazer em vista da importância dos assuntos a tratar, é necessário que se os resume no que de mais perto, interesse e seja útil ao fim principal (educação física elementar) a que se destinam as alunas (ESPIRITO SANTO, 1932a, p. 13).

Os professores diplomados pelo Curso de Educação Física eram recebidos com entusiasmo, grande incentivo e expectativa em suas profissões, como podemos notar em matéria publicada no jornal *Diário da Manhã*:

[...] [os professores diplomados] seguirão dentro em breve a seus novos destinos, reforçando o número dos batalhadores por tão nobre causa, todos,

⁴¹ Decidimos manter a data do início de sua produção até o ano de seu término.

⁴² Em substituição ao Curso Especial que vinha sendo realizado desde 1931, pelo Decreto nº 5.207, de 24 de agosto de 1934, passa a se chamar Escola de Educação Física (ESPIRITO SANTO, 1932-1934).

animados da mesma fé, com o desejo de servir ao Estado e ao Paiz, missão que desempenharão com todo o entusiasmo, despertando as energias da nossa nacionalidade, fazendo crescer cada vez mais o Brasil, grande e forte (ESCOLA DE EDUCAÇÃO PHYSICA, 1935, p. 3).

Os professores, na homenagem que era prestada para entrega dos diplomas, realizavam a leitura de uma mensagem, reforçando o motivo da missão para a qual estavam sendo formados,

‘RECONHECENDO SER A EDUCAÇÃO FISICA A PEDRA FUNDAMENTAL DA MAGESTOSA OBRA DO REVIGORAMENTO DA NOSSA RAÇA, FATÔR ESSENCIAL AO PROGRESSO NACIONAL, PROMETO (o aluno estenderá o braço direito á frente, no plano horizontal) DESEMPENHAR A MINHA NOVA MISSÃO COM ARDÔR, ENTUSIASMO E CIVISMO QUE ME INSPIRAM O AMOR PATRIO’ (ESPIRITO SANTO, 1932-1934, p. 339).

Nessa “nova missão” para a qual os professores eram formados, desde o Curso de Emergência, notamos que as mulheres passaram a ser maioria entre os alunos matriculados no Curso de Formação de Professores. Das seis matrículas realizadas, todas eram de mulheres (ESPIRITO SANTO, 1931b; ESPIRITO SANTO, 1931-1935). Essa característica se manteve no decorrer das próximas turmas. No Curso de Férias, foram diplomados 23 mulheres e apenas três homens (ESPIRITO SANTO, 1931-1932; ESPIRITO SANTO, 1931-1935). No período letivo realizado de janeiro a maio de 1933, dos 17 alunos formados, 14 eram mulheres e 3 homens (ESPIRITO SANTO, 1932-1934; ESPIRITO SANTO, 1931-1935). No período letivo ocorrido de novembro de 1933 a maio de 1934, foram formadas 21 professoras, em comparação com apenas 4 homens (ESPIRITO SANTO, 1932-1934; ESPIRITO SANTO, 1931-1935). No período letivo ocorrido de julho de 1934 a fevereiro de 1935, foram diplomados 27 alunos, 24 mulheres e 3 homens (ESPIRITO SANTO, 1935; ESPIRITO SANTO, 1931-1935). No período letivo realizado de março a novembro de 1935, de um total de 24 alunos formados, 18 eram mulheres e 6 homens (ESPIRITO SANTO, 1935; ESPIRITO SANTO, 1931-1935). E no período letivo ocorrido de março a dezembro de 1939, verificamos que 26 alunos graduados eram mulheres e apenas 2 homens (ESPIRITO SANTO, 1939).

Ao trazer para a discussão a Figura 1, mostramos a turma de alunos formados no ano de 1933. Na parte superior, podemos visualizar o quadro de

professores que prestaram serviço durante o período letivo, com a presença do interventor, capitão João Punaro Bley; abaixo, os alunos diplomados. Essa imagem reafirma a grande presença de mulheres em relação à de homens que eram graduadas no Curso de Educação Física do Espírito Santo.

Figura 1 – Quadro de alunos formados no ano de 1933⁴³



Fonte: Revista de Educação Física, 1933.

As informações demonstram a característica que obteve o Curso de Educação Física do Espírito Santo na formação de professores durante a década de 1930. A obrigatoriedade de apresentar a formação de normalista para ingresso no curso fez com que as mulheres se destacassem na instituição, uma vez que eram elas, em maioria, que ocupavam o quadro docente de normalistas nas escolas do Estado.

⁴³ A imagem representa o quadro original de alunos formandos no ano de 1933 e pode ser encontrada no auditório do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo.

As fontes nos indiciam que o Curso de Educação Física oferecia aos alunos uma formação em nível secundário, o que nos leva a considerar que essa informação se refere ao fato de que os primeiros professores formados no Curso de Emergência deram continuidade às atividades da instituição, atuando como docentes nos cursos subsequentes (ESPIRITO SANTO, 1932a). Entretanto, observamos que, conforme dados do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, os professores também atendiam às escolas primárias, uma vez que, após o término do curso, eles se tornavam professores também desse nível do ensino, principalmente nas escolas do interior do Estado (ESPIRITO SANTO, 1931-1935; ESPIRITO SANTO, 1934b).

A partir do ano de 1934, sinalizamos uma possível distinção no direcionamento da formação dos professores nos Boletins Diários, documentos que registravam o cotidiano do curso. Advertem que os professores faltosos no dia do exame prático do ciclo secundário não poderiam realizar uma segunda chamada. Observamos que, ao final do curso, os alunos eram submetidos a exames práticos, direcionados para o ciclo elementar ou secundário. Além disso, os certificados passaram a ser distintos, específicos para a Educação Física Elementar ou a Educação Física Secundária (ESPIRITO SANTO, 1932-1934; ESPIRITO SANTO, 1935).

Apesar da distinção nos certificados a partir do ano de 1934 para a Educação Física Elementar e Secundária e a indicação de haver diferença no currículo do curso na formação de professores, não há indícios maiores que apontem haver existência de dois currículos distintos, uma vez que foi observado que os alunos participavam dos mesmos exames, provas e práticas ministradas na instituição.

Com uma formação de curta duração que teve o Curso de Educação Física, quais saberes circulavam? Quais práticas eram realizadas no decorrer do período letivo? Quem eram os professores envolvidos nesses projetos? Quais leituras eram indicadas à formação dos futuros professores? Ao buscarmos compreender os saberes compartilhados no curso, não consideramos haver neutralidade de sentido atribuído por aqueles que coordenavam a organização do plano de ensino do curso, mas os saberes que desejavam que os alunos materializassem em sua prática docente nas escolas capixabas.

O plano de ensino do curso era dividido em dois momentos: ensino teórico e ensino prático. Expomos aqui o programa de disciplina⁴⁴ do período letivo ocorrido durante o ano de 1933 para exemplificar as disciplinas contidas e as mudanças que o programa de disciplina sofria, conforme os períodos letivos. Faziam parte do ensino teórico as disciplinas: *Higiene, Fisioterapia e Socorros de Urgência, Anatomia, Fisiologia e Mecânica dos Movimentos, Pedagogia da Educação Física, Antropometria e Noções de Morfologia e História da Educação Física*. No ensino prático, compunham o programa as disciplinas: *Execução Prática dos Exercícios do Método, Composição de Lições e Direção de Lições*.

O plano de ensino do curso sofria algumas modificações entre os períodos letivos. Notamos essa mudança quando comparamos o plano de ensino do período letivo ocorrido no ano de 1932 com a presença da disciplina *Ginástica Ortopédica* no ensino teórico e das disciplinas *Estudo Geral da Educação e Harmonia dos Movimentos, Ginástica Rítmica e Danças Regionais* e *Iniciação Desportiva* no ensino prático. No plano de ensino do período letivo ocorrido no ano de 1934, as disciplinas *Fisioterapia e Ginástica Rítmica e Danças Regionais* voltam a fazer parte do plano de ensino, observando a inclusão das disciplinas *Noções de Biotipologia e Noções de Estatística* no ensino teórico.

É possível observar alguns objetivos do ano de 1933 que sinalizavam algumas finalidades que o curso pretendia alcançar com a organização do programa de disciplina ministrado na instituição:

A necessidade de conhecer-se o organismo para bem dirigir a obra da educação física, resalta das próprias bases científicas em que se apoiam os métodos modernos.

A Higiene, ciência da saúde, tem que servir de fundamentos á educação do organismo.

A narração dos fatos e acontecimentos que marcaram os periodos áureos e de decadencia da educação física, desde a idade da pedra até a contemporanea, é fonte de conhecimentos indispensaveis aos que se vão entregar a este novo mister.

Toda a ação educativa deve ser apoiada no aspecto psico-efetivo e exige um método de ensino, cuja necessidade sobrelevase na educação física.

⁴⁴ Preferimos manter a terminologia utilizada no recorte temporal, *programa de disciplina*, ao nos referirmos aos programas de cada disciplina que eram organizados pelos respectivos professores responsáveis, compostos por um plano de ensino geral do período letivo, em programas mensais e semanais.

Um estudo mais detalhado do aparelho locomotor, sob o ponto de vista anatomico e mecânico, é de todo justificavel para uma melhor analise dos movimentos do método.

A educação física moderna, exigindo um perfeito controle do seus processos, busca elementos na Antropometria para determinação do valor psico-somático do individuo e na Biotipologia e na Estatística para classificá-los.

É sempre util saber como atender a um acidente, em caso de urgencia.

Finalmente apurar fisicamente os alunos para que se sintam os beneficios e os resultados que poderão obter com pratica diaria e metodica do exercicio físico, treinando-os na execução dos exercicios do método, desembaraçá-los na composição e direção das sessões de trabalho, deve constituir preocupação constante (ESPIRITO SANTO, 1933a, p. 14).

Como o Método Francês era considerado o método oficial para as escolas brasileiras, a aluna Maria Orlandina Bomfim apresenta algumas considerações importantes para sua inserção nas escolas de todo o Brasil. Considera a aluna,

Este methodo apresenta uma vantagem extraordinária, jamais vista em outro. Corrige com perfeição os esforços estaticos do methodo sueco, que a experiencia mostra ser contraproducente; introduz a verdadeira caracteristica dos movimentos naturaes: - completos, continuos e arredondados; dosa sufficientemente os esforços que são exigidos pelos diferentes exercicios; reprova o emprego dos movimentos analyticos por naturaes. E' portanto o methodo mais perfeito, razão por que é adoptado no exercito brasileiro, nas nossas escolas, e o mais ensinado nos cursos de educação physica espalhados por todo o Brasil. Aqui, nas nossas escolas, já foi introduzido, sendo ministrado por competentes professores diplomados pelo Curso de Educação Physica do Estado, obtendo os nossos collegiaes muitos proveitos (BOMFIM, 1933, p. 11-12).

A organização disciplinar do curso estava orientada pelo *Regulamento nº 7 de Educação Física*, quando este estabelece que o ensino da disciplina seria dividido em três partes: Bases Fisiológicas, Bases Pedagógicas e Pedagogia Aplicada, enfatizando as práticas dos esportes individuais e coletivos (ESTADO MAIOR DO EXERCITO, 1934). Argumenta a aluna Orlandina Ribeiro que nem todos os métodos estavam em condições de satisfazer às necessidades sociais, pois “[...] faltaram-lhes a obediencia de principios de fisiologia, anatomia, higiene e pedagogia” (RIBEIRO, 1934b, p. 4), exigências estas presentes no Método Francês.

Com relação à sessão de ensino prático do curso, a forma como estava organizada seguia a orientação do *Regulamento nº 7 de Educação Física*. Seu ensino era orientado de acordo com os ciclos: Educação Física Elementar (pré-

pubertária), destinada às crianças de 4 a 13 anos; Educação Física Secundária (pubertária e pós-pubertária), destinada aos indivíduos de 13 a 18 anos; Educação Física Superior (esportiva e atlética), destinada aos indivíduos de 30 a 35 anos; Educação Física Feminina; Adaptações Profissionais e Ginástica de Conservação (ESTADO MAIOR DO EXERCITO, 1934).

A Educação Física Elementar, ou pré-pubertária, destinada aos alunos de 4 a 13 anos, tinha como fim ser higiênica, auxiliando no desenvolvimento das grandes funções orgânicas, como a respiratória, a circulatória e a articular, além de auxiliar no desenvolvimento da memória e do espírito alegre. Para que se alcançassem essas finalidades, algumas práticas são recomendadas, como os jogos, brincadeiras historiadas e exercícios mímicos, classificados como atividades mais indicadas. Assim considera a aluna Mathilde Crema sobre esses exercícios:

No periodo pre-pubertario, que vae dos quatro aos treze anos a creança necessita de uma saude vigorosa pelo desenvolvimento normal de suas faculdades fisicas e equilibrio perfeito de suas funções organicas, particularmente da função respiratoria.

A creança está em pleno crescimento; a educação fisica, será antes de tudo, higienica, constatando-se em seguir o crescimento sem pretender dirigil-o.

Dos cinco aos nove anos é a idade do despertar do espirito. Os exercicios devem ser variados, a lição alegre, viva, animada, afim de não fatigar a atenção das creanças pois, o movimento e a alegria encanta-as.

Deve-se-lhes dar jogos os mais numerosos possivel; deixal-as interpretar historias infantis que não só são exercicios ginasticos excelentes como educam desde cedo o espirito (CREMA, 1933b, p. 3-4).

O ensino secundário, correspondente aos alunos com faixa etária dos 13 aos 18 anos, é o período em que o adolescente começa “[...] a desenvolver o gosto pelo esforço, dando aos exercicios um carater mais utilitario” (CREMA, 1933b, p. 7). A partir desse momento, os exercícios tornam-se um pouco mais complexos. Pondera a aluna Mathilde Crema,

Daí a necessidade de dar-lhes exercicios que tenham por fim ativar os músculos que não trabalham suficientemente, em particular os do tronco, e combater as atitudes viciosas por meio de exercicios de transporte de sacos de areia, em equilibrio sobre a cabeça, exercicio de suspensão alongada (CREMA, 1933b, p. 8).

Porém, adverte a aluna Julieta Greppe:

É útil que a criança jogue, corra, faça exercícios, porém, proporcionalmente ao grau de seu desenvolvimento osseo; seu exercício muscular deve ser convenientemente dosado, não se deve forçar a idade fisiológica e para isto, PROIBIR OS EXERCÍCIOS ATLETICOS, que só deverão ser permitidos quando o crescimento em altura estiver terminado, isto é, entre os 18 e 20 anos (GREPPE, 1933, p. 6).

Para a Educação Física Superior, direcionada aos indivíduos de 30 a 35 anos, que já se encontravam com o organismo desenvolvido, passa a ser indicada a prática dos esportes, por ser capaz de “[...] assegurar a saúde melhorando o funcionamento dos órgãos, do aparelho respiratório e o coração” (GREPPE, 1935, p. 54).

O Método Francês também oferecia atividades específicas para a Educação Física Feminina. A aluna Helena Serrano informa sobre a importância da prática da Educação Física aplicada à mulher. Para a autora, a Educação Física tinha por finalidade manter a saúde e a beleza da mulher, desenvolvendo harmoniosamente o corpo. Os exercícios propostos são diferenciados para ambos os sexos, entendendo que a mulher possui necessidades e características específicas:

[...] o exercício físico é útil aos dois sexos; mas notamos que certas funções particulares às moças [...]. Os esforços intensos, principalmente na puberdade, não lhe são salutares e quando prolongados terminam arruinando a saúde das moças. A mulher não foi constituída para lutar, e sim para procrear. É necessário portanto, que os exercícios físicos que lhe são apropriados contribuam para o desenvolvimento normal da bacia. Esses exercícios são: a marcha, os exercícios rítmicos, muito principalmente a dança, exercícios de suspensão (pouco demorados), saltos à corda, lançamentos de pesos, esgrimas [...], jogos de raquete, exercícios de equilíbrios, natação, etc, (SERRANO, 1932, p. 6-7).

Pensando nas tarefas realizadas pelos homens em seu dia a dia profissional, o Método Francês também oferecia atividades de Adaptações Profissionais, assegurando o desenvolvimento do organismo e a garantia de uma boa saúde, condizentes com as atividades profissionais, a fim de aumentar o rendimento no trabalho. A aluna Julieta Greppe sinaliza que a Educação Física, aplicada

[...] por meio de exercícios methodicos, racionaes, e utilitarios, permite ao homem attingir o mais alto grau de aperfeiçoamento physico que sua constituição comporta, resultando desse aperfeiçoamento, como já disse, qualidades que podem ser enumeradas da seguinte maneira: Saúde, Força,

Resistencia, Agilidade, Tempera de caracter e Harmonia de formas e de proporções (GREPPE, 1935, p. 54).

Por fim, o Método Francês também evidenciava a necessidade de manter a Ginástica de Conservação, possibilitando ao indivíduo “[...] na idade madura [...] manter o bom estado de equilibrio, conservando a saude e afastando a epoca da decadencia” (GREPPE, 1935, p. 54).

Ao analisar os documentos do curso, podemos perceber que uma prática bastante recorrente eram as sabatinas, provas realizadas pelos alunos correspondentes a cada disciplina do curso, aplicadas mensalmente. Além das sabatinas, os alunos participavam de exames finais, realizados por meio de provas escritas, orais ou práticas, de acordo com a especificidade da disciplina. Outra prática presente no currículo do curso correspondia à produção de uma monografia pelo aluno, que deveria escolher determinado tema, discorrer sobre o assunto e apresentá-lo a uma banca examinadora.

Essas práticas realizadas durante a formação dos professores determinavam uma ordem classificatória dos alunos, segundo a média final obtida pelas sabatinas e provas ao final do curso. Os alunos com média entre 8 e 10 recebiam a menção “muito bem”, significando que obtiveram essa nota por se destacarem nos processos de ensino-aprendizagem. Os alunos com média entre 6 e 8 recebiam a menção “bem” e os alunos com média entre 5 e 6, a menção “regular” (ESPIRITO SANTO, 1932-1934).

As disciplinas do ensino prático eram realizadas diariamente, “[...] com uma sessão de trabalho fisico por dia, e com provas mensais de execução, direção, além dos exames [...]” (ESPIRITO SANTO, 1934a, p. 1). O processo de ensino da sessão de ensino prático previa que “Os programas do ensino prático serão organizados para cada grau e ciclo, tendo-se em vista estudar todos os exercícios do Método” (ESPIRITO SANTO, 1934a, p. 1), conforme já apresentado. Os alunos em formação possuíam conhecimentos da Educação Física direcionados para todos os ciclos. Ao analisar os documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, percebemos maior ênfase para o ciclo elementar e secundário. Destacamos que eram os ciclos que os professores formados recebiam indicados em seus diplomas, isto é, os certificados para Educação Física Elementar ou Educação Física Secundária.

Nos dossiês dos alunos, documentos que registravam a passagem de cada aluno na instituição, localizamos a produção de planos de exercícios pelos alunos

em formação, sempre direcionados para o ciclo elementar, distintos para meninos e meninas. Essa seria mais uma prática avaliativa e formativa presente no curso, preparando o futuro professor para sua atuação nas escolas, uma vez que, nos programas de disciplinas do curso, os alunos possuíam uma matéria prática denominada *Composição de Lições*.

Figura 2 – Plano de ensino do Curso de Educação Física

CURSO ESPECIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Seção feminina.

PROGRAMA DE EXERCÍCIOS para a primeira quinzena do Curso Especial de Educação Física.

FIM A ATINGIR : Ensinar-lhes elementos do 2º grau do ciclo elementar, particularmente rodas, jogos respiratórios e sensoriais.

PROGRAMA DOS EXERCÍCIOS:

II EVOLUÇÕES: Rodas (mãos dadas)

Marcha normal batendo com os pés.
 Marcha em círculo.
 Marcha em serpentina.
 Marcha em espiral (caracol.)

RODAS: (Mãos dadas .)

Carneirinho....
 Ciranda...Cirandinha...
 Pisa... Pisa...
 Passa a ponte da linhaça...
 Princesa Rosa.
 O Brasil.
 O sorteado.
 O Brasil é bom.
 Marcha.
 Onda vai, onda vem.
 Nana, Nanana.
 O tamborinho.
 Um...dois...tres...
 O galinho.
 Princesa D. Isabel.

III FLEXIONAMENTOS ~~simples~~ simples executados por imitação.

a) ~~dos braços.~~
 b) dos braços.

Flexão dos ante-braços em diferentes planos. R. 8 Rep. Min. 5 Max.10.
 Elevação horizontal dos braços em diferentes planos. R. 8 Rep. Min. 5 Max.10.
 Elevação vertical dos braços em diferentes planos. R. 6 Rep. Min. 5 Max.10.
 Elevação dos braços para a frente e depois afastamento para trás. R.15 Rep. Min.10 Max.20.
 Elevação lateral dos braços e flexão dos ante-braços no plano horizontal. R.15 Rep. Min.10 Max.20.
 Elevação lateral dos braços e flexão dos ante-braços no plano vertical. R.15 Rep. Min.10 Max.20.

c) das pernas:

Mãos nos quadris. Elevação dos joelhos em diferentes planos. R. 6 Rep. Min. 4 Max. 8.
 Mãos nos quadris. Elevação do joelho e extensão da perna em diferentes planos. R. 2 Rep. Min. 3 Max. 6.
 Grande afastamento lateral. Mãos nos quadris. Flexão alternada das pernas. R. 8 Rep. Min. 5 Max.10.
 Mãos nos quadris. Flexão e extensão das pernas. (Joelhos afastados.) R.10 Rep. Min. 7 Max.14.

Departamento de Educação Física
 PROTOCOLLO. Geral Nº 383
 Livro... Fls 144
 Recebido em 6-11-93
 A...
 E...

Fonte: Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, 1933.

Figura 3 – Plano de ensino do Curso de Educação Física

<u>CONTINUAÇÃO.</u>	
Mãos nos quadris. Flexão e extensão das pernas. (Joelhos e pés unidos.)	R. 10 Rep. Min. 7 Max. 14.
<u>α) do tronco:</u>	
Mãos nos quadris. Abrir para a frente, oblíquo e lateral.	R. 3 Rep. Min. 6 Max. 10.
Mãos nos quadris. Afastamento lateral do tronco.	R. 5 Rep. Min. 5 Max. 10.
Mãos nos quadris. Afastamento lateral. Flexão lateral do tronco.	R. 5 Rep. Min. 5 Max. 10.
Afastamento lateral. Flexão e extensão do tronco.	R. 6 Rep. Min. 6 Max. 12.
Mãos nos quadris. para a frente com rotação do tronco para o lado da perna avançada.	R. 5 Rep. Min. 5 Max. 10.
<u>JOGOS RESPIRATORIOS:</u>	
Cheirar a flôr.	
Apagar a vela.	
A sopa está quente.	
As bolhas de sabão.	
O sol.	
O foguete.	
O apito do trem.	
A sereia.	
O canto do galo.	
O cantor.	
O espirro.	
A estrelinha.	
<u>EXERCÍCIOS DE IMITAÇÃO:</u>	
<u>IV</u>	<u>Marchar:</u>
	O anão e o gigante.
	O pato.
	A centopeia.
	O papão e o pequeno polegar.
<u>V</u>	<u>Trepar:</u>
	Tirar água do poço.
	O desenhista maneta.
	A garça.
	Limpador de chaminé.
<u>VI</u>	<u>Saltar:</u>
	O polichinelo.
	O alfaiate.
<u>VII</u>	<u>Levantar e transportar:</u>
	A onda.
	Os remadores.
	A roda.
	O serrador.

Fonte: Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, 1933.

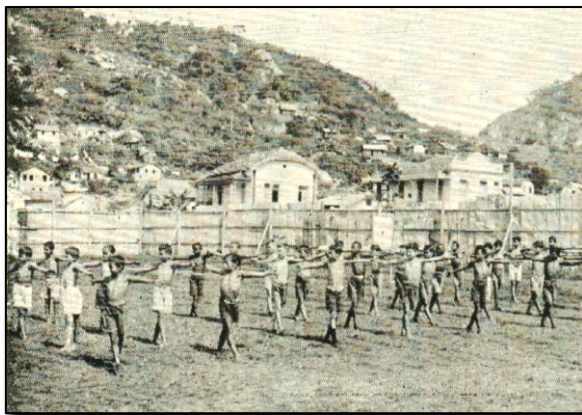
Nas Figuras 2 e 3, demonstramos um programa de atividades produzido pelos alunos em formação destinado ao 2º grau do ciclo elementar. É possível observar as práticas previstas para esse nível de ensino, que enfatizavam ginásticas e jogos em forma cantada e historizada.

Nos planos de aula, havia a preocupação de uma formação que oferecesse conteúdos que não fossem apenas técnicos, mas que também despertassem a ludicidade. Pretendia-se desenvolver uma aula menos repetitiva, em que os exercícios fossem praticados em formato de jogos e brincadeiras, o que poderia favorecer a sua prática no ensino primário e secundário.

No início do ano de 1933, também há a criação de uma Seção Infantil de exercícios práticos de Educação Física no interior do próprio curso, sob a direção de alunas já diplomadas (ESPIRITO SANTO, 1932-1934). Possivelmente, a Seção Infantil foi uma escola de aplicação de exercícios voltados a esse ciclo, para os alunos em formação, no intuito de aperfeiçoar sua docência.

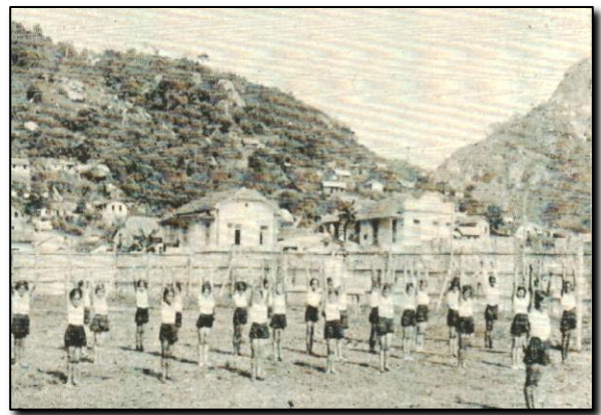
Algumas imagens do Curso de Educação Física do Espírito Santo são publicadas pela *Revista de Educação Física*,⁴⁵ demonstrando a importância que esse Estado reservava à Educação Física. Dentre algumas imagens, duas se destacam em relação à Educação Física Infantil. Como vemos nas Figuras 4 e 5, há crianças, separadas de acordo com o sexo, realizando uma aula de Educação Física ministrada no interior do Estádio Governador Punaro Bley, lugar onde estava estabelecido o Curso de Educação Física. É possível que essas imagens se refiram aos exercícios práticos da Seção Infantil, ministrados por alunos em formação.

Figura 4 – Aula de Educação Física para meninos no Estádio Governador Bley



Fonte: Revista de Educação Física, 1933.

Figura 5 – Aula de Educação Física para meninas no Estádio Governador Bley



Fonte: Revista de Educação Física, 1933.

⁴⁵ A *Revista de Educação Física* foi criada pelo Centro Militar de Educação Física no ano de 1932, considerada pioneira na publicação periódica da área da Educação Física e que, atualmente, é publicada pelo Instituto de Pesquisa e Capacitação Física do Exército.

O ensino prático era justificado no curso, tendo como objetivo:

O ensino pratico será ministrado em sessões de estudo visando treinar os alunos na execução dos exercicios, em lições de educação física, sessões de jógos e de natação, organizadas pela instrutora e visando melhora-los fisicamente. Frequentemente, os alunos deverão compor e dirigir sessões para os diferentes graus e ciclos (ESPIRITO SANTO, 1933a, p. 6).

Quando analisamos o currículo do curso, também identificamos a presença das práticas esportivas como conteúdo na sessão de ensino prático. Esses conhecimentos eram considerados indispensáveis para os professores que estavam sendo formados. Eram destinados à seção feminina os grandes jogos, além da ginástica e danças. Para a seção masculina, eram ensinados os jogos individuais e os esportes coletivos (ESPIRITO SANTO, 1932-1934),⁴⁶ como podemos conferir:

A iniciação desportiva, visando particularmente a secção masculina, será feita desde o inicio do curso, com o fim de ensinar o aluno o 'estilo' cuja posse é necessaria para obter nos desportos individuais, resultados equivalentes a sua potencia física e as noções tecnicas e taticas essenciais e indispensaveis para a prática dos desportos coletivos. A ginastica ritmica e as dansas regionais, visando particularmente a secção feminina tambem terão inicio no meio do curso, com o fim de cultivar a graça e a belesa, e a harmonia e ritmo do movimento (ESPIRITO SANTO, 1934a).

Em relação aos esportes, sua presença, a partir desse período, esteve voltada para o fato de que, no contexto educacional brasileiro, “O discurso que vinha se autoafirmando desde o final do século XIX como moderno, experimental e científico voltava suas preocupações para a ortopedia como arte da correção da deformação [...]” (SCHNEIDER, 2003, p. 116), deslocou-se de uma concepção ortopédica para uma concepção de eficiência. Os esportes, nesse sentido, são incorporados como conteúdo privilegiado do Método Francês.

Um dos motivos que teria levado à introdução dos esportes, como afirma Schneider (2003, p. 118), “[...] era a incapacidade de muitas pessoas para a

⁴⁶ No ensino prático, as atividades esportivas eram separadas, havendo a seção masculina e a feminina. Para a prática masculina, eram indicados os esportes (individuais e coletivos) e, para a seção feminina, os grandes jogos, a ginástica rítmica e danças regionais. A seção de ensino prático era assim distinta em função da especificidade biológica dos indivíduos. Considerava-se que as mulheres não poderiam praticar as mesmas atividades, conforme as funções distintas na sociedade, cabendo aos homens o trabalho e às mulheres, a procriação. Cada seção recebia um auxiliar que ajudava o professor na organização das aulas, principalmente compondo a banca de comissão para a avaliação nos exames finais. Esses auxiliares eram alunos formados pelo próprio curso que retornavam para a instituição como professores. Os professores eram direcionados para atuar na seção masculina, e as professoras, para a seção feminina no ensino prático (ESPIRITO SANTO, 1931-1932; ESPIRITO SANTO, 1932-1934; ESPIRITO SANTO, 1935).

execução da série de exercícios propostos pelos métodos e pela monotonia dos movimentos”. Os métodos ginásticos adotados anteriormente deram lugar a uma nova prática, os esportes, pela sua relativa facilidade de aprendizagem, rompendo com as séries de exercícios monótonos.

Goellner (1992) sinaliza que as práticas esportivas começaram a se tornar mais presentes a partir da adoção do Método Francês. Ao observar as origens do Método Francês desde seu planejamento na Escola Militar de Joinville le Pont, Goellner (1992) entende que esse método é alicerçado na ciência, em que o conhecimento da fisiologia fundamenta e consolida as teorias que ele apresenta. Segundo a autora, o Método Francês foi instalado no Brasil na tentativa

[...] da completa uniformização da Educação Física que [...] produziu um conjunto de saberes embutidos nas concepções mecanicistas e fragmentadas não só do movimento humano como também da própria Educação Física, sua história, função social e abrangência [...]. Um método elaborado dentro de uma escola militar com fins direcionados especificamente para o adestramento, a disciplinarização, a formação moral e física do soldado, a regeneração da raça e a formação do homem forte capaz de atender aos anseios de defesa e progresso da nação, não apenas mediante a luta nas guerras, mas também frente a sua atuação enquanto força de trabalho a produzir as riquezas da Pátria (GOELLNER, 1992, p. 69).

Goellner (1992) sustenta a ideia de que o Método Francês teria sido um dos responsáveis por gerar a esportivização no contexto brasileiro. Não negamos a forte presença que os esportes apresentaram nesse período, mas, segundo a autora, nas aulas de Educação Física, sua aplicação teria valorizado até mesmo o “coroamento” que teria de ser atingido pelos alunos, configurando-se como “[...] uma espécie de elo entre a escola e o esporte, sendo uns dos responsáveis pela sua inserção no contexto escolar” (GOELLNER, 1992, p. 176). Nesse sentido, a prática da Educação Física teria recebido a mesma orientação tanto na caserna quanto na escola.

Contudo, quando analisamos o currículo do curso e a participação das práticas esportivas como conteúdo privilegiado na sessão de ensino prático, conhecimento que deveria ser atingido pelos professores para sua prática profissional nas escolas, questionamos: teriam os professores a finalidade de que seus alunos atingissem uma *performance* esportiva? Ou teriam os professores, ou melhor, as professoras participado de um projeto de militarização da Educação Física nas escolas capixabas, como indica a historiografia brasileira?

Ferreira Neto (1999), ao fazer uma comparação entre o currículo da EsEFEx e o currículo do Curso de Educação Física do Espírito Santo, apresenta o padrão que os cursos criados nos demais Estados seguiam em relação à EsEFEx. Partindo dessa análise, o autor tirou algumas conclusões sobre os saberes ensinados na formação de professores de Educação Física. Os cursos foram organizados em três áreas básicas: Ciências Biológicas, Ciências da Educação e Disciplinas Específicas da área, conforme orientação do *Regulamento nº 7 de Educação Física*. Dessa forma, ao recorrer ao programa de ensino da EsEFEx, as disciplinas recebiam classificação de 1 a 5, demonstrativos de seus graus de importância. Ao observar as disciplinas de conhecimentos de Pedagogia e profissionalizantes, constatou que recebiam o “peso 5”, enquanto era atribuída uma variação de “peso entre 1 e 3” para as disciplinas das áreas das Ciências Biológicas.

Essa importância dada às disciplinas de cunho pedagógico, segundo Ferreira Neto (1998), desmistifica o discurso predominante de que, na história da Educação Física, os cursos de professores “[...] teriam dado ênfase às Ciências Biológicas, tendo como seu corolário a aptidão física” (p. 94), ideia apresentada por Silva (1996) ao analisar os programas do curso no Estado. De acordo com Ferreira Neto (1998, p. 94), “[...] na Escola de Educação Física do Exército, combatia-se a busca de aptidão física e o rendimento esportivo sem o devido suporte da Educação Física regular, adequadamente ministrada desde os anos de 1930”.

Focalizadas no aperfeiçoamento da formação de professores primários, a organização e realização do Curso de Educação Física do Espírito Santo aumentaram o grau dos conhecimentos que compunham a formação docente de um professor de Educação Física. A organização curricular do curso e as monografias dos alunos evidenciam que outros saberes precisavam ser incorporados à formação docente. Nesse momento, a Fisiologia e principalmente a Pedagogia constituíam-se em bases essenciais ao exercício docente. Conhecer o indivíduo e seus comportamentos e acompanhar seu desenvolvimento físico e seu estado de saúde se tornava indispensável para a atuação profissional de um professor de Educação Física.

As práticas esportivas faziam parte dos conhecimentos que os alunos do curso deveriam vivenciar durante seus processos formativos, mas a presença dos esportes compondo a formação dos professores não nos leva a afirmar que esses saberes eram indicados para o ambiente escolar. Seguindo a orientação do

Regulamento nº 7 de Educação Física, este previa que, para o ciclo elementar e secundário, eram recomendados jogos e brincadeiras em forma cantada e historiada.

Como o Curso de Educação Física era orientado pelo Centro Militar de Educação Física, tomando como base o *Regulamento nº 7 de Educação Física*, observamos que o plano de ensino da Educação Física correspondente para cada ciclo não previa a prática de esportes para a o nível elementar (4 a 13 anos), pois a Educação Física para esse grau deveria ser “[...] higienica; terá por fim desenvolver as grandes funções: respiratoria, circulatoria, articular, etc.” (ESTADO MAIOR DO EXERCITO, 1934, p. 13), não sendo também indicada para o ciclo secundário (13 a 18 anos), pois “Durante êste período o adolescente apresenta menor resistencia [...]. Muitos jovens e principalmente seus pais, tornam-se irremediavelmente hostis a qualquer exercício físico e, sobretudo, ao esporte [...]” (ESTADO MAIOR DO EXERCITO..., 1934, p. 14). A prática esportiva era evidenciada na formação dos professores, porém ela era indicada somente para a Educação Física Superior, Educação Física Feminina e a Ginástica de Conservação, período em que o indivíduo se encontrava fisicamente formado e fora do ambiente escolar.

O objetivo do curso era “[...] habilitar o professorado a ministrar a Educação Física nos estabelecimentos estaduais de ensino [...]” (ESPIRITO SANTO, 1933b, p. 14). Portanto, ao analisar o currículo do Curso de Educação Física do Espírito Santo e as práticas presentes na formação de professores para atuar nas escolas do Estado, não reforçamos a ideia de que a Educação Física teria sido utilizada no Espírito Santo como uma ferramenta para a propagação da militarização e esportivização pretendida pelos militares e pelo Estado, ideia que tem perdurado na historiografia da disciplina.

1.3.1 Os professores do Curso de Educação Física

A busca por informações das pessoas que colocaram em funcionamento e mantiveram o Curso de Educação Física também se mostra significativa para a compreensão do lugar ocupado por tal instituição na escolarização da disciplina no Espírito Santo. Na composição do corpo administrativo e docente, algumas pessoas foram chamadas ou, ainda, formadas na própria instituição.

A ideia da expansão da Educação Física pelos militares à população já é conhecida desde a década de 1920. O ensino da Educação Física era regulado em nível regional com as várias reformas em que os Estados, independentemente do Poder Central, organizavam e efetivavam seu próprio ensino.⁴⁷ A partir da Revolução de 1930, era necessário elaborar uma legislação que estruturasse seu ensino em nível nacional. A ação mais efetiva se deu quando o Centro Militar de Educação Física implantou departamentos e cursos de Educação Física em alguns Estados brasileiros: além do Espírito Santo, em São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Pará, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no decorrer da década de 1930. Nesse caso, o Centro Militar de Educação Física adotou o Método Francês como método oficial que deveria orientar seu ensino nas escolas.

Silva (1996) e Schneider et al. (2013) apresentam os responsáveis advindos do Centro Militar de Educação Física para criar e organizar o curso que, quando inaugurado em 1931, possuía como diretor do Departamento Carlos Marciano de Medeiros⁴⁸ e como diretor-técnico Horácio Cândido Gonçalves. De acordo com os autores, a relação com os meios militares se manteve, influenciando o ensino ministrado no Curso de Educação Física do Espírito Santo, já que o Centro Militar de Educação Física possuía como objetivos orientar e difundir a aplicação do Método Francês na formação de indivíduos mais condizentes com os novos rumos que o Brasil projetava a partir da década de 1930.

Os professores responsáveis por ministrar as disciplinas do curso eram formados no Centro Militar de Educação Física. Dentre eles, os próprios tenentes Carlos Marciano de Medeiros e Horácio Cândido Gonçalves, além de Heitor Rossi Bêlache⁴⁹ e o capitão Arthur Meireles.⁵⁰ Os professores Moacyr Ubirajara, Mario Bossois Ribeiro⁵¹ e o próprio capitão Arthur Meireles possuíam formação em Medicina. Ferreira Neto (1999) destaca que, para que fosse possível a expansão e difusão do método, a EsEFEx proporcionava aos médicos especialização em

⁴⁷ No Espírito Santo, a Reforma da Instrução Pública ocorrida no ano de 1892 e a Reforma Gomes Cardim no ano de 1908 (SALIM, 2011).

⁴⁸ Formado pelo Curso Militar de Educação Física no Rio de Janeiro.

⁴⁹ Esteve presente na inauguração do curso no ano de 1931 e foi denominado tenente (ESPIRITO SANTO, 1931). Realizou o Curso de Educação Física do Espírito Santo, diplomando-se no ano de 1933 como professor (ESPIRITO SANTO, 1931-1935).

⁵⁰ Exerceu o cargo de inspetor médico escolar no Estado do Espírito Santo, na década de 1930 (MEIRELES, 1934).

⁵¹ Exerceu o cargo de chefe do Serviço de Inspeção Médico e Educação Sanitária Escolar no Estado do Espírito Santo, na década de 1930 (RIBEIRO, 1934b).

Educação Física a fim de que eles pudessem ministrar disciplinas nos cursos que passaram a ser criados no Brasil. Além das atividades exercidas no curso, os médicos higienistas Mario Bossois Ribeiro, Arthur Meireles e Cristiano Fraga⁵² ocuparam cargos no Governo Estadual, como chefe do Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária Escolar, inspetor médico escolar e diretor do Departamento de Saúde Pública, respectivamente.

Conforme as turmas se formavam, alguns alunos permaneciam no curso, mas não na condição de alunos, pois já exerciam sua profissão como professores. Já é possível localizá-los compondo a Comissão dos Exames Finais, nas “sabatinas”, ou como auxiliares de disciplina junto com o professor efetivo. Ao evidenciar somente a comissão de professores responsáveis pela formação das 23 professoras de Educação Física, ocorrida entre os anos de 1932 e 1934, localizamos os seguintes professores formados pelo curso: Rita Tossi Quintais,⁵³ Alcira Netto,⁵⁴ Zilda Zodré⁵⁵ e Aloyr Queiroz de Araújo⁵⁶ compondo a comissão de professores do período letivo de 1933; e Heitor Rossi Bélache, Manoel Carvalho de Anchieta,⁵⁷ Ormy Saletto,⁵⁸ Mathilde Crema e los Piovan⁵⁹ formando a comissão de professores responsáveis pela turma do período letivo de 1934.

A partir do período letivo de 1935, os alunos diplomados não ocupavam mais a condição de auxiliares das disciplinas; já eram professores efetivos, encarregados de ministrar a disciplina sob sua orientação. É o caso dos professores Maria

⁵² Exerceu o cargo de diretor do Departamento de Saúde Pública no Espírito Santo, na década de 1930 (FRAGA, 1934).

⁵³ Professora normalista formada pela Escola Normal e diplomada na primeira turma do Curso de Emergência de Educação Física no ano de 1931 (ESPIRITO SANTO, 1931c).

⁵⁴ Professora normalista formada pelo Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (ESPIRITO SANTO, 1922-1925b) e diplomada na primeira turma do Curso de Emergência de Educação Física no ano de 1931 (ESPIRITO SANTO, 1931).

⁵⁵ Professora normalista formada pelo Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (ESPIRITO SANTO, 1922-1925b) e diplomada no Curso de Educação Física no ano de 1932 (ESPIRITO SANTO, 1932d).

⁵⁶ Aloyr Queiroz de Araújo foi normalista diplomado pela Escola Normal no ano de 1930 (ESPIRITO SANTO, 1918-1930a). Formou-se no Curso Especial de Educação Física em 1932 (ESPIRITO SANTO, 1931-1932). No ano de 1933, segue para o Centro Militar de Educação Física, para realizar o Curso de Educação Física oferecido pela instituição, a pedido do secretário do Interior, Wolmar Carneiro da Cunha (ESPIRITO SANTO, 1932-1934).

⁵⁷ Professor normalista formado pela Escola Normal (não foi possível localizar a data de colação de grau) e diplomado no Curso de Educação Física na categoria de professor no ano de 1933 (ESPIRITO SANTO, 1933e). Junto com Aloyr Queiroz de Araújo, seguiu, a pedido do secretário do Interior, Wolmar Carneiro da Cunha, para o Centro Militar de Educação Física, a fim de realizar o Curso de Educação Física (ESPIRITO SANTO, 1932-1933).

⁵⁸ Professora normalista formada pela Escola Normal em 1924 (ESPIRITO SANTO, 1918-1930a) e diplomada no Curso de Educação Física no ano de 1933 (ESPIRITO SANTO, 1933f).

⁵⁹ Professora normalista formada pela Escola Normal em 1930 (ESPIRITO SANTO, 1918-1930a) e diplomada no Curso de Educação Física no ano de 1933 (ESPIRITO SANTO, 1933c).

Aparecida Nogueira,⁶⁰ Julieta Greppe,⁶¹ Luzia Paoliello⁶² e Manoel Carvalho de Anchieta (já como auxiliar no ano de 1934).

Sobre os demais professores da primeira década de existência do curso, é ressaltada a presença de Miguel Daddario, Joaquim Gomes de Souza, Hilton Nogueira, Mario Tavares, Edgard Neves e Americo de Oliveira. Contudo, não localizamos indícios, nos documentos utilizados na pesquisa, sobre a formação desses professores e o lugar por onde circulavam anteriormente à entrada no curso.

Compreender quem foram os indivíduos encarregados de ocupar o cargo de diretor e secretário do curso também é uma forma de identificar as relações de poder presentes no interior do curso.

Para o cargo de maior centralidade, observamos que, nos anos de 1931 e 1932, foi nomeado diretor Carlos Marciano de Medeiros. Em 1932, Horácio Cândido Gonçalves assumiu a função de diretor e permaneceu no cargo até o ano de 1934, quando foi substituído por Heitor Rossi Bélache. Em 1935, Hilton Nogueira assumiu o cargo e, no ano de 1939, novamente foi ocupado por Heitor Rossi Bélache. No cargo de secretário, Heitor Rossi Bélache exerceu a função entre 1931 e 1932, quando foi substituído por Arnaud de Araripe Mello⁶³ nos anos de 1933 a 1934. Ainda em 1934, Napoleão Freitas,⁶⁴ diplomado pelo próprio curso, assume o cargo, mantendo-se até o ano de 1935. O curso, ao retornar suas atividades no ano de 1939,⁶⁵ tinha como secretária Julieta Greppe, formada pela instituição em 1933.

⁶⁰ Formou-se como professora normalista no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (não foi possível localizar o período em que realizou o curso normal) e diplomou-se no Curso de Educação Física na categoria de professor no ano de 1934 (ESPIRITO SANTO, 1934c).

⁶¹ Formou-se na Escola Normal no ano de 1931 (ESPIRITO SANTO, 1924-1925, 1927, 1929-1931, 1930, 1931-1932) e diplomou-se no Curso de Educação Física no ano de 1933 (ESPIRITO SANTO, 1933d).

⁶² Formou-se na Escola Normal no ano de 1930 e diplomou-se no Curso de Educação Física no ano de 1932 (ESPIRITO SANTO, 1932c).

⁶³ Nos documentos de inauguração do curso, registros sinalizam que ele possuía a patente de tenente, supostamente oriunda do Centro Militar de Educação Física (ESPIRITO SANTO, 1931).

⁶⁴ Diplomado pelo Curso de Educação Física na categoria de professor no ano de 1934 (ESPIRITO SANTO, 1934d).

⁶⁵ Não localizamos, no Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, documentos de movimentação de professores e alunos, plano de ensino, ou boletins diários nos quais se registravam diariamente as atividades do curso, nos anos de 1936 a 1938. Segundo Silva (1996), um dos motivos que teria levado a essa interrupção refere-se à Lei nº 98, de 24 de setembro de 1936, quando a Escola de Educação Física (denominada como Escola no ano de 1934, pelo Decreto nº 5.207, porém sem alteração em sua organização) recebe a designação de Escola Superior de Educação Física. Nessa mudança, não foram definidas finalidades, e o plano de ensino manteve-se igual a quando ainda se chamava Escola de Educação Física, não representando nenhuma orientação a caminho do ensino superior. As atividades retornam somente no ano de 1939, quando, pelo Decreto nº 10.330, as finalidades são regulamentadas (SILVA, 1996).

A presença dos militares formados no Centro Militar de Educação Física na organização do Curso de Educação Física, ocupando os cargos de decisão, como diretores e secretários, ou como professores, organizando o currículo e as práticas cotidianas que deveriam ser realizadas, denota uma posição de poder que determinado grupo, a partir da década de 1930, assume, decidindo e regularizando a expansão da Educação Física nas escolas brasileiras. Esse grupo se ancorava nos ideais do Centro Militar de Educação Física e possuía como matriz a Escola Militar de Joinville le Pont. Apesar da presença dos militares no curso, isso não significa a sua militarização, pois o conteúdo de ensino proposto para a formação de professores não possuía essa intencionalidade.

1.3.2 As leituras realizadas no Curso de Educação Física

Dentre as práticas realizadas no curso, as leituras também são consideradas importantes indícios que nos possibilitam compreender um lugar de poder e interesses de um grupo.

Em formas de doações ou adquiridos pelo curso, os livros que chegavam à biblioteca eram anotados nos Boletins Diários, documentos que registravam as práticas cotidianas do curso. Localizamos no ano de 1932, compondo parte do acervo da biblioteca do curso, o *Réglement Général d'Education Physique*. Foram recebidos nesse ano dois exemplares, o que reafirma a ideia de que o ensino da Educação Física era orientado pelo Método Francês. Notamos que a *Revista de Educação Física* e o livro *Histórico da Educação Física* eram exemplares recebidos frequentemente e em maior quantidade. Por vezes eram distribuídos aos professores e aos alunos do curso (ESPIRITO SANTO, 1931-1932; ESPIRITO SANTO, 1932-1934).

A *Revista de Educação Física* foi um impresso publicado e divulgado pelo Centro Militar de Educação Física, iniciada no ano de 1932 e, posteriormente, passou a ser publicada pelo Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército.⁶⁶ O Centro Militar de Educação Física buscou expandir, regulamentar e orientar o ensino da Educação Física em todo o Brasil. A revista pode ser considerada um dispositivo de propagação dos sentidos que atribuíam à prática da

⁶⁶ <<http://www.ipcfex.com.br/interna.asp?idcat=9>>. Acesso em: 24 de fev. 2014.

Educação Física e o que deveria ser discutido e lido nos cursos de Educação Física criados em alguns Estados (FERREIRA NETO, 1999; ASSUNÇÃO, 2012). A presença do impresso no Curso de Educação Física do Espírito Santo ainda pode ser compreendida como uma *caixa de utensílios* (CARVALHO, 2001), com a qual se esperava que o aluno fosse capaz de reproduzir as discussões, modelos de aula e de exercícios indicados na *Revista de Educação Física* em sua prática docente. Mas não podemos confundir a prescrição com as práticas, uma vez que, entre elas, existe um espaço de consumo, transformações e usos (CERTEAU, 1994).

Já o livro *Histórico da Educação Física* foi produzido pelos tenentes Laurentino Lopes Bonorino,⁶⁷ Antonio de Mendonça Molina⁶⁸ e Carlos Marciano de Medeiros.⁶⁹ Foi publicado em dezembro de 1931. A publicação do impresso ficou a cargo da Imprensa Oficial de Vitória. Os autores assim descrevem os objetivos do livro:

Move-nos o elevado proposito de alagarmos a estrada para nossos porvindouros no Centro Militar de Educação Física e para aqueles que, nos estabelecimentos congengeres, se dedicarem ao assunto, facilitando-lhes o estudo da cadeira de Historia e poupando-lhes o fastidioso trabalho de ininterruptas consultas, sobremodo dificultadas por não se encontrarem as nossas bibliotecas aparelhadas para servirem de fonte de informações sobre a materia em apreço (BONORINO; MOLINA; MEDEIROS, 1931, p. 5).

Podemos inferir que a disciplina *História da Educação Física* do curso ministrado no Estado utilizou o livro *Histórico da Educação Física* como referência para as aulas, desde o Curso de Emergência, mesmo que, nesse momento, o livro ainda se encontrasse em processo de finalização. Outro importante indício de que o livro pode ter sido utilizado desde a primeira turma é a indicação da presença de um dos autores, Carlos Marciano de Medeiros, ocupando o cargo de diretor do curso e professor da própria disciplina História da Educação Física.

A partir do ano de 1934, outro periódico se fez presente na biblioteca do curso. A *Revista de Educação*, com início da sua publicação nesse mesmo ano, é considerada um periódico educacional criado e mantido pelo governo do Espírito Santo, já que seus editores ocupavam cargos públicos de representatividade social. Com a participação de autores locais e enfatizando discussões sobre a educação no

⁶⁷ Diretor técnico do Centro Militar de Educação Física.

⁶⁸ Instrutor do Centro Militar de Educação Física.

⁶⁹ Diretor do Curso de Educação Física do Espírito Santo e também formado pelo Centro Militar de Educação Física.

Estado, a revista proporcionava aos alunos informações sobre os acontecimentos educacionais e discussões sobre a Educação Física nas escolas capixabas. A circulação desse impresso no interior do curso também está relacionada com as *lutas de representações* que o governo capixaba impõe, ou tenta impor, conforme sua concepção sobre a educação.

A circulação desses impressos no curso se tornou um instrumento estratégico que determinados grupos, oriundos do Centro Militar de Educação Física e do Governo Estadual, utilizaram para que fizessem valer suas intenções como uma força possível de intervir na organização educacional e, também, como uma forma de reconhecimento social. Para Bourdieu (1990, p. 35), as pessoas que se apresentam como protagonistas nas tomadas de decisão informam que “[...] as lutas pelo reconhecimento são uma dimensão fundamental da vida social” e o que “[...] está em jogo [é] a acumulação de uma forma particular de capital” (p. 36), que o autor denomina de *capital simbólico*, que se manifesta na possibilidade de “[...] ser conhecido e reconhecido [o que] também significa deter o poder de reconhecer, consagrar, dizer, com sucesso, o que merece ser conhecido e reconhecido” (BOURDIEU, 2001, p. 296).

De publicação do governo brasileiro, encontramos os registros de recebimento na biblioteca do curso dos periódicos *Boletim do Ministério da Educação e Saúde Pública*, *Estatística da Imprensa Periódica no Brasil*, *Decretos e Resoluções da Interventoria Federal*, *Boletins de Saúde e Discursos*. Localizamos, nos registros de recebimentos, livros destinados a discussões no campo educacional, como *Escola moderna*, de autoria de Maria dos Reis Campos; *Escola ativa brasileira*, produzido por Atilio Vivacqua; *Educação*, do governo de São Paulo; *O methodo estatístico em biologia e em educação* e *Boletim de educação*, do Departamento de Educação Pública; *Breviário Cívico*, de Coelho Netto; *O ensino da musica pelo methodo analytico*, de Carlos Alberto Gomes Cardim; *Meus amiguinhos*, de Nogueira Faria; e *Pedagogia científica*, de autoria de Deodato de Moraes (ESPIRITO SANTO, 1932-1934; ESPIRITO SANTO, 1935a).

Discutindo sobre a especificidade da Educação Física, localizamos obras de autoria de pessoas consideradas importantes na história da disciplina que, com as suas discussões, ajudaram a desenvolver sua prática na sociedade e no interior da escola. Faziam parte da biblioteca do curso autores como Georges Demeny, fisiologista e pedagogo, inventor do Método Francês, com a obra *Mécanisme et*

éducations des mouvements; Georges Hebert, oficial francês, criador do Método Natural e autor do livro *Guide pratique d'éducation physique* e *l'éducation physique par la méthode naturelle*; e do médico militar francês Maurice Boigey, dedicado à discussões sobre a Educação Física, com a obra *Manuel scientifique d'éducation physique*.

Ainda nas discussões específicas da área, encontramos as obras: *Anatomie des membres*, de C. Dujarier; *La vie par le Stade*, de A. Thooris; *Manuel pratique de kinésithérapie*, de Wetterwald e E. Zander Junior; *Educação física feminina*, de Ivanhoé Gonçalves Martins; *La course à pied*, de Bellin Du Coteau; *Educação física feminina*, de Orlando Rangel Sobrinho; *Jiu-jítsu na defesa pessoal*, de Laurentino Lopes Bonorino; *Bailados do folklore internacional*, de F. G. Gaelzer; e as obras da área biológica, os livros *Atlas Anatomico*, de Richarde Steinbeck; *Questões de anthropologia*, de Bastos de Avila; e *Noções de biotipologia*, de W. Berardinelli (ESPIRITO SANTO, 1931-1932; ESPIRITO SANTO, 1932-1934; ESPIRITO SANTO, 1935).

1.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O Método Francês, introduzido nas escolas brasileiras como método oficial, fez parte dos planos governamentais que, juntamente com os militares, propõem novos objetivos para a organização de um sistema educacional brasileiro. A influência e a organização que os militares lançaram à causa da Educação Física não se restringiram à formação de professores somente no Centro Militar de Educação Física.

Inicia-se no ano de 1931 a criação de cursos de Educação Física em alguns Estados brasileiros, durante a década de 1930. Além da criação do Curso de Educação Física do Espírito Santo, também foram criados cursos em São Paulo (1931), Paraíba (1935), Minas Gerais (1934), Pará (1933), Bahia (1937), Santa Catarina (1938), Piauí (1939) Rio de Janeiro (1939), Paraná (1939), Pernambuco (1940) e Rio Grande do Sul (1940), objetivando a formação de professores civis que fossem capazes de reger as aulas da disciplina de Educação Física nas escolas e expandir seu ensino orientado pelo Método Francês.

Fundamentado no *Regulamento nº 7 de Educação Física*, concluímos que os conhecimentos do curso estiveram orientados por três bases de conhecimento:

bases fisiológicas, bases pedagógicas e pedagogia aplicada. Em relação aos esportes, destacamos sua presença no ensino prático como conteúdo que deveria compor a formação de um professor de Educação Física, mas a sua aplicação deveria corresponder à faixa etária, como determinado pelo Método Francês. As práticas esportivas eram aconselhadas somente para a Educação Física Superior, Adaptações Profissionais e Ginástica de Conservação. Certas modalidades eram indicadas para a Educação Física Feminina, como a natação, o tênis, a esgrima, o vôlei, além da ginástica rítmica e da dança, momento em que esses indivíduos já se encontravam fora do ambiente escolar.

Não estava entre os planos militares de difusão e organização da Educação Física nas escolas a busca pela aptidão física e do rendimento esportivo, como consta no *Regulamento nº 7 de Educação Física*, utilizado como base para orientar o currículo do curso. No ciclo elementar, para crianças de 4 a 13 anos, e no ciclo secundário, voltado para os indivíduos de 13 a 18 anos, as práticas esportivas não eram recomendadas. Para esses ciclos, recomendava-se a prática da ginástica e dos jogos, proposta em forma cantada e historiada, o que corresponde a um ensino lúdico e não militarizado dos conteúdos. A prática esportiva somente era recomendada no período em que a formação física do indivíduo já se encontrava completa. Pela presença dos militares oriundos do Centro Militar de Educação Física, consideramos que o currículo do curso foi sistematizado por aqueles que se posicionavam à frente na organização da instituição e que organizavam os saberes que eles desejavam que os alunos apropriassem durante suas formações e que, posteriormente, seriam aplicados na escola.

Apesar de o Método Francês ser dividido em exercícios ginásticos e práticas esportivas, os objetivos propostos para sua realização não procuravam atender apenas à concepção de correção dos corpos da população, mas eram projetados para formar o indivíduo em termos de eficiência, de comportamento e atitudes desejados para a nova nação que se pretendia constituir a partir da década de 1930. Os militares e os médicos baniam exercícios que requeriam esforços e intensidade para determinados grupos de indivíduos, como crianças, adolescentes e mulheres, por considerarem a especificidade biológica e psicológica desses indivíduos.

Era necessário, portanto, que os indivíduos, até aos 18 anos, que incluía o ciclo primário e secundário, tivessem um corpo saudável e um bom funcionamento de todos os órgãos, para que somente a partir desse momento iniciassem o

aprendizado das práticas esportivas. Também não eram indicados determinando exercícios para as mulheres, para que pudessem preservar a região pélvica, como previsto no *Regulamento nº 7 de Educação Física* e, assim, garantir o objetivo reservado a elas pela prática da Educação Física no Espírito Santo, que seria a geração de indivíduos saudáveis e eficientes, comprometidos com o desenvolvimento do Estado e do Brasil.

Para além da análise da própria organização do currículo, dos professores responsáveis pelas disciplinas, das leituras e práticas ministradas na instituição, o desenvolvimento do projeto de escolarização da Educação Física também é percebido nas monografias produzidas como requisito final pelos alunos ao fim do curso. Utilizando o conceito de *representação* proposto por Chartier (1991), observamos como os alunos utilizaram os saberes apresentados durante o processo formativo para a produção de seus trabalhos. Para o autor, “[...] a apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem” (CHARTIER, 1991, p. 178). Diante do apresentado por Chartier (1991), é necessário voltar a atenção para as condições e os processos, analisando as formas como um conhecimento é recebido e utilizado por seus leitores ou ouvintes, dando sentido ao seu mundo.⁷⁰

A perspectiva de que o Curso de Educação Física no Espírito Santo não atendia a uma militarização nas aulas de Educação Física nas escolas é reforçada quando mostramos a composição do quadro docente do curso. Inicialmente composto por tenentes formados no Centro Militar de Educação Física, o quadro docente passou a se reconfigurar com o passar dos períodos letivos oferecidos. Os alunos formados na própria instituição, principalmente as mulheres, foram responsáveis pela formação de novos professores de Educação Física.

Ao considerarmos que, apesar de os indivíduos que estavam à frente da organização do curso não objetivarem oferecer uma formação militarizada, essa ideia é reforçada ao demonstrarmos a pouca duração do curso. Provavelmente era insuficiente para transmitir a mesma formação que é dada a um militar aos

⁷⁰ Certeau (1994) também discorre sobre o assunto, mostrando como as pessoas não são passivas ao que é apresentado a elas, mas se apropriam e fazem diferentes usos. Utilizando o conceito de *consumo produtivo*, o autor nos mostra como as pessoas se apropriam de objetos e práticas, adaptando-os às suas necessidades e às vezes até fazendo usos inesperados: “[...] é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações dos seus usuários [...]” (CERTEAU, 1994, p. 13).

professores. E, ainda, a preocupação que possuíam com o ciclo elementar e secundário com ênfase na saúde se contrapõe a um ensino militarizado dado aos professores em formação e em atuação. Essas informações se opõem às trazidas por Silva (1996), quando afirma que o Curso de Educação Física do Espírito Santo serviu como uma instituição de controle militar no Estado, utilizando os conhecimentos da área biomédica para esse fim. O que é demonstrado nos documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes é que os conhecimentos pedagógicos passaram a ganhar evidência na instituição.

Ao apresentarmos a organização das atividades realizadas no Curso de Educação Física, evidenciamos o grande destaque dado ao Curso de Formação de Professor, uma vez que os Cursos de Formação de Instrutor e Monitor não eram oferecidos com regularidade. A partir das matrículas realizadas no curso, percebemos a característica que a instituição obteve no Estado. A maioria dos professores matriculados eram normalistas que já atuavam nas escolas, observando-se pouca presença de homens, pois, naquele período, as mulheres passaram a ocupar majoritariamente o campo educacional. Desse modo, evidenciamos a participação de professoras que se fizeram maioria no curso, especializadas para ministrar o ensino da disciplina Educação Física nas escolas estaduais. Isso nos leva a afirmar que as professoras tiveram vez e lugar na história da escolarização da disciplina na década de 1930, e que era depositada nelas a expectativa de engrandecer o Estado, tornando-se protagonistas no desenvolvimento da Educação Física que era ministrada nas escolas.

Essa forma de investigar a construção da realidade faz com que direcionemos nossa atenção para as ações produzidas pelos vários personagens que compõem a realidade. Dessa forma, analisamos as monografias redigidas pelas alunas ao final do curso, consideradas vestígios do conhecimento que foi discutido e lido. A análise de suas produções revela como as professoras se apropriaram dos conhecimentos e projetaram sua prática cotidiana. Dessa maneira, observamos como as mulheres não são consideradas apenas reprodutoras dos discursos daquelas pessoas autorizadas a pensar a formação de professores, mesmo que essas monografias reproduzissem os conhecimentos que eram transmitidos no curso. Consideradas discursos que revelam um alto grau de conhecimento pelas alunas, algumas monografias são publicadas em dois impressos periódicos produzidos pelo Estado do Espírito Santo, acabando por determinar como as mulheres se tornaram voz

autorizada ao discutir sobre a Educação Física e a construção desse campo acadêmico e profissional no Estado.

2 FORMAÇÃO DOCENTE: DE NORMALISTAS A PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Resumo: Objetiva analisar a formação das mulheres na Escola Normal e no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, observando o contexto em que estavam inseridas, a formação oferecida para as normalistas e as práticas da disciplina Educação Física presentes nas instituições. Opera com os conceitos de lutas de representações (CHARTIER, 1990), estratégia e tática (CERTEAU, 1994), a fim de perceber as práticas ministradas nas instituições e como eram apresentadas à sociedade capixaba. Utiliza como fontes os documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, os documentos da Escola Normal e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, os documentos do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo e a revista Vida Capixaba. É possível perceber que ambas as instituições ofereciam duas concepções de formação. Ao mesmo tempo em que proporciavam às mulheres uma formação como professoras e maior possibilidade de inserção no espaço público, as práticas presentes nas instituições também as formavam para serem boas donas de casa, esposas e mães. No que se refere à prática da Educação Física, seu ensino para as normalistas foi orientado pelo Método Sueco até a década de 1930, buscando formar os indivíduos em uma concepção de ortopedia.

Palavras-chave: Escolas Normais. Formação docente. Educação Física.

2.1 INTRODUÇÃO

É relevante entender a inserção da mulher no campo educacional, pois nos ajuda a compreender o processo de feminização do magistério ocorrido a partir do início do século XX no Brasil. Quando observamos os estudantes matriculados no Curso de Educação Física, inaugurado a partir do ano de 1931 no Espírito Santo, constatamos a forte presença das mulheres na condição de alunas.

Ao investigar, no Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, um conjunto de documentos guardados desde a criação do curso, no ano de 1931, até sua federalização no ano de 1961, localizamos os dossiês dos alunos. Esses documentos são referentes a uma ficha escolar que permite analisar um resumo da passagem de cada aluno, desde sua chegada até o término do curso. Encontram-se

nesses dossiês exames antropométricos e médicos, as fichas dos exames práticos realizados no final do período letivo, provas finais aplicadas no curso, as formações obtidas anteriormente à entrada no curso, filiação, notas finais, trabalho de fim de curso, naturalidade dos alunos, ano de formação e classificação final.

Percebemos que os alunos já possuíam formação como normalistas antes da entrada no Curso de Educação Física. Esse era um dos requisitos obrigatórios para matrícula (ESPIRITO SANTO, 1931b; ESPIRITO SANTO, 1932b; ESPIRITO SANTO, 1933b). No Espírito Santo, duas instituições se destacaram oferecendo formação de normalista. São elas: a Escola Normal e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Em proporção menor, também localizamos alunos com formação em escolas normais de outros Estados.

Para nos auxiliar na investigação, recorreremos a uma revisão bibliográfica que nos permitiu compreender a passagem das mulheres nessas duas escolas normais com destacada representatividade no Espírito Santo, nos primeiros anos do século XX.

Localizamos a dissertação de Dirce Maria Corrêa da Silva, defendida no ano de 1996, e a tese de Sebastião Pimentel Franco, defendida no ano de 2001. Também encontramos um artigo na *Revista Agora*, no ano de 2007, produzido por Sônia Maria da Costa Barreto; um capítulo de livro assinado por Regina Helena Silva Simões e Sebastião Pimentel Franco, e um capítulo escrito por Regina Helena Silva Simões e Maria Alayde Alcantra Salim, ambos publicados no livro *História da educação no Espírito Santo*, no ano de 2009; e um capítulo produzido por Omar Schneider, no livro *Educação e instrução nas províncias e na corte imperial: Brasil, 1822-1889*, no ano de 2011.

A dissertação produzida por Silva (1996) é considerada uma primeira iniciativa que busca compreender a criação do curso no ano de 1931 e os personagens envolvidos nesse processo. A autora elabora um primeiro esboço dos alunos matriculados no curso. Para o Curso de Formação de Professores e Instrutores, exigia-se formação inicial de normalista, resultando na forte presença de mulheres no curso de professores. Era reservado aos homens o Curso de Formação de Instrutor e o de Monitor, direcionado para sargentos e guardas-civis. Porém, como não sendo seu objetivo no estudo, a autora não enfatizou todos os atores envolvidos no curso para o desenvolvimento da disciplina no Estado, mas buscou compreender o seu processo de criação, no ano de 1931, até o momento de sua

federalização, no ano de 1961, deixando sobressair somente os atos oficiais dos militares formados pelo Centro Militar de Educação Física e de pessoas que exerciam cargos no governo do Espírito Santo.

Ao analisarmos o currículo das professoras normalistas na Escola Normal e no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora nas primeiras décadas do século XX, observamos que prevalecia a ideia de formação de uma boa filha, esposa e mãe por meio das práticas implantadas nas instituições, com a presença das disciplinas *Trabalhos Manuais, Comportamento e Instrução Religiosa*. A partir da década de 1910 e também quando analisamos os requisitos para ingresso no Curso Normal, segundo Franco (2001) e Simões e Salim (2009), exigia-se um atestado de bom comportamento que deveria ser emitido por uma autoridade local. Esses fatos reforçam o perfil perspectivado na educação da mulher que ingressava no Curso Normal e o que se esperava para a educação dos futuros cidadãos do Estado.

Os dois colégios representavam um lugar de autoridade educacional na sociedade capixaba, significando para o Espírito Santo a modernidade que era obtida em prol da educação. Os acontecimentos e os constantes desfiles cívicos e comemorativos que aconteciam nas ruas da Capital, veiculados na revista *Vida Capixaba*, demonstram a representatividade alcançada pelos colégios e pelos alunos que transitavam nesse ambiente.

Ao analisar o currículo dessas duas instituições, constatamos que a disciplina *Ginástica* também se fazia presente. Foi incorporada no rol de saberes necessários na formação de professores após a reforma realizada por Gomes Cardim (1908-1909) no governo de Jerônimo de Souza Monteiro. A partir desse momento, tornou-se conteúdo obrigatório para as normalistas.

Para ampliarmos a análise, utilizamos como fontes os documentos que fazem parte do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, os documentos da Escola Normal e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, a revista *Vida Capixaba* e os documentos do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Buscamos analisar o papel que a Escola Normal e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora refletiam para a sociedade capixaba e as práticas ministradas nesses ambientes para a formação de professores, fazendo uso do conceito de *lutas de representações* (CHARTIER, 1990), compreendendo como as escolas, o Estado e a sociedade capixaba projetaram a formação de professores normalistas para as escolas primárias, garantindo ao Estado a entrada para a modernidade. No caso das alunas, além da

formação profissional, tencionamos apresentar como as instituições forneciam a formação necessária para que pudessem desempenhar a função de esposa e mãe.

2.2 A CRIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL E DO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA

A partir do século XIX, o Brasil, apropriado pelas ideias iluministas, via na expansão da escolarização a toda população brasileira uma forma de civilizar e modernizar o País, porém esses princípios esbarravam na falta de profissionais qualificados para atuar nesse campo. O Ato Adicional promovido pelo Governo Central, no ano de 1834, passou a responsabilidade para as províncias organizarem e criarem instituições educacionais de nível primário e secundário, como uma forma de resolver a escassez de professores para atuar nas primeiras letras. A formação obtida por aqueles que ingressavam nas escolas normais assegurava ao professor a habilitação para ministrar conteúdos de todas as disciplinas nas escolas primárias.

No Espírito Santo, foi a partir desse momento que se começou a pensar a formação de professores para as escolas capixabas. Tanto Simões, Schwartz e Franco (2008) quanto Schneider (2011) observam que o ensino primário oferecido no Estado se encontrava em uma situação precária, havendo, no início do século XIX, apenas uma escola de primeiras letras. Também não havia na província nenhuma escola de formação de professores. Segundo os autores, para que se resolvesse a falta de professores na província, ocorria o envio de pessoas que se interessassem pelo magistério primário para a Escola Normal da Corte, no Rio de Janeiro.⁷¹ Outra situação recorrente eram os péssimos salários pagos, pouco atrativos e desestimulantes que afastavam a procura pela formação no magistério.

O ensino secundário ocorria no Espírito Santo com a oferta de algumas cadeiras de Língua Latina, de Francês, de Geografia e História, voltada essencialmente para o sexo masculino. No ano de 1854, é criado um Liceu e, segundo afirma Schneider (2011), além da formação de alunos aptos a ingressarem nos cursos superiores, o Liceu passou a ser visto como um meio de formar professores para o ensino primário, porém não ganhou a repercussão esperada e, pela Lei nº 13, de 12 junho de 1867, transformou-se em Colégio Espírito Santo, mas

⁷¹ Sobre a primeira Escola Normal criada no Brasil, ver Villela (1990).

foi instalado somente em 2 de março de 1868 (SIMÕES; SCHWARTZ; FRANCO, 2008). O Colégio Espírito Santo dedicava-se à educação do sexo masculino.

A mulher começa a ganhar espaço nessa instituição quando é criado, pela Lei nº 29 de dezembro de 1869, o Colégio Nossa Senhora da Penha, mas que passou a funcionar somente no ano 1871. Os dois colégios atuavam em espaços próprios. No ano de 1873, o Colégio Espírito Santo é transformado em Ateneu Provincial e, em uma de suas salas, é instalada uma Escola Normal, permanecendo como instituição de formação de professores no Espírito Santo (SIMÕES; SCHWARTZ; FRANCO, 2008).⁷²

A Escola Normal mantém-se até início do século XX como a única instituição de formação de professores no Estado, quando, em 1890, são enviadas para Vitória três irmãs da Associação São Vicente de Paulo, que vieram para a Capital organizar um educandário (FRANCO, 2001).

Em 1900, cria-se, então, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora ou, como ficou popularmente conhecido no período, Colégio do Carmo, um colégio católico.⁷³ O colégio era somente para mulheres e oferecia, além da formação de normalistas, turmas do ensino primário e ginásial, atendendo às alunas matriculadas em regime de externato, internato e orfanato (SIMÕES; FRANCO, 2009).⁷⁴

Os dois colégios se mantiveram até 1930 como as únicas instituições no Estado a formar professores para atuar no ensino primário.⁷⁵ Hees e Franco (2012) observam que foi durante a Primeira República que houve crescimento da oferta de escolarização da educação no Brasil, vista como o único caminho para melhorar a situação em que o País se encontrava.

⁷² Segundo Simões, Schwartz e Franco (2008), o espaço onde foi edificado o prédio da Escola Normal foi adquirido pela Fazenda Provincial nos anos de 1872 e 1873, localizado no território mais valorizado da cidade, próximo dos órgãos que simbolizavam o Poder e das moradias mais ilustres da cidade, representando um lugar nobre e que irradiaria influências sobre a sociedade capixaba.

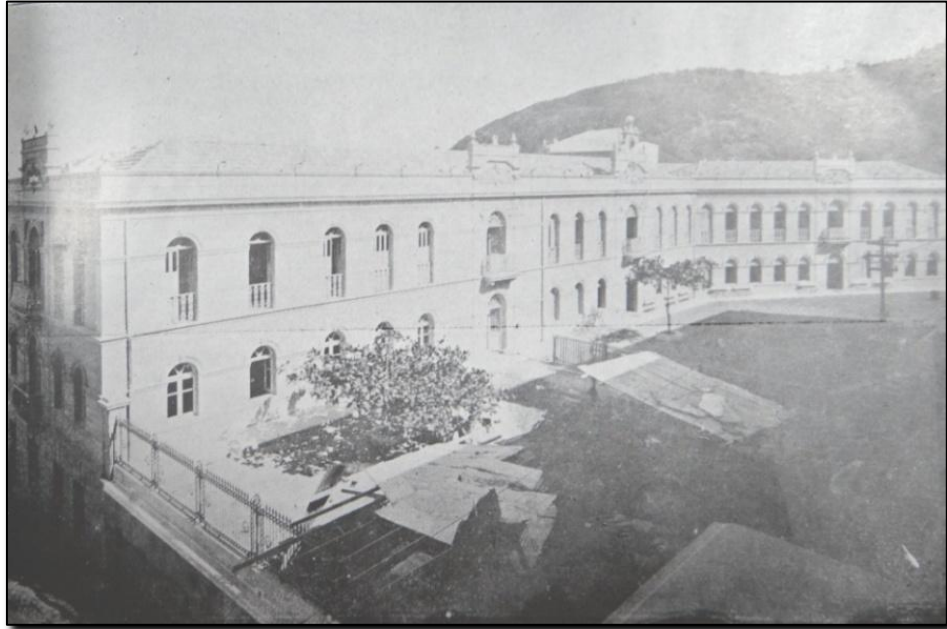
⁷³ Como apontam Simões e Franco (2009), os historiadores indiciam a disputa entre os pioneiros da educação, que defendiam um ensino público, gratuito e laico, e a Igreja Católica, defensora de um ensino privado e confessional. Mesmo após a proclamação da República, apoiada nos ideários liberal e positivistas, e a desvinculação da Igreja Católica, com o Brasil considerado a partir desse momento um país laico, Estado e Igreja nunca romperam definitivamente os laços. As escolas católicas continuaram sendo criadas no Brasil, principalmente quando se voltavam à educação feminina.

⁷⁴ Segundo Franco (2001), a estreita ligação entre as elites oligárquicas que estavam no poder com a Igreja Católica explica a proliferação dos colégios religiosos no Brasil.

⁷⁵ O interventor João Punaro Bley, seguindo os demais Estados, com a Reforma Federal de Educação, denominada Reforma Capanema, instituiu, no ano de 1936, no Espírito Santo, o Curso de Formação de Professores com 1ª e 2ª séries, em substituição ao Curso Normal de quatro séries, para diplomar professores primários, não sendo mais necessários os cursos normais (100 ANOS, 1992).

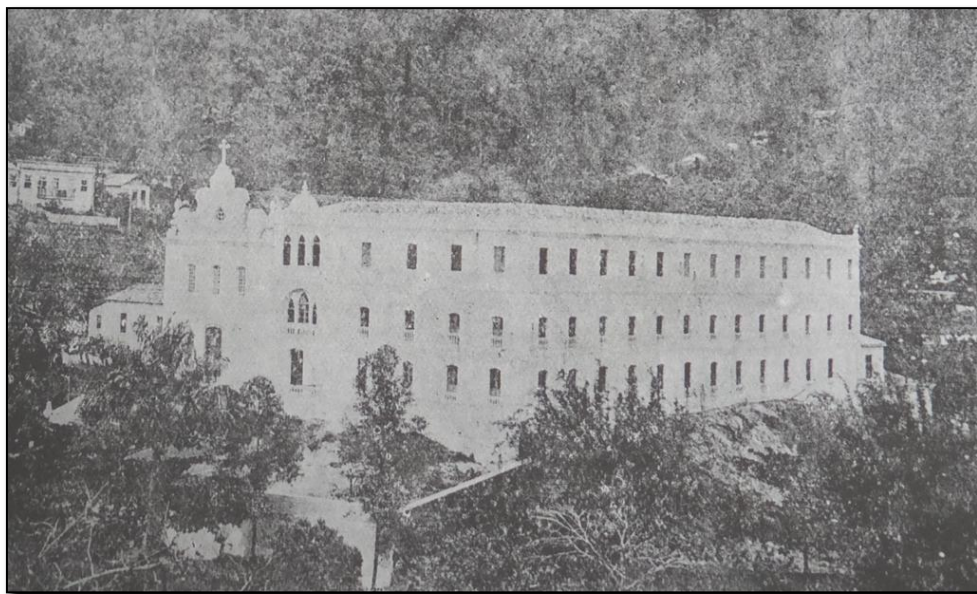
Nas Figuras 6 e 7, visualizamos a arquitetura de ambas as instituições que permanecem até nossos dias.

Figura 6 – Vista arquitetônica da Escola Normal



Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1912.

Figura 7 – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1911.

Na antiga Escola Normal, desde 1936, foi criado o Ginásio Estadual Maria Ortiz, funcionando anexo à Escola Normal até que, em 1970, a Escola Normal foi transferida para o Edifício Cauê, localizado no bairro Praia de Santa Helena, onde hoje funciona a Escola Estadual de Ensino Médio Fernando Duarte Rabelo. Em seu antigo prédio, ficou a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Ortiz, ainda hoje em funcionamento, localizada ao lado do Palácio Anchieta, no Centro de Vitória (100 ANOS, 1992). Já o antigo Colégio Nossa Senhora Auxiliadora atuou até a década de 1970, onde hoje se localizam a Escola Municipal de Ensino Fundamental São Vicente de Paulo e a Igreja do Carmo.

2.3 A PRESENÇA DA GINÁSTICA NO CURRÍCULO DAS NORMALISTAS

Como analisamos em Schneider (2011), a Escola Normal, primeira instituição de formação de professores no Estado do Espírito Santo, teve consolidação turbulenta. O autor sinaliza três principais motivos de sua instabilidade: a escassez de alunos, o oferecimento de uma formação para aqueles que buscavam ingressar no curso superior e o pouco incentivo para a formação de professores primários. Isso teria levado à sua desativação no ano de 1873. O autor, ao analisar seu funcionamento desde a sua criação até a data de 1873, verificou a realização de experiências no educandário com vários modelos pedagógicos, a fim de satisfazer às necessidades da província em relação à instrução pública, percebendo a passagem de um modelo artesanal para o profissionalizante.

Após a sua reativação pela Reforma da Instrução Pública, organizada no governo de Moniz Freire, pelo Decreto nº 2, de 4 de junho de 1892, Simões e Salim (2009) observam uma tentativa de reorganização do ensino primário da Escola Normal, ao analisarem os relatórios de governadores. As autoras sinalizam que, após a reforma, havia distinção entre as matérias ensinadas na Escola Normal para os meninos e para as meninas, justificando que a mulher não teria condições de receber o mesmo nível de instrução proposto para o masculino.

Após essa reforma, as disciplinas oferecidas eram Língua Nacional, Língua Francesa, Geografia e História Universal, História Natural, Aritmética, Álgebra, Geometria, Mecânica Geral e Celeste, Física, Química, Biologia, Fisiologia Humana, Sociologia e Moral, Pedagogia e Metodologia, correspondendo a um período de cinco anos. O curso para mulheres, com um programa menor, apresentava as

disciplinas Língua Nacional, Língua Francesa, Geografia, História Natural, Aritmética, Geometria e Pedagogia, com uma duração de quatro anos.

Porém, as autoras consideram que os problemas na instituição se mantiveram. Sinalizam também as dificuldades em preencher as vagas masculinas e femininas e, mesmo com a diminuição da duração do curso, com a tentativa de reduzir os gastos, as atividades da Escola Normal foram suspensas entre os anos de 1898 até 1900.

A ginástica⁷⁶ ainda não era apresentada no rol de saberes que deveriam fazer parte da formação dos normalistas. Ao analisarem os relatórios dos governadores da Província do Espírito Santo, Schneider, Alvarenga e Bruschi (2011) observaram que a ginástica, como disciplina, não foi contemplada nos debates da instrução pública, visto que a Educação Física, conforme a *Pedagogia Moderna*, poderia ser realizada por meio da educação dos sentidos.⁷⁷

Os autores, ao averiguarem os relatórios dos governadores de Estado e de diretores da instrução pública, encontraram relatos propondo o ensino da ginástica nas escolas capixabas no ano de 1897. Contudo, José Joaquim Pessanha Póvoa, então diretor da Instrução Pública, ao analisar, em 1896, a Reforma da Instrução Pública realizada em 1892, observa que, apesar da normalização do ensino, ainda não havia sido possível implantar as aulas de ginástica, “[...] matéria que considerava importante para promover as forças físicas dos alunos, revigorar as suas forças intelectuais e habilitar estes para a vida individual e coletiva” (SCHNEIDER; ALVARENGA; BRUSCHI, 2011, p. 2).

Simões e Salim (2009) ressaltam que a Escola Normal, reaberta no ano de 1900, passou a funcionar de forma estável. Jerônimo de Souza Monteiro, ao assumir o governo do Estado no ano de 1908, adota, dentre suas primeiras medidas, reorganizar a máquina administrativa e reduzir os gastos públicos. Sob seu governo, executou um programa de modernização que pode ser observado na arquitetura e na organização do espaço urbano de Vitória.

⁷⁶ A prática da Educação Física anteriormente à década de 1930 era denominada Ginástica.

⁷⁷ De acordo com Schneider, Alvarenga e Bruschi (2011), a educação dos sentidos era uma educação que partia do concreto para o abstrato, deixando de ser uma educação livresca e intelectual, mas o corpo proporcionaria a aprendizagem e os meios para sistematizar o conhecimento. Essa forma de aprendizagem fazia parte da Pedagogia Moderna, dando importância a uma educação prática/ativa, havendo contato físico entre a criança e seu objeto de estudo, compreendendo que os sentidos são a porta e entrada do conhecimento.

Em relação à educação, Jerônimo de Souza Monteiro realizou uma reforma que pode ser sentida nas estruturas dos edifícios e na forma de organização do ensino. No primeiro ano de seu governo, traz para o Espírito Santo o educador paulista Gomes Cardim⁷⁸ que permaneceu à frente da Instrução Pública até julho de 1909. Dentre suas primeiras ações, buscou reorganizar a Escola Normal, pois considerava que só pela formação dos professores poderia estruturar o ensino primário e promover a expansão dos novos métodos de ensino, rompendo com o caráter mecanicista antes incorporado e apresentando as ideias da *Pedagogia Moderna*.

Conforme apresentado por Simões e Salim (2009), o educador Gomes Cardim deu maior importância à formação prática dos professores. Como uma das suas primeiras medidas, organizou a Escola Modelo Jerônimo Monteiro, um espaço destinado ao exercício da prática pedagógica aos alunos que cursavam o 3º ano do Curso Normal.

É nesse momento, segundo Schneider, Alvarenga e Bruschi (2011), que os relatórios governamentais voltariam a apresentar a necessidade de se trabalhar a ginástica na escolarização das crianças, agora como disciplina que deveria ser cursada pelos alunos. A ginástica começa, então, a ser apresentada como disciplina tanto nas escolas primárias como nas escolas normais, lugar de formação de professores primários.

Com uma duração de três anos, o currículo instalado após o Decreto nº 109, de 4 de julho de 1908 (SIMÕES, SALIM, 2009), consistia das seguintes disciplinas: *Português, Francês, Aritmética e Álgebra, Geografia e Cosmografia, Caligrafia e Desenho, Ginástica, Inglês, Física e Química, Geometria, História do Brasil, Ginástica e Exercícios Militares, Literatura Portuguesa, História Universal, Pedagogia e Educação Cívica, Exercícios de Ensino na Escola Modelo e Trabalhos Manuais*.

Segundo Schneider, Alvarenga e Bruschi (2011), a disciplina *Ginástica*, que era orientada na Escola Normal e nas escolas primárias, tinha como base os conhecimentos advindos do Método Sueco de Ginástica e era dividida em quatro partes:

⁷⁸ Carlos Alberto Gomes Cardim integrava a primeira geração dos normalistas “republicanos formados”. Formou-se após a Reforma Educacional promovida no Estado de São Paulo depois da proclamação da República. O movimento possuía como base pedagógica os novos métodos de ensino, especialmente o método analítico de leitura, difundido para os outros Estados por meio das “missões de professores” paulistas (SIMÕES; SALIM, 2009).

[...] 1) ginástica pedagógica ou educativa – evitar as moléstias, assegurar a saúde, evitar os vícios e defeitos posturais; 2) ginástica militar – exercícios guerreiros (tiro, esgrima etc.); 3) ginástica médica e ortopédica – fazer desaparecer certas deformidades ou curar certas moléstias; e 4) ginástica estética – desenvolver harmoniosamente o organismo (SCHNEIDER; ALVARENA; BRUSCHI, 2011, p. 4).

É possível perceber que, nas três primeiras décadas do século XX, a ginástica era justificada para a formação escolar,

[...] em função de compreender-se que ela poderia corrigir e endireitar os corpos das crianças. Curar os defeitos, as moléstias e anormalidades punham-se como objetivo para a disciplina — Educação Física — sejam estas consequentes das taras dos ancestrais, sejam aquelas adquiridas pelo meio (SCHNEIDER; ALVARENGA; BRUSCHI, 2011, p. 4).

Desde a implantação da disciplina *Ginástica* no ano de 1908 na Escola Normal, o professor responsável pela sua administração foi Deocleciano Nunes de Oliveira. Segundo Franco (2001), esse professor já se fazia presente compondo o quadro de docentes da Escola Normal desde o final do século XIX. Deocleciano de Oliveira, além de assumir a diretoria da Escola Normal, teria dado continuidade à reforma realizada por Gomes Cardim, ao assumir o cargo de inspetor geral do Ensino Público.⁷⁹

Na Figura 8, visualizamos o professor Deocleciano de Oliveira ministrando uma aula de ginástica para as alunas em formação. No mesmo ano, percebemos como a Escola Normal investiu na estrutura de seu espaço, a fim de proporcionar aos alunos em formação os conhecimentos da ginástica, orientada pelo Método Sueco, com uma sala própria para a prática e a aquisição de equipamentos para essa finalidade, como nos mostra a Figura 9.

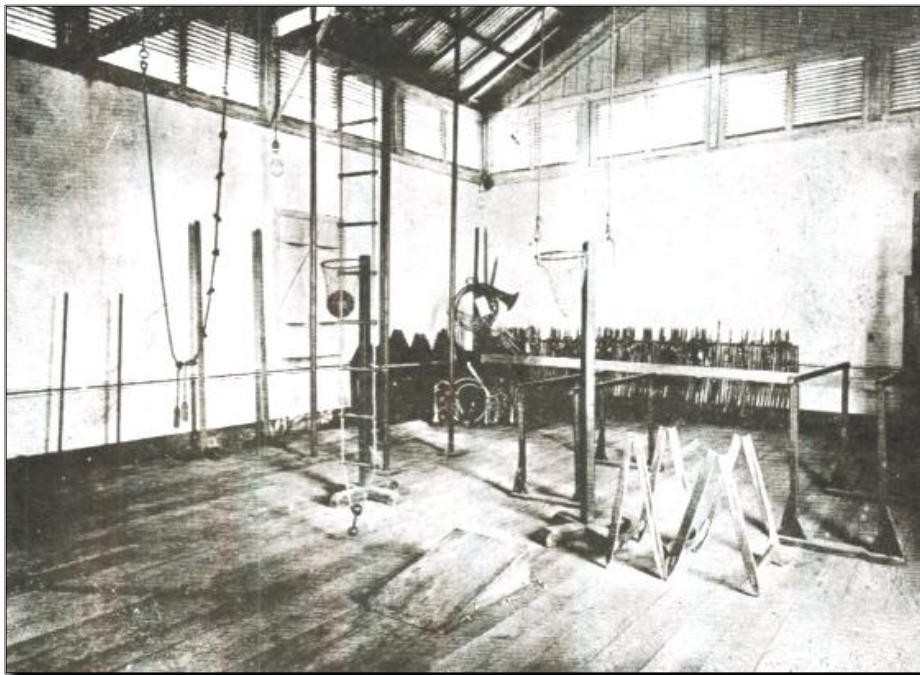
⁷⁹ Faleceu em Vitória no ano de 1919.

Figura 8 – Alunas da Escola Normal em exercicio de gymnastica sueca



Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1909

Figura 9 – Sala de gymnastica das Escola Normal e Escola Modelo



Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1909.

Em relação ao currículo apresentado no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, pelo Decreto nº 334, de 2 de abril de 1909, o colégio foi equiparado à Escola Normal, passando as alunas formadas nessa instituição a estudar as mesmas disciplinas e a ter os mesmos direitos e vantagens que os alunos da Escola Normal,

o que fez com que o colégio passasse a realizar maior quantidade de matrículas de mulheres, tendo, assim, mais representatividade. Mesmo após a equiparação, no estudo realizado por Franco (2001), não foi possível observar a disciplina *Ginástica* compondo o currículo no ano de 1910.⁸⁰ Segundo o autor, somente em 1911 é que houve a tendência de estudar as mesmas disciplinas. Localizamos, porém, a presença da disciplina *Ginástica*⁸¹ no colégio a partir do ano de 1920 (ESPIRITO SANTO, 1922-1925b).

Após a reforma realizada por Gomes Cardim na Escola Normal, nota-se que, além da disciplina *Ginástica*, são incorporados os *Exercícios Militares* e a *Educação Cívica* (SIMÕES; SALIM, 2009). Era comum a realização de paradas escolares e desfiles em comemoração a datas festivas. Jerônimo de Souza Monteiro, em seu governo, buscou implantar uma política de sentimento de nacionalidade, já que, no Espírito Santo, nos municípios interioranos, era forte a presença de imigrantes.⁸²

Temos municípios, especialmente os de Santa Leopoldina, Santa Isabel e Santa Teresa, onde as escolas estrangeiras, quase tôdas dirigidas por alemães, causam mais dano que os piores males reunidos. O seu corpo docente é alemão; os seus livros e cadernos de exercícios escolares tratam de assuntos estranhos ao nosso meio; a decoração de suas paredes de aula, e até mesmo os quadros que ornem as suas salas, são todos calcados em motivos alemãs: nada ali se vê de brasileiro [...]. Percorrem-se essas escolas e se não encontrará uma bandeira nacional, um quadro de brasileiro notável, nem motivos nacionais que recordem a infância que ali se educa, que ela se prepara para viver no Brasil e colaborar com os brasileiros na luta pela vida (DUARTE, *apud* OLIVEIRA, 1951, p. 418-419).

O investimento na área educacional organizado por Jerônimo de Souza Monteiro em seu governo buscava a nacionalização dos imigrantes que residiam nas cidades do interior do Estado. A ginástica, nesse contexto incorporada como

⁸⁰ Ao analisar a documentação da Escola Normal e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, arquivada na Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo, não identificamos os professores responsáveis pela administração das disciplinas nos colégios. A documentação preservada sobre a instituição refere-se a atas finais dos alunos e ao tempo de serviço dos professores, e estes, quando analisados, correspondem a períodos posteriores ao início do século XX. Observamos que muitos documentos que poderiam nos oferecer informações sobre a organização e o cotidiano das escolas foram perdidos, o que estabelece um limite na pesquisa histórica.

⁸¹ Referente ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, não encontramos indícios do professor responsável pela disciplina *Ginástica*.

⁸² Por muito tempo, predominou, no imaginário da intelectualidade, que um dos meios para se resolver os problemas de melhoramento da raça e de saneamento seria a imigração, modo mais simples de promover o melhoramento das características raciais dos brasileiros, ao invés de investir em medidas higiênicas, educação e saneamento. Foi somente após a Primeira Guerra Mundial que os intelectuais brasileiros observaram não ser mais possível contar com as levas de imigrantes europeus. Agora, a fórmula ou tendência era apresentar o brasileiro como essencialmente bom, vítima da falta de educação (SCHNEIDER, 2010).

disciplina escolar, fazia parte do investimento que o governador havia realizado ao trazer para o Espírito Santo o educador paulista Gomes Cardim. Segundo Simões e Salim (2009), havia resistência das normalistas em ocupar cadeiras no interior do Estado. Mas, a partir desse período, houve crescente criação de escolas primárias e o aumento do número de matrícula em todo o território capixaba.

A inclusão da ginástica é considerada uma marca do governo Jerônimo de Souza Monteiro. Seria com seu ensino que se poderia enfatizar a formação do sentimento cívico, o patriotismo e a nacionalidade. Segundo Schneider, Alvarenga e Bruschi (2011), o patriotismo era uma das marcas de seu governo, pois entendia-se que, para a modernização do Estado do Espírito Santo e do Brasil, eram necessárias a nacionalização e a moralização dos imigrantes e de ex-escravos. A reforma realizada em 1908 tinha como objetivo “[...] criar a disciplina, a moral e os valores cívicos não para formar o homem ilustrado do final do século XIX, mas para uma nova sociedade industrializada, ordeira e moderna” (SCHNEIDER; ALVARENGA; BRUSCHI, 2011, p. 6).

Ao comparar o currículo das duas escolas, observamos que a ginástica era ministrada nos dois primeiros anos do curso, porém a frequência às aulas semanalmente era superior na Escola Normal nos anos da década de 1920, com duas aulas durante a semana no 1º ano do curso e quatro aulas semanais no 2º ano. Ao analisarmos a frequência da disciplina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora no mesmo período, verificamos que, nos dois primeiros anos do curso, era oferecida apenas uma aula semanal (ESPIRITO SANTO, 1918-1930; ESPIRITO SANTO, 1922-1925a; ESPIRITO SANTO, 1922-1925b). Apesar de o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora ter equiparado seu currículo ao da Escola Normal, um dos motivos pelo qual essa instituição se destacava no ensino da ginástica se deve ao fato de ter sido receptiva à reforma ministrada por Gomes Cardim e ser considerada a escola modelar em frente às outras instituições.

No governo de Aristeu Borges de Aguiar (1928-1930), a formação de professores também foi uma preocupação constante. Com o secretário da Instrução, Atilio Vivacqua, a nova proposta de educação buscou implantar reformas na instrução pública. Formulada entre os períodos de 1929 e 1930, a reforma se

baseava no princípio da Escola Activa e⁸³ foi considerada a última reforma ocorrida na Escola Normal no período da primeira República.

Em sua reforma, Aristeu Borges de Aguiar se deparou com a falta de profissionais preparados para cumprir a missão de escolarizar a população. O governo investe no Curso Superior de Cultura Pedagógica, aprovado pelo Decreto nº 9.297, de 22 de fevereiro de 1929, destinado a inspetores, professores e a pessoas ligadas à Secretaria de Instrução (ALVARENGA, 2011; SIMÕES, BERTO, 2013). Esse investimento foi uma escola de aplicação voltada para a prática do professor, para seu maior aperfeiçoamento, colocando em ação os preceitos aprendidos da Escola Activa para levá-los à escola.

Em relação à disciplina Educação Física, Aristeu Borges de Aguiar implantou seu ensino dentro do modelo educacional perspectivado. Preocupado com a saúde física da população, seu governo inseriu medidas sanitárias, submetendo “[...] a Educação Física ao que ele designa como Sala de Saúde” (SCHNEIDER; ALVARENGA; BRUSCHI, 2011, p. 8).

Como aponta Alvarenga (2011), não houve mudanças significativas no ensino da ginástica implantado desde 1908 pelo governo Jerônimo de Souza Monteiro. Continuou orientada pelo Método Sueco, observando-se, nesse período, maior preocupação com o corpo e a necessidade de formar hábitos saudáveis, que deveriam ser passados pela instrução sanitária na escola, acreditando-se que essa prática da ginástica garantiria a adoção de uma vida mais saudável.

De acordo com Berto (2013), a reforma da instrução iniciada por Attilio Vivacqua em 1928 foi interrompida pela Revolução de 1930. Nomeado interventor do Estado, João Punaro Bley dispersou todos os cargos de direção e as funções de destaque do funcionalismo público do Espírito Santo que foram contrários à Revolução de 1930. Com esses atos, as ideias da *Escola Activa* desapareceram do Estado. Além disso, a intensificação do modelo industrial no Brasil pretendida por Getúlio Vargas e seguida pelo interventor, João Punaro Bley, no Estado, trouxe o aparecimento de novas exigências educacionais. Seu ensino passou a privilegiar o

⁸³ Apoiada nos pensamento de Adolphe Ferrière, a Escola Activa pretendia romper com a escola tradicional e proporcionar a formação do indivíduo novo. A escola seria o meio adequado para considerar as necessidades infantis, atendendo aos aspectos psicológicos da criança e a seus interesses, procurando desenvolver autonomia e liberdade por meio do trabalho manual (SOARES, 1998; BERTO, 2013). Para alcançar essas finalidades, Berto (2013) observa que a Escola Activa buscava alcançar três aspectos: a) promover atividades engenhosas dos professores na sala de aula, enfatizando a criatividade dos alunos; b) mobilizar os estudantes, convidando-os ao movimento; c) e estabelecer a relação com o trabalho manual, com o “aprender fazendo”.

desenvolvimento na tríade do moral-físico-intelectual, formando indivíduos para a modernização que o Brasil iniciou a partir de 1930.

No que tange ao ensino da Educação Física, o objetivo principal não era mais curar defeitos ou moléstias e eliminar as taras, almejando a prevenção e a correção dos corpos. Passou a se projetar para a economia de forças, desenvolvendo as potencialidades e capacidades dos alunos, em termos de especialização e rendimento que, para Schneider (2003, p. 131), se projetava em “[...] ensinar como produzir com maior velocidade, em um menor tempo, com gasto mínimo de energias”, formando indivíduos úteis para um novo país que cada vez mais se modernizava.

2.4 PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES: AS PROFESSORAS NORMALISTAS NA SOCIEDADE CAPIXABA

Dentre as professoras formadas no Curso de Educação Física que publicaram suas monografias em periódicos locais, realizamos um levantamento, por meio das fontes, identificando a instituição em que elas se formaram como normalistas, o período cursado e as idades quando fizeram o ensino normal. Esse trabalho foi feito pelo cruzamento de informações referentes aos documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, das escolas normais e do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Diante da escassez de fontes que nos esclareçam sobre a formação dos alunos na Escola Normal e no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, devemos ficar atentos às pistas e indícios que podem informar sobre um dado acontecimento. Portanto, é necessário saber analisar as informações encontradas.

No levantamento de fontes sobre o período em que as professoras cursavam o ensino normal, notamos que eram admitidas com uma idade média de 12 a 14 anos. No período de sua formação, entre os anos de 1921 a 1932, elas se formavam com uma idade de 14 a 18 anos. As mulheres que ingressavam na carreira de professoras no período eram muito jovens (ESPIRITO SANTO, 1918-1930; ESPIRITO SANTO, 1922-1925a; ESPIRITO SANTO, 1922-1925b; ESPIRITO SANTO, 1932-1934).

Das autoras que publicaram nos impressos, são oriundas da Escola Normal as professoras Helena Serrano, Alice Greppe, Alva Piovan, Julieta Greppe, Sylvia Rocha, Felisbina Pinheiros de Moraes, Orlandina Ribeiro e Dalila Neves. Do Colégio

Nossa Senhora Auxiliadora, as professoras Isaltina Paoliello, Clarice Lima, Analia Paoliello, Elcia Aquino, Anita Crema, Mathilde Crema, Maria Orlandina Bomfim, Celina Cardoso, Maria Aparecida Nogueira, Sylvia Carlos Loureiro e Adyr Miranda. O Curso de Educação Física também recebia alunas formadas em instituições de outros Estados. Identificamos a aluna Jovita Nogueira diplomada na Escola Normal do Rio de Janeiro, e Mercês Garcia diplomada no Colégio Santa Isabel, também do Rio de Janeiro.

De acordo com Franco (2001), o acesso à Escola Normal era muito concorrido, pois representava *status* social para as moças da época que ingressavam no curso. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora já possuía repercussão entre as classes médias, porém, após sua equiparação à Escola Normal, representou aquisição de maior representatividade na sociedade vitorriense.

Essa representatividade é marcante nas páginas da revista *Vida Capixaba*, considerada uma revista de variedade, que publicava os acontecimentos políticos, sociais e educacionais do Espírito Santo. Dentre os assuntos educacionais veiculados no impresso, as informações sobre a Escola Normal e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora são recorrentes. A revista tornava públicas as práticas ministradas nesses colégios e eram comuns imagens de alunos e de cerimônias de colação de grau dos diplomados, o que demonstrava que não era qualquer indivíduo que estava apto a se matricular nessas instituições.

A taxa de inscrição que ambas as escolas cobravam no momento da matrícula era um fator que selecionava os alunos nos cursos. A Escola Normal, mesmo sendo uma escola pública, não fugia à regra. A maioria dos alunos que ingressavam nas duas escolas provinham das classes médias ou das elites capixabas. Porém, isso não significava que as escolas recebiam apenas esse público. Ao visitar o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, encontramos pedidos de isenção de taxa (ESPIRITO SANTO, 1914; ESPIRITO SANTO, 1919). Simões e Salim (2009) observam que, na Escola Normal, a taxa de matrícula podia ser abonada pelo presidente do Estado, se a família conseguisse comprovar insuficiência de condições. Porém, as autoras sinalizaram que o abono correspondia a apenas dez para cada ano escolar.

Nas páginas da *Vida Capixaba*, além das responsabilidades curriculares, observa-se que as normalistas também possuíam atividades extracurriculares, como nos mostram as Figuras 10 e 11. As alunas se faziam presentes em desfiles e em

comemorações de datas importantes organizados pela política estadual e que envolviam várias instituições educacionais. Essas práticas eram produzidas e dadas a ver para a sociedade vitoriense, que se reunia nas ruas para observar a importância que essas escolas representavam para o Estado do Espírito Santo e a iniciativa do governo de Florentino Avidos de promover o sentimento de nacionalidade à população capixaba, em um período ainda marcado pelo grande contingente de imigrantes que residia principalmente no interior do Estado a civilizar os filhos de ex-escravos.

Figura 10 – Alunos da Escola Normal e Annexas que desfilaram em homenagem ao Exmo. Sr. Presidente do Estado no dia do seu primeiro aniversário de governo



Fonte: Vida Capichaba, 1925.

Figura 11 – Aspecto da grande parada escolar



Fonte: Vida Capichaba, 1927.

Outra prática recorrente nos colégios e que compunha o currículo das alunas era a disciplina *Trabalhos Manuais* (ESPIRITO SANTO, 1918-1930; ESPIRITO SANTO, 1922-1925a; ESPIRITO SANTO, 1922-1925b). As alunas desenvolviam habilidades práticas, como a confecção de toalhas, guardanapos, cestas, bonecas e objetos de utilidade doméstica. Os colégios promoviam a exposição desses trabalhos aberta a visitas para a sociedade. Eram divulgados também nas páginas da revista *Vida Capichaba*, como visualizamos na Figura 12. Segundo Barreto (2007), a exposição dos trabalhos na Escola Normal era um evento muito concorrido e marcado pela presença de personalidades de prestígio da sociedade capixaba, o que garantia grande representatividade à escola e também às normalistas.

Figura 12 – Aspectos da exposição de trabalhos da Escola Normal Pedro II e Anexas



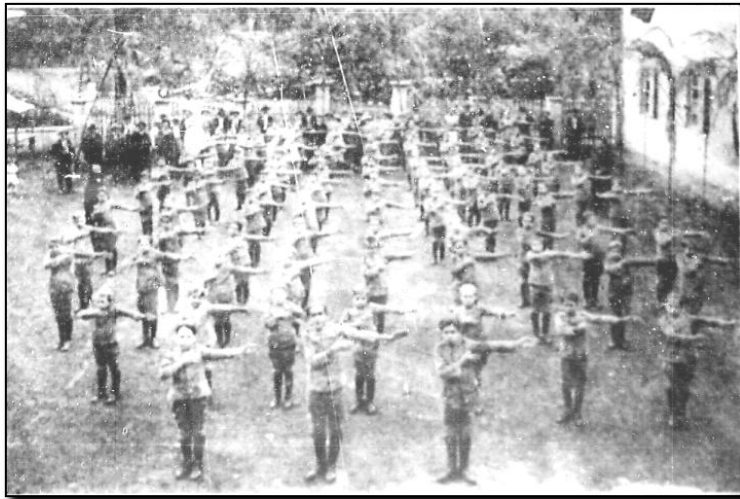
Fonte: *Vida Capichaba*, 1929.

Ainda sobre as práticas realizadas nessas instituições, além das aulas de ginástica, localizamos, nas páginas da revista *Vida Capichaba*, que, na década de 1920, as normalistas participavam de jogos e torneios esportivos. Observamos que, nesse período, era comum a organização de competições entre os colégios da região. Conforme Barreto (2007), essas competições no Espírito Santo transformavam-se em um grande evento que envolvia autoridades locais, famílias e outros cidadãos capixabas. Mas, até a década de 1930, a ginástica era orientada

pelo Método Sueco de Ginástica, que não possuía os esportes como prática sugerida.

Imagens de escolares realizando ginástica sueca são publicadas na revista *Vida Capixaba*, como observado na Figura 13, quando outro movimento começa a se formar no Espírito Santo, a presença dos esportes compondo a formação das normalistas, como vemos na Figura 14. Isso sinaliza uma nova perspectiva para o meio educacional capixaba, fortalecendo novas questões em relação à importância da prática da Educação Física.

Figura 13 – Gymnastica sueca feita pelos alumnos do Collegio Italo Brasileiro, em S. Theresa neste Estado



Fonte: *Vida Capichaba*, 1926.

Figura 14 – Alunas da Escola Normal em uma partida de basquete contra o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Fonte: *Vida Capichaba*, 1929.

A passagem das alunas pela Escola Normal e pelo Colégio Nossa Senhora Auxiliadora garantiria representatividade social às mulheres ao se formarem como professoras. Apesar da expansão da oferta de formação às mulheres para se dedicarem a uma profissão pública, observamos que algumas das práticas ministradas nesses ambientes educacionais preparavam a mulher para ser mãe, dona de casa e boa esposa.

Essas práticas estão ligadas à disciplina *Trabalhos Manuais*, ministrada nos dois colégios, além da disciplina *Comportamento*, em que as mulheres aprendiam como se comportar em público, aulas de boas maneiras e etiquetas. No Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, as alunas deveriam ainda dedicar horas para estudos de religião, orações, rezas e missas, tendo uma disciplina denominada *Instrução Religiosa* (ESPIRITO SANTO, 1918-1930; ESPIRITO SANTO, 1922-1925a; ESPIRITO SANTO, 1922-1925b). Conforme Franco (2001), além da formação para atuar no magistério, a passagem pela Escola Normal conferia às mulheres a aptidão para o casamento.

Aberto o Curso de Educação Física em 1931, nos editais de matrícula para ingresso no curso de professores,⁸⁴ os candidatos deveriam corresponder às seguintes condições:

[...] a- ser diplomado como professor por estabelecimento de ensino oficial ou oficializado, do Estado ou da União;

b- ter mais de 16 e menos de 35 anos de idade, contada até a data da matrícula;

c- ter físico compatível com o mister e gozar perfeita saúde comprovada em rigorosa inspeção procedida por uma Junta Médica indicada pelo Inspector de Educação Física (ESPIRITO SANTO, 1933b, p. 3).

Os candidatos que não cumprissem as exigências acima, deveriam apresentar título de Curso Superior, certificados de exames de disciplina de Português, Arithmetica, Coreografia, História do Brasil, possuir noções de História Natural ou, ainda, realizar uma prova de conhecimentos de Português e de Zoologia (ESPIRITO SANTO, 1932b; ESPIRITO SANTO, 1933b). Outro meio de acesso ao Curso de Educação Física, e o mais verificado, era por designação pelo então secretário do Interior do Estado, Wolmar Carneiro da Cunha.

Dentre as alunas, Isaltina Paoliello, Clarice Lima, Helena Serrano, Analia Paoliello, Elcia Aquino, Jovita Nogueira, Dalila Neves e Adyr Miranda foram designadas pelo secretário para frequentar o curso, o que, supostamente, já demonstrava certo prestígio pelo trabalho que essas alunas exerciam em suas

⁸⁴ O Curso de Educação Física era dividido em dois cursos: um com o objetivo de habilitar os professores e instrutores a ministrar a Educação Física nos estabelecimentos de ensino e o outro, o curso de monitor, para preparar sargentos, militares e guardas-civis para auxiliar nas corporações. Os cursos possuíam programas de disciplinas distintos.

funções como professoras primárias. No momento de ingresso no curso, as normalistas já exerciam a profissão de professora estadual, geralmente regendo suas cadeiras em escolas do interior do Estado. Observamos que muitas outras alunas também foram designadas pelo secretário para participar do curso, o que denota sua posição na sociedade nas tomadas de decisões, decidindo sobre aqueles que deveriam frequentar ou não o curso e obter o diploma de professor de Educação Física.

A presença de mulheres no Curso Normal também influenciou a característica do Curso de Educação Física. Com a obrigatoriedade de o candidato interessado em se matricular no curso apresentar diploma de normalista, as mulheres se tornaram maioria no Curso de Formação de Professores. Elas não se matriculavam no curso de instrutor, cabendo aos homens a inscrição nessa categoria.

A formação das professoras representa uma nova perspectiva de analisar os atores envolvidos no processo de desenvolvimento da disciplina a partir da década de 1930, no Espírito Santo, uma vez que, como eram maioria, elas se tornaram as responsáveis pela divulgação das discussões sobre a Educação Física e a formação dos alunos primários e secundários no Estado.

A presença das mulheres nas discussões do desenvolvimento da Educação Física se tornou marcante quando as 23 professoras normalistas que concluíram o Curso de Educação Física publicaram suas monografias em dois impressos locais: o jornal *Diário da Manhã* (1908-1937) e a *Revista de Educação* (1934-1937).

2.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Por meio da análise dos documentos e dos trabalhos que procuraram estudar a inserção da Educação Física no Espírito Santo, observamos que a ginástica foi apresentada como conteúdo na formação dos normalistas a partir do ano de 1908 e compôs a formação das 23 professoras de Educação Física, interesse principal de nosso estudo. No Curso Normal, a disciplina Ginástica era orientada com base no Método Sueco e seu conhecimento objetivava apresentar aos professores práticas capazes de corrigir os corpos das crianças e despertar o sentimento patriótico em um Estado que possuía grande contingente de imigrantes.

A partir da década de 1930 e da criação do Curso de Educação Física em 1931, as professoras vivenciaram uma mudança de concepção em torno da

necessidade do ensino dessa disciplina. O Método Francês se tornou oficial e deveria ser apresentado para a formação de professores e transmitido para a população capixaba, perspectivando não mais a ortopedia, mas a prática da atividade física na busca da eficiência.

Essas mulheres participaram do momento de transição, vivenciando, no decorrer de suas formações como professoras, duas concepções de Educação Física. Nos anos finais da década de 1920, os esportes, conteúdo do Método Francês, já se faziam presentes nas práticas ministradas na Escola Normal e vivenciadas pelas professoras. Posteriormente, iriam receber maior enfoque, a partir da introdução do Método Francês.

Contudo, os estudos produzidos sobre a Escola Normal e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora observaram que a inserção das mulheres no espaço público não foi sem resistência. A circulação fora do ambiente doméstico poderia significar desonra e o descumprimento dos papéis sociais que às mulheres era destinados, o cuidado com o lar e o cumprimento dos seus deveres como filha, esposa e mãe. Apesar de as discussões pela inserção da mulher no processo educacional se iniciarem em fins do século XIX, somente a partir do século XX sua presença se torna maioria nos cursos normais.

A despeito da mudança ocorrida na sociedade em favor da *feminização do magistério* em todo o Brasil, observamos que algumas práticas ministradas nas duas instituições, direcionadas às mulheres, davam continuidade à concepção de que os afazeres do lar e o bom comportamento apresentado à sociedade eram fundamentais para a formação de uma boa professora. Franco (2001) observa ainda que muitas mulheres não deram continuidade à sua profissionalização, pois, ao se casarem, enxergaram o espaço privado como o preferencial.

Entretando, ao evidenciarmos a continuidade da formação de muitas mulheres quando ingressaram no Curso de Educação Física na década de 1930, participando de um projeto de desenvolvimento ao lado de autoridades locais na expansão da escolarização da Educação Física no Estado, discussão a ser apresentada no Capítulo 3, demonstramos que nem todas as mulheres encontraram obstáculos para permanecer nos espaços públicos ou foram submissas em uma sociedade em que prevaleciam as ações masculinas, não generalizando as ações dos indivíduos, que possuem formas diferentes de se manifestar na vida social.

Sinalizando uma ruptura com a história da mulher restrita apenas a uma “[...] história do corpo e dos papéis sociais desempenhados na vida privada [...]” (PERROT, 2007, p. 15), nosso foco baseia-se em suas histórias nos espaços públicos, percebendo as mulheres atuantes na sociedade. De acordo com Certeau (1994), não é possível uma uniformização das práticas, pois cada indivíduo possui formas diferentes de se apresentar no espaço público, utilizando, às vezes, táticas em oposição àqueles que detêm o poder, produzindo ações que possam influenciar a realidade.

3 AS MULHERES COMO AUTORAS: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA

Resumo: Objetiva investigar como as alunas se apropriaram dos conhecimentos que lhes foram transmitidos durante a formação como professoras no Curso de Educação Física do Espírito Santo e o materializaram em forma de monografias, consideradas discussões autorizadas a circular em impressos locais. Assume, como referencial teórico-metodológico, o conceito de lutas de representações (CHARTIER, 1990) e de estratégia e tática (CERTEAU, 1994) para compreender como uma realidade é construída por vários indivíduos que a compõem. Usa, ainda, a proposta do paradigma indiciário (GINZBURG, 1999) na análise das fontes e utiliza como fontes os documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, o jornal Diário da Manhã (1908-1937) e o impresso pedagógico, a Revista de Educação (1934-1937). A seleção de somente algumas monografias é compreendida pelas práticas presentes no curso, destacando as classificações que essas mulheres obtinham pela produção dos trabalhos. Considera que as mulheres agiram taticamente com as propostas do Centro Militar de Educação Física e do governo capixaba, o que fez com que somente algumas monografias fossem selecionadas para serem publicadas em dois impressos da região.

Palavras-chave: *Educação Física. Produção de conhecimento. Imprensa Espírito-Santense*

3.1 INTRODUÇÃO

O Arquivo Permanente do Cefd/Ufes se apresenta como um importante acervo de documentos que fornece indícios da organização do curso, no decorrer da década de 1930, para a formação de professores. Em seu interior, localizamos as monografias que eram produzidas pelos alunos como requisito obrigatório para a colação de grau. Elas se destacam como produções que dão a ver os assuntos discutidos no curso, apresentadas como saberes que abrangiam a prática pedagógica do professor de Educação Física. Dessa forma, analisar as produções dos alunos se apresenta como uma importante ferramenta que revela os saberes

necessários que deveriam compor os conhecimentos do professor em sua prática docente.

A elaboração da monografia passa a se tornar obrigatória a partir da segunda turma oferecida pela instituição, o chamado Curso de Férias, ocorrido entre dezembro de 1931 e março de 1932 para o Curso de Formação de Professores. Nos documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, encontramos as monografias guardadas nos dossiês dos alunos até o ano de 1939. Conforme Marinho (1943), a produção desses trabalhos continuou durante a década de 1940, mas foram armazenados nos arquivos da Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Saúde.

Esse material foi publicado na mídia capixaba, sobretudo no jornal *Diário da Manhã* e no impresso *Revista de Educação*. Analisar tais trabalhos e a sua autoria é relevante, uma vez que esse acervo nos permite compreender os processos de produção do conhecimento de nossa área e evidencia os atores que ajudaram a construir o nosso campo intelectual, expressando o protagonismo das mulheres no cenário capixaba. O fato de apresentar esses trabalhos elaborados pelas mulheres de forma significativa demonstra que, desde a década de 1930, havia produção de conhecimento de forma sistematizada e institucionalizada.

Neste momento, buscamos ampliar e evidenciar a produção das monografias que eram construídas no interior do Curso de Educação Física, de modo a compreender os motivos pelos quais alguns desses trabalhos escritos pelas alunas foram considerados significativos e aptos a circular na imprensa capixaba. Pretendemos, também, observar os discursos publicados e como as monografias são capazes de revelar os sentidos atribuídos à Educação Física na década de 1930.

Para nos ajudar a entender os processos de construção das monografias, recorreremos a Chartier (1991), quando esse autor explica que é necessário voltar nossa atenção para o mundo do texto e o mundo do leitor. Ao fazermos isso, é possível realizar uma análise textual que ultrapasse o próprio conteúdo e considere o seu lugar de produção, a apreensão e compreensão dos indivíduos envolvidos no processo. O autor sinaliza duas hipóteses:

A primeira hipótese sustenta a operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as

comunidades. A segunda considera que as significações múltiplas e móveis do texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (CHARTIER, 1991, p. 178).

O autor, ao explicar a construção do mundo social fora de uma partição rigidamente hierarquizada, compreendendo o mundo não apenas pelas suas relações econômicas, sociais, culturais e políticas, propõe uma nova forma de conceber a realidade, penetrando nas relações, tensões e intenções humanas. A análise dessa realidade nos faz entender como as monografias foram construídas, sendo necessária a apropriação das leituras e escuta dos assuntos discutidos no decorrer das formações discentes no curso. Os alunos se apropriaram e fizeram usos individuais desses conhecimentos a eles apresentados.

Os saberes transmitidos às professoras como legítimos para qualificar o trabalho com a Educação Física advinham de uma autoridade superior. Eram determinados pelos militares e por pessoas que exerciam cargos no Governo Estadual, como o diretor do Curso de Educação Física, o tenente Carlos Marciano de Medeiros, e Mario Bossois de Ribeiro, chefe do Serviço de Inspeção Médica e Educação Sanitária Escolar, que também exerciam atividades como docentes no curso, decidindo os conhecimentos que eram transmitidos aos alunos.

Para Certeau (1994, p. 39), quando um saber advém de uma ordem superior e é transmitido para uma ordem considerada mais inferior, esse saber representa “[...] uma produção racionalizada, expansionista além de centralizadora, barulhenta e espetacular [...]”. Mas, quando os saberes são apropriados pelos indivíduos, o autor considera que podem ser utilizados taticamente, ou (re)significados, de modo que, neste trabalho em particular, percebemos como eles foram apropriados e convertidos, resultando nas monografias desenvolvidas pelos alunos como requisito para finalizar o processo formativo e receber o título de professor de Educação Física. Certeau (1994, p. 39) considera que o modo de empregar um saber superior no cotidiano

[...] corresponde a *outra* produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.

Essa forma de analisar a realidade faz com que Certeau (1994) considere menos as estatísticas, para centrar-se mais nas operações e nos usos individuais, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes. Quando algumas pesquisas focalizam a atenção nas mulheres, percebem as suas ações quase exclusivamente por meio das formas de obediência e com práticas uniformizadas. Em nossa pesquisa, procuramos compreender a importância atribuída a elas para que a expansão da prática da Educação Física fosse realidade no Espírito Santo, levando em consideração a maneira silenciosa, e quase invisível, com que operaram dentro do curso.

O conceito de *estratégia* e *tática* desenvolvido por Certeau (1994) também nos ajuda na compreensão da forma como as mulheres, ao possuírem um baixo capital simbólico, utilizaram as representações que estavam em circulação naquele momento para ganhar projeção. Entenderam que o discurso que estava em circulação era uma representação daquilo que o Estado achava que deveria ser a Educação Física e quais teorias deveriam ser utilizadas para que a disciplina ganhasse sentido no campo educacional e também fora dele. Ao realizarem tal ação, entendemos que as mulheres se utilizaram de *tática* para atingir seus objetivos, acessar outras esferas da hierarquia profissional, acumular capital simbólico e serem reconhecidas na vida pública (BOURDIEU, 2001).

Os documentos do Arquivo Permanente do Cefed/Ufes e os impressos, jornal *Diário da Manhã* e *Revista de Educação*, mostraram-se como importantes fontes que nos auxiliaram a analisar a presença e os modos de operar dos atores sociais, neste caso, as professoras, em sua vida cotidiana. Mas, para que fossem percebidas, as fontes foram analisadas por meio de pistas e vestígios de suas ações. Bloch (2001) nos adverte que é necessário nos desviar dos fatos e acontecimentos e estabelecer uma crítica documental, pois, para o autor, um documento é sempre carregado de intenções de quem o produziu.

Bloch (2001) considera a não imparcialidade das fontes, porque, muitas vezes são registrados somente acontecimentos e práticas que deveriam ser expostos para a sociedade, determinados pelos indivíduos que os organizavam e definiam o que deveria ser guardado da memória da instituição,⁸⁵ neste caso, os diretores do Curso

⁸⁵ Para Le Goff (1990), tanto a linguagem falada quanto a escrita são formas de armazenamento da nossa memória. O autor considera que o que sobrevive não é o que existiu no passado, “[...] mas uma escolha efetuada pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da

de Educação Física do Estado do Espírito Santo. Quando utilizamos a imprensa periódica, esta também se apresenta como uma importante fonte histórica que dá a ver as discussões que compõem o campo educacional.

A imprensa se apresenta para a sociedade como um dispositivo que tenta impor uma determinada leitura da realidade, atribuída por aqueles que organizam o impresso e que se mostram aptos a selecionar o conteúdo que merece ser distribuído aos leitores. No que tange às discussões educacionais, o impresso passa a ser perspectivado não apenas como veículo de discursos pedagógicos e de prescrição de saberes, posto em circulação, mas, conforme sinaliza Carvalho (2001), como sistemas de regras que regulam os próprios processos de produção, difusão e apropriação desses saberes.⁸⁶

Para analisar a produção das monografias e compreender como se deu a circulação dos trabalhos em impressos locais, utilizamos os documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, do jornal *Diário da Manhã* (1908-1937) e do impresso pedagógico, a *Revista de Educação* (1934-1937). Na análise desses documentos, Bloch (2001, p. 26) nos aconselha:

Deve portanto deixar de ser, 'na ordem documentária, obcecado pelo relato, assim como, na ordem dos fatos, pelo acontecimento'. Mas deve também se resignar a não compreender tudo do passado, a utilizar 'um conhecimento através de pistas', a recorrer aos procedimentos de 'reconstrução'.

Ao utilizar pistas para a reconstrução do passado histórico, Ginzburg (1999) também propõe a necessidade de estabelecer uma crítica documental, pois assim é possível fazer falar os testemunhos, sem eles terem pretendido dizer. Logo, compreendemos a realidade de um determinado período por meio de indícios, fazendo com que observemos as ações de todos os envolvidos no processo

humanidade [...] pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores" (LE GOFF, 1990, p. 462). A memória, nesse sentido, pode apresentar-se sobre duas formas: os *monumentos*, considerados tudo aquilo que pode evocar o passado e perpetuar a recordação; e os *documentos*, os testemunhos escritos. Para o autor, todo documento é monumento, pois todo documento é fruto de escolhas e intenções de quem o elabora, considerado um ponto de vista parcial da história. Para ele, "Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, [...] com pleno conhecimento de causa" (LE GOFF, 1990, p. 470).

⁸⁶ A partir da década de 1990, a historiografia da educação tem privilegiado os impressos como fonte de estudo. Catani e Bastos (1997) consideram os impressos material relevante que possibilita desvelar o modo de funcionamento do campo educacional.

histórico, apresentando o protagonismo das mulheres, produtoras de cultura por meio de suas produções.

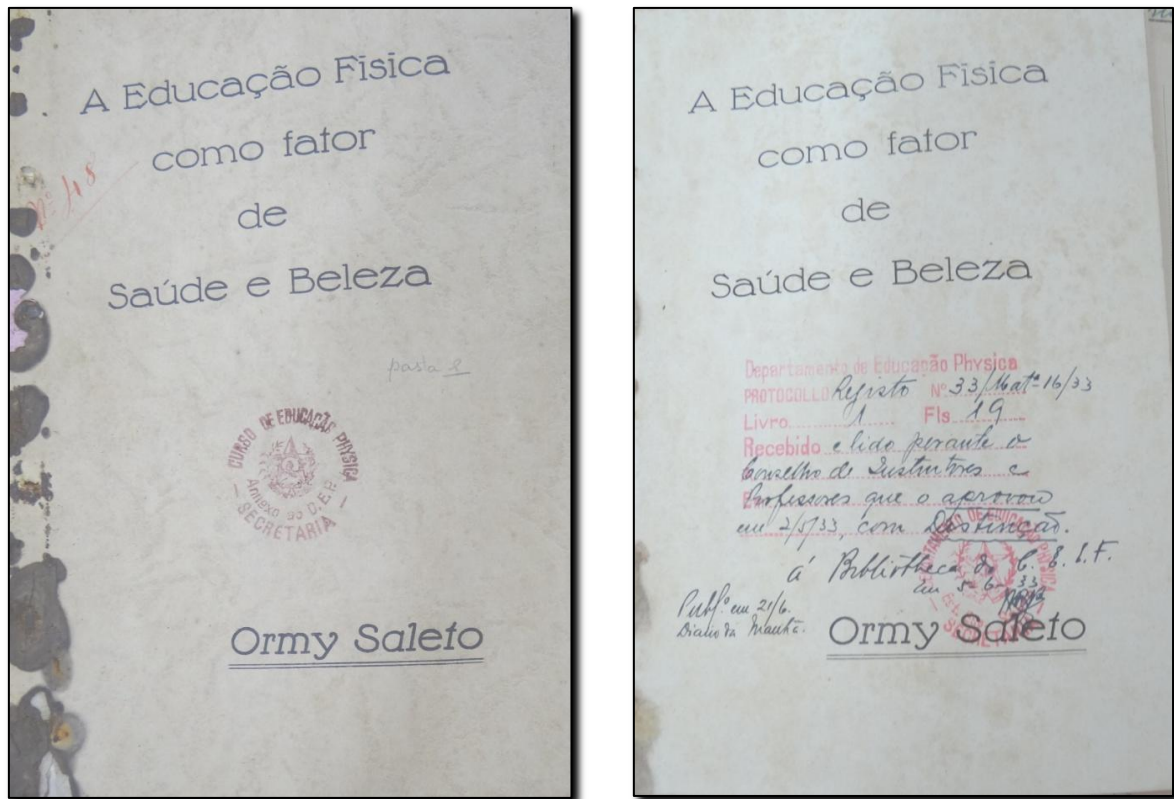
Dessa forma, procuramos compreender as regras pelas quais 23 monografias escritas por alunas do curso foram selecionadas para circular seus conhecimentos em dois impressos locais, discutindo os saberes que eram divulgados e apropriados pela sociedade capixaba sobre a Educação Física. Direcionamos nosso olhar aos indícios apresentados pelos documentos, entendendo as práticas ministradas na instituição durante o período da formação das professoras.

3.2 OS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM LUGAR DE PRODUÇÃO

A elaboração de uma monografia representa um tipo especial de trabalho científico e possui, como característica principal, a delimitação do tema. Apresenta uma formatação própria que possibilita sua fluidez e clareza, permitindo compreender o assunto que o trabalho monográfico quer abordar. Esses elementos são: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Normalmente, a elaboração de uma monografia é exigida para o aluno no momento da finalização do estudo.

Os trabalhos produzidos no curso seguiam um padrão de formatação, redigido em máquina datilográfica, contendo capa e contracapa, título, nome do aluno, registro da entrega e da apresentação, carimbado e assinado pelo diretor do curso, como visualizamos na Figura 15. Por vezes, as capas e contracapas eram acompanhadas pelo nome da instituição, Estado e ano, seguidos por uma dedicatória, normalmente direcionada a algum professor do curso, possivelmente o professor que teria orientado o aluno na produção do trabalho. Mas nem todas as monografias seguiam esse padrão de formatação. Por vezes, diferenciavam-se da maioria das produções, sendo possível encontrar monografias redigidas a punho ou sem capa e contracapa.

Figura 15 – Capa e contracapa da monografia da aluna Ormy Saleto



Fonte: Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, 1933.

As monografias discorriam sobre um tema considerado relevante e em evidência, escolhido pelo aluno, seguindo uma lógica de introdução, desenvolvimento e conclusão. Porém, não observamos esses requisitos em todas as monografias. Algumas iniciavam já com a discussão sobre o tema, sem estabelecer uma breve introdução. Outras, por vezes, não apresentavam uma conclusão. Esses trabalhos eram produzidos brevemente, contendo em média cinco a dez páginas, provavelmente em razão do pouco tempo destinado à elaboração da monografia, já que a duração do curso girava em média em seis meses. Essa foi uma das justificativas apresentadas por uma aluna do ano de 1935 na elaboração da sua monografia. Antes de iniciar seu trabalho, a aluna Maria da Penha Couto Teixeira (1935, p. 3) pondera que o trabalho “Representa, porem o esforço [de] um curso de pouco mais de seis mezes e toda a boa vontade e desejo de produzir de accordo com as possibilidades de nossa capacidade”. Desse modo, consideramos que as monografias expunham um primeiro formato do que é hoje produzido ao final dos cursos superiores, que segue um modelo de formatação orientado pelas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Possivelmente, para a produção dos trabalhos, os alunos utilizaram livros e periódicos presentes na Biblioteca do Curso de Educação Física,⁸⁷ pois notamos que muitas informações, ou mesmo citações (feitas sem indicar referências de livros e páginas) se repetem entre as monografias, sinalizando que os materiais utilizados como suporte para auxiliar em suas produções foram os mesmos entre os alunos. Talvez esse seja um dos motivos levantados pelo aluno Moacyr Ewald Borges no curso, no período de 1935, quando escreve que os trabalhos eram produzidos “Completamente despido de artificios litterarios, pois que, para tanto, fallece competencia, este trabalho, representa, apenas, um esforço para comprovar nosso grão de aproveitamento” (BORGES, 1935, p. 3). Silva (1996) também se refere à precariedade de fontes para a construção das monografias e adverte para a falta de materiais que os alunos encontraram para a construção dos trabalhos: “[...] o incentivo e a produção de pesquisas acadêmicas aconteciam, mesmo sem muito rigor metodológico” (p. 138).

Ao final dos trabalhos, não localizamos as referências utilizadas pelos alunos para a construção das monografias. São encontradas no corpo do texto possíveis referências de autores utilizados pelos alunos, citações diretas, além de indiretas, porém, ausentes de informações mais detalhadas que nos informem o nome do livro, ano e página. Esses indícios sinalizam que outras referências foram utilizadas pelos alunos, o que evidencia que tiveram contato com livros não registrados nos documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, ou utilizaram discussões apresentadas pelos professores do curso e leituras indicadas por seus possíveis orientadores para auxiliar na produção do trabalho.

Nos registros oficiais do curso, a produção das monografias é evidenciada como “[...] índice incontestável do aproveitamento e do cabedal de conhecimento adquiridos pelos alunos” (ESPIRITO SANTO, 1932-1934, p. 315). Além das leituras realizadas pelos alunos e do currículo do curso, os trabalhos são registros que dizem sobre as discussões que ocorriam sobre os processos de ensino pelos

⁸⁷ Havia, no Curso de Educação Física, uma biblioteca que recebia doações de exemplares ou de livros adquiridos pela instituição. Por meio do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, localizamos exemplares de periódicos, como: a *Revista de Educação Física*, publicada pelo Centro Militar de Educação Física; a *Revista de Educação*, produzida pelo próprio Estado; o livro *Histórico da Educação Física*, de autoria de tenentes do Exército; o livro *Régulement Général d'Education Physique*, base do Método Francês de Educação Física; além de exemplares de publicações produzidas pelo governo brasileiro e de exemplares referentes a assuntos específicos sobre a Educação Física.

responsáveis em ministrar as disciplinas e os saberes que, naquele momento, compunham o conhecimento sobre Educação Física.

A produção desses trabalhos é considerada uma forma de apropriação dos discursos sobre a Educação Física que circulavam naquele momento, que são consumidos e inscritos nas práticas específicas dos alunos que os transformaram em monografias. Utilizando como referência Chartier (1990), compreendemos a produção de uma monografia como a síntese de uma representação, que é construída pelo processo de assimilação de uma série discursiva considerada legítima e autorizada a materializar uma prática de formação. Para o autor,

A problemática do 'mundo como representação', moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos [e ouvintes dos conhecimentos apresentados nas disciplinas] que dão a ver e pensar o real (CHARTIER, 1990, p. 23-24).

Um texto publicado no impresso *Revista de Educação*, no ano de 1934, apresenta as práticas realizadas no interior do curso, evidenciando a produção das monografias. Essa atividade era considerada um importante instrumento, pois demonstrava a formação recebida pelos alunos no curso e sistematizada em forma de trabalho escrito, que possuía elevado valor científico e segurança nas afirmações.⁸⁸ Essa é uma forma de observar as *apropriações* e os *usos* (CERTEAU, 1994) realizados pelos alunos dos saberes apresentados durante o decorrer do curso:

Vimos de assistir ontem, com indizível prazer, a leitura dos trabalhos de encerramento do curso especial de educação física, mantido pela Inspetoria de Educação Física para professores e praças graduadas da Força Pública do Estado. São teses interessantes, revelando um já notável grau de cultura antropotécnica dos seus autores. Há, em algumas, muita segurança nas afirmativas, muita observação pessoal e muita originalidade. Em outras, as esplanções inteligentes e seguras dos seus autores, mostram que estão senhores do assunto e prontos para a realização da obra meritoria e plena de patriotismo que o Governo do Espírito Santo se propôs realizar, qual seja o desenvolvimento da fisiocultura escolar em todo o Estado (OS TRABALHOS, 1934, p. 40).

Os trabalhos eram apresentados e lidos perante uma banca avaliadora, composta por professores e instrutores, com participação de diversas autoridades de

⁸⁸ Os elogios são referentes à turma do período letivo de 1934.

diferentes áreas do conhecimento. Para a turma do período letivo do ano de 1933, a Banca Examinadora foi composta pelos professores Hilton Nogueira, Mario Tavares, Mario Bossois Ribeiro e Joaquim de Souza (ESPIRITO SANTO, 1932-1934, p. 114). Na turma de formandos do ano de 1934, há a participação de Christiano Fraga, diretor do Departamento da Saúde Pública; do professor Claudionor Ribeiro, chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural; da professora Hilda Pessoa Prado, diretora do Jardim da Infância; da professora Maria Magdalena Pisa, diretora do Grupo Escolar Padre Anchieta; da professora Julieta Greppe, de Educação Física do próprio estabelecimento de ensino (ESPIRITO SANTO, 1932-1934).⁸⁹

A presença de autoridades na apresentação das monografias nos faz compreender a importância que era depositada na formação dos novos professores de Educação Física que estariam contribuindo para a construção de um novo Estado, moderno e desenvolvido, por meio da formação de indivíduos saudáveis, fortes e civilizados, alcançada pela prática da Educação Física.

Ao observarmos os dados das avaliações das monografias nos Boletins Diários, documento que registrava os acontecimentos diários do curso, com exceção da turma formada no ano de 1932, percebemos que estes recebiam classificação de julgamento pela banca avaliadora. Eram quatro as classificações: “Distinção com Louvor”, “Distinção”, “Plenamente” e simplesmente “Aprovados” (ESPIRITO SANTO, 1932-1934). Não localizamos os critérios utilizados pelos avaliadores para realizar o julgamento das monografias, porém inferimos que essas classificações representavam os avanços adquiridos por alguns alunos em detrimento de outros, que souberam produzir uma boa síntese monográfica, dialogando com o tema e os autores escolhidos.

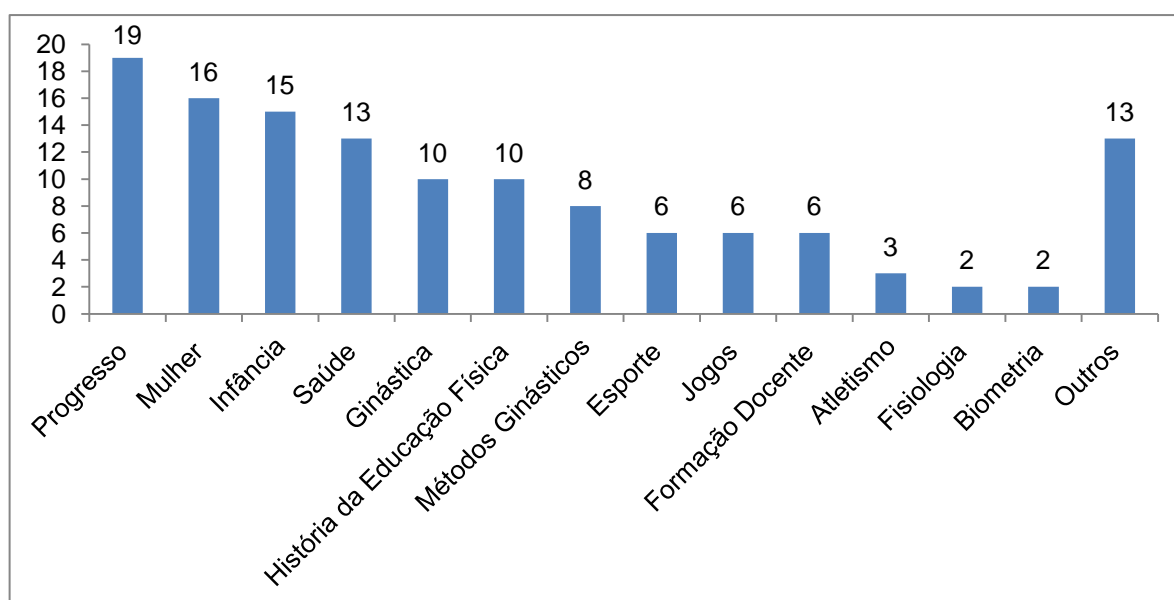
A classificação das monografias seria uma forma de nomear os alunos que se destacaram ao término do curso, que colaboraram com a escrita para o desenvolvimento da Educação Física, servindo de suporte material para os novos alunos que ingressavam no curso. Isso porque, após a apresentação à Banca Examinadora, as monografias compunham o acervo da biblioteca do curso, uma vez que também os alunos “reproduziam” o discurso autorizado do Estado sobre a Educação Física.

⁸⁹ Para a turma do período letivo do ano de 1932, que também teve suas monografias publicadas no jornal *Diário da Manhã*, não foram encontrados indícios que informem sobre a existência de uma Banca Examinadora para a apresentação dos trabalhos.

3.2.1 Os temas em circulação no Curso de Educação Física do Espírito Santo

Por meio do levantamento realizado no Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, considerando somente as monografias localizadas nos dossiês dos alunos, realizamos uma categorização dos temas discutidos por eles durante a década de 1930, no Espírito Santo, como observado no Gráfico 1.⁹⁰ Quando os títulos das monografias não sinalizavam o tema abordado, foi realizada uma leitura para determinar o tema discutido. Dessa forma, delineamos 14 eixos temáticos em um total de 129 monografias.

Gráfico 1 – Temas das monografias dos alunos do Curso de Educação Física na década de 1930



Fonte: Produzido pela autora.

No tema *Progresso*, agrupamos trabalhos escritos sobre a importância de se manter um corpo saudável pela prática da Educação Física, assegurando o progresso da nação, garantido não apenas crescimento físico, mas imprimindo o amor à pátria. Alguns artigos tomam como exemplo histórias de civilizações anteriores, como Grécia e Roma, enfatizando como, por meio da prática de exercícios físicos, garantiam o desenvolvimento e progresso dos seus povos.

No eixo *Mulher*, reunimos os artigos que apresentaram os benefícios que a Educação Física poderia proporcionar à mulher capixaba. Sua prática seria capaz de

⁹⁰ No Curso de Emergência, não houve a obrigatoriedade da produção de monografias, iniciando-se essa prática curricular a partir da turma do período letivo de 1932, mantendo-se até o ano de 1935 e retornando no ano de 1939, pela paralisação do curso nos anos de 1936, 1937 e 1938.

promover a saúde e a beleza, objetivos essenciais para a construção de uma nova mulher, feminina e moderna. Mas sua prática ainda possuía como finalidade garantir que esse gênero cumprisse a função à qual era destinada, a maternidade, pois se acreditava que o exercício físico proporcionaria um bom desenvolvimento da região pélvica. O Método Francês investia na Educação Física aplicada à mulher, pois a via como uma forma de promover um desenvolvimento da raça em todo o País, por meio da geração de indivíduos saudáveis.

Em *Infância*, consideramos as monografias que discorreram sobre a Educação Física para a infância. Ponderavam sobre as práticas mais recomendadas a esse nível de ensino e os benefícios que proporcionava, sendo higiênica e capaz de desenvolver as funções orgânicas das crianças. As monografias escritas sobre o tema seguiam as orientações do Método Francês estabelecendo uma divisão entre os diferentes ciclos de aprendizagem. Descreviam as brincadeiras historiadadas, exercícios mímicos e pequenos jogos como conteúdos indispensáveis para esse ciclo de ensino, não sendo indicados os esportes e os exercícios que requeriam força.

No tema *Saúde*, foram agrupadas as monografias que discorreram sobre a importância da prática da Educação Física na garantia de um corpo belo, saudável e higiênico. Indicavam como o modo de vida sedentário poderia prejudicar o indivíduo e apresentavam a Educação Física como meio da garantia da saúde e do vigor físico, mesmo com a chegada da terceira idade. Os trabalhos ressaltavam, ainda, a importância da presença do médico na realização de exames nos alunos e dos benefícios da prática da helioterapia.

Em *Ginástica*, foram reunidas as monografias que expressaram a importância da Ginástica Respiratória e da Ginástica Rítmica, considerando os benefícios trazidos por essas práticas para um completo desenvolvimento do indivíduo.

No eixo temático *História da Educação Física*, foram identificadas as produções que sinalizaram como os exercícios físicos eram considerados importantes para o desenvolvimento de povos antigos, na formação de homens e de mulheres fortes que auxiliavam no engrandecimento dos seus povos, como os gregos e espartanos, até a chegada na atualidade, perpassando também por questões religiosas e seus entraves para que a educação do corpo ocorresse. As monografias demonstraram ser a prática da Educação Física uma importante

ferramenta de construção de um povo, capaz de regenerar uma raça e promover um completo desenvolvimento dos costumes.

Agrupamos em *Métodos Ginásticos* os artigos que apresentaram os métodos ginásticos existentes, o Método Sueco, o Método Calistênico,⁹¹ o Método Natural⁹² e o Método Francês, indicando seus benefícios e suas limitações para o ensino da Educação Física aplicada no Brasil e no Espírito Santo. Os trabalhos sinalizam ser o Método Francês o mais adequado para a realidade brasileira, em função das mudanças que ocorriam em nível nacional, a partir da década de 1930.

No tema *Esporte*, reunimos produções que apresentaram os benefícios provenientes de sua prática, garantidora do vigor físico, pois, sendo considerado um exercício metódico, desenvolveria no organismo um maior rendimento, dispensando menor gasto de energia. O esporte é ainda proposto nas monografias como meio de auxiliar o desenvolvimento do caráter e da iniciativa. Esses trabalhos advertem que a prática dos esportes não é indicada para a infância, conforme orientado pelo Método Francês, mas para o momento em que o organismo do indivíduo se encontrava completo. São reunidas ainda nesse eixo temático artigos que discutiram sobre o vôlei e o basquete.

No eixo temático *Jogos*, foram agrupadas as monografias que trataram dos benefícios da prática dos jogos, indicadas principalmente para as crianças, pois consideravam que suas atividades eram bem-aceitas pelo prazer que proporcionavam. Os jogos também auxiliavam na educação social e higiênica, ao mesmo tempo em que estimulavam os indivíduos a promover energias capazes de enfrentar as lutas cotidianas da vida. As monografias sinalizavam que sua prática não deveria se restringir apenas a instituições escolares, mas deveria atuar também fora dela, em praças e clubes.

Em *Formação Docente*, os artigos que discutiram os saberes essenciais para a prática do professor de Educação Física são agrupados nesse eixo temático. Ao

⁹¹ O Método Calistênico é uma “[...] modalidade de exercícios físicos [...] popularizada na A. C. M. e nos Países em que ela exerce a sua atividade, compreende uma série de exercícios executados sem aparelhos ou com aparelhos de mão – halteres, bastões, maçãs, etc.” (O QUE É..., 1945).

⁹² O Método Natural foi criado por Georges Hébert na primeira metade do século XX. Foi desenvolvido analisando a natureza. Propõe que o aperfeiçoamento físico se traduza pela saúde, robustez e por uma harmonia geral das formas. Para que se possam atingir esses objetivos, indica movimentos comuns dos seres humanos para adquirir o desenvolvimento físico completo, praticados de preferência ao ar livre. Hébert organizou seu método em dez habilidades, que partem da educação natural do primitivo. São elas: marcha, corrida, salto, quadrupedia, trepar, equilíbrio, lançamentos, transporte, defesa e natação (SOARES, 2003).

bom professor era indispensável que conhecesse a particularidade de cada aluno e a fase de desenvolvimento em que se encontrava, para que pudesse aplicar corretamente os exercícios, sem risco de acidentes. Discussões sobre a saúde, a ginástica, os jogos, os conhecimentos recentes sobre as ciências e também sobre o campo educacional eram saberes considerados indispensáveis. Os professores deveriam buscar se aperfeiçoar para uma prática docente bem ministrada.

No eixo *Atletismo*, estão reunidos os trabalhos que apresentaram o atletismo como uma importante prática que compõe os conteúdos da Educação Física. Em *Fisiologia*, foram agregados os trabalhos que destacaram como essa área de conhecimento se tornava importante ao observar os benefícios que a prática dos exercícios físicos desenvolvia no organismo. Em *Biometria*, estão agrupados trabalhos que discutiram a importância de realizar um exame médico nos alunos, com a finalidade de indicar aqueles com maior aptidão para a prática dos exercícios físicos, diferentemente dos que se encontravam doentes ou possuíam alguma deficiência, sendo para esses aconselhadas práticas regenerativas.

Em *Outros*, foram reunidos os trabalhos cujos temas não pudemos classificar. Foi incluída também nessa categoria a monografia Dança, com apenas uma produção.

O levantamento dos temas abordados nas monografias nos faz refletir sobre a cultura escolar que permeava a década de 1930 no Curso de Educação Física do Espírito Santo, compreendendo os saberes que eram apresentados na formação de professores e que deveriam ser utilizados para intervir no cotidiano escolar da disciplina Educação Física nas escolas do Estado e também fora delas.

Ao pesquisar na bibliografia autores que analisaram os temas em circulação durante esse período, dois deles se destacaram. Schneider (2003) e Berto (2008) analisaram duas revistas que iniciaram sua publicação na década de 1930, observando os temas frequentemente divulgados nos impressos e que orientavam o ensino da Educação Física nacional.

Berto (2008), em seu estudo, ao utilizar como fonte os exemplares da *Revista de Educação Física*, entre as décadas de 1930 e 1940, informa-nos que sua publicação foi considerada um veículo oficial dos militares e traz as marcas das discussões ocorridas na EsEFEx. Como foi publicada por militares dessa instituição, divulgava os pressupostos do Exército para a orientação da Educação Física nacional, tanto para a escola, quanto fora dela.

Ao analisar o impresso, Berto (2008) aponta que, entre o seu principal objetivo, este visava ao “[...] aperfeiçoamento racial, como fundamento de todo progresso e de todas as conquistas reservadas, no futuro, à glorificação da nossa gente”. Colocava-se como um órgão de difusão que pretendia “[...] espalhar seu credo que é um hino constante de confiança nos destinos da Pátria em que a Educação Física terá, certamente, uma influencia decisiva!” (ABREU, *apud* BERTO, 2008, p. 73), contribuindo a Educação Física com a Educação, questão que sinalizava ser o principal problema do Brasil.

Berto (2008) realizou um levantamento dos temas que circularam na revista. Entre os assuntos mais discutidos, a prática da Educação Física indicada para a infância e a mulher ganhou grande circulação no periódico no período tratado. Localizou também em suas páginas artigos discutindo sobre higiene, saúde, alimentação, massagem, beleza, correção postural, jogos, artigos orientando a organização de estádios, a construção de piscinas, aparelhamentos ginásticos e biométricos. A autora ainda esclarece que o esporte não aparece como foco principal dos militares, mas a ginástica é o tema que circula mais fortemente nesse periódico.

Por sua vez, a revista *Educação Physica* (1932-1945), produzida por intelectuais do meio civil, é considerada por Schneider (2003) e Berto (2008) como uma publicação que buscou atingir “[...] uma diversidade de leitores, que incluem técnicos esportivos, professores de Educação Física, pessoas ligadas à educação, governos, instituições privadas [...]” (BERTO, 2008, p. 76) e a quem mais pudesse interessar. Dessa forma, Schneider (2003, p. 41) pondera que o projeto cultural pretendido pela revista visava a:

[...] redimensionar o lugar que indivíduos, as instituições e o Estado estavam relegando às questões que envolvia a Educação Física e o esporte, em um plano educacional de modificações dos costumes e de sua capacidade de aperfeiçoar em termos de eficiência física, mas também moral, a juventude brasileira.

Schneider (2003) e Berto (2008) sinalizam que, na revista, o esporte aparece como tema constante durante todo o período em que se manteve em circulação, “Seja ele em forma técnica, seja educacional, o esporte aparecerá em todos os números da revista, com maior ênfase do que qualquer outro assunto tratado” (BERTO, 2008, p. 76). Schneider (2003), ao realizar um levantamento dos principais

assuntos que circularam na revista durante toda sua duração, percebeu que, dentre 3.768 matérias veiculadas durante os 13 anos em que o impresso foi publicado, 31,8% dos artigos são referentes aos Esportes, seguido dos temas Fundamentos Pedagógicos, com 28,4% dos artigos; Saúde, com 15% das publicações; Alimentação, com 6,8%; Filosofia, com 3,8%; Medicina Esportiva, com 1,1%; Acampamentos e turismo, com 1%; e 0,7% referente às matérias sobre Bibliografia e Literatura.

Os resultados encontrados no levantamento dos temas das monografias produzidas no Curso de Educação Física do Espírito Santo nos levam a inferir a aproximação com os ideais divulgados pelo Exército, uma vez que os principais assuntos apresentados nas monografias se aproximam dos temas divulgados na *Revista de Educação Física*.

Por meio dos documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, notamos que a *Revista de Educação Física* foi um exemplar frequentemente recebido no curso, passando a compor o acervo da biblioteca. Por vezes, era distribuída para os professores e alunos, o que nos possibilita pensar que a revista se tornou um material utilizado pelos alunos para a construção de seus trabalhos e escolhas dos temas (ESPIRITO SANTO, 1932-1934). A aproximação com o Exército se torna ainda mais evidente, uma vez que os próprios organizadores e professores do curso no Estado eram oriundos do Centro Militar de Educação Física. Essa, portanto, era uma forma de propagar e regulamentar o ensino oferecido nessa instituição.

3.3 A CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS NOS IMPRESSOS LOCAIS

Não observamos, nos dossiês dos alunos do Curso de Emergência, a produção de uma monografia para que o aluno recebesse o diploma de conclusão de curso. Só se torna possível encontrar esses trabalhos a partir do ano de 1932, porém sem indícios de publicação em impressos.

No ano de 1933, as alunas formadas no período letivo em 1932 publicaram suas monografias como artigos no jornal *Diário da Manhã*. No ano de 1934, observamos que a publicação desses trabalhos nesse impresso é interrompida. Para a turma formada nesse ano, os trabalhos passaram a ser publicados no impresso pedagógico *Revista de Educação*, entre os anos de 1934 e 1936. No Quadro 1,

identificamos as professoras, os títulos das monografias e a data da publicação dos trabalhos nos impressos.

Quadro 1 - Publicações das professoras de Educação Física no Diário da Manhã e na Revista de Educação (continua)

Autora	Título das monografias	Data da publicação
Isaltina Paoliello	A Educação Física como alicerce de uma perfeita educação: a influência do controle médico da Educação Física	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3114, 15 jan. 1933
Helena Serrano	A necessidade da Educação Física feminina	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3115, 21 jan. 1933
Analia Paoliello	O exercício e a saúde	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3121, 24 jan. 1933
Elcia Aquino	Educação Física	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3123, 26 jan. 1933
Clarice Lima	Educação Física: seu valor	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3126, 30 jan. 1933
Julieta Greppe	Da aplicação da Educação Física	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3243, 21 maio 1933
Ormy Saleto	A Educação Física como fator de saúde e beleza	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3237, 21 jun. 1933
Anita Crema	Educação Física da mulher	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3246, 1 jul. 1933
Mercês Garcia	A Educação Física infantil	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3257, 13 jul. 1933
Maria Orlandina Bomfim	A Educação Física e seus métodos	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3267, 25 jul. 1933
Adelaide Raiser	Considerações sobre Educação Física	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3269, 27 jul. 1933
Alva Piovesan	A Educação Física e o atletismo	Diário da Manhã, ano XXVI, n. 3270, 28 jul. 1933
Slyvia Rocha	O cristianismo como entrave ao desenvolvimento da Educação Física: o Renascimento, alguns precursores	Diário da Manhã, ano XXVII, n. 2395, 1 set. 1933
Mathilde Crema	Educação Física e sua influência no organismo infantil	Diário da Manhã, ano XXVII, n. 2430, 13 out. 1933

Quadro 1 – Publicações das professoras de Educação Física no Diário da Manhã e na Revista de Educação (conclusão)

Felisbina Pinheiros de Moraes	A ginastica respiratoria como base da Educação Fisica	Revista de Educação, ano 1, n. 2, maio 1934
Celina Cardoso	A dansa e a ginastica ritmica na Educação Fisica feminina	Revista de Educação, ano 1, n. 3, jun. 1934
Maria Aparecida Nogueira	A Educação Physica como factor de progresso	Revista de Educação, ano 1, n. 9, dez. 1934
Slyvia Carlos Loureiro	Educação Physica: seus efeitos physiologicos	Revista de Educação, ano 1, n. 10-11, jan./fev. 1935
Adyr Miranda	Ligeiras apreciações sobre a Educação Physica da mulher	Revista de Educação, ano 2, n. 12, mar. 1935
Orlandina Ribeiro	Como o Metodo Francês satisfaz as necessidades sociais	Revista de Educação, ano 2, n. 12, mar. 1935
Dalila Neves	Os jogos na Educação Physica	Revista de Educação, ano 2, n. 13, abr. 1935
Alice Greppe	Porque devemos aplicar a Educação Physica	Revista de Educação, ano 2, n. 15-16, jun./jul. 1935
Jovita Nogueira	Ligeiros comentarios sobre a Higiene e a Educação Fisica no Brasil	Revista de Educação, ano 3, n. 25-26-27-28, set./out./nov./dez. 1936

Fonte: Produzido pela autora.

Silva (1996), ao entrevistar algumas alunas formadas nos anos da década de 1930, afirma que os alunos que ficavam nos primeiros lugares na classificação geral, no final do curso, tinham possivelmente seus trabalhos publicados. Para as professoras formadas no ano de 1932 e que tiveram suas monografias veiculadas na mídia, ainda não havia critério de julgamento para esses trabalhos, e também não foi possível demonstrar que as alunas com as melhores posições ao final do curso foram as que publicaram suas monografias.

A professora Isaltina Paoliello, classificada em 1º lugar, foi a primeira a ter uma publicação no jornal *Diário da Manhã*, mas, para as demais alunas formadas nesse período e que tiveram suas monografias veiculadas nesse suporte, as publicações não seguiram a ordem de classificação alcançada ao final de seus processos formativos. Helena Serrano, classificada em 12º lugar foi a próxima a ter

sua monografia publicada, seguida por Analia Paoliello, classificada em 6º lugar; Elcia Aquino, ocupando o 19º; e a professora Clarice Lima, que obteve o 18º.

A partir da turma diplomada no ano de 1933, as monografias passaram a ser classificadas em *Distinção com Louvor*, *Distinção*, *Plenamente* e *Aprovado*. Nesse período letivo, as classificações desses trabalhos se constituíram como um importante indício da ordem de publicação das monografias nos impressos. Das alunas que se formaram no ano de 1933 e tiveram seus trabalhos publicados no jornal *Diário da Manhã*, a professora Julieta Greppe, que recebeu a classificação *Distinção com Louvor*, foi a primeira a publicar no jornal *Diário da Manhã*. As professoras Ormy Saletto e Anita Crema, que receberam a classificação *Distinção*, foram as próximas professoras a divulgar seus trabalhos no impresso, respectivamente, seguidas pela publicação das professoras Mercês Garcia, Maria Orlandina Bomfim, Adelaide Raiser, Alva Piovesan, Slyvia Rocha e Mathilde Crema, que receberam classificação *Plenamente*.

Na *Revista de Educação*, a ordem das publicações se manteve de acordo com a classificação das monografias. Formadas no ano de 1934, as professoras Felisbina Pinheiros de Moraes e Celina Cardoso, que alcançaram a classificação *Distinção com Louvor*, foram as primeiras a publicar suas monografias no impresso no ano de 1934, seguidas pelas professoras Maria Aparecida Nogueira, Slyvia Carlos Loureiro, Adyr Miranda e Orlandina Ribeiro que, adquirindo a classificação *Distinção*, tiveram seus trabalhos publicados na revista entre os anos de 1934 e 1935.

As alunas Dalila Neves e Jovita Nogueira, que receberam a classificação *Plenamente*, tiveram seus trabalhos publicados nos anos 1935 e 1936. A única exceção foi a publicação da monografia de Alice Greppe que, formada em 1934 e tendo conquistado a classificação *Distinção com Louvor*, teve sua monografia publicada no ano de 1935. Dentre as alunas que tiveram suas produções veiculadas em ambos os impressos, observamos que nenhuma delas recebeu a classificação *Aprovado*, o que supõe que as monografias admitidas por essa classificação, possivelmente, não conseguiram avançar nas discussões do tema proposto.

Outra importante informação que nos oferece maiores indícios da seleção de somente algumas monografias para publicação em impressos são os elogios encontrados em algumas produções, referentes ao curso e a seus professores. Esses elogios são encontrados nas monografias das alunas Helena Serrano, Ormy

Saleto, Slyvia Rocha, Maria Orlandina Bomfim, Felisbina Pinheiros Moraes, Dalila Neves, Alice Greppe e Jovita Nogueira.

Assim finaliza a aluna Helena Serrano (1932, p. 9) a sua monografia:

Agora ao apresentar aos meus presados professores, respeitosa as minhas despedidas, devo confessar-lhes que suas sabias palavras ainda resoam em meu ouvido, que guardo, ainda quentes de carinho e de entusiasmo, vossos conselhos e ensinamentos.

A aluna Felisbina Pinheiros Moraes, ao final do seu trabalho, evidencia a importância de seu professor para o desenvolvimento do tema escolhido: “Concordando com os ensinamentos do meu professor de Antropometria, venho dizer que ‘a educação respiratoria é de importancia [...]’” (MORAES, 1934, p. 8).

Jovita Nogueira também faz referência aos seus professores para a construção de sua monografia. Elogia a professora: “Ao Ilustrado Corpo Docente do CURSO ESPECIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA que tanto tem sabido estimular e esclarecer o meu patriotismo, ofereço esta pequena contribuição a sua notabilissima obra em prol da Higiene e da Educação Física do Brasil” (NOGUEIRA, 1934b, p. 1).

As demais alunas exaltam os avanços obtidos pelo Curso de Educação Física implantado no Estado. A aluna Slyvia Rocha (1933, p. 12-13) afirma: “[...] sinto-me feliz por ver que em nosso pequeno Estado, é cuidada com carinho esta obra admiravel que é a educação fisica, e da qual dependerá um Brasil constituido por homens fortes e capazes de o conduzirem pela estrada do PROGRESSO!”. A aluna Dalila Neves (1934, p. 2) também destaca a importância depositada na Educação Física para o avanço do Estado. Assim escreve:

[...] é de justiça que se coloque o nosso Estado em plano de destaque entre os primeiros da crusada para o aperfeiçoamento e revigoroamento do nosso tipo ethnico, o que concorrerá fatalmente para o nosso bem estar moral e economico, em futuro não muito distante.

A aluna Maria Orlandina Bomfim, discutindo sobre o Método Francês, faz referência ao Centro Militar de Educação Física e aos avanços de sua implantação no Espírito Santo, evidenciando a formação de professores do Curso de Educação Física do Estado. Apresenta a aluna:

E' portanto o methodo mais perfeito, razão por que é adoptado no exercito brasileiro, nas nossas escolas, e o mais ensinado nos cursos de educação

physica espalhados por todo o Brasil. Aqui, nas nossas escolas, já foi introduzido, sendo ministrado por competentes professores diplomados pelo Curso de Educação Physica do Estado, obtendo os nossos collegiaes muitos proveitos (BOMFIM, 1933, p. 11-12).

A aluna Ormy Saletto, (1933, p. 14-15) ao escolher como tema o Método Francês, apresenta o Centro Militar de Educação Física e o Curso de Educação Física do Espírito Santo como importantes obras para o engrandecimento do País: “[...] No Brasil, cabe ao Espírito Santo a honra de ter fundado em primeiro lugar a nova escola de educação física, depois de terem sido os métodos conhecidos no centro Militar, na capital Federal”.

Ao procurar outras pistas nos documentos do curso que nos apontassem a presença das mulheres nos impressos, observamos um grande destaque dado às alunas referente à presença nas aulas e à nota final no curso. A média final alcançada pelas alunas no percorrer do curso, obtida por meio das sabatinas, exames finais e monografias, proporcionava-lhes os primeiros lugares na classificação geral. Os alunos que conquistavam os primeiros lugares eram privilegiados nas escolhas das cadeiras das melhores escolas estaduais, localizadas na capital, Vitória, com maior facilidade de mobilização entre as instituições. Os professores que ocupavam as menores classificações, normalmente, eram transferidos para as escolas do interior do Estado. Das professoras que publicaram suas monografias em impressos, todas conquistaram boa classificação na média final. Esse é um dos indícios que nos revelam o destaque conquistado pelas professoras na sociedade espírito-santense.

Após a conclusão do curso e entrega do diploma, o Decreto nº 1.450, artº 59, de 15 de julho de 1931 (ESPIRITO SANTO, 1933a, p. 3) previa que:

O aluno que terminar o curso com a qualificação Muito Bem, obtendo Menção Honrosa, será promovido de classe independente de vaga. Artº 59º - O diploma expedido pela Inspetoria de Educação Física assegurava aos professores o direito de preferencia para os casos de nomeação e promoção.

Em consequência da nota de fim de curso alcançada pelos alunos, eles recebiam a classificação *Muito Bem* e, conforme as normas que regularizavam o estabelecimento desde a criação do curso, em 1931, no art. 93, recebiam *Menção Honrosa*. Dentre as professoras que publicaram nos impressos, Isaltina Paoliello e Helena Serrano (ESPIRITO SANTO, 1931-1932), diplomadas no ano de 1932, foram

homenageadas com *Menção Honrosa*. Também receberam essa classificação as professoras Ormy Saletto e Mathilde Crema e, de acordo com o art. 59, foram promovidas à 2ª classe. Julieta Greppe, Mercês Garcia e Maria Orlandina Bomfim foram promovidas à 3ª classe em função da classificação obtida (ESPIRITO SANTO, 1932-1934). Das alunas diplomadas no ano de 1934, foram homenageadas com *Menção Honrosa* Maria Aparecida Nogueira e Jovita Nogueira, promovidas também à 2ª classe, e as professoras Alice Greppe e Celina Cardoso para a 3ª classe (ESPIRITO SANTO, 1932-1934).

Diante desses indícios, inferimos que as professoras, por seus esforços e desempenhos no Curso de Educação Física, ganharam evidência durante suas formações acadêmicas, demonstrando que elas se apropriaram de modo significativo das discussões apresentadas no curso e conseguiram dialogar com os saberes transformando-os em monografias. Essa seria uma estratégia da indicação das 23 monografias que foram selecionadas e publicadas na íntegra em impressos locais.

Esses indícios representam um jogo de interesses, mas que não se verifica à primeira vista. Só percebemos quando direcionamos nosso olhar para as pistas que as mulheres foram deixando. Em um período em que elas ainda não possuíam um espaço consolidado na vida pública, as professoras se deixaram levar pelo discurso autorizado, publicaram as monografias, elogiaram o curso e seus professores, mas fizeram isso agindo taticamente. Encontraram esse espaço e o ganharam. Tornaram-se, então, protagonistas dos assuntos educacionais da Educação Física no Estado, pois, com suas publicações na mídia, outros passaram a ter que ouvi-las, mesmo as autoridades políticas, já que estavam no centro, assumindo um lugar de poder dentro do Estado.

As colunas educacionais presentes no jornal *Diário da Manhã* e os artigos publicados no impresso pedagógico, a *Revista de Educação*, configuravam-se para o curso como importantes lugares de circulação de saberes da Educação Física discutidos no curso para a formação de professores, no que diz respeito às suas finalidades, prescrições de suas práticas e às orientações metodológicas. Foram indicados como primeiros leitores os professores capixabas e, após, toda sociedade que pudesse se interessar pelos assuntos educacionais.

Ao observar a publicação dos artigos, notamos que as professoras formadas na primeira turma regular no ano de 1932 e na turma seguinte, do ano de 1933,

foram privilegiadas ao terem suas monografias publicadas no jornal *Diário da Manhã* durante o ano de 1933. Já as alunas formadas no período letivo ocorrido no ano de 1934, tiveram seus trabalhos publicadas na *Revista de Educação*, entre os anos de 1934 e 1936. O que teria levado ao encerramento das publicações no jornal *Diário da Manhã* e iniciada a publicação na *Revista de Educação*?

Um dos motivos levantados para o encerramento das publicações no jornal *Diário da Manhã* pode ter sido o surgimento de um impresso pedagógico, a *Revista de Educação*, considerada uma revista específica para os professores capixabas. De acordo com seus editores,⁹³ ela seria “[...] a Revista do professorado, pelo professor e para o professor” (RIBEIRO, 1934a, p. 1). Desse modo, o impresso é apresentado como um periódico adequado para a publicação de trabalhos produzidos pelos professores capixabas sobre diversos temas educacionais, recebendo destaque os assuntos educacionais sobre a Educação Física. Na Comissão da Banca Examinadora do período letivo de 1934, ainda percebemos a presença de um dos editores da *Revista de Educação*, Claudionor Ribeiro, podendo também significar um indício que justifica a publicação das monografias nesse impresso.

As monografias publicadas nos impressos eram transcritas na íntegra. Costumavam vir acompanhadas, ao final do texto, de uma nota sobre a classificação obtida na avaliação da banca,⁹⁴ informando aos leitores se tratar de uma produção dos alunos do Curso de Educação Física. Evidenciavam para a sociedade capixaba e brasileira as atividades que vinham sendo praticadas na instituição e os avanços científicos apresentados pelos alunos no desenvolvimento de uma teorização que justificava a presença da Educação Física na sociedade e sua inserção nas escolas estaduais. Na *Revista de Educação Física*, localizamos elogios referentes ao Curso de Educação Física do Estado e ao avanço que a instituição representou para a formação de professores, sinalizando os trabalhos de fim de curso que eram produzidos, carregados de valor científico,

[...] o professorado foi elevado em seu nível cultural e técnico, ilustrou o espírito com uma nova soma de conhecimentos científicos e meditando, produziu algo de valôr afirmado nos trabalhos de fim de curso, de que o Diário da Manhã nos dá notícia, nessa patriótica campanha de

⁹³ Schneider et al. (2013), ao realizarem um levantamento dos editores do impresso, observam que eles exerciam cargos públicos no Estado.

⁹⁴ Essa informação era mais visível na *Revista de Educação*.

colaboração, na difusão da educação física nacional (A EDUCAÇÃO FÍSICA..., 1933, p. 36).

Para Chartier (1991), dois dispositivos são essenciais entre o mundo do texto e o mundo do leitor, os que provêm de estratégias de escrita e de intenções dos autores, e os que resultam de uma decisão do editor ou de uma exigência de oficina de impressão. Assim, “[...] não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge um leitor” (CHARTIER, 1991, p. 181). Essa forma de analisar como um texto escrito por um autor atinge seus leitores se apresenta importante ao compreendermos como as monografias foram produzidas pelas professoras e publicadas nos impressos.

Chartier (1991) considera que todos os textos são construídos carregados de estratégias pretendidas pelo autor. Ao considerar essa informação, acreditamos que as professoras produziram, ou melhor, podemos dizer que reproduziram os discursos presentes no curso, mas não fizeram isso sem intencionalidades. A (re)produção dos discursos e, por vezes, os elogios presentes em suas escritas se tornam uma *tática* (CERTEAU, 1994) utilizada pelas professoras, que objetivavam com isso, alcançar maior reconhecimento, conquistado quando tiveram seus trabalhos selecionados e publicados. A partir do momento em que alcançam esses objetivos, são capacitadas pelas pessoas que possuíam autoridade a também terem autoridade e fazem isso com segurança, já que suas participações não cessaram com as publicações.

Sobre a imprensa, Chartier (1991) ainda nos alerta que não podemos desconsiderar a neutralidade da imprensa, mas que ela deve ser vista como um veículo de informação que se apresenta como intermediário da sociedade, pois, conforme Bahia (1990, p. 11), os editores consideram que “[...] o público se orienta, quase sempre decide e raciocina não pelas coisas em si, mas pela feição que lhe damos, pelos sinais que a mídia lhes atribui”.

A seleção de alguns determinados trabalhos que foram publicados no jornal *Diário da Manhã* e na *Revista de Educação* permite perceber as *lutas de representações* de determinado grupo social, composto pelos professores do Curso de Educação Física, oriundo do Centro Militar de Educação Física, e por pessoas que exerciam cargos públicos do governo do Estado. Eles agem estrategicamente,

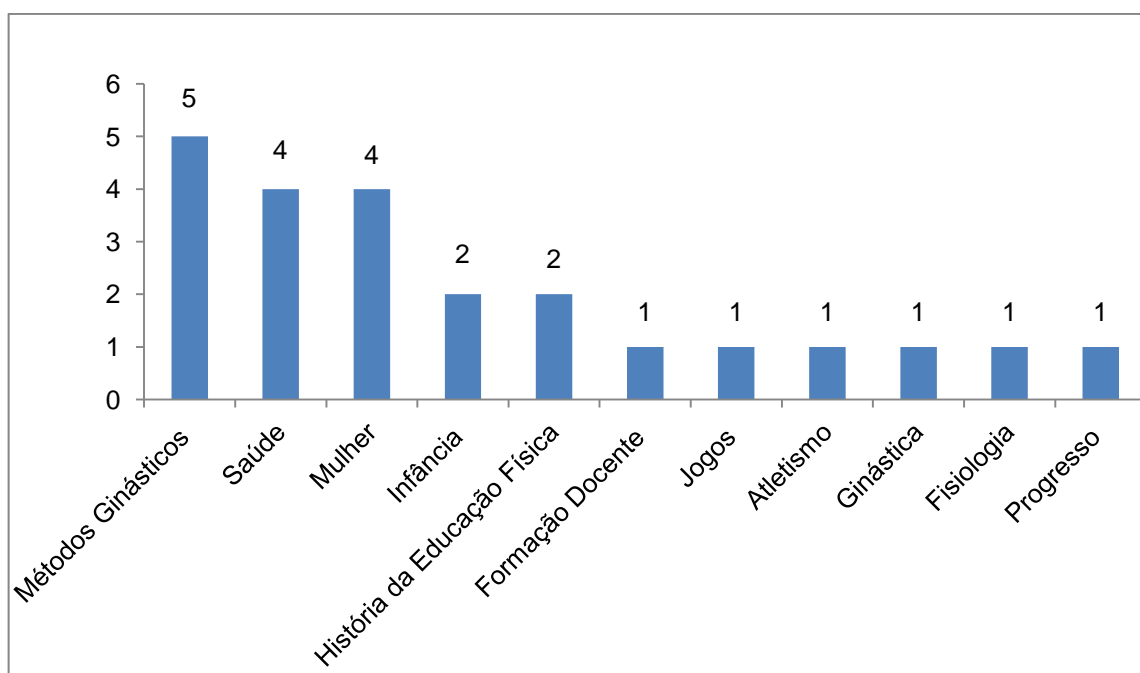
decidindo as discussões que compõem o campo educacional, selecionando os discursos que consideravam legítimos para pensar o saber docente.

Quando analisamos o *Diário da Manhã* e a *Revista de Educação*, observamos que ambos estavam a serviço do governo do Estado. Segundo Martinuzzo (2013), o jornal *Diário da Manhã*, criado desde 1908, mantinha forte vínculo com a elite econômica e, em um primeiro momento, não teve seus interesses satisfeitos com a nomeação do capitão João Punaro Bley, mas, aos poucos, passou a caminhar de acordo com o governo intervencionista. Já o impresso pedagógico, a *Revista de Educação*, criado no ano de 1934, teve como editores pessoas ligadas a cargos públicos do Governo Estadual, ou seja, alinhadas ao Estado. Partindo dos interesses dos editores na produção desses impressos, podemos considerá-las uma rede de práticas “[...] capaz de dar a ver a ambiência em que [o impresso] foi produzido e as relações de força que determinaram sua forma e suas marcas de produção” (SCHNEIDER, 2010, p. 39-40).

O impresso passa a ser considerado a materialização de um projeto cultural que envolve estratégias para a circulação de saberes pedagógicos. As monografias em circulação nos impressos do Espírito Santo podem ter sido selecionadas por aqueles que se posicionavam na linha de frente das decisões editoriais, estando de acordo com os interesses pretendidos pelo governo do Estado sobre as questões educacionais.

3.3.1 Os conhecimentos em circulação nos impressos

Para um melhor entendimento dos saberes produzidos pelas professoras em forma de monografias, durante seus processos formativos no Curso de Educação Física, que foram veiculadas na imprensa capixaba, realizamos um levantamento dos temas abordados, como visualizamos no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Temas das publicações das professoras nos impressos capixabas

Fonte: Produzido pela autora.

Por intermédio desse levantamento, evidenciamos o que era mais discutido no curso e digno de ser publicado para os leitores dos impressos e professores. Ao compararmos esse levantamento com os temas que eram produzidos pelos alunos do curso, observamos que alguns se mantêm entre os assuntos mais discutidos, como *Saúde*, *Mulher* e *Infância*. Outros temas desaparecem e ainda alguns modificam sua ordem de importância, como os *Métodos Ginásticos*, ocupando o primeiro lugar dentre as monografias com maior publicação, em relação ao tema *Progresso*, que, dentre os mais produzidos no curso durante a década de 1930, teve somente uma monografia publicada.

Entre os temas mais recorrentes, discussões em torno da garantia da *Saúde*, sobre a importância da prática da Educação Física direcionada à *Mulher* e à *Infância* se apresentaram como as monografias com maior publicação na imprensa. Tornaram-se públicas à população capixaba e para os professores, para que se mantivessem atualizados por meio das leituras realizadas em jornais e em revistas. Esses assuntos também se destacaram entre as monografias com maior produção no curso durante a década de 1930.

A circulação dos temas nos impressos determina os saberes que deveriam ser incorporados na prática docente de um professor de Educação Física, demonstrando também a relação mantida no Estado com o Método Francês, uma

vez que as monografias com maior publicação sinalizavam a relevância do método para o desenvolvimento do ensino da Educação Física, em substituição ao Método Sueco que vinha sendo aplicado no Estado desde os primeiros anos do século XX (SALETO, 1933; GREPPE, 1933; BOMFIM, 1933; RIBEIRO, 1934b; GREPPE, 1935).

Na monografia de Maria Orlandina Bomfim, a professora apresenta brevemente três métodos ginásticos mais conhecidos, o Método Sueco, o Método Natural e o Método Francês. Discorrendo sobre os objetivos específicos de cada método e as críticas existentes para o Método Sueco, afirma que “[...] não oferece nenhum prazer executar os movimentos bruscos dos seus exercícios” (BOMFIM, 1933, p. 5) e o Método Natural, que se torna “[...] um lamentável erro [...], dando os mesmos exercícios para homens e mulheres” (BOMFIM, 1933, p. 6). A professora Mathilde Crema acrescenta que “[...] nem todos [os métodos] estejam em condições de satisfazer cabalmente ao seu desideratum, pois em muitos deles faltaram-lhes a obediência de princípios de fisiologia, anatomia, higiene e pedagogia” (RIBEIRO, 1934b, p. 2).

A adoção do Método Francês no Brasil e no Espírito Santo era justificada, pois, “[...] em perfeita concordância com as descobertas científicas mais recentes, satisfaz cabalmente às necessidades porque continua a tradição da escola francesa, que era a mais aceitável, e tem por fim, em sua evolução, o aperfeiçoamento da raça” (GREPPE, 1933, p. 4), trazendo resultados “[...] extraordinariamente salutares à respiração, circulação, nutrição, ao sistema nervoso e cérebro, sobre os ossos e músculos” (SALETO, 1933, p. 11).

Além das discussões em torno do Método Francês, modelo de Educação Física priorizado e adotado, os demais artigos em evidência nos impressos apresentam as discussões dos seus temas sempre respaldados com as orientações do *Regulamento nº 7 de Educação Física*, no que se refere às atividades físicas indicadas às classes de indivíduos e às bases de conhecimentos em que seu ensino estava ancorada.

Para que se alcançasse o perfeito desenvolvimento físico e moral, era necessária também a garantia de um corpo saudável, obtido pela prática da Educação Física. Assim, as professoras sugerem ser os exercícios indispensáveis para assegurar a saúde. Esse é o segundo tema com maior publicação, pois

A actividade physica [...], constitue uma obrigação natural, de tamanha importancia que todo o organismo ou toda a parte do organismo que permanecer inactiva está inevitavelmente condemnado á debilidade, a se enfermar, a se atrophiar (PAOLIELLO, 1932, p. 5).

Todas as professoras que escreveram sobre a importância da Educação Física na garantia da saúde afirmaram ser a fase elementar (a infância) a que mais necessita de cuidados, considerando ser esse ciclo o mais importante da formação humana, “[...] pois, neste periodo, o alumno está em pleno crescimento, tendo, antes de tudo, necessidade de saude vigorosa” (PAOLIELLO, 1932, p. 4). A professora Analia Paoliello acrescenta que, para o ciclo elementar, a Educação Física deverá ser “[...] praticamente higienica, tendente a desenvolver as grandes funções circulatoria, respiratoria, e articular” (PAOLIELLO, 1932, p. 2), dando continuidade em todos as fases da vida:

Começada na infância, seguida na adolescência, bem como na idade adulta; continuada, na idade madura, com a ginastica de conservação, que é destinada a retardar a epoca da decadencia, a educação fisica surge como um dos meios mais eficazes para lutar contra os flagelos sociais (PAOLIELLO, 1933, p. 2).

Garantida a saúde dos indivíduos pela prática da Educação Física, outros benefícios poderiam ser conquistados, como o desenvolvimento mental, apontado pela professora Clarice Lima: “Continua, variada, alternada, graduada e disciplinada, a educação fisica influe sobre a saude perfeita do corpo e pela necessidade que os exercicios têm do concurso da inteligencia, desenvolve a atenção e a memoria e ativa as outras operações psiquicas” (LIMA, 1932, p. 12). Outro benefício, senão o principal registrado pelas professoras, seria a contribuição que os homens e mulheres bem formados fisicamente reservariam ao País: “E essa falange de individuos fortes e sadios irá concorrer, verdadeiramente, para a felicidade da nacionalidade, para a grandeza da nação!” (PAOLIELLO, 1933, p. 2), uma vez que, “[...] individuos fisicamente incapazes nada podem contribuir para si, nem para a familia, nem para a pátria” (NOGUEIRA, 1934b, p. 14).

Nas monografias que apresentam a importância do ensino da Educação Física para a mulher, as práticas direcionadas a esse gênero são justificadas, conforme expressa a professora Adyr Miranda: “A educação fisica da mulher é um elemento primordial de engrandecimento, pois é a celula mater da humanidade e lembremo-nos que agindo sobre ela, agiremos diretamente sobre o futuro da raça

[...]” (MIRANDA, 1934, p. 3). A professora ainda preconiza em sua monografia que, “Sem o preparo físico, a mulher se torna incapaz de cumprir rigorosamente a sua alta e nobre missão: a conservação da espécie” (MIRANDA, 1934, p. 5). Como podemos verificar, a mulher possuía uma missão perante a sociedade, que era de se manter em perfeita forma e saúde, gerando filhos saudáveis para o engrandecimento da nação.

No que se refere aos exercícios físicos indicados à mulher, as orientações seguiam o *Regulamento nº 7 de Educação Física*: “[...] certas funções particulares às moças, impedem de lhes aplicar os mesmos exercícios que aos homens. As indicações higienicas da educação física até a idade de sete anos, são iguais para os dois sexos [...]” (SERRANO, 1932, p. 6-7). A partir dessa idade, começam a aparecer as diferenças que irão se acentuando até a idade adulta, devendo “Todos os exercícios de força [...] ser abolidos, pois a mulher não foi constituída para lutar e sim para procrear. Convém, pois, que lhe sejam indicados os exercícios que contribuam para o desenvolvimento normal da bacia” (CREMA, 1933a, p. 3).

Os exercícios mais indicados para a mulher eram a dança, pois, “A par de ser a dança um elemento de atração social, é também uma forma de expressão estética, e a graça é seu fator determinante” (CARDOSO, 1934, p. 10), e ginástica rítmica “[...] ao fazer parte de uma boa educação física, pois ao desenvolvimento físico, ‘deve acompanhar o senso ritmico, para que a beleza do espírito seja uma decorrente da perfeição do corpo’” (CARDOSO, 1934, p. 14). Outros exercícios ainda eram recomendados, como visualizamos na monografia de Helena Serrano (1932, p. 7), sendo “[...] a marcha [...], os exercícios de suspensão (pouco demorados), saltos à corda, lançamentos de pesos, esgrimas para os dois braços, jogos de raquete, exercícios de equilíbrio, natação etc”.

Nos trabalhos que discutiam a Educação Física direcionada à infância, identificamos que as monografias produzidas por Mathilde Crema e Mercês Garcia se preocupavam em proporcionar às crianças exercícios físicos que deveriam ser higiênicos, pois a criança nesse período se encontra em crescimento. Essa fase da vida era considerada de grande importância, pois, “A criança é um valor social para o Estado porque nela é que repousa a grandeza dos povos, a prosperidade das nações e o progresso da humanidade” (CREMA, 1933b, p. 5-6).

Seguindo as orientações do *Regulamento nº 7 de Educação Física*, a professora Mathilde Crema (1933b, p. 6) informa que, “No período pre-pubertário,

que vai dos quatro aos treze anos a criança necessita de uma saúde vigorosa pelo desenvolvimento normal de suas faculdades físicas e equilíbrio perfeito de suas funções orgânicas, particularmente da função respiratória”. Os exercícios indicados para esse período “[...] devem ser variados, a lição alegre, viva, animada, a fim de não fatigar a atenção das crianças, pois, o movimento e a alegria encantam-nas” (CREMA, 1933b, p. 6). Eram indicados “[...] exercícios simples, jogos e exercícios mímicos” (GARCIA, 1933, p. 4). O ciclo secundário proposto pelo *Regulamento n.º 7 de Educação Física* é o período no qual se começara “[...] começar-se-á a desenvolver o gosto pelo esforço” (GARCIA, 1933, p. 2)”, mas, quando praticada, deveria ser impedido qualquer exagero físico por parte do aluno.

Algumas práticas eram recomendadas para essa fase da vida. Variavam entre os exercícios simples, os jogos e os exercícios mímicos:

Os primeiros, como diz o dr. Richard, ‘têm por objeto imprimir no cérebro da criança a memória de atos reflexos e de chegar por uma progressão fisiológica aos exercícios de síntese e de aplicação’.

Quanto aos jogos que são ao mesmo tempo higiênicos e recreativos, devem ser os mais numerosos possíveis a fim de alegrar e divertir a criança. Para esta, o prazer constitui o mais notável excitante da energia vital e o estimulante mais ativo para fazê-la perseverar no exercício físico.

Os exercícios mímicos são atraentes e podem mesmo para os primeiros graus ser ministrados sob a forma de história; isto contribuirá para torná-los mais interessantes. O fim destes exercícios é desenvolver a faculdade de imitação da criança (GARCIA, 1933, p. 4).

A professora Elcia Aquino, em sua monografia, apresenta um contexto histórico em que a prática da Educação Física foi deixada para segundo plano em tempos passados. Informa, inicialmente, sobre como a Educação Física foi bem desenvolvida entre os gregos e os romanos, mas apresenta como sua prática teve seu momento de declínio na história. O motivo apontado pela professora se deve ao Cristianismo. Assim pondera a docente: “[...] o Cristianismo, reagindo contra a matéria, para reabilitar o espírito, conseguiu levar os exercícios físicos ao desprezo e completo abandono” (AQUINO, 1932, p. 2). A monografia de Sylvia Rocha também apresenta as dificuldades causadas pelo Cristianismo. De acordo com a professora,

O CRISTIANISMO com sua ação moralizadora e regeneradora, sob todos os pontos de vista louvável, entretanto não foi com relação à educação física, pois deixando em plano secundário a perfeição do corpo, visava

unicamente a pureza moral, o desprezo aos bens materiais (ROCHA, 1933, p. 5).

Ambas as professoras marcam o século XIV como o período da evolução da ginástica e foram apresentando alguns precursores em comum que auxiliaram no desenvolvimento do seu ensino durante o decorrer dos séculos até os dias atuais, como Vitorino da Feltre, Mafeo Vegio, Jeronimo Mercuriali, Francisco Bacon e Francisco Fenelon. A professora Slyvia Rocha (1933, p. 7-8) esclarece que essa fase só se tornou possível, pois,

[...] a evolução natural das idéas, como fenômeno social indiscutível, foi gradativamente superando os entraves que se lhe deparavam. ‘O espirito filantrópico e o elevado grau de patriotismo de homens insignes, bateram-se denodadamente em obras imortais pelo principio latino – Mens sana in corpore sano – com o fim de implantar um novo sistema pedagogico, colocando a ginastica no seu verdadeiro plano, ao lado da educação intelectual e moral’.

Dentre os demais temas com apenas uma publicação, a professora Adelaide Raiser escreveu sobre a *Formação Docente*, apresentando os conhecimentos e os cuidados dos quais um professor de Educação Física deveria se apropriar para realizar sua prática docente bem instruída. A professora propunha que,

A adoção da educação física requer da parte do professor conhecimentos especiaes, como a anatomia e fisiologia, que constituem por assim dizer a base do seu estudo.

Velar a saude das creanças deve ser a principal preocupação do instructor e do medico escolar.

A gymnastica em mãos inhabeis, póde prejudicar as necessidades orgânicas da creança, e nesta faze tão delicada da vida, póde até deforma-la e inutiliza-la.

O professor de gymnastica não póde ser um simples ensaiador de flexões, mas um verdadeiro medico, capaz de ajudar consciente e scientificamente a formação e o desenvolvimento dos individuos á sua guarda.

O bom instructor precisa conhecer a creança, a influencia do seu crescimento, para não dar uma dose de gymnastica, numa idade em que o organismo necessita, acima de tudo de assimilar (RAISER, 1933, p. 1 e 2).

A monografia da professora Dalila Neves foi escrita sobre o tema *Jogo*. A autora afirma que “[...] os jogos ginasticos [...] são a melhor forma de trabalho fisico para a creança” (NEVES, 1934, p. 4). São indicados, pois concorrem “[...] para a

educação social e higiênica, ao mesmo tempo que estimula o pendor para as lutas quotidianas da vida” (NEVES, 1934, p. 4).

Na monografia de Alva Piovesan, que discorreu sobre o tema *Atletismo*, a autora lamenta a confusão estabelecida entre atletismo e Educação Física. Para ela, “Qualquer methodo scientificivo de educação physica, baseado na physiologia, anatomia e pedagogia, considera os desportos como um seu verdadeiro capitulo [...]” (PIOVESAN, 1933, p. 2). A professora ainda sinaliza que “[...] não poderia um methodo racional de educação physica deixar de lado os desportos individuais e collectivos [...], importantes para o aperfeiçoamento physico, intellectual e moral”. (PIOVESAN, 1933, p. 3). A importância dessas práticas consiste em:

Os desportos individuais verdadeiros exercicios artificiaes, nos quaes a difficuldade foi tornada progressiva e praticamente illimitada, põem em jogo, principalmente, qualidades physicas superiores, velocidade, força ou resistencia, que um adestramento especial, bem encaminhado, permite desenvolver até os limites extremos.

Os despotos collectivos, verdadeira escola de disciplina, onde, ao par de qualidade physicas as mais variadas, a difficuldade de superar é mais de ordem moral que material, constituem o coroamento da educação physica (PIOVESAN, 1933, p. 3).

A professora Felisbina Pinheiros de Moraes, ao escolher como tema a *Ginástica*, evidencia a importância da Ginástica Respiratória, que se configura como um conjunto de atividades físicas que possuem como objetivo a melhoria da capacidade respiratória. A professora sinaliza que “[...] é por meio dela que procuramos utilizar com maior proveito a superficie respiratoria dos pulmões, aumentando a nossa capacidade vital, fortificando a elasticidade do tecido pulmonar” (MORAES, 1934, p. 2). Mas essa prática costumava ser distinta entre os sexos e idades: “O tipo toracico pertence mais comumente á mulher e á creança e o tipo abdominal ao homens, porem ambos podem coexistir em um mesmo individuo” (MORAES, 1934, p. 3). A professora ainda expôs algumas condições para que sua prática fosse possível, como:

[...] o local; a persistencia; a perfeita execução dos movimentos acompanhada de inspirações completas, tendo-se o cuidado de não inspirar pela boca: execução individual expontanea do exercicio respiratorio que deve ser executado entre os exercicios ginasticos, ou depois, mas nunca durante o repouso (MORAES, 1934, p. 4).

Na monografia publicada sobre o tema *Fisiologia*, a professora Slyvia Carlos Loureiro escreve sobre a importância da prática da Educação Física como disciplina capaz de trazer melhorias para o sistema orgânico do indivíduo. Para ela, sua prática traz “VANTAGENS, para a tranquilidade do seu sistema nervoso. VANTAGENS, para a eficiência de seu sistema circulatório. VANTAGENS, para a regularidade do seu aparelho digestivo” (LOUREIRO, 1934, p. 11).

A publicação da monografia produzida pela professora Maria Aparecida Nogueira sobre o tema *Progresso* evidencia a importância de se manter a prática da Educação Física, pois garantiria a saúde e o melhoramento da raça, proporcionando ao Espírito Santo, e ao Brasil, o caminho para o desenvolvimento do País. A professora afirma ser necessário garantir a Educação Física a toda a população, pois,

E consideravel [...], em certas regiões do Brasil, o numero de individuos deficientes somaticamente. [...]. E' ahi, nessas regiões, que a necessidade imperiosa da educação physica se faz sentir. E' ahi que a educação physica deve ser implantada e sua efficacia será comprovada pelo melhoramento das condições de cada individuo, que segue esta boa escola de movimento e trabalho que é a educação physica. O homem do Brasil não precisa ser substituido. O que elle precisa é ser educado (NOGUEIRA, 1934a, p. 27-28).

A professora pondera ainda como o indivíduo saudável e fisicamente preparado garantiria o progresso do Brasil:

Ora, educando a criança na pratica da cultura do corpo teremos mais tarde homens de physico possante, educados pelo methodo de actividades dos movimentos rythmicos, disciplinados e coordenados, teremos tambem um povo com mais capacidade de trabalho, com mais energia do que o actual, resultante da força e da saude para produzir com mais vantagem o trabalho para a collectividade, dando consequentemente com sua capacidade dinamica, energetica, maior incremento ás forças vitales e productoras de uma nação, que se tornará forte, rigida, e independente, caracteristicos de uma organização sadia [...] (NOGUEIRA, 1934a, p. 26).

Quando demonstramos as monografias com maior produção no curso, as produções do tema *Esporte* não se configura dentre esses trabalhos. Ao analisar suas produções no período da década de 1930, identificamos que as monografias que discutiam sobre as práticas esportivas começam a ser produzidas a partir do período letivo do ano de 1935. Essas informações evidenciam ainda que a prática dos esportes no Espírito Santo não se apresentava como conteúdo prioritário para o

ambiente escolar, considerado conteúdo indispensável somente para os professores de Educação Física durante suas formações no curso e para a Educação Física Superior, Educação Física Feminina, Adaptações Profissionais e Ginástica de Conservação. Provavelmente, as questões relativas ao Esporte começaram a ganhar maior visibilidade na sociedade capixaba a partir do ano de 1935.

Os temas apresentados reforçam a perspectiva de que o Curso de Educação Física do Espírito Santo, criado no de 1931, teria adotado o Método Francês como método oficial para seu ensino. Nesses discursos, estão a voz das mulheres, que reforçam o que os indivíduos que estavam no poder esperavam da Educação Física. Essas mulheres usam os dispositivos disponíveis no curso para suas escritas, mas elas não eram quaisquer mulheres. Eram normalistas que traziam um outro discurso sobre o porquê da Educação Física. No entanto, não podiam usar o discurso da ortopedia, da correção dos corpos e da regeneração, pois, com a Revolução de 1930, instaurou-se um outro discurso. Elas não lutam contra esse novo discurso; ao contrário, passam a utilizá-lo, pois, em muitos aspectos, ele traz traços do discurso anterior. Ao fazerem isso, tornaram-se aptas a seguir suas carreiras como autoridades na área educacional da Educação Física.

Por meio das monografias, percebemos que os saberes necessários para a formação de professores que iriam atuar, tanto no ensino primário quanto no secundário, não tinham como objetivo oferecer uma prática militarizada e esportivizante dos conteúdos de ensino. Essa ideia também é reforçada nos planos de aula construídos pelos alunos e nas práticas vivenciadas pelos professores no curso. Os exercícios eram específicos para cada ciclo de ensino, como determinado pelo *Regulamento nº 7 de Educação Física*.

Não negamos a influência que os militares tiveram na ordenação dos saberes presentes no Curso de Educação Física do Espírito Santo, mas isso não nos leva a considerar que os responsáveis pela organização do curso, vindos do Centro Militar de Educação Física, perspectivavam uma transposição dos exercícios recomendados para a formação de militares para a escola.

3.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Compreendemos que a circulação das monografias nos impressos fez parte de um projeto cultural de escolarização da Educação Física. Foram selecionadas por

um projeto editorial que determinava os saberes que deveriam circular, tendo como objetivo alicerçar a prática dos professores de Educação Física que se encontravam em atuação e que recorriam aos impressos como uma forma de estarem atualizados sobre as discussões presentes no campo, além de informar a população que se interessava pelas discussões presentes na área educacional.

Ao nos aproximarmos da produção das monografias no interior do curso como um quesito obrigatório, observando-as como bens culturais que são produzidos, postos em circulação e apropriados, consideramos a presença desses trabalhos nos impressos como uma estratégia de difusão de conhecimentos por aqueles que se posicionavam na linha de frente da área educacional, em determinar as discussões que seriam divulgadas à população. Provavelmente a circulação das monografias era determinada de acordo com as intenções do governo, já que as pessoas que ocupavam o cargo de editores desempenhavam funções importantes no governo de João Punaro Bley e mantinham relação com os militares. Na *Revista de Educação*, fazem-se notar imagens dos capitães Carlos Marciano de Medeiros e Wolmar Carneiro da Cunha, importantes figuras que ajudaram a criar e organizar o Curso de Educação Física no Estado no ano de 1931.

Período de grande interesse para a historiografia brasileira, a década de 1930 é considerada o marco de intervenção dos militares na educação nacional. Em relação à Educação Física, a eles é dada grande ênfase, em função dos planos de intervenção, de difusão e de orientação da Educação Física em todo o território pátrio. Grande destaque é dado nesse momento aos militares e instrutores encarregados de orientar a intervenção nas instituições de ensino ou, quando a intervenção cabia ao professor, este deveria seguir as instruções propostas pelos planos superiores. Nessa perspectiva, aos professores não era atribuída nenhuma responsabilidade na escolarização da Educação Física.

Ao recusar a forma de analisar a construção da realidade, retirando das fontes somente o que é apresentado, apoiamo-nos em Chartier (1990) e Certeau (1994), pois observamos, por meio de indícios deixados pelos documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, ações de vários indivíduos que se encontram em concorrência. Dessa maneira, a elaboração das monografias e as relações mantidas no curso podem demonstrar como algumas mulheres se apropriaram de um conhecimento superior que lhes foi apresentado, transformaram-no em monografias e com elas ganharam visibilidade aos serem publicadas em impressos locais.

As produções das mulheres são consideradas vestígios das práticas ministradas no Curso de Educação Física e das discussões estabelecidas nessa instituição. A circulação de 23 monografias escritas por mulheres e publicadas em impressos que veiculavam ações do governo revelam esses textos como saberes que significavam a prática da Educação Física no Espírito Santo, na década de 1930. Os conhecimentos em circulação foram considerados afirmações seguras e científicas. Os textos foram classificados como aptos, pelos que se encontravam nos cargos de decisão, a serem publicados e revelados para a sociedade e os professores.

Os saberes veiculados parecem atingir dois públicos. Como o *Diário da Manhã* era um jornal periódico, veiculava informações políticas, econômicas, sociais, culturais, além de educacionais. Isso nos leva a acreditar que sua circulação não busca atingir determinado público, mas um público diversificado. Assim, seus leitores poderiam ser desde professores, que se interessassem pelas matérias educacionais que circulavam como um dos seus conteúdos, como outros indivíduos que se interessassem pelas outras matérias veiculadas nessa imprensa, que tinham interesse em observar os acontecimentos ocorridos no Espírito Santo.

Já a *Revista de Educação*, por se tratar de um impresso educacional, volta suas atenções para os professores, que poderiam, por meio da veiculação de várias matérias de diferentes áreas do ensino, oferecer discussões que os mantivessem atualizados sobre o que acontecia de mais moderno no Estado. Isso, porém, não nos leva a afirmar que seu público se restringia apenas aos professores, pois constituía-se também de qualquer outro indivíduo que se interessasse pelo seu conteúdo.

Nos artigos veiculados nos impressos sobre a Educação Física, podemos perceber que discussões sobre os métodos ginásticos, a saúde, a Educação Física para a mulher e a infância se destacavam dentre os temas com maior quantitativo de artigos veiculados. Além do atletismo, o entrave do desenvolvimento da Educação Física pelos discursos da religião, a ginástica, a fisiologia e a necessidade da prática da Educação Física para alcançar o progresso da nação estão entre os discursos veiculados. O que nos chamou a atenção foi a ausência de discussão em torno dos esportes e os conteúdos indicados para o ambiente escolar, que não sinalizavam nenhuma tentativa de esportivizar a prática da Educação Física.

A circulação dos temas determina a relação mantida com os militares, uma vez que estão associados aos conteúdos presentes no *Regulamento nº 7 de Educação Física*, usado no curso após adoção oficial do Método Francês de Educação Física em todo o Brasil, a partir do ano de 1931, e aos temas presentes na *Revista de Educação Física*. Tanto o *Regulamento nº 7 de Educação Física* quanto a revista são impressos presentes na biblioteca do curso e, possivelmente, foram usados pelos alunos em formação, auxiliando-os na construção das monografias.

Além do quantitativo de 23 monografias escritas por mulheres, publicadas em impressos, o que nos chamou maior atenção foi a grande visibilidade dada a essas professoras em um período em que elas ainda eram vistas fora da vida pública. Utilizam um discurso de uma sociedade ainda marcada pelo patriarcalismo, que diz que a função social da mulher é a procriação e o cuidado dos filhos para o engrandecimento da nação. Até o fazem, mas vão para outro espaço, que é o reconhecimento social, a atuação pública, a produção de conhecimento e se tornam independentes. Isso, por si só, já é interessante. Tornaram-se autoras não só de textos, mas também de suas próprias histórias e se projetaram em um novo cenário educacional, um espaço de autoridade em que almejavam estar.

Ao nos apropriarmos das prescrições metodológicas de Bloch (2001), esse autor nos diz que não podemos nos prender somente aos discursos veiculados pelos documentos, mas devemos ficar atentos aos indícios que são capazes de revelar os acontecimentos de um dado período histórico, mesmo sem a intenção de dizê-los. Essa problematização apresentada pelo autor nos possibilitou enxergar vestígios deixados pelas mulheres, ao analisarmos os documentos gerados pelo Curso de Educação Física e que hoje constituem o Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, referente aos motivos da seleção e publicação das 23 monografias nos impressos.

Um desses indícios se referiu à classificação final obtida pelas alunas ao término do curso e à classificação recebida pelo julgamento das monografias, acabando por determinar a ordem das publicações. Outro importante indício refere-se aos elogios presentes em algumas monografias direcionados aos professores ou que exaltavam as realizações que o curso promovia para o engrandecimento da Educação Física no Estado e, por vezes, até mesmo ao Centro Militar de Educação Física. Refoçamos mais uma vez que fizeram isso de forma intencional, tática, e

silenciosa, mostrando que não há práticas sociais que não possam ser reduzidas a representações.

4 DA SUBMISSÃO ÀS PRÁTICAS DE ASTÚCIAS: A PRESENÇA DE MULHERES NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESPÍRITO SANTO

Resumo: Objetiva compreender o lugar conquistado pelas professoras de Educação Física no Espírito Santo, observando os discursos que circulavam na sociedade capixaba sobre a necessidade da Educação Física para a mulher, analisando como as professoras agiram dentro de uma realidade que determinava suas funções sociais e alcançaram posições antes só ocupadas por homens. Utiliza, como referencial teórico-metodológico, o conceito de lutas de representações (CHARTIER, 1990), estratégia e tática (CERTEAU, 1994) para compreender como uma realidade é construída por seus atores. Adota como fonte os documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes e constata que as monografias produzidas pelas professoras de Educação Física, tendo como tema central a Mulher, determinavam as funções que elas cumpririam na sociedade. Nelas, somente algumas atividades eram recomendadas, aquelas que não prejudicassem a região pélvica, que não a impedissem de cumprir sua missão, gerar filhos. Mas, independente desses discursos, elas alcançaram outros ambientes sociais além do espaço familiar, espaços que majoritariamente eram ocupados por homens.

Palavras-chave: *Educação Física. Atuação docente. Espírito Santo.*

4.1 INTRODUÇÃO

Pôr em evidência as ações das professoras de Educação Física é ressaltar o trabalho de um grupo que, em grande medida, foi ocultado pela história oficial ou não recebeu a atenção merecida. Trazer para a cena seus protagonismos é resgatar o processo de escolarização da Educação Física no Espírito Santo, apresentando-as como autoras de saberes para a disciplina Educação Física, como professoras atuando na formação de novos professores e exercendo outras funções durante seus percursos profissionais.

Apesar das alterações na posição social das mulheres em função da maior escolaridade que passaram a conquistar desde meados do século XIX, o domínio masculino continuou sendo determinante na organização da sociedade. Dentre as práticas que deram continuidade à normatização dos papéis sociais, a Educação

Física se apresenta como uma extensão, direcionando seus objetivos na formação de mulheres no Espírito Santo, na década de 1930. Ancorada em discursos científicos, a prática da Educação Física, orientada pelo Método Francês, educava os indivíduos para cumprirem determinada função na sociedade. A Educação Física investiu nessas mulheres, pois elas eram consideradas a célula-mater da nação, havendo toda uma prescrição específica das práticas, já que se esperava delas uma missão, que era a geração de indivíduos saudáveis, o que asseguraria o progresso do País e do Estado do Espírito Santo em termos social, econômico e pátrio.

No Espírito Santo, o principal ambiente de participação na vida pública pelas mulheres se deu com suas entradas nas escolas normais, atuando como professoras. Marcada sua presença até a década de 1930, com formação de normalistas, as mulheres também apareceram compondo maioria no Curso de Educação Física do Espírito Santo após sua criação no ano de 1931. Se, por um lado, as mulheres obtinham avanços sociais por meio da educação, por outro, os discursos provenientes tanto das escolas normais quanto no Curso de Educação Física continuavam a aprisioná-las na vida privada. Esses discursos as restringiam ao cuidado do lar e, principalmente, à sua função maior, gerar filhos saudáveis.

Nesse sentido, os documentos presentes no Arquivo Permanente do Cefd/Ufes se mostram como uma rica fonte documental que exemplifica as intenções de um grupo de militares e de funcionários do governo do Estado que, ao mesmo tempo em que aprisionava a mulher nas amarras sociais por meio dos discursos masculinos, apresentava, em seus registros, indícios de subversão a essas práticas, representados no estudo pelo percurso profissional de 23 professoras de Educação Física. Esses discursos são expostos pelas próprias monografias redigidas pelas discentes que cursavam o Curso de Educação Física, demonstrando os papéis sociais que a mulher deveria cumprir no Estado, mencionando a importância da prática da Educação Física na garantia dessa “missão feminina”, como forma de transformar uma multiplicidade humana em sociedade disciplinar, que classifica e hierarquiza todos os desvios à aprendizagem.

As 23 professoras de Educação Física, após a produção e apresentação de suas monografias no Curso de Educação Física, publicaram seus trabalhos em impressos capixabas, objetivando oferecer novas discussões do campo educacional para que os professores se mantivessem atualizados. Ao desvelar as práticas dessas professoras, demonstramos como agiram e atuaram dentro do campo social,

cultural e educacional, em um período ainda centralizado na figura dos homens em determinar a organização da sociedade. Suas passagens no curso, suas produções em circulação nos impressos e os lugares ocupados depois de formadas demonstram os protagonismos dessas mulheres no desenvolvimento da Educação Física no Espírito Santo, discussão que ainda não havia recebido atenção, mas que evidencia o pioneirismo dessas mulheres empenhadas em contribuir com a escolarização da Educação Física no Estado.

Pressupondo que o campo da Educação Física constituía naquele momento uma nova possibilidade de atuação das mulheres no espaço público, buscamos entender como um grupo formado por 23 professoras realizou suas formações no Curso de Educação Física e se inseriu em diversos espaços. Mas, para que isso fosse possível, analisamos os discursos escritos por quatro das 23 professoras que trabalharam com o tema *Mulher*, e que tiveram seus textos veiculados nos impressos, percebendo o sentido atribuído à prática da Educação Física direcionada a esse gênero.⁹⁵

Dessa forma, evidenciamos os caminhos percorridos pelas professoras de Educação Física para se desprenderem dos condicionamentos sociais que as aprisionavam, escritos por elas próprias, compreendendo como foram capazes de alcançar posições antes não perspectivadas para elas, mas ditas masculinas em espaços públicos. O papel desempenhado pelas professoras nesses espaços nos ajuda a entender que a construção do mundo perpassa pelas ações dos indivíduos na realidade, demonstrando como as professoras se tornaram grandes nomes da educação espírito-santense.

Nesse sentido, Chartier (1990) nos ajuda a compreender a construção de uma representação social. Para o autor, é necessário desviar “[...] a atenção das hierarquias para as relações, das posições para as representações [...]” (CHARTIER, 1990, p. 14). Essa forma de analisar o mundo não considera que os indivíduos que compõem dada realidade social se encontram passivos. Eles traduzem suas posições e interesses objetivamente confrontados, revelados como *lutas de representações*, “[...] pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção de mundo social, seus valores e seu domínio” (CHARTIER, 1990, p. 15). Mas o próprio autor considera que o social é um depósito de relações sociais, reconhecendo

⁹⁵ Não localizamos nenhuma monografia sobre o tema Mulher escrita por homens.

práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação, o que permite ao consumidor, neste caso, as professoras, que são cercadas por uma série de discursos que pretende moldá-las, “[...] a reapropriação, o desvio, a desconfiança, ou a resistência” (CHARTIER, 1990, p. 59).

Os discursos direcionados para as mulheres nos anos da década de 1930, no Espírito Santo, procuravam moldá-las para cumprirem o que consideravam ser sua função: donas do lar e, sobretudo, mãe. Esse padrão de feminilidade alçado pela Educação Física se apresenta como uma estratégia de uniformidade. Considerava que, garantida a saúde da mulher pela prática de atividades físicas, ela poderia gerar filhos fortes e saudáveis, contribuindo para a construção de uma sociedade que cada vez mais se urbanizava e necessitava de cidadãos que poderiam cumprir a demanda proveniente do trabalho.

Apesar de o discurso oficial no Espírito Santo massificar o comportamento feminino, observamos uma recusa a essa uniformidade, demonstrando como as 23 professoras de Educação Física alcançaram posições sociais na vida pública que não condizem com o discurso comum que vinha sendo apresentado. Para que possamos compreender as ações das professoras, apropriamo-nos dos estudos de Chartier (1990), ao demonstrar que não há realidade formada por indivíduos sem reações, sinalizando haver um distanciamento entre produção e recepção.⁹⁶ O autor adverte que não devemos agir como se os textos, imagens, ou discursos tivessem significados em si mesmos, fora das leituras que lhes conferem sentidos. O autor sinaliza que o consumo cultural deve ser visto também como uma forma de produção, que nunca é idêntica às intenções dos produtores, mas lhes atribui novos sentidos. O que o autor pretende é nos alertar que devemos ficar atentos aos produtos culturais oferecidos, às formas de apropriação e consumo:

Definido como uma ‘outra produção’, o consumo cultural, por exemplo a leitura de um texto, pode assim escapar à passividade que tradicionalmente lhe é atribuída. Ler, olhar ou escutar são, efectivamente, uma série de atitudes intelectuais que – longe de submeterem o consumidor à toda-

⁹⁶ Michel de Certeau, em seu livro *A invenção do cotidiano*, também adverte sobre a distinção que há entre os discursos e as práticas de apropriação na construção do social. O autor alerta para a necessidade de dar atenção não apenas às autoridades e às instituições, mas também a “[...] atenção à liberdade interior dos não-conformistas, mesmo reduzidos ao silêncio, que modificam ou desviam a verdade imposta, seu respeito por toda resistência, ainda que mínima, e por toda forma de mobilidade aberta por essa resistência, [dando] a possibilidade de crer firmemente na liberdade gazeteira das práticas” (CERTEAU, 1994, p. 19).

poderosa mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o deve modelar – permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência (CHARTIER, 1990, p. 59-60).

Para que seja possível essa forma de conceber a realidade, é preciso não se interessar apenas pelos produtos culturais oferecidos no Curso de Educação Física e pelos discursos presentes nas monografias sobre a necessidade da prática da Educação Física à mulher, mas pelas operações dos usuários, suas ações e práticas, mostrando os caminhos que essas professoras conseguiram percorrer no Espírito Santo. Essas trajetórias são analisadas com o uso dos documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, por meio dos registros de suas atividades como professoras de Educação Física, dando visibilidade à sua presença no desenvolvimento dessa área no Espírito Santo, o que possibilita reconstruir uma história que não enfatiza apenas uma ordem cronológica dos fatos políticos e militares, mas também um modo de conhecer os indivíduos que integram os acontecimentos de um determinado lugar (GINZBURG, 1991).

Ao compreender a representação dessas professoras, envolvidas em um projeto de escolarização da Educação Física no Espírito Santo, é necessário que observemos as *microdiferenças*⁹⁷ (CERTEAU, 1994) em um espaço em que tantos outros só veem obediência e uniformização. Com suas formas de agir, alcançar e conquistar posições importantes anteriormente só ocupadas por homens, essas mulheres assumiram lugares diferentes daqueles criados para elas pelos diferentes discursos masculinos próprios daquele tempo.

4.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA AS MULHERES: CORPO SAUDÁVEL GERA FILHOS SAUDÁVEIS

A modernização econômica, social e cultural que vinha sendo conquistada no Brasil, a partir da década de 1930, voltou a atenção para uma nova mulher. De acordo com Goellner (2003), a falta de exercícios físicos e o confinamento no lar eram prejudiciais, pois, a partir desse período, pretendeu-se formar mulheres modernas, companheiras, responsáveis e capazes de enfrentar os desafios que a

⁹⁷ Termo utilizado por Certeau (1994) para apresentar as várias manifestações que compõem uma realidade. Para o autor, somos atravessados por experiências que nos constituem como ser, mostrando uma realidade composta por indivíduos plurais, que possuem formas diferentes de pensar, de se manifestar e agir com o cotidiano.

nova sociedade, cada vez mais urbanizada, industrializada e moderna, impunha. Mas, por outro lado, os discursos direcionados a elas continuavam a moldá-las “[...] na medida em que suas ‘conquistas’ devem estar ajustadas aos seus deveres” (GOELLNER, 2003, p. 24), trazendo poucas possibilidades de emancipação social para a mulher.

A mulher, nesse contexto, cumpriria um papel essencial. Não bastaria apenas os indivíduos buscar a saúde, a perfeição física e potencializar suas energias pela prática da Educação Física. Para alcançar os objetivos pretendidos pela nova sociedade que se implantava, a saúde do corpo não deveria ser apenas conquistada, mas cultivada pela mãe desde o planejamento familiar.

Ao analisar a revista *Educação Physica* (1932-1945),⁹⁸ Goellner (2003) enfatizou os textos, imagens e fotos veiculados na revista sobre a mulher. Para a autora, naquele momento três requisitos eram fundamentais para a sua formação: “[...] beleza como ‘obrigação’, maternidade como destino e feminilidade como consequência” (GOELLNER, 2003, p. 10). Pacheco (1998), ao analisar a revista *Educação Physica* e o periódico *Revista de Educação Física* (1932-1949),⁹⁹ seleciona os artigos referentes à Educação Física feminina e à Educação Física escolar.¹⁰⁰ Para a autora, a formação da mulher pela prática da Educação Física buscava uma formação que a contemplasse na garantia da sua função social.¹⁰¹

Da mulher dependia a regeneração física e moral do povo, de sua prole saudável surgiriam os/as trabalhadores/as e soldados fortes, necessários para a consolidação do ideal nacionalista. A mulher existia como retrato de sua maternidade, parte de um compromisso com a eugenia brasileira (PACHECO, 1998, p. 47).

⁹⁸ Para maiores informações sobre os conteúdos presentes na revista *Educação Physica*, do ano de 1932 a 1945, ver *Catálogo de Periódicos de Educação Física e Esporte (1930-2000)* (FERREIRA NETO et al., 2002).

⁹⁹ Para maiores informações sobre os conteúdos presentes na *Revista de Educação Física*, do ano de 1932 a 2000, ver *Catálogo de Periódicos de Educação Física e Esporte (1930-2000)* (FERREIRA NETO et al., 2002).

¹⁰⁰ Em seu estudo, Pacheco (1998) delimita a periodização da revista até ao ano de 1949.

¹⁰¹ Segundo Shoiet (1997), o gênero pode ser compreendido como uma categoria de análise baseada na distinção dos sexos, que busca desconstruir a hierarquia, não aceitando como natural essa distinção. Ambas as autoras se utilizam da perspectiva de gênero para a construção historiográfica. Quando analisam os artigos, figuras e fotos evidentes nas revistas que apresentam a mulher, consideram como práticas que buscam impor as intenções pretendidas na escolarização dos corpos, e a Educação Física como um dispositivo para a formação da distinção social dos indivíduos na sociedade.

Publicado em 1930, o livro *Educação Physica Feminina*, de Orlando Rangel Sobrinho, apresentava-se como um dos primeiros livros a sistematizar programas de atividades físicas para a mulher. O autor considerava que a saúde, a beleza e a força eram as maiores aspirações das mulheres, e é seu dever preservar essas qualidades. Por meio dessa garantia, as mulheres poderiam cumprir sua função social maior, “[...] a conservação da espécie” (RANGEL SOBRINHO, 1930, p. 25). A prática da Educação Física era recomendada, pois, como prevê o autor,

A falta de vigor physico tem na mulher consequencias peiores que nos homens. A funcção primordial da mulher é a procreação, e todo preparo physico não deve perdel-a de vista. Podemos mesmo adiantar que a constituição physica é mais importante que a intellectual; emquanto a primeira póde determinar, quando má, a extincção da descendencia em poucas gerações, a segunda é passivel de desenvolvimento indefinido de geração em geração. Os retardatarios intellectuaes podem ser efficientemente combatidos; os physicos constituem uma tara terrível, de funestas consequencias para a reproducção da especie e o aperfeiçoamento da raça (RANGEL SOBRINHO, 1930, p. 26).

Rangel Sobrinho (1930, p. 83) argumenta que, dentre os métodos ginásticos mais apropriados para a Educação Física Feminina, o Método Francês se destacava como o mais indicado, já que “[...] visa o desenvolvimento harmonico e a mais perfeita exploração de todas as qualidades physicas e moraes que constituem o real aperfeiçoamento da natureza humana”. Pela obtenção de um físico perfeito conquistado pela Educação Física, a mulher poderia cumprir seu dever social, gerar uma raça forte, sadia e bela, contribuindo para o engrandecimento nacional.

Goellner (2003) e Pacheco (1998), ao voltarem seus estudos para a Educação Física referente à mulher entre as décadas de 1930 e 1940, concluíram que as atividades físicas indicadas nas revistas se adequavam às suas especificidades biológicas. Dessa forma, as mulheres deveriam evitar exercícios que causassem choques e pancadas, pois essas práticas são consideradas perigosas ao útero, o que poderia prejudicar a mulher para cumprir sua maior função, a maternidade. Era preciso também se afastar de exercícios que poderiam masculinizar a mulher, e praticar apenas os que privilegiassem sua forma, postura e leveza, tornando o corpo mais feminino.

Goellner (2003) sinaliza que, na revista de *Educação Physica*, a ginástica, a dança e a natação eram as práticas mais aconselháveis ao organismo feminino, porque proporcionariam às mulheres melhor desenvolvimento anatômico e

fisiológico sem oferecer prejuízos à sua estrutura física. Pacheco (1998, p. 47),¹⁰² também evidenciou que,

Por vezes, a ginástica feminina vinha acompanhada de música e esta junção tomava a forma de movimentos rítmicos. Além disso, a ginástica rítmica era incentivada como prática feminina por não ter finalidade competitiva [...]. As atividades realizadas com músicas e artísticas correspondiam a um ser emotivo e dado aos sentimentos, e os movimentos que privilegiassem a parte inferior do corpo, especialmente a região da cintura/quadris, valorizavam as formas feminis ao mesmo tempo que ajudavam na preparação para a maternidade.

Ao considerar a importância da Educação Física para a mulher na década de 1930, Rangel Sobrinho (1930) prescrevia que outras atividades físicas e esportivas eram incentivadas, porém deveriam ser praticadas com cautela, já que o corpo delicado feminino não deveria ser submetido a esforços intensos ou que pudessem masculinizá-lo. O autor prevê que as corridas, os lançamentos, a esgrima, o remo, o ciclismo, a equitação, o Box, a luta, o tênis, o futebol, o vôlei e o basquetebol ainda se constituem importantes práticas direcionadas para a mulher, podendo ser reformuladas para não terem como fim a competição.

No Estado do Espírito Santo, é possível analisar os discursos produzidos que direcionavam a prática da Educação Física para a mulher, ao recorrer às produções em forma de monografias escritas pelas alunas do Curso de Educação Física. Ao analisar os temas desses trabalhos, observamos que a prática da Educação Física para a mulher se destacava dentre as monografias com maior produção no interior do curso e também de publicação nos impressos.

A prática da Educação Física no Estado, exposta pelas monografias, determinava a formação de uma nova mulher que ajudaria a alcançar o projeto de desenvolvimento pretendido pelo Espírito Santo a partir da década de 1930. Esses trabalhos são atravessados por discursos que impunham um padrão que deveria ser seguido pelas mulheres. A mulher era considerada “a alma da humanidade”, “A pedra angular de toda a regeneração física [...]” (MIRANDA, 1934, p. 5), “E’ cuidando da mulher que se chega a obter uma raça forte, sadia e bela” (MIRANDA, 1934, p. 5). As monografias sinalizam que o maior alcance social que a mulher

¹⁰² Pacheco (1998) observou em sua pesquisa que os termos Educação Física, ginástica e danças aparecem como sinônimos nos periódicos *Revista de Educação Física e Educação Physica*. Para a autora, isso foi possível em função do processo de naturalização de características eminentemente sociais, o que implica também uma concepção biológica para certas atitudes femininas.

poderia obter seria a conquista da maternidade, momento no qual cumpriria a maior função social que a ela era determinada.

A nova mulher formada a partir de 1930 no Espírito Santo não seria mais aquela mulher confinada nos lares, “[...] essa mulher que eu vejo nas paragens longinhas, triste, anônima, vivendo nas habitações, sem recursos e sem conforto [...]” (SERRANO, 1932, p. 3). Buscava-se abolir as duas condições em que as mulheres se encontravam, “[...] excesso de trabalho para as pobres, sedentariedade para as ricas e para as burguesas; quer de um, ou de outro lado, elas têm encontrado a ruína precoce e até a morte” (MIRANDA, 1934, p. 4).¹⁰³ Para a mulher moderna, condizente com a nova realidade social, aconselhava a prática de atividades físicas ao ar livre e em contato com a natureza: “[...] a vida ativa dentro da escola de exercícios em plena riqueza de ar puro, sob o sol das praias, do campo, das montanhas, é capaz de dar á mulher a verdadeira beleza, saúde, estética que o ‘rouge’, o ‘baton’ e as cintas são incapazes de dar!” (MIRANDA, 1934, p. 7).

Dentre os métodos existentes, o Método Francês se destacou como o mais apropriado quando aplicado à mulher, pois,

Para a mulher, o método de educação física mais apropriado, seria aquele que, além de confirmar a saúde pelo bom funcionamento de todos os órgãos, visasse de perto o papel preponderante pelo mesmo exercido na função de reprodução da espécie, como também contribuísse para colocá-la em condições tais, que na luta pela vida, jamais pudesse ser vencida (CARDOSO, 1934, p. 5-6).

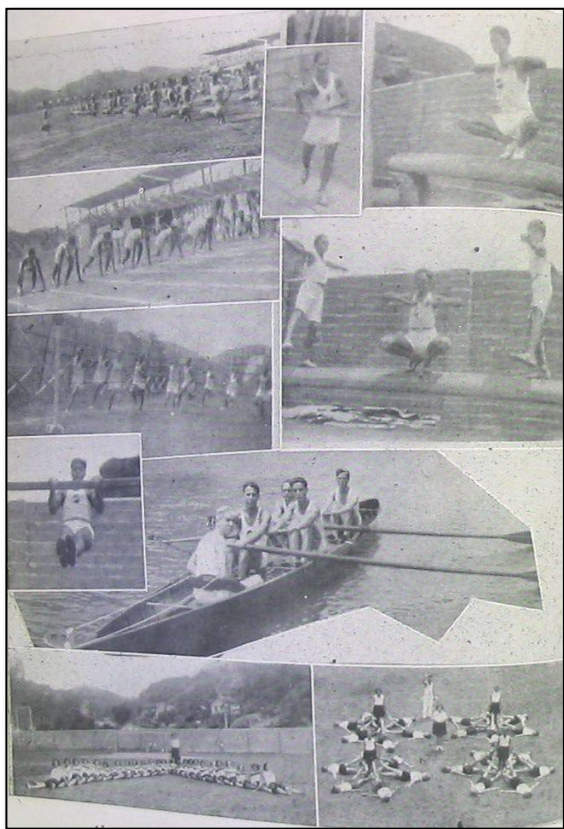
Os discursos provenientes do período no Estado recomendavam que a prática da Educação Física deveria se adequar à especificidade biológica da mulher para que pudesse atingir as características destinadas a seu gênero, isto é, a beleza, a saúde corporal para a maternidade e a feminilidade. Os exercícios direcionados às mulheres previam que, “[...] devido a certas funções que lhe são próprias, não se deve dar á prática de exercícios que requeram grande despesa de força. Para o organismo feminino devem ser escolhidos, com muita prudência e dosados com o máximo cuidado, os exercícios que lhe são destinados” (MIRANDA, 1934, p. 20).

¹⁰³ Diferentes das mulheres das classes sociais mais favorecidas, as mulheres pobres trabalhavam para garantir a sobrevivência da família. Muitas das vezes, como considera Motta (2012), elas eram as únicas provedoras da família, pela viuvez ou abandono do parceiro, ou mesmo para ajudar na complementação do sustento do lar.

Orientadas pelo Método Francês, as autoras das monografias prescrevem que, até aproximadamente nove anos, início da puberdade, as práticas corporais não se diferenciavam entre os sexos, eram as mesmas para meninos e meninas, mas, a partir desse período, os exercícios deveriam ser distintos, pois a mulher, pela sua particularidade biológica, deveria realizar exercícios necessários ao bom desenvolvimento de seu organismo. Havia grande preocupação no planejamento das atividades físicas, pois entendiam que o programa de atividades precisava se adequar às características físicas, emocionais e psicológicas das mulheres.

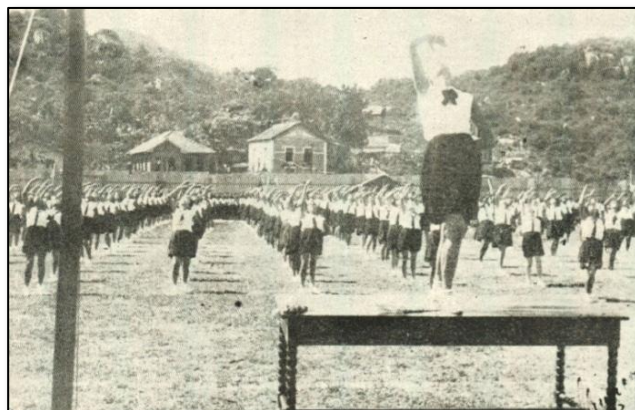
Nas Figuras 16 e 17, notamos como a Educação Física era orientada para ambos os sexos. Enquanto os homens praticavam exercícios esportivos, de força e resistência, as mulheres faziam exercícios calmos, de leveza e delicados, capazes de garantir sua feminilidade.

Figura 16 – Alunos do Gymnasio do Espirito Santo em varios aspectos de educação physica, sob a orientação efficiente do prof. Aloyr Queiroz de Araujo



Fonte: Revista de Educação, 1935.

Figura 17 – Aula de Educação Física feminina no Estádio Governador Bley



Fonte: Revista de Educação Física do Exército, 1933.

Eram abolidos quaisquer exercícios de força, pois “[...] a mulher não foi constituída para lutar e sim para procrear” (CREMA, 1933a, p. 2). Os exercícios mais indicados seriam aqueles que “[...] contribuam para o desenvolvimento normal da bacia. Devem ser abolidos todos os exercicios que sejam acompanhados de choques, quedas, pancadas, golpes, etc” (CREMA, 1933a, p. 2). Algumas práticas eram recomendadas, sobretudo aquelas que contribuíssem para o desenvolvimento da região pélvica, como:

[...] a marcha, a esgrima, ótima para desenvolver os musculos da bacia, deve ser praticada com as duas mãos. O tenis é excelente, principalmente, quando do mesmo modo que a esgrima, isto é, com as duas mãos. O remo aconselhado para passeio, porem, em barcos leves. O volley-ball muito bom por agir sobre a coluna vertebral e os musculos abdominais. O golf; o basket-ball, aceitavel com o menor tempo de duração (MIRANDA, 1934, p. 7).

Dentre as práticas mais indicadas para a perfeita formação da mulher no Estado do Espírito Santo, prevalecia a da ginástica rítmica e as danças, consideradas atividades aconselháveis, pois os efeitos resultantes da sua prática são pouco prejudiciais ao desenvolvimento biológico da mulher, além de “[...] tornar a mulher mais atraente, mais harmoniosa e mais grácil em seus movimentos” (CARDOSO, 1934, p. 11). Outra prática bastante indicada era a natação, que, além de não promover choque, possuía grande valor higiênico, favorecendo principalmente a respiração. Era indicada para ambos os sexos e idades.

Era preciso afastar os exercícios que poderiam masculinizar a mulher. Os exercícios de força, acompanhados de choques, quedas, pancadas, golpes etc., deveriam ser abolidos. Assim, nem todos os desportos, seja coletivo, seja individual, eram recomendados. Notamos que algumas das atividades condizem com o indicado por Rangel Sobrinho (1930).¹⁰⁴ Essa aproximação supostamente é evidenciada pelas obras recebidas pela biblioteca do curso, que possuía, dentre seus exemplares, o livro produzido pelo próprio Orlando Rangel Sobrinho, intitulado *Educação Physica Feminina*.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Segundo Goellner (2003), a obra de Orlando Rangel Sobrinho se destacava dentre as primeiras publicações brasileiras que sistematizaram programas de atividades físicas para mulheres. Aponta a autora que sua obra traz referência aos estudos de Georges Hébert, além de Georges Démeny. É possível encontrar exemplares produzidos por esses autores compondo o acervo da biblioteca do Curso de Educação Física do Espírito Santo, o que justifica os discursos produzidos pelas alunas sobre a Educação Física feminina estarem tão próximos.

¹⁰⁵ Tenente do Exército brasileiro com formação em Engenharia Química e Civil.

As discussões existentes no curso buscavam exemplos nos povos antigos, como os gregos e os espartanos, discussões que eram incorporadas pelas alunas na construção de suas monografias, como exemplos que deveriam ser seguidos pelas professoras em sua prática docente e também pela população. Vejamos.

Lembremo-nos como a Grecia chegou a tão alto grau de perfeição artistica que a levou á posteridade. Entre os gregos a educação fisica era rigorosamente praticada, pois tinham eles uma noção clara e nitida que só por meio dela é que se chegava ao aperfeiçoamento da raça. A eugenia era entre eles praticada com bastante rigor; exigiam dos conjuges ótimas qualidades fisicas e moraes para, assim, transmiti-las aos seus descendentes.

Em Sparta, Licurgo, o seu legislador, mandava sacrificar, afogando no Eurotas, os recém-nascidos doentes, fracos, aleijados, disformes, etc., os quais não se podiam transformar nunca em homens fortes, sadios e destemidos para a luta e para a guerra (CREMA, 1933a, p. 2).

As mulheres exibidas na Figura 18 representavam o padrão de feminilidade que deveria ser alcançado, que buscava aproximação com os povos antigos. Assim é descrita a imagem: “Cerebro e musculos. Athenas e Sparta. Inteligencia e beleza. Eis o que nos mostra a nova mulher capichaba, representada pela invicta equipe da União Athetica Gymansio do Espirito Santo” (VIDA CAPICHABA, 1937, p. 74).

Figura 18 – Equipe da União Atlética do Ginásio do Espírito Santo¹⁰⁶



Fonte: Revista Vida Capichaba, 1937.

¹⁰⁶ Sobre a União Atlética do Ginásio do Espírito Santo, ver Poleze (2014).

Condenava-se o uso de artifícios utilizados pelas mulheres para alcançar a beleza feminina, como os espartilhos e roupas pesadas. A Educação Física era considerada o único meio para que se alcançasse a verdadeira beleza da mulher.

A mulher deve manter sempre a sua soberania; mas isso não será com rebiques, com sépia, postiços e falbalas, senão pela educação física, que lhe dará relevo ao busto, aprumo á cabeça e ao esqueleto, suavidade a todas as formas, contorno aos membros, airocidade aos movimentos, frescura á epiderme, roseas as faces, carmin aos labios, brilho ao olhar, leveza ao espirito e, como sintetico indice de vigor, uma intensidade maior aos seus inherentes feitiços (SERRANO, 1932, p. 6).

Como podemos observar nos discursos sobre as mulheres nas décadas de 1930, no Espírito Santo, elas eram representadas pela fragilidade e submissão. Algumas atividades físicas eram consideradas mais adequadas para o gênero, como a ginástica e a dança. As práticas aconselháveis exaltavam os comportamentos e os papéis sociais considerados típicos e naturais, cabendo à mulher cumprir sua função social maior, que era a procriação e a preservação da espécie humana.

Para Bourdieu (2002), os discursos que pretendem justificar o papel social da mulher possuem nas teorias biológicas a pretensão de justificar os lugares ditos naturais e as habilidades específicas para as mulheres. Goellner (1992), quando analisa o Método Francês da década de 1930, também observa ser esse o motivo de sua grande aceitação nas ciências biológicas que o fundamentavam. Para a autora, esses discursos, apoiados pelas ciências biológicas, desprezavam as outras áreas do conhecimento e reduziam as mulheres a uma análise sexista, quando consideravam que a sua função maior se limitava apenas à procriação, tendo nas atividades físicas a garantia dessa função. De acordo com Bourdieu (2002, p. 14-15), a compreensão das diferenças sociais é justificada na construção do mundo social e das relações mantidas:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao *próprio corpo*, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social.

Percebemos dispositivos em forma de discursos que revelam determinado pensamento dominante. Porém, esse pensamento orientado pelos homens em relação às mulheres, cuja identidade era refreada pela supremacia masculina, em alguns aspectos, não era tão forte assim. No exercício dos espaços públicos, as mulheres foram muito mais atuantes do que era mostrado nas monografias.

Seria errôneo pensar que nem todas as mulheres estiveram sujeitas a cumprir seu papel social? As *lutas de representações* presentes na vida cotidiana fazem com que direcionemos nossos olhares não apenas para os discursos veiculados e as normas estabelecidas, mas também para a observação dos modos de analisar a construção de uma realidade que extrapola os domínios impostos e possui vários tipos de *saber-fazer* cotidianos que mostram como uma sociedade não é constituída de passividade.

4.3 O PAPEL SOCIAL DAS MULHERES NA SOCIEDADE CAPIXABA: DAS MARGENS AO CENTRO DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Ao analisar as 23 monografias das professoras de Educação Física, observamos os conteúdos que foram discutidos durante os primeiros anos da década de 1930, em especial, aqueles que abordavam a Educação Física para a mulher. Essas monografias também foram publicizadas para a sociedade capixaba e buscaram moldar as mulheres a um padrão de comportamento almejado. Esses discursos criaram sobre seus consumidores uma ideia de passividade. Porém, as pessoas se esquecem de que, neste caso, as professoras também são “produtores”, capazes de recusar os dispositivos de normatização e reinterpretá-los, demonstrando não ser um público sem ação e sem papel na História da Educação Física no Espírito Santo.

Ao relacionar os discursos produzidos com as práticas dessas professoras, demonstramos como essas mulheres se “desviaram” e caminharam entre os espaços determinados a elas e foram ser professoras especializadas, circularam em jornal e em revista e ocuparam cargos públicos. A pluralidade de cultura existente na realidade cotidiana faz com que não demos atenção somente aos discursos que eram produzidos no interior do Curso de Educação Física pelas próprias alunas, como forma de dispositivo de normalizar e massificar os comportamentos e as práticas das mulheres capixabas.

As práticas exercidas pelas 23 professoras de Educação Física na vida pública manifestam uma recusa à uniformidade imposta por um poder superior, sendo necessário “[...] interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações dos seus usuários; é mister ocupar-se com as ‘maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática’” (CERTEAU, 1994, p. 13). No próprio Arquivo Permanente do Cefed/Ufes, encontramos discursos que prescreviam orientações para o papel que as mulheres deveriam exercer na sociedade, revelando, em seus detalhes, os espaços conquistados pelas professoras após suas passagens no curso, como iremos demonstrar a partir deste momento.

As professoras de Educação Física iniciaram a carreira docente após suas primeiras formações ocorridas em instituições de ensino normal. Na Escola Normal e no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, ambos localizados no Estado do Espírito Santo, formaram-se as alunas Isaltina Paoliello, Clarice Lima, Helena Serrano, Analia Paoliello, Elcia Aquino, Ormy Saletto, Alva Piovan, Anita Crema, Julieta Greppe, Alice Greppe, Mathilde Crema, Sylvia Rocha, Maria Orlandina Bomfim, Felisbina Pinheiros de Moraes, Celina Cardoso, Maria Aparecida Nogueira, Sylvia Carlos Loureiro, Adyr Miranda, Orlandina Ribeiro e Dalila Neves. Além dessas duas instituições, encontramos registros de que Mercês Garcia e Jovita Nogueira realizaram suas formações como normalistas no Colégio Santa Isabel e na Escola Normal de Campos, respectivamente, ambas localizadas no Estado do Rio de Janeiro (ESPIRITO SANTO, 1932-1934; ESPIRITO SANTO, 1931-1935).

A maioria das alunas eram oriundas do Estado do Espírito Santo. Localizamos também professoras naturais de outros Estados, como Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Pará (ESPIRITO SANTO, 1932-1934; ESPIRITO SANTO, 1931-1935). Com exceção de somente uma professora, todas as outras cinco, provenientes de outros Estados, realizaram sua formação como normalistas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, o que, supostamente, nos leva a crer que elas podem ter realizado o Curso Normal sem necessariamente suas famílias terem se mudado para o Espírito Santo, já que o colégio funcionava também em regime de internato, proporcionando a muitas alunas que não moravam na Capital ou no Estado a possibilidade de realizar a formação.

A maioria das professoras foi designada pelo secretário do Interior do Estado, Wolmar Carneiro da Cunha, para participar do Curso de Educação Física no

intuito de obterem maior aperfeiçoamento, a fim de ministrarem com maior segurança e conhecimento o ensino da Educação Física no Estado (ESPIRITO SANTO, 1931-1935). As alunas, no momento do ingresso no curso, exerciam a profissão de professoras nas escolas primárias da Capital e, principalmente, nas escolas do interior do Estado, localidades que mais necessitavam de docentes em função do baixo acesso à educação apresentado nessas regiões. O convite para participar do curso pode representar um primeiro reconhecimento pelo que essas professoras conquistaram com os trabalhos que vinham realizando nas escolas como regentes de classe.

As professoras formadas no curso retornavam ao exercício da profissão com ampla formação sobre a especificidade da Educação Física, substituindo os professores que atuavam com uma formação diversificada em todas as disciplinas. No período de suas passagens nas instituições de ensino normal do Estado, foram formadas com base no Método Sueco, que era o ensinado nessas instituições.

O processo formativo das professoras é considerado indício dos destaques do que essas alunas vinham conquistando. Quando avaliamos as práticas ministradas na instituição, constatamos que, dentre as sabatinas, exames periódicos de cada disciplina realizados no decorrer do período letivo, as alunas se destacavam pelas notas e colocações obtidas. O total dessas notas é evidenciado no resultado final, quando são somadas as notas obtidas durante o processo formativo. Os alunos que obtivessem notas entre 8 e 10 recebiam a Menção Honrosa *Muito Bem*; os alunos com nota superior a 6 e inferior a 8 recebiam a menção *Bem*; e os alunos com nota até 6 recebiam a menção *Regular*. Essa seria uma estratégia da organização administrativa do curso para evidenciar os alunos que sobressaíam no processo de formação pelo desenvolvimento intelectual que atingiam.

Dentre as professoras, receberam a menção honrosa *Muito Bem* Isaltina Paoliello, Analia Paoliello, Julieta Greppe, Maria Orlandina Bomfim, Maria Aparecida Nogueira, Jovita Nogueira, Celina Cardoso, Mercês Garcia, Ormy Saletto e Mathilde Crema. As demais alunas obtiveram a menção honrosa *Bem*, o que representa que também atingiram um bom aproveitamento do curso. Nenhuma aluna recebeu a menção *Regular*.

O desempenho que essas alunas alcançaram também se fez presente nas monografias que produziam ao final do curso. Considerados produtos de uma prática, os trabalhos confirmavam para os professores o nível de desenvolvimento

intelectual que os alunos obtinham. Recebiam o grau de classificação “Distinção com louvor”, “Distinção”, “Plenamente” e “Aprovado”. As monografias produzidas pelas 23 professoras sempre recebiam as melhores classificações.

As 23 professoras com suas monografias ajudaram a produzir e puseram em circulação nos impressos os saberes da Educação Física ao lado de autoridades da área educacional da Educação Física, do Centro Militar de Educação Física, como Carlos Marciano de Medeiros, Horácio Cândido Gonçalves e Heitor Rossi Bélache, e também de autoridades políticas importantes que ocupavam cargos na área educacional do Estado, como: Fernando Duarte Rabelo; Wolmar Carneiro da Cunha (também proveniente do Centro Militar de Educação Física); Manoel Clodoaldo Linhares e Carlos Gomes de Sá, ambos assumiram o cargo de secretário do Interior e Justiça; Claudionor Ribeiro, inspetor técnico do Ensino e chefe do Serviço de Cooperação e Extensão Cultural; João Bastos, secretário da Educação e Saúde Pública; Cristiano Fraga, diretor interino do Departamento de Ensino Público, dentre outros. Ganharam destaque em um período de introdução de um novo método de Educação Física e da importância que essa disciplina poderia proporcionar para o Espírito Santo a partir de 1931, que vê no Método Francês, tema que mais foi publicado dentre a produção das professoras, que sua prática aplicada, principalmente à mulher e à infância, seria o principal meio de garantir a saúde dos cidadãos, assegurando o progresso do Estado, que cada vez mais almejava a modernização, a industrialização e a urbanização.¹⁰⁷

As professoras, ao materializarem os saberes lidos e transmitidos durante suas passagens no curso em forma de escrita, ganharam projeção ao terem seus trabalhos publicados. Essas mulheres alcançaram outros campos sociais contrários aos discursos que determinavam seus papéis sociais como mães e donas de casa. Foram contrárias ao que era produzido no curso por elas próprias sobre a importância de manter a prática da Educação Física para a mulher.

¹⁰⁷ A substituição do Método Sueco para o Método Francês no Espírito Santo é ocasionada em função das mudanças ocorridas em todo o Brasil após a Revolução de 1930, que provocou mudanças políticas, sociais e culturais. A mais marcante foi a transição de um Brasil agrícola para industrial. Entendiam que o Método Sueco que vinha sendo adotado não seria capaz de suprir as necessidades impostas pela nova sociedade que estava se reorganizando. Não necessitávamos somente de indivíduos regenerados, principal objetivo buscado pelo Método Sueco, mas, além do cuidado com a saúde, necessitávamos de indivíduos capazes de oferecer a força produtiva para a sociedade que cada vez mais se modernizava. O Método Francês foi, então, considerado o mais adequado na formação de um novo indivíduo, formado fisicamente para atender à demanda de trabalho que vinha se instalando com o desenvolvimento fabril (SCHNEIDER, 2010; SCHNEIDER; ALVAREGA; BRUSCHI, 2011).

Impulsionadas pela visibilidade adquirida com suas publicações em revistas da época, observamos que as professoras não se restringiram apenas à publicação de suas monografias em impressos ao lado de autoridades locais. Notamos que, muitas vezes, elas eram removidas das escolas do interior, para onde normalmente se dirigiam depois de formadas, passando a ocupar cargos nas escolas de maior prestígio na Capital, o que representa grande destaque que essas professoras recebiam pela dedicação em favor do ensino da Educação Física.

Juntos aos documentos da instituição, hoje constituídos como o Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, localizamos recortes de jornal que possuíam informações sobre o curso, ou sobre os alunos que ali se formavam. Ao encontrar um recorte do *Diário Oficial* do Estado em meio aos documentos, percebemos o poder exercido pelo secretário do Interior, Wolmar Carneiro da Cunha, na remoção das professoras que, exercendo suas profissões em escolas do interior, passam a ser transferidas para escolas de maior representatividade na Capital.

O Secretario do Interior do Estado do Espirito Santo, usando de atribuição que, por lei, lhe é conferida, resolve remover a professora normalista, classificada em 2ª classe, Maria Aparecida Nogueira, com curso especial de Educação Física, da regencia de uma das cadeiras do Grupo Escolar 'Aristides Freire', de Colatina, para ter exercício na Escola Normal 'Pedro II', com funções de professora de Educação Física.

O Secretario do Interior do Estado do Espirito Santo, usando de atribuição que, por lei, lhe é conferida, resolve remover a professora normalista, classificada em 3º classe, Celina Cardoso, com o curso especial de Educação Física, da regencia da escola de Uma de Santa Maria, municipio de Santa Leopoldina, para ter exercicio no Grupo Escola 'Padre Anchieta', de Jucutuquara, com funções de professora de Educação Física.

O Secretario do Interior do Estado do Espirito Santo, usando de atribuição que, por lei, lhe é conferida, resolve remover a professora normalista, classificada em 4ª classe, Slyvia Carlos Loureiro, com o curso especial de Educação Física, da regencia da escola mixta de Riacho, municipio de Santa Cruz, para ter exercicio nas escolas reunidas da Praia do Suá, arrabalde da Capital, com funções de professora de Educação Física.

O Secretario do Interior do Estado do Espirito Santo, usando de atribuição que, por lei, lhe é conferida, resolve remover a professora normalista, classificada em 4ª classe, Adyr Miranda, com o curso de Educação Física, da regencia de uma das cadeiras do Grupo Escolar de Timbuí, municipio de Fundão, para ter exercicio no Grupo Escolar 'Quintiliano de Azevedo', em Cachoeiro de Itapemirim, com funções de professora de Educação Física (ESPIRITO SANTO, 1934b, p. 1).

Restritas apenas ao ensino primário, após suas formações no curso, notamos que algumas professoras ocuparam cadeiras também no ensino secundário. A Escola Normal era a principal instituição que recebia as professoras. Entretanto, no exercício de suas funções, elas não se limitaram somente às escolas primárias, grupos escolares e instituição de ensino normal. Localizamos suas presenças no próprio Curso de Educação Física, agora não mais como alunas, mas exercendo a profissão docente e promovendo a formação de novos professores de Educação Física.

Desde o período da inauguração, momento em que é registrada a caracterização geral que o curso possuía, é realizada uma nominata com o corpo docente designado a participar do funcionamento da instituição. Nesse momento, localizamos as professoras Isaltina Paoliello e Felisbina Pinheiro de Moraes participando e compondo o corpo docente (ESPIRITO SANTO, 1931a). Mas o próprio documento nos informa sobre os professores em exercício e os que não se encontravam em atuação, motivo pelo qual não encontramos registros daquele momento de suas atividades como professoras da instituição, pois somente mais tarde a elas é atribuído o exercício docente. Essa informação evidencia que as duas professoras de Educação Física exerciam alguma atividade no curso, mesmo que não fosse a docência.

A partir do período letivo iniciado no ano de 1933, identificamos algumas alunas circulando como docentes no curso. A professora Ormy B. Saleto, formada no período letivo entre o mês de janeiro e maio de 1933, já havia sido designada pelo secretário do Interior, Wolmar Carneiro da Cunha, para ser auxiliar no ensino prático da seção feminina do período letivo seguinte ocorrido entre novembro de 1933 e maio de 1934. Em função de um possível afastamento da professora Ormy B. Saleto das atividades do curso, foi designada como substituta a professora Mathilde Crema. Assim é elogiado o desempenho da professora pela organização administrativa do curso:

À professora Ormy B. Saleto agradeça-se o completo e eficiente desenvolvimento que deu ao programa do ensino prático da seção feminina durante o tempo em que exerceu as funções de auxiliar daquele ensino, demonstrando mais uma vez as suas acentuadas qualidades de espírito culto, inteligente e educado (ESPIRITO SANTO, 1932-1934, p. 231).

No mesmo período letivo, encontramos ainda a presença das professoras Mathilde Crema, Maria Orlandina Bomfim e Julieta Greppe, formadas no período letivo anterior, compondo a Comissão do 3º Exame Antropométrico da seção feminina, assumindo as responsabilidades do exame sem um professor regente (ESPIRITO SANTO, 1932-1934).

Na Comissão de Exames Finais, as professoras Mathilde Crema, Maria Orlandina Bomfim, Julieta Greppe, somando a presença de Isaltina Paoliello e novamente de Ormy B. Saletto, apresentaram-se como auxiliares das provas realizadas das disciplinas *Socorros de Urgência*, *Composição de Lição* e *Prova de Direção*. Nos *Exames Antropométricos* e na *Prova de Execução*, havia a distinção de sexo para a realização das atividades. Observamos que as professoras assumiam sozinhas a responsabilidade em ministrar os exames finais, sem a presença de um professor regente para orientá-las (ESPIRITO SANTO, 1932-1934).

A dedicação que as professoras demonstravam a favor da escolarização da Educação Física nas escolas primárias fazia com que elas fossem removidas para exercer funções no próprio Curso de Educação Física. Por vezes eram registradas as remoções nos documentos oficiais do curso, nos quais também constatamos elogios referentes à professora Julieta Greppe, pelo diretor-técnico do curso, Horácio Cândido, que, após a remoção para o Grupo Escolar Padre Anchieta, veio a exercer atividades no curso. Vejamos:

Pela Resolução nº 337, de 22 do corrente, do Exmº Sr. Dr. Secretario do Interior, foi removida do Grupo Escolar “Pessanha Povoas”, de Santa Teresa, para a Inspectoria de Educação Física a professora normalista de 4º classe Maria Orlandina Bomfim, como auxiliar técnica da Inspectoria e para ministrar o ensino da Educação Física á seção infantil deste Curso.

A professora Julieta Greppe que acaba de ser removida para o Grupo Escolar de Jucutuquara, grangeou num ano de trabalho nesta casa uma admiração e amidades que colocam-se á vontade para elogia-la pela sua bela educação, espirito culto de educadora e de grande dedicação ao trabalho, que na simplicidade e modestia de sua ação honra o magisterio primario. Agradecendo-lhe ainda a solicitude com que sempre colaborou nos trabalhos do Curso faço votos para que no desempenho de suas novas funções, que nao sao mais que a continuação do seu proprio trabalho nas Escolas isoladas de Jucutuquara venha a merecer de sua Diretora o mesmo conceito que aqui registrei (ESPIRITO SANTO, 1932-1934, p. 262).

Além das atividades realizadas no curso referentes aos exames como auxiliares da disciplina, Maria Orlandina Bomfim assumiu inicialmente as tarefas da

Seção Infantil, criada no início do ano de 1933 e mantida no interior do próprio curso. No início de 1934, a professora Julieta Greppe assumiu a direção da Seção Infantil. Sem maiores indícios no Arquivo Permanente do Cefd/Ufes sobre essa seção de ensino, levantamos a hipótese de ser uma escola de aplicação para os alunos em formação no Curso de Educação Física, espaço em que eles ministravam os conhecimentos aprendidos durante suas formações (ESPIRITO SANTO, 1932-1934).

Iniciado o 5º período letivo do curso, agora denominado Escola de Educação Física,¹⁰⁸ ocorrido entre os meses de julho de 1934 e fevereiro de 1935, novamente as professoras compõem as comissão de exames. Além da professora Maria Orlandina Bomfim, que já participava da Comissão de Exames do período letivo anterior, somam-se à sua presença as professoras Maria Aparecida Nogueira, Celina Cardoso e Alice Greppe. A professora Maria Aparecida Nogueira compõe a comissão formada para avaliar a disciplina *Noções de Psicologia, Pedagogia e Metodologia da Educação Física, Cinesiologia, Prova de Execução* da seção feminina e na *Composição de Lição*, assumindo esta última disciplina como presidente da Comissão. As professoras Maria Orlandina Bomfim e Alice Greppe integram a comissão de professores do *Exame Antropométrico* da seção feminina e, no *Exame Prático*, Celina Cardoso se apresenta ao lado de Maria Orlandina Bomfim como auxiliares da comissão da disciplina (ESPIRITO SANTO, 1934-1935).

Como podemos notar, as professoras ingressavam no corpo docente do curso como auxiliares, assumindo, por vezes, a posição de presidente ou ainda atuando sem o professor regente nas *Provas de Execução* e *Exame Antropométrico* da seção feminina. Na instalação do 6º período letivo do curso iniciado em março de 1935 e finalizando suas atividades em novembro de 1935, a professora Maria Aparecida Nogueira assume a direção da disciplina *Noções de Psicologia, Pedagogia e Metodologia da Educação Física*, agora não mais como auxiliar compondo a Comissão de Exames, mas como professora regente durante todo o curso. No período letivo anterior, a professora formava a Comissão de Exames nessa mesma disciplina, o que indicava que provavelmente estava sendo preparada

¹⁰⁸ O Decreto nº 5.207, do interventor João Punaro Bley, em 24 de agosto de 1934, reorientou o curso e criou a Escola de Educação Física (ESPIRITO SANTO, 1934). De acordo com Silva (1996), poucas foram as mudanças ocorridas na organização da instituição, mantidos os Decretos nº 1.366 e nº 1.450/31 do ano de sua criação em 1931. Silva (1996) destaca algumas mudanças, tendo a duração do curso ampliada para nove meses, a condensação das disciplinas de área biomédica e o acréscimo da iniciação esportiva.

para assumir a cadeira como regente. A professora Julieta Greppe também assume a cadeira de *História da Educação Física* como regente da disciplina (ESPIRITO SANTO, 1935a).

Ainda no mesmo período letivo, localizamos Maria Aparecida Nogueira compondo a Comissão de Exames da disciplina de *Massagem, Socorros de Urgência e Ginástica Ortopédica e Composição de Lição* juntamente com a professora Maria Orlandina Bomfim. Da mesma forma, Julieta Greppe integrou a Comissão de Exames da disciplina a que foi destinada, participando também da disciplina *Direção de Lição*. Colaboraram também na Comissão de Exames da disciplina *Execução de Lição* as professoras Felisbina Pinheiros de Moraes, Isaltina Paoliello e Celina Cardoso. Nesse período, Maria Orlandina Bomfim assume novamente a instrução da Seção Infantil e se mantém no cargo de Auxiliar Técnica da Escola de Educação Física (ESPIRITO SANTO, 1935a; ESPIRITO SANTO, 1935b).

Em 1937, a professora Maria Orlandina Bomfim é designada membro da Junta Executiva Regional de Estatística, exercendo cargo fora da área em que foi formada (ESPIRITO SANTO, 1931-1961).

Na inauguração do 7º período letivo, no ano de 1939,¹⁰⁹ a professora Isaltina Paoliello é designada para ministrar aulas na cadeira de *Noções de Psicologia, Pedagogia e Metodologia da Educação Física* e Felisbina Pinheiros de Moraes ficou encarregada de exercer a função de instrutora do curso. Nas Comissões Examinadoras, a professora Isaltina Paoliello, além de compor a comissão da própria disciplina que ministrava, participou também da Comissão da Disciplina de *Ensino Prático e Psicologia, Pedagogia e Metodologia da Educação Física*, ambas as comissões em conjunto com a professora Felisbina Pinheiro de Moraes, que colaborou também com a comissão da disciplina *Higiene, Socorros de Urgência e Ginástica Médica* (ESPIRITO SANTO, 1939). A professora Felisbina Pinheiros de Moraes, além de fazer parte da Comissão de Exames da disciplina em que era responsável, compôs também a comissão das disciplinas *Ginástica Rítmica, Esportes Terrestres e Coletivos, Biometria, Biotipologia e Estatística* (ESPIRITO

¹⁰⁹ Entre os anos de 1936 e 1938, não ocorreram atividades no curso em função da Lei nº 98, de 24 de setembro de 1936, pela qual a Escola de Educação Física passou a denominar-se Escola Superior de Educação Física, mas não ocorre nenhum avanço em sua organização curricular para que caminhasse para o ensino superior, já que a Lei nº 98/36 previa a necessidade de regulamentação. Dessa forma, não houve cursos entre os anos de 1936 e 1938, quando, pelo Decreto nº 10.330, as finalidades são regulamentadas, iniciando novamente suas atividades no ano de 1939.

SANTO, 1939). No período letivo ocorrido em 1939, além das professoras que compuseram o corpo docente da Escola Superior de Educação Física,¹¹⁰ observamos que a professora Julieta Greppe assumiu um elevado cargo administrativo, tornando-se secretária, cargo anteriormente ocupado por Maria Orlandina Bomfim no ano de 1938, quando esta reassumiu o cargo em 1940 e se manteve até o ano de 1943 (ESPIRITO SANTO, 1931-1961).

Ao analisar os documentos do Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, percebemos alguns elogios direcionados aos trabalhos que essas professoras desempenhavam para o desenvolvimento da Educação Física, principalmente os trabalhos realizados no Curso de Educação Física, para o qual eram designadas a colaborar. Destacamos:

A professora Julieta Greppe que acaba de ser removida para o Grupo Escolar de Jucutuquara, grangeou num ano de trabalho nesta casa uma admiração e amidades que colocam-me á vontade para elogiar-la pela sua bela educação, espirito culto de educadora e de grande dedicação ao trabalho, que na simplicidade e modéstia de sua ação honra o magisterio primario do Estado.

Em virtude do encerramento dos trabalhos do 6º periodo lectivo dispensada da regencia da cadeira de Historia da Educação Physica. Em Portaria nº 35-005, do Snr. Inspector Chefe, louvada pela competencia por que se houve, pelo cunho intelligente com que segem a disciplina a seu cargo, pelo fiel e cabal cumprimento do programa pre-estabelecido, pela assignalada pontualidade de em todos os seus deveres, finalmente pelo gosto e entusiasmo com que se dedicou á difficil arte de ensinar e pela maneira criteriosa com que distribuiu justiça nas provas parciais e exame de fim de curso do periodo lectivo ora encerrado (ESPIRITO SANTO, 1931-1961, p. 56-57).

[Maria Orlandina Bomfim] Louvada em Port. 1-34 de 6/9/34, do Snr. Inspector de educação physica pela pontualidade e coerção com que executou os serviços á seu cargo no periodo lectivo 1933-34, do C. E. E. F., citado em relatório do Snr. Director Technico (ESPIRITO SANTO, 1931-1961, p. 59).

[Isaltina Paoliello] Desligada de professora do Curso de Professores de Educação Física de 1939 e louvada pelo Director da Escola Superior de Educação Física [...], pela competencia e pelo cunho inteligente por que regem a disciplina a seu cargo, pela assiduidade e pontualidade em todos os seus deveres, pelo entusiasmo e gosto com que se dedicou ao ensino e, finalmente, pelo devotamento com que se empenhou para o completo êxito

¹¹⁰ Na tentativa de caminhar para o ensino superior, Silva (1996) analisa que, desde 1934, não ocorreu nenhuma ampliação das disciplinas ofertadas para o alcance do objetivo. A única disciplina ofertada restringiu-se ao Coro Orfeônico, o que não representava nenhum avanço para o ensino superior. Na busca de uma reorganização no programa de disciplina que alcançasse esse objetivo, não houve cursos entre os anos de 1936 e 1939. Ao retornar no ano de 1939, a Escola de Educação Física passou a denominar-se Escola Superior de Educação Física. Porém, a autora aponta que, apesar da mudança de nome, não aconteceu nenhuma modificação na orientação dos cursos oferecidos.

da causa que se defende, a ponto de desistir das suas gratificações de novembro e dezembro, quando a situação financeira do Estado teve embarcações, para que os trabalhos do Curso não sofressem solução de continuidade (ESPIRITO SANTO, 1931-1961, p. 122).

[Felisbina Pinheiros de Moraes] Desligada de professora do Curso de Professores de Educação Física de 1939 e louvada pelo Director da Escola Superior de Educação Física [...], pela competência e pelo cunho inteligente por que regeu a disciplina a seu cargo, pela assiduidade e pontualidade em todos os seus deveres, pelo entusiasmo e gosto com que se dedicou ao ensino e, finalmente, pelo devotamento com que se empenhou para o completo êxito da causa que se defende, a ponto de desistir das suas gratificações de novembro e dezembro, quando a situação financeira do Estado teve embarcações, para que os trabalhos do Curso não sofressem solução de continuidade (ESPIRITO SANTO, 1931-1961, p. 125).

Quando não exerciam atividades no curso, ou encerrava-se o período letivo, algumas professoras eram designadas a desempenhar funções em destacadas instituições. Localizamos as professoras Maria Orlandina Bomfim como professora nas Escolas da Praia do Suá no ano de 1933, na Capital, e na Escola Pessanha Póvoa, no município de Santa Teresa, no ano de 1934. Julieta Greppe exerceu função como professora no Grupo Escolar Padre Anchieta, localizado na Capital, no ano de 1934. A professora Alice Greppe foi designada como professora no Grupo Escolar Gomes Cardim, localizado no município de Cachoeiro de Itapemirim, e no Grupo Escolar Padre Anchieta, na Capital. A professora Helena Serrano exerceu função no Grupo Escolar Vasco Coutinho, no município de Vila Velha, no ano de 1934. No ano de 1938, a professora Felisbina Pinheiros de Moraes exerceu função no Jardim de Infância Ernestina Pessoa, localizada na Capital, e, no ano de 1936 e no ano de 1940 a 1941, juntamente com Isaltina Paoliello, exerceram suas funções como professoras na Escola Normal (ESPIRITO SANTO, 1931-1935). Adyr Miranda atuou como professora do Grupo Escolar Bernardino Monteiro, localizado em Cachoeiro de Itapemirim. No ano de 1943, a professora Jovita Nogueira assumiu atividades no Grupo Escolar Marcondes de Souza, município de Muqui. A professora Analia Paoliello exerceu função no Grupo Escolar Gomes Cardim, na Capital, no ano de 1943. Mathilde Crema, na Escola Normal no ano de 1943, juntamente com Felisbina Pinheiros Moraes, que também desempenhou função na instituição. Maria Aparecida Nogueira trabalhou no Grupo Escolar Aristides Freire, no município de Colatina, no ano de 1943, e Adelaide Raiser exerceu sua função de professora nas

escolas agrupadas de Acioli, município de Pau Gigante,¹¹¹ e no Grupo Escolar Padre Anchieta, localizado na Capital, também no ano de 1943 (ESPIRITO SANTO, 1943).

Na Figura 19, visualizamos a professora Helena Serrano com seus alunos do Grupo Escolar Vasco Coutinho, onde exercia sua função de professora de Educação Física no ano de 1934. Na Figura 20, é possível visualizar uma aula de Educação Física ministrada pela professora Felisbina Pinheiros de Moraes a seus alunos do Jardim de Infância Ernestina Pessoa.

Figura 19 – Professora Helena Serrano, do Grupo Escolar Vasco Coutinho, com seus alunos após uma aula de educação física



Fonte: Revista de Educação, 1934.

Figura 20 – Professora Felisbina Pinheiro de Moraes ministrando uma aula de Educação Física para os alunos do Jardim de Infância Ernestina Pessoa



Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 1936.

¹¹¹ Aonde se lê escolas agrupadas de ACIOLI, município de Pau Gigante, entende-se escolas reunidas de Acioli, município de Pau Grande.

Nos anos de 1938 e 1939, localizamos a professora Felisbina Pinheiros de Moraes publicando na *Revista de Educação Física*. Essas publicações se referem a planos de aula organizados pela professora para crianças do ciclo elementar de quatro a seis anos, propondo modelos de exercícios para esse ciclo educacional. Identificamos três artigos, com o mesmo título: *Educação Física Infantil: método prático para a realização das lições de educação física* (MORAES, 1938a; MORAES, 1938b; MORAES, 1939).

O periódico *Revista de Educação Física* tem o Centro Militar de Educação Física do Exército como seu lugar de produção e se apresentava como um órgão responsável em promover o desenvolvimento da Educação Física em nível nacional. A revista se constituía como um lugar de fala autorizada e passou a apresentar os trabalhos produzidos pela professora Felisbina Pinheiros de Moraes, dignos de serem veiculados aos seus leitores. O impresso apresentava como vice-diretor o tenente Horácio Cândido Gonçalves, um dos responsáveis pelo funcionamento do curso e também professor, o que provavelmente, pode ter influenciado a escolha do material da professora Felisbina para a publicação.

Em fins da década de 1930, algumas professoras passaram a incorporar novo sobrenome, o que revela que se casaram e também se tornaram mães, conforme os pedidos de licença-maternidade, como consta no livro de registro dos funcionários do curso (ESPIRITO SANTO, 1931-1961). Contudo, isso não as impediu de continuarem com o exercício de suas atividades públicas.

Sylvia Rocha Prado, no ano de 1942, foi designada como auxiliar técnica da Diretoria de Educação Física, substituindo, no mesmo ano, a professora Maria Orlandina Bomfim Dessaune no cargo de secretária da escola. No ano de 1943, ela foi exonerada, pois, como consta nas fontes, teria aceitado um cargo público federal (ESPIRITO SANTO, 1931-1961).

No ano de 1943, Maria Orlandina Bomfim Dessaune manteve suas atividades na escola como auxiliar técnica e secretária do Serviço de Educação Física, tendo reassumido, em 1945, o cargo de secretária. A professora Isaltina Paoliello, no ano de 1943, manteve suas atividades na Escola como auxiliar da Seção Técnica (ESPIRITO SANTO, 1931-1961).

No ano de 1943, Adelaide Raiser exerceu a função de auxiliar técnica do Serviço de Educação Física e, de 1945 a 1946, foi admitida como professora na cadeira *Organização e História da Educação Física* (ESPIRITO SANTO, 1946-1947;

ESPIRITO SANTO, 1931-1961). No mês de agosto de 1946, Adelaide Raiser se tornou secretária do Serviço de Educação Física e permaneceu até o mês de novembro de 1946, quando Maria Orlandina Bomfim Dessaune reassumiu essa Secretaria, após a licença de 90 dias (ESPIRITO SANTO, 1946-1947). No mesmo ano, tornou-se secretária do Conselho Desportivo Escolar, órgão instituído no Serviço de Educação Física, cujo objetivo era organizar as competições escolares, espaço em que permaneceu até o ano de 1956 (ESPÍRITO SANTO, 1957-1964).

Notamos que duas professoras se destacaram exercendo suas atividades no Curso de Educação Física. São elas, as professoras Alice Greppe de Mello e Mercês Garcia Vieira.

Em 1957, identificamos a professora Mercês Garcia Vieira assumindo a cadeira de *Psicologia Aplicada* do Curso de Técnica Desportiva. Do ano de 1962 ao ano de 1972, manteve-se na cadeira de Psicologia, assumindo, nesse intervalo, o Curso de Técnica Desportiva, o Curso de Educação Física Infantil¹¹² e o cargo de chefe do Departamento de Pedagogia, quando o curso já se encontrava federalizado na Universidade Federal do Espírito Santo (ESPÍRITO SANTO, 1964-1965; ESPÍRITO SANTO, 1966a; ESPÍRITO SANTO, 1966b; ESPÍRITO SANTO, 1967; ESPÍRITO SANTO, 1969; ESPÍRITO SANTO, 1972; ESPÍRITO SANTO, 1972-1973).¹¹³

A professora Alice Greppe de Mello, entre os anos de 1956 e 1968, assumiu várias cadeiras na escola. Dentre elas, instrutora na Organização Docente Administrativa e assistente da disciplina da Educação Física e dos Desportos (ESPÍRITO SANTO, 1965; ESPÍRITO SANTO, 1969). No ano de 1956, tornou-se secretária da Escola de Educação Física e, no ano seguinte, assumiu o cargo de instrutora na Organização Docente Administrativa, exercendo ambas as funções com o professor Léo de Souza Ribeiro, além de ministrar a disciplina *Psicologia Aplicada* do Curso Infantil (ESPÍRITO SANTO, 1966b; ESPÍRITO SANTO, 1967). No ano de 1969, assim como a professora Mercês Garcia Vieira, a professora Alice passou a compor o quadro de docentes vinculado ao Departamento de Pedagogia

¹¹² O Curso de Educação Física Infantil tinha como objetivo a especialização de professores para o exercício do magistério primário.

¹¹³ Pela Lei nº 3.868, de 31 de janeiro de 1961, foi criada a Universidade Federal do Espírito Santo, à qual foi incluída a Escola de Educação Física (SILVA, 1996).

da Escola de Educação Física.¹¹⁴ No ano de 1972, assumiu novamente com Léo Ribeiro de Souza a disciplina *Estrutura e Funcionamento de 1º e 2º Graus* nas matérias pedagógicas do curso. Em 1973, é transferida para outro Centro da Universidade Federal do Espírito Santo, mas se manteve vinculada ao Curso de Licenciatura da Educação Física, assumindo, novamente com Léo de Souza Ribeiro, o Departamento de Educação do curso, na coordenação de Assuntos Didáticos (ESPÍRITO SANTO, 1972-1973). No ano de 1976, assumiu a Coordenação do Colegiado e das Atividades Desportivas Universitárias. Ainda localizamos a professora no ano de 1980, atuando na cadeira de *Voleibol* do Centro de Educação Física e Desportos (ESPÍRITO SANTO, 1976; ESPÍRITO SANTO, 1980).

Observamos que as professoras foram filhas de seu tempo e de seu meio social e, ao longo de suas vidas, foram capazes de fazer escolhas, adesão e perpetuação dos espaços desejados para elas ou, conscientes ou inconscientemente, rejeitaram os espaços e se movimentaram diante de uma realidade que buscava determinar seus papéis como mães. Não deixaram de ser, mas continuaram a contribuir na construção de um novo Estado por meio de seu trabalho como professoras, na circulação de suas monografias e nos espaços ocupados como professoras, secretárias, chefe de Departamento e Coordenação de Colegiado. As professoras fizeram escolhas, foram chamadas a colaborar no processo de escolarização da disciplina e assumiram significativa visibilidade no desenvolvimento da área da Educação Física no Espírito Santo.

4.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Os discursos produzidos pelas professoras Helena Serrano, Anita Crema, Celina Cardoso e Adyr Miranda sobre o sentido da Educação Física para a mulher

¹¹⁴ O Curso de Educação Física, criado no ano de 1931, manteve seu funcionamento no Estádio Governador Bley, localizado no bairro Jucutuquara, em Vitória, onde funcionou o Curso de Emergência, Cursos Especiais, até ser transformado, no ano de 1934, em Escola de Educação Física e, em 1939, em Escola Superior de Educação Física, retomando a denominação de Escola de Educação Física em 1947. Com a criação da Universidade do Espírito Santo, a Escola de Educação Física integrou-se ao sistema universitário em 1954 e, no ano de 1961, é transferida para o bairro Bento Ferreira, local em que se iniciaram, nesse mesmo ano, as obras para sua instalação. Após a reestruturação universitária ocorrida no ano de 1968, o curso é federalizado e transferido para o *campus* da Universidade Federal do Espírito Santo, localizado em Goiabeiras, onde ganha um espaço próprio, transformando-se no Centro de Educação Física e Desportos (SILVA, 1996; BRASIL, 1969).

na década de 1930 e que se tornaram públicos, apresentam as diferenças sexuais biológicas como determinantes de comportamentos típicos no papel desempenhado no cotidiano. Não era comum questionar a divisão construída socialmente entre homens e mulheres, mas falar de uma determinada realidade significa dar visibilidade às práticas menos visíveis ou, até mesmo, consideradas menos importantes na historiografia. Se negássemos a história como movimento, negaríamos as próprias ações cotidianas dos atores sociais e suas formas de lidar com a realidade, e assim tudo seria estático. Ao desvelar a história em camadas, somos capazes de nos aproximar de um dado acontecimento. Partindo das práticas cotidianas, percebemos os desvios, não somente as normatizações das estruturas impostas pelo saber.

A Educação Física nesse período foi apresentada como uma estratégia de um grupo composto por militares oriundos do Centro Militar de Educação Física, como Carlos Marciano de Medeiros, Horácio Cândido, Heitor Rossi Bélache, Arthur Meireles, Moacyr Ubirajara e Aloyr Queiróz de Araújo, e também do governo do Estado, como o próprio Arthur Meireles, que assumia a função de inspetor médico escolar, Mario Bossois de Ribeiro, chefe do Serviço de Inspeção Médico e Educação Sanitária Escolar, e Cristiano Fraga, diretor do Departamento de Saúde Pública. Esses profissionais também assumiam cadeira de professores do curso e acreditavam que a mulher cumpriria uma função determinante para o engrandecimento do Estado do Espírito Santo. Esses discursos foram revelados em monografias produzidas no Curso de Educação Física. A produção dessa prática significou a garantia de perpetuação de um discurso homogêneo sobre a necessidade da prática da Educação Física à mulher para que cumprisse sua missão social, a geração de indivíduos saudáveis que garantiriam o engrandecimento da nação.

A diferença biológica existente entre homens e mulheres e dos papéis desempenhados na vida social era uma justificativa que distinguia as atividades físicas para ambos os sexos. A distinção das práticas corporais era uma forma de favorecer as necessidades biológicas dos sexos. Eram considerados mais adequados para a mulher os exercícios de ginástica e danças, por serem capazes de favorecer a feminilidade, a leveza e, sobretudo, por serem movimentos leves, não causariam impactos que prejudicassem a região pélvica.

Todas as 23 professoras, no momento de suas formações no Curso de Educação Física, eram solteiras, mesmo aquelas com idades consideradas mais elevadas com relação às demais, entre 20 e 24 anos. Ao realizarem o Curso Normal, observamos que essas mulheres eram preparadas para o magistério, mas a elas também eram oferecidas atividades que as preparassem para serem boas moças de família e para o casamento. O mesmo tema podemos ver nas monografias que apresentam a maternidade/procriação como a função social maior em que uma mulher poderia contribuir para a formação de uma nação forte.

Nas monografias, as mulheres utilizavam o discurso corrente, que dizia/prescrevia que a função principal da mulher seria a procriação e a organização do lar. Interessante que elas próprias, as autoras, negavam estas obrigações: a vida doméstica com as suas várias funções. Elas até fizeram isso, mas em um outro espaço/tempo, quando suas carreiras estavam consolidadas. Primeiro fizeram escolhas, privilegiaram fortalecer suas carreiras docentes e contribuir para a modernização do Estado de outra forma, sendo professoras de Educação Física. Posteriormente, casaram e tiveram filhos, mas retornaram para as suas atividades docentes e administrativas, pois já haviam conquistado a independência, tanto no aspecto social, quanto no financeiro, e continuaram a contribuir com seus trabalhos a favor da Educação Física, na sua organização, teorização e ensino.

O Arquivo Permanente do Cefd/Ufes, considerado documento oficial em sua análise, possibilitou demonstrar a participação das mulheres, em que, para muitos, toda a responsabilidade e influência na propagação da Educação Física é dada aos militares e Estado. Essas mulheres foram convidadas a participar da expansão da Educação Física no Estado, convidadas a ingressar no curso como alunas e a contribuir, como professoras de Educação Física, em instituições escolares e no próprio Curso de Educação Física, ganhando evidência na sociedade capixaba.

A participação das professoras na escolarização da Educação Física nos revela que, no Espírito Santo, seu ensino não teve como objetivo militarizar e esportivizar sua prática nas escolas capixabas. Não é possível explicar a extensão dos objetivos do Exército no Curso de Educação Física e a militarização de suas aulas nas escolas estaduais pelas professoras, que pouco ou nada conheciam sobre as características de uma organização militar e até esportivizante.

Apesar dos discursos produzidos sobre a prática da Educação Física para a mulher buscar determinar os papéis a que eram designadas, demonstramos, pelas

ações produzidas pelas professoras, que elas não foram vitimizadas em seu tempo, nem tampouco produziram resistências contra os discursos impostos, mas souberam jogar com o discurso oficial. Assim, amparados pela História Cultural, torna-se necessário se preocupar mais com as práticas cotidianas dos indivíduos, as relações mantidas e os modos de operar com os produtos oferecidos no decorrer da vida, com o intuito de compreender as práticas que constroem o mundo como representação, desprendendo-nos dos discursos e ingressando nas relações sociais, no intuito de compreender as práticas que são complexas, múltiplas e diferenciadas (CHARTIER, 1990, CERTEAU, 1994). Essa forma de perceber a análise histórica nos permitiu observar que as professoras souberam lidar com as condições que lhes foram apresentadas durante seus processos formativos, resignificando-as em suas trajetórias acadêmicas.

Seguindo a lógica de Chartier (1991), é fundamental manter a distinção entre os textos e as práticas sociais, pois, para o autor, ao mesmo tempo em que a construção dos discursos é determinada por aqueles que têm o poder de classificar e nomear, é também conformada por recursos desiguais, que regulam as condutas e ações dos indivíduos na realidade. Dessa forma, o autor propõe trazer a história de atores sociais ausentes na historiografia, observando como eles se manifestam e dão sentido às suas práticas e aos discursos na realidade cotidiana.

Ao desviar o olhar dos dispositivos de poder dos produtores para as práticas dos seus usuários, percebemos como as 23 professoras utilizaram as oportunidades que foram aparecendo, uma delas, de cursar a formação na área da Educação Física, fazendo uso da escrita como um instrumento que permitia a sua visibilidade, alcançando uma maior projeção social na sociedade capixaba e, dessa forma, percorrendo caminhos antes somente trilhados pelos homens, em sua maioria com formação militar, ou que ocupavam cargos públicos no Estado. Percebemos que elas abandonaram seus “deveres” de mães, rompendo fronteiras que a sociedade lhes imputava, assumindo com autoridade espaços que naquele momento a sociedade não acreditava ser o melhor lugar para que contribuíssem para o engrandecimento do Espírito Santo e do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interessada em compreender a presença de mulheres na escolarização da Educação Física no Espírito Santo durante a década de 1930, centralizamos o estudo nas 23 professoras de Educação Física e na produção de suas monografias, não entendendo as ações desempenhadas por essas professoras, após suas passagens no Curso de Educação Física, como excepcionais, mas sim como possíveis, em um período de configuração histórica específica, que lhes impunha limites, mas que também lhes abria uma série de caminhos. As 23 professoras de Educação Física vivenciaram discursos hegemônicos que, apesar dos avanços representados por esse gênero na vida pública, majoritariamente ocupando espaços na área educacional, continuavam determinando seus papéis sociais.

Assim, buscamos, neste estudo, entender a entrada dessas professoras de Educação Física na área educacional, desde sua formação inicial nas escolas normais. Nessas instituições, as práticas e discursos vivenciados por elas pretendiam moldá-las, indicando postura, funções e comportamento que deveriam ser desempenhados por elas na sociedade. No Curso de Educação Física, era proporcionada a essas mulheres uma especialização na área dessa disciplina, em um período em que havia poucos professores formados nessa área, mas também recomendava um modelo de mulher a ser alcançado. O principal papel social que uma mulher poderia proporcionar para o engrandecimento do Estado era a geração de filhos saudáveis, conquistados pela correta prática da Educação Física. Este trabalho foi possível de ser realizado porque dialogamos com uma variedade de fontes, os arquivos das instituições educacionais estudadas e os impressos periódicos.

Com uma inclusão no sistema educacional lento, porém gradativo, a análise da presença das mulheres nos possibilitou dar visibilidade à aposta que lhes impunha uma determinada perspectiva de formação e atuação do ensino da Educação Física no Estado do Espírito Santo, revelada no cruzamento de informações apresentadas pelos documentos.

Quando localizamos estudos produzidos sobre a Educação Física na década de 1930, percebemos uma generalização da história, tendo o Estado e os militares como irradiadores e orientadores do seu ensino. Isso se deve ao fato de que alguns modelos historiográficos adotados, deixam sobressair somente os atos oficiais, e

não oferecem aos documentos nenhuma problematização, fazendo com que não se percebam os indivíduos como marginalizados na História, como as mulheres, “sufocadas” por um poder dominante. Nessa perspectiva, sua presença participante no processo de escolarizar a Educação Física foi reduzida, ou mesmo excluída, e elas estavam sempre em uma relação de submissão.

No trabalho, não negamos a relação estabelecida entre Estado e militares na expansão da Educação Física, uma vez que essa relação se tornou fundamental para a criação do Curso de Educação Física no Estado. Contudo, não vemos essas 23 professoras como submissas ou sem importância para que a escolarização da disciplina fosse possível. Essas professoras foram convidadas a participar da formação oferecida pelo curso e chamadas a colaborar com os trabalhos realizados na instituição, como professoras. Elas ganharam evidência no Estado em se tratando dos assuntos da Educação Física ao terem as monografias produzidas no período de formação no curso, publicadas em impressos, e também por, majoritariamente, serem as responsáveis pela transmissão dos saberes da disciplina nas escolas estaduais e na formação de novos professores de Educação Física.

O uso diferenciado dado à utilização das fontes possibilitou novos sentidos atribuídos a elas na reconstrução de um período. As novas abordagens para sua utilização, advindas da *micro-história* italiana e da *História Cultural* francesa, fizeram com que se evidenciassem novas questões ainda pouco exploradas na História da Educação Física, como a presença de mulheres na contribuição de uma teorização que formava um novo homem e uma nova mulher no Espírito Santo por meio da prática da Educação Física nos estabelecimentos de ensino em todo o Estado.

Nossa investigação evidenciou dois principais questionamentos que nos possibilitariam encontrar as respostas para os problemas levantados na pesquisa. No primeiro ponto investigado, observamos o discurso oficial produzido sobre a Educação Física no curso, considerado o conhecimento necessário para a formação dos professores. O outro ponto se refere aos usos e consumos das professoras com relação aos conhecimentos oferecidos durante suas formações na construção das monografias e como se utilizaram de táticas para caminhar por diferentes lugares anteriormente não determinados a elas.

Vale destacar que o Curso de Educação Física do Espírito Santo é considerado o primeiro órgão do Estado que investiu em ações estruturadas que visaram a formar professoras especializadas em Educação Física. Na história da

escolarização de tal disciplina no Estado, foi a primeira vez que se produziu um empreendimento que alargou os conhecimentos das professoras encarregadas de ministrar seu ensino nas escolas, ultrapassando os limites de conhecimentos práticos.

A diversidade de práticas produzidas pelo curso indicava a convivência da ortopedia e da eficiência no ensino. A ideia do funcionamento eficaz do corpo substituíra o caráter preventivo e corretivo que deveria orientar a prática das professoras na Educação Física Elementar que, por meio da ginástica e dos jogos ministrados em forma cantada e historiada, deveriam proporcionar uma Educação Física higiênica, iniciando a introdução de exercícios de resistência na Educação Física Secundária. O projeto de escolarização produzido no curso aproximou a Educação Física das discussões pedagógicas, tendo possibilitado a produção e circulação de trabalhos que mantinham relação com a escola. As preocupações com os conteúdos, com os métodos utilizados na escola, o conhecimento acerca da infância, os saberes da Psicologia e da Fisiologia subsidiando o exercício docente demonstraram a preocupação do curso com o meio escolar.

Além da preocupação com a formação dos professores que iriam atuar nas escolas, ainda nos chamou a atenção o fato de que as professoras eram as principais responsáveis em ministrar seu ensino nas instituições educacionais. Essas mulheres podiam muito nesse momento, mas existia um limite para esse protagonismo: elas não podiam atuar como militares.

Diante das informações levantadas, com base na análise do currículo do curso, das práticas ministradas em seu interior, das produções dos alunos em formação e dos lugares ocupados pelas mulheres, procuramos, dentro das possibilidades e limites do estudo, desconstruir com nossas fontes parte da discussão historiográfica anterior, que propagava que os militares foram os únicos protagonistas no desenvolvimento da Educação Física no Espírito Santo. Não negamos que eles foram, de forma prática e teórica, atores importantes para a disseminação da Educação Física, pois para ela apresentaram uma proposta de ensino sistematizado e geral para todas as escolas, mas a ação concreta de escolarização da disciplina também passou pela mão de outros atores. Em nosso estudo, focalizamos o papel das mulheres que, não podendo ocupar a mesma hierarquia dos militares, realizaram um trabalho diferenciado, não buscando nem

militarizar nem tampouco esportivizar as aulas, pelo fato de não terem total controle sobre esses saberes provenientes da caserna e do campo esportivo.

A produção das monografias pode ser considerada um instrumento tático pelas mulheres que frequentaram o Curso de Educação Física, ao se apropriarem do discurso oficial, fazendo seu uso para se projetarem no novo cenário educacional, uma vez que o anterior não tinha mais ressonância no campo pedagógico e intelectual. Elas não podiam mais trabalhar com o discurso da sensibilidade, de uma educação a partir do corpo, dos sentidos e da ortopedia, aprendido durante suas formações nas escolas normais. O discurso sobre a necessidade da prática da Educação Física ganha uma nova direção a partir da década de 1930, que era a busca pela eficiência que tem no Método Francês, suas origens. Essas mulheres souberam lidar com essa nova demanda social e, de forma astuciosa, produziam trabalhos discutindo o que os militares e pessoas do governo consideravam estrategicamente ser o mais adequado para a condução/sistematização das discussões e práticas da Educação Física.

Dessa forma, concluímos que a seleção e organização das monografias publicadas nos impressos jornal *Diário da Manhã* (1908-1937) e na *Revista de Educação* (1934-1937) foram uma estratégia lançada pelo governo, tendo como objetivo a circulação de uma voz autorizada, condizente com as suas propostas, uma vez que ambos os impressos eram mantidos por pessoas ligadas ao governo capixaba. A produção das monografias como requisito na formação dos professores e sua publicação podem ser analisadas como a garantia de um discurso homogêneo por parte do governo para os professores que atuavam no ambiente escolar e que auxiliariam também na incorporação da importância de se manter uma prática das atividades físicas para os cidadãos capixabas.

Ao trabalharmos escrutinando as camadas dos documentos, lidando com as pistas e estabelecendo relação entre elas e o contexto histórico dos acontecimentos, percebemos como a escolarização da Educação Física no Espírito Santo impactou a vida dessas 23 mulheres e o que elas fizeram com o que estudaram durante suas trajetórias como professoras. Ao analisar esse consumo, primeiro como professoras normalistas, depois como alunas do Curso de Educação Física e professoras do próprio curso, concluímos que tomaram decisões e chegaram a lugares onde não se esperava que alcançassem. Consideramos que essas mulheres trabalharam de forma astuta, mesmo que nem toda essa astúcia tenha sido propositadamente

direcionada pela consciência, mas pela urgência. Possivelmente as carreiras tenham sofrido o impacto das consequências, de estarem no lugar certo na hora certa e das demandas sociais do período, mas o fato é que aconteceu. Diante dos acontecimentos, tomaram decisões e se projetaram como autoras que possuíam autoridade e visibilidade, capacitadas para discutir a temática da Educação Física no Estado.

Amparada pelo referencial utilizado que nos possibilita visualizar as *lutas de representações*, as *táticas* e as maneiras de estar no mundo, percebemos as mulheres atuantes no período. Filhas de seu tempo, as professoras significaram sua presença como figuras públicas com reconhecimento social, participando da escolarização da Educação Física no Espírito Santo. Tais mulheres chamadas a colaborar no processo de escolarizar a disciplina foram formadas para serem professoras e atuar como tal. Professoras que, formadas como normalistas, fizeram da Educação Física sua esfera de atuação.

REFERÊNCIAS

100 ANOS: **Escola Maria Ortiz**: escola de talentos. Vitória: 1992.

A EDUCAÇÃO FÍSICA no Espírito Santo. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, agosto 1933.

ACHIAMÉ, Fernando. **O Espírito Santo na Era Vargas (1930-1937)**: elites políticas e reformismo autoritário. Rio de Janeiro: FDV, 2010.

ALMEIDA, Jane Soares de. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 79, n. 191, p. 31-41, jan./abr. 1998.

ALVARENGA, Jeizibel Alves. **As reformas da instrução pública na Primeira República no Espírito Santo e a escolarização da Educação Física**. 2011. 67 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES, Antonio Pádua Carvalho. À guisa de um inventário sobre as Escolas Normais no Brasil: o movimento histórico-educacional nas unidades provinciais/federativas (1835-1960). In: ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES, Antonio Pádua Carvalho (Org.). **As escolas normais no Brasil**: do Império à República. Campinas: Alínea, 2008. p. 11-27.

ASSUNÇÃO, Wallace. Rocha. **Presença americana na educação física brasileira**: padrões culturais na imprensa periódica (1932-1950). 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

AULA de educação física feminina no Estádio Governador Bley. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, nov. 1933.

AULA de educação física para meninas no Estádio Governador Bley. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano, 2, n. 12, nov. 1933.

AULA de educação física para meninos no Estádio Governador Bley. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, nov. 1933.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 23-79.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: as técnicas do jornalismo. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BARRETO, Sônia Maria da Costa. A Escola Normal D. Pedro II e a normalista capixaba nos anos 1920. **Revista Agora**, Vitória, n. 6, p. 1-16, 2007.

BERTO, Rosianny Campos. **Regenerar, civilizar, modernizar e nacionalizar**: a educação física e infância em revista nas décadas de 1930 e 1940. 2008. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

BERTO, Rosianny Campos. **A constituição da Escola Activa e a formação de professores no Espírito Santo (1928-1930)**. 2013. 284 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BONORINO, Laurentino Lopes; MOLINA, Antonio de Mendonça; MEDEIROS, Carlos Marciano de. **Histórico da educação física**. Vitória: Imprensa Oficial, 1931.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL. Subsídios para um dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/download/dic_term_arq.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2014.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias. In: GIL, Natália; CRUZ E ZICA, Matheus da; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Moderno, modernidade e modernização:** a educação nos projetos de Brasil: séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 13-33.

CARVALHO, Marcus Vinicius. Moderno, modernidade e modernização: polissemias e pregnâncias. In: GIL, Natália; ZICA, Matheus da Cruz; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Moderno, modernidade e modernização:** a educação nos projetos de Brasil: séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (Org.). **Brasil 500 anos:** tópicos em história da educação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 137-167.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena. (Org.). **Educação em Revista:** a imprensa periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia.** Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo-USP, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

CUNHA, Célio da. **Educação e autoritarismo no Estado Novo**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

DAVIS, Natalie Zemon. **Nas margens: três mulheres do século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ESTADO maior do Exército. **Regulamento de educação física (1ª parte)**. Rio de Janeiro: Biblioteca de “Desfesa Nacional”, 1934.

FERREIRA NETO, Amarílio. **A pedagogia no Exército e na Escola: a educação física brasileira (1880-1950)**. Aracruz: Facha, 1999.

FERREIRA NETO, Amarílio. Escola de Educação Física do Exército (1920-1945): origem e projeto político-pedagógico. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**. Aracruz: Facha, 1998. v. 3, p. 69-95.

FERREIRA NETO, Amarílio et al. **Catálogo de periódicos de educação física e esportes (1930-2000)**. Vitória: Proteoria, 2002.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista Fato e Versões**, Uberlândia, v.1, n. 2, p. 3-16, 2009.

FRANCO, Sebastião Pimentel. A instrução feminina na visão dos presidentes de província do Espírito Santo (1845-1888). In: FRANCO, Sebastião Pimentel; SÁ, Nicanor Palhares (Org.). **Gênero, etnia e movimentos sociais na história da educação**. Vitória: Edufes, v. 9, 2011. p. 85-121.

FRANCO, Sebastião Pimentel. **Do privado o público: o papel da escolarização na ampliação de espaços sociais para a mulher na primeira república**. 2001. 295 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GINZBURG, Carlo. Provas e possibilidades à margem de “Il ritorno de Martin Guerre” de Natalie Zemon Davis. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1991. p. 179-202.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 143-179.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na revista Educação Physica. Rio Grande do Sul: Ijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O Método Francês e a educação física no Brasil**: da caserna à escola. 1992. 223 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal de Uberlândia, Porto Alegre, 1992.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

LAUFF, Rafaelle Flaiman. **Útil e agradável**: a Revista de Educação (1934-1937) remodelização das práticas de ensino e divulgação da política reformista educacional do governo de João Punaro Bley no Espírito Santo. 2007. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação, História, Política, Sociedade)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LOURENCO FILHO, Manuel Bergstrom. **Introdução ao estudo da escola nova**: bases sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 443-481.

MACHADO, Helena Corrêa; CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Como implantar arquivos públicos municipais**. 2. ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000, v. 3.

MARINHO, Inezil Penna. **Contribuição para a história da educação física no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

MARTINUZZO, José Antonio. Uma memória da trajetória do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. **Revista Brasileira de História da Mídia**, Paraná, v. 2, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2013.

MORAIS, Felisbina Pinheiros. Educação física infantil: método prático para a realização das lições de educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 41, ago. 1938a.

MORAIS, Felisbina Pinheiros. Educação física infantil: método prático para a realização das lições de educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 44, nov. 1938b.

MORAIS, Felisbina Pinheiros. Educação física infantil: método prático para a realização das lições de educação física. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 45, nov. 1939.

MOTTA, Alda Britto da. Elas começam a aparecer... In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 84-104.

NADER, Maria Beatriz. Educação e perspectiva de gênero no novo mercado de trabalho vitoricense. In: FRANCO, Sebastião Pimentel, SÁ, Nicanor Palhares (Org.). **Gênero, etnia e movimentos sociais na história da educação**. Vitória: Edufes, 2011. v. 9, p. 123-146.

NADER, Maria Beatriz. Educação e perspectiva de gênero no novo mercado vitoricense. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; SÁ, Nicanor Palhares (Org.). **Gênero, etnia e movimentos sociais na história da educação**. Vitória: Edufes, 2011. p. 123-146.

O QUE é a calistenia. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 86, p. 17, maio/jun. 1945.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

SILVA, Marta Zorzal e. **Espírito Santo: estado, interesses e poder**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida/ Secretaria de Produção e Difusão Cultural. 1995.

OLIVEIRA, José Teixeira. **História do Estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro, 1951.

PACHECO, Ana Júlia. Educação física feminina: uma abordagem de gênero sobre as décadas de 1930 e 1940. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 45-52, 1998.

PERROT, Michelle. Escrever a história das mulheres. In: PERROT, Michelle (Org.). **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. In: PERROT, Michelle (Org.). **A família triunfante**. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 79-90.

PINSK, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469-512.

POLEZE, Grasiela Martins Lopes. **A educação física no Colégio Estadual do Espírito Santo: atores, práticas e representações (1943-1957)**. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

SÁ, Carolina Mafrá de; ROSA, Walquíria Miranda. A história da feminização do magistério no Brasil: uma revisão bibliográfica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina, 2004. v. 1, p. 1-8.

SALIM, Maria Alayde Alcantara. A política educacional no Espírito Santo na Primeira República: algumas reflexões sobre as reformas Moniz Freire (1892), Gomes Cardim (1909) e Atilio Vivacqua (1928). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: 2011. v. 1. p. 1-14.

SALIM, Maria Alayde Alcantara. **Encontros e desencontros entre o mundo do texto e o mundo dos sujeitos nas práticas de leitura desenvolvidas em escolas capixabas na Primeira República**. 2009. 83 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**. São Paulo: CEDHAL – USP, 1996.

SCHNEIDER, Omar. **A Revista de Educação Physica (1932-1945): estratégias editoriais e prescrições educacionais**. 2003. 345 f. Tese (Doutorado em Educação, História, Política, Sociedade)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHNEIDER, Omar. Educação e instrução na Província do Espírito Santo. In: GONDRA, José Gonçalves; SCHNEIDER, Omar. **Educação e instrução nas Províncias e na corte imperial (Brasil, 1822-1889)**. Vitória: Edufes, 2011.

SCHNEIDER, Omar. **Educação physica: a arqueologia de um impresso**. Vitória: Edufes, 2010.

SCHNEIDER, Omar; ALVARENGA, Jeizibel Alves; BRUSCH, Marcela. Educação, ginástica e educação física: apropriações da pedagogia moderna no Espírito Santo entre as décadas de 1910 e 1930. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: 2011. v. 1. p. 1-15.

SCHNEIDER, Omar; BRUSCHI, Marcela; FERREIRA NETO, Amarílio. Educação física e escolarização na Revista de Educação do Espírito Santo (1934-1937). **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 219-235, jul./set. 2012.

SCHNEIDER, Omar; BRUSCHI, Marcela; SANTOS, Wagner dos; FERREIRA NETO, Amarílio. A Revista de Educação no governo João Punaro Bley e a escolarização da Educação física no Espírito Santo (1934-1937). **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v.13, n. 1, p. 43-68, jan./abr. 2013.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-95.

SHOJET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 218-237.

SHOJET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flaimarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-311.

SILVA, Dircê Maria Corrêa da. **A Escola de Educação Física do Espírito Santo: suas histórias, seus caminhos (1931-1961)**. 1996. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1996.

SIMÕES, Regina Helena Silva; BERTO, Rosianny Campos. Movimentos escolanovistas e formação de professores no Espírito Santo: Atílio Vivacqua, Deodato de Moraes e Adolphe Ferrière. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: 2013.

SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel. Pela Virgem Maria e pela pátria: o Colégio do Carmo e a formação de mulheres capixabas nas décadas de 1930 e 1940. In: SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel; SALIM, Maria Alayde Alcantara (Org.). **História da Educação no Espírito Santo: vestígios de uma construção**. Vitória: Edufes, 2009.

SIMÕES, Regina Helena Silva; SALIM, Maria Alayde Alcantara. Conteúdos ensinados na Escola Normal do Espírito Santo no início do século XX: entre a formação geral e a formação pedagógica. In: SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel; SALIM, Maria Alayde Alcantara (Org.). **História da educação no Espírito Santo: vestígios de uma construção**. Vitória: Edufes, 2009.

SIMÕES, Regina Helena Silva; SCHWARTZ, Cleonara Maria; FRANCO, Sebastião Pimentel. A gênese, a implantação e a consolidação da escola normal no Espírito Santo. In: ARAÚJO, José Carlos Souza.; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (Org.). **As escolas normais no Brasil**. Campinas: Alínea, 2008. p. 177-189.

SOARES, Carmen Lúcia. Georges Hébert e o Método Natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 21-39, set. 2003.

SOARES, Renato Viana. **A Escola Activa Antropofágica que a “Revolução” de 30 comeu**. São Paulo: Lei Rubem Braga-Darwin, 1998.

RANGEL SOBRINHO, Orlando. **Educação physica feminina**. Rio de Janeiro, 1930.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)**. São Paulo: Alfa-Omega, 1990.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 61-193, 2000.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres: a educação no Brasil de Oitocentos**. Rio de Janeiro: Grijalva, 2005. p. 147-194.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. **A primeira Escola Normal do Brasil: uma contribuição à história da formação de professores**. 1990. 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.

ZOTTI, Solange Aparecida. O ensino secundário nas reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema: um olhar sobre a organização do currículo escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiás. **Anais...** Goiás: 2006, p. 1-10.

FONTES

A PROFESSORA Helena Serrano, do grupo escolar "Vasco Coutinho", com seus alunos após uma aula de educação física. **Revista de Educação**, Vitória, v. 1, n. 7 e 8, out./nov. 1934.

ALUMNOS da Escola Normal e Anexas que desfilaram em homenagem ao Exmo. Sr. Presidente do Estado no dia do seu primeiro aniversário de governo. **Vida Capichaba**, Vitória, v. 3, n. 43, 1925.

ALUMNOS do Gymnasio do Espírito Santo em varios aspectos de educação física, sob a orientação eficiente do prof. Aloyr Queiroz de Araujo. **Revista de Educação**, Vitória, v. 2, ano 14, maio 1935.

ALUNAS da Escola Normal em uma partida de basquete contra o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. **Vida Capichaba**, Vitória, v. 7, n. 158, jan. 1929.

ALUNNAS da Escola Normal em exercicio de gymnastica sueca. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1909.

AQUINO, Elcia. Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1932.

ASPECTO da grande parada escolar. **Vida Capichaba**, Vitória, v. 5, n. 103, nov. 1927.

ASPECTOS da exposição de trabalhos da Escola Normal Pedro II e Anexas. **Vida Capichaba**, Vitória, v. 7, n. 206, dez. 1929.

BOMFIM, Maria Orlandina. A educação física e seus métodos. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933.

BORGES, Moacir Ewald. Influencia da Educação Física na formação do caracter. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1935.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Escola de Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1969.

CAPA e contracapa da monografia da aluna Ormy Saletto. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933.

CARDOSO, Celina. A dança e a ginástica rítmica na educação física feminina. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934.

Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1911.

CONFERENCIA INAUGURAL do 5º período letivo (junho/dezembro) 1934, do curso especial de Educação Física. **Diário da Manhã**, ano XXVII, n. 2731, p. 3-3, jul. 1934.

CREMA, Anita. Educação Física da Mulher. **Diário da Manhã**, Vitória, ano XXVI, n. 3267, jul. 1933a.

CREMA, Mathilde. Educação Física e sua influência no organismo infantil. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933b.

EQUIPE da União Atlética do Ginásio do Espírito Santo. **Vida Capichaba**. Vitória, v. 15, n. 445, nov. 1937.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO PHYSICA. **Diário da Manhã**, ano XXVIII, n. 2921, p. 3-3, fev. 1935.

ESPIRITO SANTO, Ata de instalação solene do Curso de Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1931b.

ESPÍRITO SANTO, Ministério da Educação e Cultura. Resumo da Escola de Educação Física do Espírito Santo. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1969.

ESPÍRITO SANTO, Relório do corpo docente. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1957-1964.

ESPIRITO SANTO. A caracterização geral do estabelecimentota de instalação do curso especial de educação física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1931a.

ESPIRITO SANTO. Atas de resultados finais da Escola normal de Vitória. Setor Escolas Extintas. **Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1918-1930.

ESPIRITO SANTO. Boletim Diário. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1946-1947.

ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. Corpo docente. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1972-1973.

ESPIRITO SANTO. Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1922-1925b.

ESPIRITO SANTO. Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1924-1925, 1927, 1929-1931, 1930, 1931-1932.

ESPIRITO SANTO. Curso Especial de Educação Física. Diretivas para organização dos programas a serem apresentados pelos professores. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933a.

ESPIRITO SANTO. Decreto nº 1.366, de 26 de junho de 1931. Crêa o Departamento de Cultura Physica do Estado. **Diário Oficial**, Vitória, 26 jun. 1931.

ESPIRITO SANTO. Departamento de Desportos. Relatório das atividades. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1980.

ESPIRITO SANTO. Diretoria de Educação Phisica. Livro de registro de alunos. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1931-1935.

ESPIRITO SANTO. Dossiês de aluno. Maria Aparecida Nogueira. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934c.

ESPIRITO SANTO. Dossiês de aluno. Napoleão Freitas. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934d.

ESPIRITO SANTO. Dossiês de alunos. Alcira Netto. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1931c.

ESPIRITO SANTO. Dossiês de alunos. los Piovan. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933c.

ESPIRITO SANTO. Dossiês de alunos. Julieta Greppe. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933d.

ESPIRITO SANTO. Dossiês de alunos. Luzia Paoliello. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1932c.

ESPIRITO SANTO. Dossiês de alunos. Manoel Carvalho de Anchieta. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933e.

ESPIRITO SANTO. Dossiês de alunos. Ormy Saletto. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933f.

ESPIRITO SANTO. Dossiês de alunos. Rita Tossi Quintais. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1931c.

ESPIRITO SANTO. Dossiês de alunos. Zilda Zodré. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1932d.

ESPIRITO SANTO. Escola de Educação Física. Relatório do período letivo de 1935. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1935.

ESPIRITO SANTO. Escola Normal. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1922-1925a.

ESPIRITO SANTO. Escola Normal. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1924-1925, 1927, 1929-1931, 1930, 1931-1932.

ESPIRITO SANTO. Ex^{mo} III^{mo} Dr Prseidente do Estado. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1914.

ESPIRITO SANTO. Ex^{mo} III^{mo} Dr Prseidente do Estado. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1919.

ESPIRITO SANTO. Inspeoria de Educação Física. Escola de Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1935b.

ESPIRITO SANTO. Ministério da Educação e Cultura. Dossiês de alunos. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1932-1934.

ESPÍRITO SANTO. Ministério da Educação e Cultura. Escola de Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1969.

ESPÍRITO SANTO. Ministério da Educação e Cultura. Escola de Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1965.

ESPÍRITO SANTO. Ministério da Educação e Cultura. Escola de Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1966b.

ESPIRITO SANTO. Ministério da Educação e Cultura. Folha de exercício do pessoal docente e administrativo. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1931-1961.

ESPÍRITO SANTO. Ministério da Educação e Cultura. Relatório do período letivo. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1964-1965.

ESPÍRITO SANTO. Ministério da Educação e Cultura. Relatório do período letivo de 1967. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1967.

ESPIRITO SANTO. Recorte do Diário Oficial do Estado do Espírito Santo. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934b.

ESPÍRITO SANTO. Resumo histórico da Escola de Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1964.

ESPIRITO SANTO. Secretaria da Educação e Saúde Pública. Boletim Diário. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1939.

ESPIRITO SANTO. Secretaria da Educação e Saúde Pública. Boletim Diário. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1932-1934.

ESPIRITO SANTO. Secretaria da Educação e Saúde Pública. Boletim Diário. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1931-1932.

ESPIRITO SANTO. Secretaria da Educação e Saúde Pública. Boletim Diário. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1935a.

ESPIRITO SANTO. Secretaria da Educação e Saúde Pública. Relatório do período letivo. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1935b.

ESPIRITO SANTO. Secretaria da Educação e Saúde. Dispõe sobre os cargos de professores especializados em exercícios nos estabelecimentos escolares. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1943.

ESPIRITO SANTO. Secretaria do Interior. Boletim Diário. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934a.

ESPIRITO SANTO. Secretaria do Interior. Boletim Diário. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1931-1932.

ESPIRITO SANTO. Secretaria do Interior. Comissão de exame. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934-1935.

ESPIRITO SANTO. Secretaria do Interior. Diretivas para organização dos programas dos instrutores e professores. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1932a.

ESPIRITO SANTO. Secretaria do Interior. Edital de abertura do Curso de Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933b.

ESPIRITO SANTO. Secretaria do Interior. Programa para exame de admissão dos candidatos civis ao curso de professores. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1932b.

ESPÍRITO SANTO. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1976.

ESPÍRITO SANTO. Universidade Federal do Espírito Santo. Curso Infantil. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1966a.

FRAGA, Cristiano. Alberto Torres e os problemas de saude publica. **Revista de Educação**, Vitória, v. 1, n. 2, p. 1, maio 1934.

GARCIA, Mercês. A Educação Fisica Infantil. **Diário da Manhã**, ano XXVI, n. 3262, jul. 1933.

GREPPE, Alice. Porque devemos aplicar a educação physica. **Revista de Educação**, Vitória, v. 1, n. 15 e 16, p. 16, jun./jul. 1935.

GREPPE, Julieta. Ligeiros comentarios sobre a higiene e educação fisica no Brasil. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933.

GYMNASTICA sueca feita pelos alumnos do Collegio Italo Brasileiro, em S. Theresa neste Estado. **Vida Capichaba**, Vitória, v. 4, n. 80-81, nov. 1926.

LIMA, Clarice. Educação Fisica, seu valor. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1932.

LOUREIRO, Slyvia Carlos. Educação Physica: seus efeitos physiologicos. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934.

MEIRELES, Artur. O Serviço Medico Escolar em face da educação e da saude. **Revista de Educação**, Vitória, v. 1, n. 2, p. 1, maio 1934.

MIRANDA, Adyr. Ligeiras apreciações sobre a educação física da mulher. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934.

MORAES, Felisbina Pinheiro de. Ginastica Respiratoria: a base da educação física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934.

NEVES, Dalila. Os jogos na Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934.

NOGUEIRA, Jovita. Ligeiros comentários sobre a Higiene e a Educação Física no Brasil. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934b.

NOGUEIRA, Maria Aparecida. A educação física como factor de progresso. **Revista de Educação**, Vitória, v. 1, n. 9, p. 16, dez. 1934a.

OS TRABALHOS de fim de curso da inspetoria de educação física. **Revista de Educação**, Vitória, v. 1, n. 2, p. 40-41, maio 1934.

PAOLIELLO, Analia. Educação física e a saúde. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1932.

PAOLIELLO, Isaltina. A educação física como alicerce de uma perfeita educação: a influencia do controle medico na educação física. **Diário da Manhã**, ano XXVI, n. 3114, jan. 1933.

PIOVESAN, Alva. A educação física e o atletismo. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933.

PLANO de ensino do Curso de Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933.

PROFESSORA Felisbina Pinheiro de Moraes ministrando uma aula de educação física para os alunos do jardim de infância "Ernestina Pessôa". **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1936.

QUADRO de alunos formados no ano de 1933. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, maio 1933.

RAISER, Adelaide. Considerações sobre Educação Física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1993.

RIBEIRO, Claudionor. Aos professores. **Revista de Educação**, Vitória, v. 1, n. 2, p. 1, maio 1934.

RIBEIRO, Claudionor. Breve relato do problema pedagógico no E. Santo. **Revista de Educação**, Vitória, v. 1, ano 1, p. 3-5, maio 1934.

RIBEIRO, Mario Bossois. A Inspeção Médica e a Educação Sanitária Escolar do Espírito Santo. **Revista de Educação**, Vitória, v. 1, n. 7 e 8, out./nov. 1934.

RIBEIRO, Orlandina. Como o método francês satisfaz as necessidades sociais. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1934.

ROCHA, Sylvia. O cristianismo como entrave ao desenvolvimento da educação física: o renascimento, alguns precursores. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933.

SALA de gymnastica das Escolas Normal e Modelo. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1909.

SALETO, Ormy. A educação física como fator de saúde e beleza. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1933.

SERRANO, Helena. A necessidade da educação física feminina. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1932.

TEIXEIRA, Maria da Penha. Fadiga e educação física. **Arquivo Permanente do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, 1935.

VIDA CAPICHABA. **Vida Capichaba**, Vitória, n. 445, p. 74, nov. 1937.

VISTA da Escola Normal. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 1912.

ANEXOS

ANEXO A – Decreto nº 1.366 que estabelece a criação do Curso de Educação Física no Estado do Espírito Santo

N. 1.366

Crêa o Departamento de Cultura
Physica do Estado

O Interventor Federal no Estado do Espirito Santo, usando de attribuições que por lei são conferidas, e

Considerando que a educação da mocidade escolar, segundo os modernos preceitos pedagogicos, deve ser integral, visando o desenvolvimento harmonico das aptidões intellectuaes e physicas;

Considerando que os exercicios corporaes recommendados para o robustecimento do organismo e sua necessaria resistencia contra os elementos destruidores da saude não são devidamente praticados nos nossos estabelecimentos educativos, por falta, sem duvida, de acção directiva, controladora e fiscalizadora exercida por pessoas especializadas na materia, pois de outro modo não se comprehenderia o desprezo em que se encontra a cultura physica, quando todos reconhecessem sua conveniência e utilidade e os programmas escolares aconselham e recommendam;

Considerando que a existencia de um aparelho administrativo encarregado de promover e dirigir a educação physica em nossas escolas lhe dá certamente maior amplitude e eficiencia, afim de que possa corresponder á aspiração colletiva relativamente ao preparo de homens fortes e sadios,

DECRETA:

Art. 1.º - Fica creado o Departamento de Educação Physica do Estado, que funcionará directamente subordinado á Secretaria da Instrucção.

Art. 2.º - Ao Departamento competirá diffundir, regulamentar e controlar a pratica da educação physica em todos os estabelecimentos estadoaes de ensino.

Art. 3.º - O Departamento manterá annualmente um curso especial que funcionará durante o periodo das ferias escolares, com o fim de habilitar o

professorado estadual a ministrar a instrução de educação physica pelo methodo moderno.

Art. 4.º - O funcionamento do curso especial a que se refere o artigo anterior será opportunamente regulamentado pelo Departamento de Educação Physica.

Art. 5.º - O Departamento de Educação Physica terá os seguintes funcionarios:

1 director

1 secretario

1 dactylographo

1 auxiliar de escripta

§ 1º - A designação para o cargo de director do Departamento de Educação Physica só poderá recahir em um tecnico devidamente habilitado.

§ 2º - A nomeação do pessoal do Departamento de Educação Physica ficará a cargo da Secretaria da instrução.

Art. 6º - O dactylographo e o auxiliar de escripta serão escolhidos dentre os funcionarios do quadro da Secretaria da Instrução, sem maior ônus para o Estado.

Art. 7º - Fica adoptado nos estabelecimentos estadoaes de ensino o methodo francez de educação PHYSICA.

Art. 8º - A Federação Espirito-Santense de Esvoteiros passa a fazer parte do Departamento de Educação Physica.

Art. 9º - Revogam-se as disposições em contrario

Victoria, 26 de Junho de 1931.

João Punaro Bley
João Manoel de Carvalho

ANEXO B – Declaração para acesso aos documentos da Escola Normal e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



Vitória / ES, 08 de outubro de 2013

PARA: Klinger Marcos Barbosa Alves
Secretário de Educação

DE: Omar Schneider
Coordenador Adjunto do Mestrado em Educação Física da UFES

Prezado Secretário de Educação Dr. Klinger Marcos Barbosa Alves, venho por meio deste, solicitar o acesso aos arquivos da SEDU no setor Escolas Extintas, que possuem relação com a documentação produzida pela Escola Normal Pedro II e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, entre os anos de 1900 a 1940. A pesquisa faz parte do projeto financiado pela FAPES, *História da Educação Física no Espírito Santo: as reformas da instrução pública e a circulação de modelos pedagógicos (1900-1930)*, que busca compreender o modelo de formação de professores que foi desenvolvido no Espírito Santo primeiros anos do século XX. Nessa pesquisa estão envolvidos alunos do Mestrado em Educação Física e da Iniciação científica da Universidade Federal do Espírito Santo.

Para a realização da pesquisa precisamos acessar os documentos e realizar o registro por meio de fotografias. Esse arquivo é importante, pois nos ajuda a localizar as ex-normalistas que durante a década de 1930 tornaram-se alunas e, posteriormente, professoras de Educação Física ao ingressar no curso de Educação Física, criado em 1931 no Espírito Santo.

Em função dessa necessidade é que peço o acesso aos arquivos da SEDU.

Atenciosamente.

Dr. Omar Schneider
Coordenador Adjunto do Mestrado em Educação Física da Ufes.
Centro de Educação Física e Desportos da Ufes.

Prof. Dr. Omar Schneider
Coordenador Adjunto do Curso de Mestrado
em Educação Física
CEFD/UFES

Recebi em
09/10/2013 SEDU
Maria da Penha R. Dal'Col
Secretária de Educação da UFES
de Educação Física e Desportos

